

Márcio Meirelles Gouvêa Júnior

A Viagem dos Argonautas:
A Construção da *Virtus* Flaquiiana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras – UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Estudos Clássicos.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Gualberto Bianchet.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2007

Agradecimentos

À minha mãe, pelas tantas enciclopédias e coleções de minha juventude.

À Lucimeire, pela impagável dedicação e pela grande amizade.

Ao Eduardo, pelo incansável apoio e pelas exaustivas leituras de minhas traduções.

Ao Guilherme, pela imensa generosidade nas sugestões sempre acolhidas.

À Sandra, minha orientadora, pela paciência durante todo esse percurso.

Resumo

Esta dissertação tem por escopo o estudo do modelo de herói épico presente nas *Argonautica*, de Valério Flaco. Seu objetivo foi buscado a partir do cotejo sistemático dos episódios presentes nos quatro primeiros cantos da obra com a tradição literária do mito argonáutico, em função do inarredável caráter tardio do autor. Assim, por meio da comparação das narrativas poéticas emuladas pelo poeta latino, foi possível determinar um elenco de virtudes – características do principal herói da obra – condizente com as condições históricas, políticas e filosóficas da época em que o poema foi escrito.

Palavras-chave: *Argonautica*, Valério Flaco, Poesia Épica, Herói.

Abstract

This dissertation aims to study the heroic epic model of Valerius Flaccus' *Argonautica*. Its objective could be accomplished through a systematic comparison between the episodes from the first four books and the literary tradition of the argonautic myth, due to the author's tardive character. So, with such comparison of the poetic narratives emulated by our latin poet, it was possible to determinate the suitable virtues - all of them characteristic to the central hero – for the historic, politic and philosophic circumstances of the age in which the poem was written.

SUMÁRIO

1 Apresentação	6
1.1 A Épica no Período Flaviano	6
1.2 Valerius Flaccus e as <i>Argonautica</i>	8
1.3 A viagem iniciática dos Argonautas e a busca pelas virtudes	13
1.4 O Estudo	14
2 Tempos e Heróis: A evolução histórico-literária do modelo de herói épico	15
2.1 Introdução: o conceito de herói	15
2.2 A evolução literária do modelo de herói	16
2.3 Conclusão	58
3 A Tradição Literária do Mito Argonáutico	60
3.1 Período Arcaico da literatura grega	60
3.2 Período Clássico da literatura grega	75
3.3 Período Alexandrino	78
3.4 Período Republicano Latino até os Neotéricos	86
3.5 Período de Augusto, ou a Geração de Ouro da literatura latina	90
3.6 Apolodoro de Atenas, ou Pseudo-Apolodoro	98
3.7 Período da Geração de Prata da literatura latina	100
4 Episódios das Argonáuticas Latinas	104
4.1 Introdução	104
4.2 Preparativos, Embarque e Partida – ou a <i>Gloria</i> : vv. I, 22/850	105
4.3 As Mulheres de Lemnos – ou a <i>Pietas</i> : vv. II, 72/431	111
4.4 O Resgate de Hesíone – ou a <i>Fortitudo</i> hercúlea: vv. 451/578	120
4.5 A Morte de Cízico – ou a <i>Virtus</i> guerreira: vv. II, 653/ III, 464	123
4.6 O Rapto de Hilas – ou a <i>Auctoritas</i> : vv. III, 481/ IV, 81	130
4.7 O Combate de Pólux e Âmico – ou a <i>Indoles</i> : vv. IV, 99/343	140

4.8	Fineu, as Harpias e os Boréades – ou a <i>Prudentia</i> vv. IV, 422-636	147
4.9	Conclusão: A Passagem das Simplégades – ou o <i>vir heroicus</i> vv. IV, 635-761	152
5	Conclusão – <i>Dux Argonautarum</i>	156
6	Referências Bibliográficas	161
7	Apêndice – <i>As Argonáuticas Latinas</i>, de Valérius Flaccus. Cantos I a IV	168
7.1	Canto I	169
7.2	Canto II	205
7.3	Canto III	233
7.4	Canto IV	264

Apresentação

1 – A Épica no Período Flaviano

O advento dinástico dos imperadores flavianos (69-96 d.C.) não apenas pôs fim aos distúrbios provocados pela sucessão do último representante da casa Júlio-Claudiana, deu também início a um novo período da literatura latina. Os suicídios de Lucano, de Sêneca e de Petrônio, entre 65 e 66, bem como a morte voluntária do *Princeps*, em 69, marcaram o encerramento da valorização literária da estética que a posteridade chamou de *anticlássica*, desenvolvida nos últimos anos do principado de Nero, fruto das profundas inquietações sociais causadas pela celerada tirania do imperador. Ao gosto poético inflamado e grandiloqüente, impregnado do *asianismo* da retórica dos declamadores, ávido por efeitos patéticos e movido por notável vigor dramático e por cores exageradas, contrapôs-se, então, a busca pela sobriedade *clássica* dos tempos de Cícero, de Virgílio e de Horácio, em uma tentativa de recuperação ideológica da estabilidade política alcançada pelo Império no governo de Augusto. Era o início do *neoclassicismo* flaviano¹.

De fato, essa profunda alteração no estilo da produção artística e literária decorreu principalmente da política cultural dos novos *principes*. Graças aos incentivos de Vespasiano, foi retomada a colaboração entre os intelectuais e o Regime Imperial – tão significativa durante o principado de Augusto. Ademais, com o início do governo de Domiciano, regressaram os mecenatos imperiais e privados, com o conseqüente relançamento de abundante produção

¹ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. (Edd.) *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 824p.

literária². No entanto, o rígido controle imperial flaviano não só da literatura, mas de toda a propaganda do período, cooptou e direcionou esses escritores, que passaram a produzir, sobretudo, panegíricos adulatorios ao Imperador.

Nessa literatura de aparato, a poesia épica mereceu tratamento especial. Provém desse período o maior número de poemas do gênero restantes da Antigüidade: *Argonautica*, de Valério Flaco; *Punica*, de Sílio Itálico e *Tebaida* e *Aquileida*, de Estácio. A política de restauração da pretérita glória otaviana levada a cabo pelos novos imperadores, motivadora não só da larga re-emissão numismática das séries com as efígies dos primeiros Júlio-Claudianos, mas também da reconstrução dos templos dinásticos demolidos por Nero, incentivava, assim, aqueles poetas a celebrarem, com seu canto, a casa reinante, segundo o modelo criado por Virgílio, com a *Eneida*. Então, na prática emulatória típica da Antigüidade, por meio de intrincados virtuosismos técnicos, estabeleceram-se artifícios de re-elaboração e de recomposição das formas clássicas. No entanto, como a recente influência estilística dos poetas *anti-clássicos* não pôde ser apagada, criou-se, nas letras latinas, uma nova e inevitável dimensão poética, fruto da tensa conjugação das duas matrizes literárias conflitantes existentes no período – o *classicismo* e o *anti-clacissismo*. Às temáticas mitológicas e históricas remotas, desenvolvidas tanto no período republicano quanto no início do Império, aliaram-se os tons sombrios, sinistros e macabros, os aspectos anômalos e as realidades surpreendentes típicas do Sêneca trágico e do épico Lucano.

Finalmente, a literatura desenvolvida nesse período jamais esteve livre da recorrência não só aos modelos virgilianos, mas a toda a herança poética da antigüidade – recorrência esta que pode ser aferida nas constantes alusões, citações, antífrases e apropriações feitas pelos poetas da corte dos Flávios. Ressoavam em seus versos ecos de Homero e Hesíodo, de Ésquilo e Píndaro, de Apolônio e Calímaco, de Ênio e Catulo, a percorrer toda a história

² WOODSIDE, M. St. A., “Vespasian’s Patronage of Education and Arts”. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 73, 1942, 123p.

literária, em um exercício constante emulação e de diálogo. Por isso, para compreensão das obras do período, faz-se imprescindível ao leitor moderno percorrer, ainda que minimamente, a trajetória dos modelos literários que inspiraram aqueles poetas, para, no cotejo do legado clássico com suas obras, perceber as relações estabelecidas pelo autor.

2 – Valerius Flaccus e as *Argonautica*

O único registro confiável acerca do poeta das *Argonautica*, proveniente ainda da Antigüidade, foi transmitido por Quintiliano no breve lamento deixado em razão de sua morte – *multum in Valerio Flacco nuper amisimus*: “Há pouco, muito perdemos com Valério Flaco” (*Institutio Oratoria*, X, 1, 90). Trata-se, certamente, de uma singela nota aposta no rol dos autores latinos elencados pelo gramático, mas que foi capaz de fornecer à história da literatura a exclusiva indicação da data limite do presumível encerramento da composição do poema, definida pelo ano de 95 d.C., quando da publicação da obra do mestre retórico³. As demais informações sobre a vida do poeta foram extraídas, com todos os riscos de imprecisão daí decorrentes, da obra do próprio escritor e de precárias anotações deixadas nos manuscritos medievais que transmitiram seu texto. Graças a um desses manuscritos – o Códice Vaticano 3277, do século IX⁴ –, pretendeu-se adicionar aos *nomina poetae* referidos por Quintiliano os epítetos de *Setinus Balbus*, em pretensa e frágil indicação ao local de seu nascimento – a região da Sétia, no Lácio. Por outro lado, pela leitura do próêmio das *Argonautica* (I, 5-6)⁵ e pelo

³ As tentativas de datação das *Argonautica* ocupam a maior parte dos estudos sobre a obra. Para tanto, ver: SYME, Ronald. “The *Argonautica* of Valerius Flaccus”. *The Classical Quarterly*, XXIII, nr. 3/4, 1929.; TORRES-MURCIANO, Antonio R. “El proemio de Valerio Flaco – una lectura retórica”. *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, vol. 25, nr. 1, 2005.; STRAND, Johnny, *Notes on Valerius Flaccus Argonautica*. Göteborg, 1972.; MOREDA, Santiago L. *Valerio Flaco – Las Argonáuticas*. Madrid, Ediciones Akal, 1996.

⁴ TORRES-MURCIANO, Antonio R. *Op. Cit.* 22p.

⁵ “Phoebe, mone, si Cumaeae mihi conscia vatis/Stat casta cortina domo” – Inspira-me, Febo, se em minha casa está a cortina (a bacia da trípede) da Sibila de Cuma. (I, 5-6)

consenso dos estudiosos⁶, concluiu-se que Flaco fora um dos *quindecimviri sacris faciundis*, um dos quinze sacerdotes a serviço de Apolo, responsáveis pela guarda e pela consulta dos sagrados Livros Sibílicos, ou seja, um dos exclusivos intérpretes, demandados apenas pelo Imperador e pelo Senado, dos livros que conteriam os vaticínios e os rituais concernentes aos destinos de Roma⁷ – nenhuma guerra e nenhum tratado poderiam ser encetados sem a prévia consulta a esses oráculos⁸.

Por seu turno, se para a data de conclusão, ou de interrupção, do poema o texto de Quintiliano forneceu seu *terminus ad quem*, foram mais uma vez os próprios versos de Valério Flaco que deram indicações da data de início, ou pelo menos do período de produção das *Argonautica* latinas: a invocação a Vespasiano (I, 7-12); a referência à destruição de Jerusalém, no ano 70 (I, 13); a homenagem às pretensões literárias de Domiciano (I, 12); a instituição do culto divino a Vespasiano (I, 15); a erupção do Vesúvio (III, 207-208; IV 507 e ss.) e as esparsas indicações acerca da campanha de Domiciano contra os Sármatas, no ano de 89 d.C.⁹

Quanto ao *corpus* do poema propriamente dito, embora haja evidências de sua veiculação parcial em coletâneas e florilégios medievais¹⁰, seu texto integral – ou aquele que alcançou a modernidade – apenas foi descoberto em 1416, no mosteiro de Sanctus Gallus, na atual Suíça, pelo humanista florentino Poggio, que o transcreveu e o pôs em circulação treze anos mais tarde¹¹. Tratava-se de um conjunto, hoje perdido, de 5.592 versos hexâmetros, dispostos em oito cantos, interrompidos bruscamente antes da conclusão da narrativa poética.

⁶ EHRLERS, W. W., *Gai Valeri Flacci Argonauticon libros octo*. Stuttgart, Bibliotheca Teubneriana, 1980, V p.; SUMMERS, Walter C., *A Study of The Argonautica of Valerius Flaccus*. London, Cambridge, 1894.

⁷ CAEROLS, José J. “Libros Sibílicos y quindecimviro en la *Historia Augusta*”. *Cuadernos de Filología Clásica – Estudios Latinos*. N° 15- 1998. 364p.

⁸ SCHEID, John. “O Sacerdote”. *O Homem Romano* – Edd. Andrea Giardina. Lisboa. Editorial Presença. 1992. 67p.

⁹ SYME, Ronald. “The *Argonautica* of Valerius Flaccus”. *The Classical Quarterly*, XXIII, nr. 3/4, 1929. 132p.

¹⁰ COULSON, Frank. T. “New evidence for the circulation of the text of Valerius Flaccus?” *Classical Philology*, LXXXI, 1986. 58p. e ULLMAN, B. L. “Valerius Flaccus in the Mediaeval *Florilegia*”. *Classical Philology*, XXVI, 1931, 21p.

¹¹ SUMMERS, Walter C. *Op. Cit.* 1p.

Essa incompletude¹² do texto, por sua vez, ocasionou acirrados e inconclusivos debates que buscaram inferir a provável extensão original do poema – se composto por oito cantos, em estreita correlação com os quatro cantos das *Argonautica* de Apolônio de Rodes, ou, por outra, se composto por doze cantos, aos moldes da *Eneida*¹³. Apesar das óbvias incertezas, a opinião majoritária atual faz crer que o poema flaquiiano devesse contar apenas com os oito cantos atuais; e que a parte faltante, estimada em 300 versos, a julgar pela média dos demais cantos, em vez de ter perdido, talvez mesmo nunca tenha sido escrita¹⁴.

Quanto à temática das *Argonautica*, pouco ineditismo substancial houve na obra flaquiiana. A saga dos jovens desbravadores do Ponto Euxino, que partiram em busca do Velocino de Ouro e que, com ele, trouxeram para a Hélade a terrível Medéia, encontrava-se presente desde os primórdios da literatura ocidental, citada já nas obras de Homero e de Hesíodo. No entanto, pela iniciativa de Valério Flaco, o canto dos navegantes foi atualizado para a realidade da Roma Imperial flaviana, posto que sem qualquer servilismo por parte do poeta para com os modelos que este utilizou – ao contrário de Varrão Atacino que, com suas *Argonautica*, foi chamado de mero tradutor das obras de outrem¹⁵. Assim, o vetusto *epos* de celebração da abertura do mar oriental pelos povos heládicos recebeu novo tratamento, passando a festejar, sob o argumento de comemorar o feito náutico de Vespasiano no périplo do mar da Escócia (I, 7-9), o novo governo dos Flávios.

Quanto ao poema em si, em uma interpretação que privilegia a hipótese de sua extensão original em oito cantos – em paralelo estrutural com a divisão em duas metades da *Eneida*, segundo a qual a primeira parte do poema de Virgílio corresponderia à viagem

¹² HERSKOWITZ, Debra. *Valerius Flaccus' Argonautica – Abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. London, Clarendon Press, 1998. 1p e ss.

¹³ LIBERMAN, Gauthier. “Autour d’un nouveau Valerius Flaccus”. *Revue de Philologie, de Littérature et d’histoire anciennes*, tome LXXVI, 2002. 302p.

¹⁴ MOREDA, Santiago L. *Valerio Flaco – Las Argonáuticas*. Madrid, Ediciones Akal, 1996. 28p.

¹⁵ QUINTILIANO, *Institutio Oratória*, X, 1, 87.

formadora do herói; e a segunda, ao canto de seus feitos – também as *Argonautica* apresentam-se, no seu atual estado de conservação, cindidas em duas grandes seções: a viagem dos argonautas, nos seus primeiros quatro cantos, e os feitos de Jasão na Cólquida, nos quatro derradeiros¹⁶. Na porção inicial, concorreram todos os marinheiros, em episódios de curtas aventuras, por meio das quais foram provadas e enaltecidas suas virtudes; na metade final, após um grande combate em que tanto os heróis quanto seu capitão exerceram suas qualidades já comprovadas, seguiu-se a gesta de Jasão, capaz de angariar os favores de Medéia e de cumprir os difíceis trabalhos lhe impostos pelo tirânico e pérfido Eetes.

Já quanto à estrutura poética da obra, Valério Flaco seguiu praticamente todos os *topoi* do canto épico. Estão presentes os elementos característicos do exórdio (proposição e invocação), os catálogos dos heróis, a cena da tempestade, o completo aparato divino, inclusive com as desavenças entre as divindades (Juno, Minerva e Vênus, como deusas favoráveis; Sol e Marte, como deuses opositores), e mesmo uma cena de vaticínio que, embora não seja uma verdadeira catábase, prediz os eventos futuros, em nova recorrência ao encontro de Enéias e Anquise no Orco. No que concerne aos deuses, estes foram tratados, sobretudo, de modo decorativo, respondendo à feição racionalista da época; no entanto, mantiveram seu poder alegórico, notadamente Júpiter, para anunciar a grandeza de Roma e de seu Império.

Finalmente, quanto ao herói das *Argonautica*, este se revelou herdeiro inequívoco de toda a tradição épica. Êmulo aguerrido de seus pares literários, ele conseguiu suplantá-los, a ressaltar as qualidades de cada um daqueles, e a rechaçar seus defeitos, aquilatados no tempo flaviano. Por isso, como os guerreiros iliádicos e como o Enéias latino, o Jasão flaquiano mostrou-se indômito combatente, capaz de enfrentar as batalhas e de existir em uma sociedade

¹⁶ Embora essa divisão do poema seja clara, Valério Flaco não a fez coincidir exatamente com a repartição dos cantos, já que a técnica maneirista dos escritores do período neoclássico valorizava essa assimetria. De fato, a chegada dos marinheiros à Cólquida deu-se a partir do verso V, 190. Para o assunto, ver MOREDA, Santiago L. *Op. Cit.* 30p.

predominantemente bélica e castrense, como a romana imperial; por outro lado, como o herói odisséico, o capitão dos Argonautas alcançaria sua glória e fama a partir da realização de ingentes trabalhos, em uma valorização inequívoca da *patientia*, ou melhor, da capacidade de padecimento ou de tolerância perante os sofrimentos tipicamente romana; contudo, outra vez como Enéias, Jasão ainda se revelou pio e reverente, como o deveria ser o cidadão ideal do Império formado por Augusto; finalmente, como o Jasão helenístico, o herói latino fez-se diplomático e sedutor, em uma adequação precisa e necessária aos tempos cosmopolitas do final do século I d.C., quando Roma, à semelhança do império de Alexandre, atingia sua máxima abrangência¹⁷.

3 – A Viagem Iniciática dos Argonautas e a Busca pelas Virtudes

Embora o evidente conteúdo encomiástico do próêmio da obra flaquiiana, a viagem dos primeiros marinheiros, objeto dos quatro cantos iniciais das *Argonautica*, não serviu apenas para celebrar os feitos da casa dinástica reinante. Por meio de seu *epos*, Valério Flaco, o presumível *quindevenvir* responsável pela guarda e pela interpretação dos Livros Sibílicos, pôde também enaltecer Roma – detentora última e máxima do mando do mundo, conforme os inderrogáveis desígnios de Júpiter (I, 531-533) – e seus modelos de excelência. Nesse sentido, a viagem dos intrépidos nautas representaria principalmente a própria concepção estóica vigente no Império de desenvolvimento individual e de paulatina busca pelas virtudes, em recorrência literária ao modelo consubstanciado na viagem de Enéias, que só se tornara um verdadeiro romano ao fim

¹⁷ MOREDA, Santiago L. *Op. Cit.* 36p.

de sua peregrinação iniciática rumo ao Lácio. Entretanto, como a tradição poética do mito argonáutico já se encontrava bastante assentada, pelos muitos séculos de meticulosa e copiosa transmissão da narrativa, restava ao poeta tardio latino pouca possibilidade de criação de novos episódios ou de substancial alteração da tradição. Por esse motivo, os movimentos mais importantes ocorridos no interior do poema não foram os de criação da narrativa, mas sim os de aproximação e de afastamento dos modelos utilizados – principalmente as *Argonautica* helenísticas, de Apolônio de Rodes, e a *Eneida* virgiliana. Os distanciamentos críticos construídos por Valério Flaco, imediatamente percebidos por seu público familiarizado com as versões do mito e com os textos canônicos manipulados pelo poeta, constituiriam, portanto, um elemento fundamental para a própria formação da obra. Assim, ao alterar sutilmente os eventos já consagrados nos poemas de antanho, Valério Flaco pôde evidenciar o herói de seu canto épico, representante supremo das virtudes de seu tempo.

4 – O Estudo

Este estudo das *Argonautica* tem por escopo demonstrar, no poema de Valério Flaco, a edificação de um cânone épico das virtudes latinas do período flaviano, cânone este evidenciado nas sutis e consistentes alterações dos modelos emulados pelo autor. Para tanto, a viagem iniciática dos argonautas serviu como guia do trabalho, porquanto os jovens heróis cumprissem sua formação valorosa no correr dos episódios. Segundo essa metodologia, contudo, tornou-se imprescindível a preliminar determinação de duas grandes vertentes da tradição literária, sem as quais os movimentos de distanciamento e de aproximação para com os cânones não se desvelariam – a transmissão poética do mito argonáutico e o devir do conceito de herói épico, temas objeto dos dois primeiros capítulos da dissertação. A partir daí

tornou-se possível e viável a análise de cada um dos episódios da viagem da nau Argo, no terceiro capítulo deste trabalho.

No entanto, para uma robusta categorização das qualidades épicas destacadas nos episódios da viagem dos Argonautas, fez-se necessário também determinar o viés filosófico norteador da obra, resultando daí a percepção da incontestada opção do poeta pela doutrina do Pórtico. Todavia, embora já conhecido o direcionamento filosófico do poema, foi ainda mister buscar nos escritores relativamente coevos de Valério Flaco um rol de virtudes apto a representar o pensamento estóico latino tardio, sendo a *Carta XC a Lucílio*, de Sêneca, providencial para o feito. Desse modo, a partir do pensamento senequiano, foi finalmente conseguida a determinação das quatro basilares virtudes práticas estóicas – *iustitia*, *fortitudo*, *temperantia* e *prudentia* – a partir das quais o modelo pretendido pelo vate *quindevenvir* ganhou completo sentido, revelando um modelo de herói omnicompetente¹⁸, portador supremo das virtudes de seu tempo.

Finalmente, encontra-se no Apêndice deste trabalho uma proposta de tradução poética dos quatro primeiros cantos das *Argonautica*, feita a partir do texto estabelecido por Ehlers, na edição alemã da editora Teubner. Embora não constitua precípuo objeto deste estudo, sua produção foi resultado das pesquisas efetuadas no seu curso. A opção pelo verso metrificado deu-se no intuito de preservar o caráter grandioso e poético do canto épico, indissociável do ritmo marcial e da cadência marcada encontrados no original. Por sua vez, a escolha do metro dodecassílabo, em duas de suas modalidades formais (4x4x4, ou 6x6, com cesura), permitiu a largueza do verso capaz de conter toda a *brevitas* flaquiiana.

¹⁸BOWRA, C. M., “Aeneas and the Stoic Ideal”. *Greece & Rome*, Vol. 3, No. 7, 1933, 13p.

CAPÍTULO I

Tempos e Heróis:

A evolução histórico-literária do modelo de herói épico

1 – Introdução: O Conceito de Herói

Apenas pelo Canto dos poetas os homens da antigüidade acreditavam adquirir a fama imorredoura, tornando-se, então, os verdadeiros heróis, partícipes da própria deusa *Mnemosýne*¹⁹. Só pela Palavra do aedo, pelo discurso ritmado proferido sob a inspiração das Musas – as filhas da Memória e do Poder Supremo de Zeus – o homem ordinário poderia ser guindado às altas honrarias da lembrança perpétua da humanidade. Somente no Canto haveria Glória²⁰. Tal era a sentença de Helena no Canto VI da *Iliada*, ao justificar seus atos e desatinos perante Heitor:

Ah! Cruel condição! De Jove opressos,
Fábula às gentes no porvir seremos.
Iliada, VI, 318-319²¹.

Inseparável do herói era, pois, o poeta²², que além de ganhar a própria fama cantando os feitos gloriosos, ainda propalava as façanhas e as altas realizações da linhagem daqueles que merecessem o penhor de sua voz. Afinal, um feito sem canto era tão-só matéria para o

¹⁹ TORRANO, Jaa, “O (conceito de) Mito em Homero e Hesíodo”. *Boletim do CPA*, Campinas, n° 4, 1997. 27p.

²⁰ BRANDÃO, Jacyntho L., “Primórdios do Épico”. In APPEL, Myrna B.; GOETTEMMS, Míriam B. (edd). *As Formas do Épico*. Editora Movimento. Porto Alegre. 1992. 40p.

²¹ HOMERO. *Iliada*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo. Atena Editora. 1967. 130p.

²² LÉVÊQUE, Pierre. *As Primeiras Civilizações: Volume III – Os Indo-Europeus e os Semitas*. Lisboa. Edições 70. 1990. 66p.

esquecimento²³. Por isso, a compreensão de que o objetivo último das realizações heróicas seria sempre a voz do aedo, veículo propiciatório da fama tanto na vida quanto depois da morte²⁴.

Mas a voz do poeta, que enaltecia as virtudes do mortal e concedia-lhe a eternidade, não era apenas uma voz singular; era antes a voz coletiva que sintetizava as aspirações de todo um povo e de seu tempo, inspirando nos homens vigor nos contratemplos e deleite nos períodos de paz. Por isso, em contrapartida, o canto dos rapsodos era também fonte de inspiração para aqueles que pretendessem alcançar a celebridade, tornando-se, portanto, o modelo das virtudes e o direcionamento da percepção da realidade²⁵. Essa era, em suma, a função educacional (ou paidética) das obras épicas antigas, que tanto norteou a formação dos homens da antigüidade.

2 – A Evolução Literária do Modelo de Herói

Considerados os fundadores da literatura ocidental, os dois grandes poemas épicos atribuídos a Homero cantaram os feitos e as glórias de uma aristocracia guerreira arcaica, com seus valores e suas virtudes marcadamente idealizados. Narraram-se ali alguns dos eventos concernentes ao último ano da Guerra de Tróia – na *Iliada* – e as peripécias de Ulisses em sua viagem de regresso às suas terras e ao seu palácio – na *Odisséia*²⁶. Tratou-se, de fato, da esplendorosa recriação de um mundo inserido no passado heróico mítico da Idade do Bronze,

²³ BRANDÃO, Jacyntho L. *Op. Cit.* 49p

²⁴ WEST, M. L., “The rise of the greek epic”. *Journal of Hellenic Studies*, CVIII, 1988. 153p.

²⁵ BRANDÃO, Jacyntho L. *Op. Cit.* 40p.

²⁶ FERREIRA, José Ribeiro. *Civilizações Clássicas I – Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1996. 57p.

no qual os guerreiros seriam reis ou filhos de deuses²⁷, superiores, por conseguinte, aos seres do presente.

A origem desses dois poemas é cercada por incertezas. Os acirrados debates em torno das indagações suscitadas pelos textos têm gerado, através dos séculos, a interminável e sempre acalorada discussão conhecida como a *Questão Homérica*²⁸. Perquirem-se, nesses estudos que remontam à antigüidade alexandrina, não apenas a autoria das obras, mas também o método utilizado para sua composição e a data de sua feitura, sem que nenhuma conclusão tenha, todavia, conseguido afirmar-se. Entretanto, os estudiosos concordam com a possibilidade de que ambas as epopéias tenham sido compostas oralmente, a partir de um amálgama de lendas ancestrais, ainda no século VIII a.C., contemplando fatos e costumes de diversas épocas anteriores²⁹, em especial do período da civilização micênica, cujo declínio e fim datam dos séculos XIII e XII, respectivamente.

Desse mundo épico arcaico construído em hexâmetros advêm os dois primeiros modelos literários de herói épico. O primeiro desses modelos homéricos, o iliádico, concernia ao paradigma guerreiro, norteador de uma verdadeira elite aristocrática, composta por homens corajosos, superiores, belos e fortes; eram os *agathoi*, cujas atividades dignas de sua condição seriam somente o mando, a guerra e a caça. Eram, como já dito, filhos de reis ou descendentes dos deuses e, como tais, deveriam representar os expoentes das máximas virtudes do homem livre e nobre, de tal sorte que suas ações se impregnassem sempre de profunda dignidade e de imensa grandeza. O discurso de Sarpédon, em seu encontro com Glauco, demonstra a dimensão aristocrática desses combatentes, realçando a importância das virtudes heróicas para a manutenção do poder senhorial de cada um deles em sua terra:

²⁷ ROMILLY, Jaqueline. *Homero – Introdução aos Poemas Homéricos*. Edições 70. Lisboa, 2001. 27p.

²⁸ ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica I Volume – Cultura Grega*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2006. 49p.

²⁹ FERREIRA, José Ribeiro. *Civilizações Clássicas I – Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1996. 57p.

Ouve-me, Glauco: por que somos ambos honrados na Lícia
 Com os primeiros lugares nas festas, assados e vinho
 Sempre abundante, e os do povo nos vêem como a deuses eternos?
 Deram-nos junto das margens do Xanto, também, um terreno,
 próprio, igualmente, para uso do arado e cultivo de frutas.
 Por isso nos cumpre ocupar na vanguarda dos Lícios
 O posto de honra e estar sempre onde a luta exigir mais esforço,
 Para que possa dizer qualquer Lício de forte armadura:
 “Sem grandes títulos de honra não é que na Lícia governam
 os nossos reis, e consomem vitelas vistosas, bebendo
 vinho doce ao paladar. É bem grande o vigor que demonstram,
 quando na frente dos nossos guerreiros o inimigo acometem
Iliada, XII, 310,321 – Tradução Carlos Alberto Nunes³⁰.

A bravura, a coragem e a intrepidez caracterizavam essa nobreza arcaica iliádica. A valentia e a busca incessante pela superioridade nos combates inspiravam sempre seus atos, para que suas atitudes não envergonhassem jamais a linhagem de que descendiam e que lhes fornecia a condição de aristocratas. O herói Glauco o disse, no célebre episódio do Canto VI, quando se encontra com o indômito Diomedes:

Enquanto a mim, tenho orgulho de filho chamar-me de Hipóloco,
 que me mandou para Tróia sagrada, insistindo comigo
 para ser sempre o primeiro e de todos os mais distinguir-me,
 sem desonrar a linhagem dos nossos, que sempre entre os fortes
 de Éfire foram contados, bem como na Lícia vastíssima.
Iliada, VI, 206-210 – Tradução Carlos Alberto Nunes³¹.

Mas as virtudes precisavam ser testadas e provadas a todo o momento, para garantia e manutenção do estatuto heróico dos guerreiros. Era a vivência do espírito agônico, tão característico dos heróis homéricos, como meio de busca do reconhecimento social e da glória suprema. Apenas pelo enfrentamento adquiria-se a imorredoura honra; só nos reptos alcançava-se a *timê*³², ainda que à custa da própria vida, como na opção de Aquiles, que preferiu a morte gloriosa à vida longa, posto que apagada. De tal modo era vital para o guerreiro a *timê* que qualquer desmerecimento, qualquer jaça em sua honra ou sinal de desconsideração

³⁰ HOMERO. *Iliada*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1965.

³¹ Idem.

³² ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica I Volume – Cultura Grega*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2006. 139p

bastavam para incitar-lhe as mais ferozes reações e despertar-lhe as mais funestas iras – este foi, no final das contas, o verdadeiro mote da *Iliada*: a ira de Aquiles, provocada pela subtração da cativa Briseida, e a diminuição de sua *timê*.

À guisa de informação, esses valores guerreiros iliádicos – a nobreza, a bravura, a beleza e o ímpeto – tiveram sua importância testemunhada também em outros poemas arcaicos. No canto elegíaco do espartano Tirteu, aparecem os mesmos aspectos de sua virtude heróica:

Eu nem lembraria nem poria em verso um varão
nem pela excelência de seus pés nem pela da luta,
nem se ele tivesse a grandeza e a força dos Ciclopes,
e vencesse correndo o trácio Bóreas,
nem se em corpo fosse mais gracioso do que Titono,
e fosse mais rico do que Midas e Ciniras,
nem fosse mais régio do que Pélops filho de Tântalo,
e tivesse a linguagem de-voz-suave de Adrasto,
nem se tivesse toda a fama, exceto a impetuosa coragem;
pois o varão não se torna valente na guerra
se não ousar contemplar a matança sangrenta
e atacar os inimigos, postando-se de perto.
Esta a excelência, este o prêmio entre os homens o melhor
e o mais belo é para um jovem varão levar
Tirteu, 12W – tradução Teodoro Rennó.

Mas os heróis arcaicos deveriam ser, além de valentes e corajosos, seres cavalheirescos, destros na música, na medicina e na equitação³³; afinal eram, além de filhos de reis, os presumíveis herdeiros dos refinamentos das velhas civilizações anteriores ao século X a.C., quando a Hélade foi lançada na Época Obscura. Distinguindo-se dos guerreiros bárbaros, os nobres e aristocráticos combatentes homéricos teriam sido educados segundo paradigmas rígidos, nos quais a polidez deveria prevalecer mesmo sobre a fúria dos combates – note-se a gentileza protocolar sempre presente nas alterações entre Telêmaco e os pretendentes de Penélope, plenas de tensão e ódio transbordante; notem-se ainda os discursos que soem

³³ MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antigüidade*. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. – EPU. São Paulo. 5ª reimpressão. 1990. 21p.

anteceder os combates singulares nas aristéias dos guerreiros. Quíron, o sábio centauro³⁴, e Fênix, o venerável preceptor iliádico de Aquiles, são exemplos dos educadores desses heróis.

No entanto, não apenas a cortesia e as habilidades cavaleirescas deveriam parrear com a coragem e com o destemor no herói iliádico. Afinal, a capacidade de persuasão nas assembléias fazia parte de sua *aretê*. Nas assembléias o guerreiro deveria impor-se tanto quanto nos campos de batalha. Como o descreveu Fênix, na embaixada do Canto IX da *Iliada*, sua função como mentor de Aquiles tinha por intuito ensinar ao jovem não apenas as práticas bélicas, mas também desenvolver suas habilidades intelectuais:

... Por Peleu fui mandado seguir-te, no dia,
Em que da Ftia te enviou para o filho de Atreu, Agamêmnone,
Ainda na infância, igualmente inexperto nas guerras penosas
E nos discursos das ágoras, onde os heróis se enaltecem.
Sua intenção foi que viesse contigo, porque te ensinasse
Como dizer bons discursos e grandes ações pôr em prática;
Iliada, IX, 438,444 – Tradução Carlos Alberto Nunes

A excelência da palavra, cujo prêmio seria a supremacia nos debates realizados entre os pares, era, portanto, outra parte da máxima virtude heróica guerreira. Os campos de combate equiparavam-se às assembléias na concessão de glórias e de reconhecimento. Disse-o, mais uma vez, Homero, quando do recolhimento inicial do amuado Aquiles, ofendido pela decisão de Agamêmnon:

Junto da nave ligeira, entretanto, se achava agastado
O divo Aquiles, de céleres pés, de Peleu descendente,
Sem freqüentar a assembléia, onde os homens de glória se cobrem,
Nem tomar parte nas lutas. ...
Iliada, I, 488, 491 – tradução Carlos Alberto Nunes

No entanto, embora tão superiores aos homens comuns, esses guerreiros eram, ainda assim, meros mortais – e tinham a constante certeza de sua finitude, por meio da qual, inclusive, se celebraria sua glória. A escatologia arcaica entendia que pela morte se extinguiu o

³⁴ “... que se diz teres tu aprendido de Aquiles,/ a quem ensinou Quíron, o mais justo dos Centauros”. *Iliada*, XI, 832,833 – Tradução Carlos Alberto Nunes.

*phrén*³⁵, e o que restava da vida dos heróis mortos era tão somente uma pífia sombra – a *psyché* – que passava a habitar o imaterial mundo subterrâneo do Hades. Essa nova existência era um aniquilamento inexorável, como no lamento póstumo de Aquiles:

Íncrito Ulisses, retorquiu, da morte
 Não me consoles; pago anteporia
 Servir escassa última choupana
 A defuntos reger. (...) ³⁶
Odisséia. XI, 378 – 381 – Tradução Odorico Mendes.

Como único alívio à desesperança pela sobrevivência além-túmulo, restava ao guerreiro ansiar pela perenidade da memória – que passou a ser a razão última de seus feitos. Acreditava-se que apenas pela recordação dos atos honrosos, da bravura e da valentia se manteria acesa a lembrança de um *agathos* nas mentes dos homens. Fez-se, por isso, imprescindível a busca pela fama e pela celebridade, nascendo, por inevitável decorrência, o fundamentalmente helênico espírito agônico.

Entretanto, a *areté* arcaica não se restringia aos campos de batalha e às assembléias deliberativas guerreiras. Dos cantos bélicos ocupou-se a *Ilíada*; mas outro perfil de herói, mais alargado para abranger os tempos de paz, pode ser encontrado na *Odisséia*. Ulisses, que na *Ilíada* era o capitão valente, prudente e avisado, denodado e forte, célebre pela sensatez e pela capacidade de persuasão, adquiriu outras virtudes no canto de regresso a Ítaca: ganhou, pela experiência, a astúcia e a capacidade de desvencilhar-se dos problemas³⁷. Nesse novo modelo heróico, valorizou-se, então, a capacidade de realização de grandes feitos, tal como Hércules³⁸,

³⁵ Ver ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica I Volume – Cultura Grega*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2006. 126p

³⁶ HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo. Atena Editora. 1967. 160p.

³⁷ FERREIRA, José Ribeiro. *Civilizações Clássicas I – Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1996. 66p.

³⁸ Para a caracterização do cumprimento dos trabalhos como fonte da imortalidade de Hércules, ver *Filoctetes* de Sófocles: “Em primeiro lugar, vou contar-te a minha sorte, os trabalhos que sofri e suportei antes de adquirir a glória imortal que podeis contemplar. Também a ti, podes crer, te está destinada sorte igual: ter uma vida gloriosa, depois dos sofrimentos de agora” . FERREIRA, José R. *Sófocles – Filoctetes*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2005. 107p.

outro herói divinizado ao cumprir seus trabalhos³⁹, com quem, inclusive, Ulisses foi comparado pelo próprio Homero, quando do encontro dos dois no Hades:

Filho de Laertes, Criado por Zeus, Ulisses de mil ardis,
Ó desgraçado! Também tu arrastas um destino infeliz,
O mesmo que outrora eu agüentei sob os raios do sol?
Odisséia, XII, 617-619.

Tais são, pois, as virtudes do homem na paz, que pelo engenho e pela argúcia ultrapassa as dificuldades, cumpre façanhas, vence as adversidades e afirma-se como senhor supremo do âmbito familiar. São, enfim, as virtudes do homem livre, do nobre, do rei que guarda seu povo e as honras de sua linhagem. Se os heróis iliádicos foram exemplo de como gloriosamente morrer nos campos de batalha, por oposição, o herói odisséico fez-se, portanto, um exemplo de como viver⁴⁰.

Esses dois ingentes ideais de excelência nortearam a formação não só dos cidadãos gregos arcaicos, mas ainda do homem do período Clássico, levando mesmo Platão a considerar Homero como o “educador de toda a Grécia⁴¹”. O mundo cavalheiresco e heróico descrito pelo poeta de Quios tornou-se o fundamento vivo da cultura helênica⁴², e a poesia arcaica possuiu a inegável função formadora do espírito cívico. Ao produzir nos jovens os anseios e os desejos morais, o canto épico fornecia-lhes os padrões de virtude, os exemplos de glória, de cavalheirismo e de nobreza, cuja função primordial era a de formação de cidadãos livres, aptos a viverem na *pólis*, onde poderiam gozar plenamente de suas capacidades morais, espirituais e intelectuais⁴³.

³⁹ FINKELBERG, Margalit, “Odysseus and the genus ‘Hero’”. *Greece & Rome*, vol. XLII, nr. 1, 1995.5p.

⁴⁰ FINKELBERG, Margalit, *Op. Cit.* 10p.

⁴¹ PLATÃO, *Hiparco*, 228b.

⁴² JAEGER, Werner. *Paidéia – A formação do homem grego*. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2001. 67p.

⁴³ KITTO, H. D. F. *Os Gregos*. Editora Armênio Amado. Coimbra. 129p.

Nos finais do século V a.C., a estrutura política grega sofreu profundas modificações, alterando as formas de pensamento, os conceitos e os padrões de virtude herdados da sociedade arcaica. A Guerra do Peloponeso, travada entre a Simaquia de Delos – capitaneada por Atenas – e a Liga do Peloponeso – encabeçada por Esparta –, envolvera e assolara praticamente todos os Estados da Hélade, lançando a região em um conflito atroz, marcado pela selvageria, pela destruição e pela ruína das *póleis*. Atos de oportunismo, de ambição e de vingança fizeram espriar o sofrimento; as táticas de razia, de saques, pilhagens e devastações disseminaram a miséria pelos campos; alastrava-se o profundo descontentamento das populações. Nessa nova realidade, a situação beligerante, até então considerada o estado normal de relação entre os Estados e a única ocupação digna de homens livres⁴⁴, precisou alterar-se, em consequência do cansaço e do desgaste provocado pelos combates e pelas misérias. Ao contrário, impunha-se a idéia de uma paz que se estendesse por toda a Hélade – a Paz Geral, ou *Koiné eiréne* –, ainda que alicerçada em um autocrático regime monárquico, não obstante a ancestral indignação desses povos perante o poder real. Findavam-se as *póleis* e o modelo arcaico da homérica *areté* guerreira.

Na nova estrutura político-social então formada pela aproximação de tantas raças diferentes e muitas vezes historicamente antagônicas, iniciou-se um processo de fusão cultural. A intenção de Alexandre, unificador dos povos com suas conquistas, era a de harmonizar bárbaros e helenos, na edificação de um mundo pacificado e sem fronteiras. Para tanto, incentivaram-se as emigrações gregas e macedônicas, que tiveram por consequência a difusão da cultura desses povos, em um processo que se tornou conhecido por *Helenização*. Essa universalização cultural, oriunda dos fluxos migratórios, dos casamentos entre povos de diversas etnias e do convívio diário em cidades recém fundadas levou à convivência de cultos

⁴⁴ FERREIRA, José Ribeiro. *Civilizações Clássicas I – Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1996. 199p.

e de costumes, favorecendo a criação de novas divindades comuns, de novos valores e, obviamente, de uma nova mentalidade cosmopolita⁴⁵.

A prematura morte de Alexandre Magno, em 323 a.C., pôs, contudo, fim ao vasto império macedônico. A obra guerreira realizada pelo jovem *iliádico* conquistador esfacelou-se e seus generais – os Diádocos – disputaram-lhe o legado. A Lisímaco coube o governo das províncias européias e de parte da Ásia Menor; a Seleuco, das demais regiões asiáticas, antes pertencentes ao antigo império assírio-babilônico, acrescido da Síria; coube ainda a Ptolomeu o controle do Egito, a Líbia, Chipre e de grande parte do mar. Era o início dos reinos helenísticos.

Desses novos reinos, o de maior influência e poder foi, sem dúvida, o do Egito. A política de fortalecimento empreendida por Ptolomeu o livrou das disputas que rapidamente consumiram e fragmentaram o poder dos outros Diádocos. Sua política assentava-se sobre uma forte afirmação da autoridade governamental e do controle burocrático, já conhecidos dos egípcios desde os primeiros faraós, aliada a uma vantajosa simbiose entre as elites locais e o novo governante⁴⁶. Em um processo de hábil coexistência político-cultural, o general macedônico assumiu as funções e as honrarias dos antigos faraós, angariando, para tanto, a colaboração das classes sacerdotais – que, em compensação, mantiveram prestígio e poder. Iniciava-se a dinastia dos Lágidas, que, da capital Alexandria, se manteria na regência do Egito até a conquista final romana, em 30 a.C.

As riquezas naturais egípcias e a consolidação do poder ptolomaico permitiram que Alexandria rapidamente prosperasse. Os novos faraós decidiram ali construir para si um verdadeiro centro cultural, sob feições gregas. Imensas fortunas foram gastas na construção de

⁴⁵ FERREIRA, José Ribeiro. *Civilizações Clássicas I – Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1996. 209-216p.

⁴⁶ SALES, J. C. *Ideologia e Propaganda Real no Egito Ptolomaico (305-30 a.C.)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2005. 29p.

edifícios, no estabelecimento de cultos religiosos e de festivais, bem como no apoio a quase todas as formas de atividades intelectuais e culturais, desde a investigação erudita e científica até a produção artística⁴⁷. Em consequência, dirigiram-se para Alexandria, nas décadas seguintes, grande número de intelectuais, escritores, cientistas e artistas do mundo antigo. Procuravam pelo Museu, o mais importante dos pólos culturais de Alexandria, cuja construção teve início sob o governo do primeiro Ptolomeu, o *Sóter*⁴⁸. Tratava-se de um grande santuário dedicado às Musas, dotado de ricas salas de leituras, da esplendorosa Biblioteca, de jardins botânicos e de laboratórios. Em suas dependências havia dormitórios, refeitórios, claustros com abrigo para o descanso e a contemplação, assim como espaços para leituras de poetas e de historiadores. Além disso, o local supria todas as necessidades dos estudiosos e pesquisadores, liberando-os de impostos e de afazeres desvinculados da produção cultural⁴⁹. O Museu era, enfim, uma verdadeira academia, situada no recinto real, dedicada à obra criativa e educacional, em cuja Biblioteca acumulou-se a maior coleção de livros da antigüidade. E sua importância política era de tal monta que o Bibliotecário tinha por função não só cuidar dos escritores e dos poetas que viviam sob o patronato real da cidade, mas ainda ser o tutor e o educador dos príncipes ptolomaicos⁵⁰.

Vivia-se em luxo e fausto. A privilegiada localização geográfica de Alexandria, sua abastança e seu poderio naval permitiram-lhe o acesso ao que havia de mais precioso, de raro ou exótico à volta da foz do Nilo. Além disso, o ancestral protocolo real impunha-se em cerimoniais e solenidades, o que fazia aumentar a majestade da corte. Nesse ambiente cortesão

⁴⁷ EASTERLING, P. E. e KNOX, B. M. W. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – I Literatura Griega*. Editorial Gredos. Madrid. 1989. 587p.

⁴⁸ OLIVA NETO, João Angelo. *O Livro de Catulo*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1996. 24p.

⁴⁹ VRETTOS, Theodore. *Alexandria – A Cidade do Pensamento Ocidental*. Editora Odysseus. São Paulo. 2005. 59p.

⁵⁰ EASTERLING, P. E. e KNOX, B. M. W. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – I Literatura Griega*. Editorial Gredos. Madrid. 1989. 589p

de incentivo à cultura e às artes, formou-se, então, rapidamente uma nova estética poética. A erudição tornou-se um valor social e o preciosismo passou a nortear a produção literária, de tal maneira que a poesia se fez, em sua maioria, artificial e seletiva, como mera exibição de curiosidades e de artifícios estilísticos. Afinal, o público a que se destinavam os escritos produzidos no Museu era a própria corte ptolomaica – a seleta e culta grei dos freqüentadores dos salões de leitura, apreciadora das raridades e ansiosa por elementos sensacionais, pelo rebuscamento das formas, pelo exotismo das imagens, pelos enredos sentimentais e psicológicos e, sobretudo, pelas exibições intelectuais.

Desse período, uma única obra épica – as *Argonautica*, de Apolônio de Rodes – conservou-se inteira. Embora as epopéias tenham sido bastante populares naqueles dias helenísticos, praticamente tudo o que foi composto nesse gênero perdeu-se. Porém, talvez pelas destacadas funções exercidas pelo autor, a saga dos Argonautas conseguiu vencer os séculos; afinal, Apolônio de Rodes foi um dos bibliotecários e tutor de Ptolomeu III, o Evérgetes⁵¹.

Esse poema, dividido em quatro cantos, conservou as principais características de seu tempo. De imediato percebe-se que o caráter coletivo da expedição substituiu o antigo modelo guerreiro arcaico – heróico, embora individualista – inadequado ao cosmopolitismo helenístico. Essa opção pelo herói coletivo, ou melhor, pelo coletivo de heróis que nomeia seu líder e com ele compartilha suas glórias e virtudes, está presente já no exórdio do canto de Apolônio, em um primeiro e claro distanciamento da obra homérica:

Com teus auspícios, cantarei, ó Phebo,
Os antigos Heroes, que aventureiros
Por Pelias demandando o velo d'ouro,
Do ponto pela foz, e Cyaneas rochas

⁵¹ idem, 632p.

Argo, não bem travada, pilotaram⁵².

Argonautas, 1p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

Por sua vez, a imensa preocupação com a erudição encontrou na saga dos marinheiros desbravadores do Ponto Euxino um veículo apropriado para a exposição dos elementos geográficos, etnográficos, antropológicos, culturais e históricos, conformes ao gosto alexandrino. Finalmente, com a valorização cortesã dos elementos eróticos da galanteria, o envolvimento amoroso entre Jasão e Medéia achou campo fértil entre os leitores. Era, enfim, o estabelecimento de um novo cânone de virtudes, embora se mantivesse em estreito cumprimento à função normalmente paidética dos cantos épicos.

Jasão foi o principal herói de Apolônio – substancialmente diferente de seus antepassados literários homéricos. Embora de origem aristocrática, faltam-lhe os atributos de valentia, de coragem exacerbada, de sagacidade e de anseio por glórias, tão presentes nos heróis arcaicos. Basta lembrar que a motivação da expedição nada tem de heróico, mas, pelo contrário, trata-se de uma vergonhosa imposição do rei Pélias feita ao amedrontado e inexperto jovem:

Tinha Pélias de Oráculos sabido
 Impendente ruína; porque a morte
 Tinham de os artifícios machinar-lhe
 De varão, que entre as turbas deparasse
 Com só calçado um pé! em breves tempos
 Jason, passando a vão o hyberno Anauro,
 Atascado no lodo um chapim deixa,
 Trazendo outro na planta; e deste modo
 Foi na presença aparecer de Pelias
 Onde sacro banquete dedicava
 A Netuno, seu Pae, e aos outros Deoses,
 Sem recordar-se da Pelasga Juno.
 Pelias, que o conheceu, pensa, e lhe incumbe
 Navegação funesta, em que pereça
 Sepultado nas ondas, ou , voltando,
 Entre estranhas nações!(...)

Argonautas, 2p – Tradução José Maria da Costa e Silva .

⁵² RHODIO, Apollonio. *Os Argonautas*. Tradução José Maria da Costa e Silva. Lisboa. Imprensa Nacional. 1852. 1p.

Do mesmo modo, a proteção divina prestada a Jasão não se vinculava ao reconhecimento de suas virtudes guerreiras ou animosas. Diferentemente do que ocorrera na *Odisseia*, em que Atena protegeu Ulisses em razão de suas qualidades intelectuais, o apoio dado por Hera ao navegante teria tido por origem um ato de cortesia deste. A própria deusa relatou a Atena seus motivos:

Mas por outras razões Jason me é caro,
 Caro de muito tempo; pretendendo
 Ter da humana equidade experiência,
 Junto da foz do caudaloso Anauro
 Topei com elle que da caça vinha.
 Alvejavam co'a neve os montes todos,
 E os alcantis altíssimos, e delles
 Reboando as torrentes se arrojavam,
 De mim que senil fôrma revestira.
 Compaixão elle teve, ergue-me aos hombros,
 E além me poz no impetuoso Rio,
 Por isso muito, e sempre eu hei de honra-lo.

Argonautas, 125p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

De fato, nem as habilidades bélicas nem as ingentes façanhas eram da preferência de Jasão. Tanto que ao lhe serem impostas as provas para a obtenção do Velocino de Ouro (a doma dos touros flamívomos, a sementeira das messes com os dentes do dragão de Cadmo e a luta contra os Homens da Terra), ele fraquejou:

Mudo Jason se conservou sentado,
 Qual si a língua não tenha, que o perigo
 Perplexo o torna. Aqui, e allí conselho
 Busca, nem prometer ousa animoso,
 Que árdua e fragosa essa façanha julga.

Argonautas, 137p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

Entretanto, uma solução apresentava-se: buscar refúgio nos poderes mágicos da jovem princesa Medéia. Jasão, de imediato, anuiu com a proposta que aos olhos dos varões homéricos seria totalmente desonrosa. Um eco dos conceitos arcaicos ouviu-se na voz do aguerrido Idas, que em altas vozes clamou agastado contra a opção de seu comandante:

Que! Vim aqui acompanhar Mulheres,
 Que a Vênus pedem que nos preste auxílio!
 Já a força de Marte não se invoca?
 As pombas, e os Açores observando
 Vos negaes a pugnar! Ide em má hora,
 Não mais trateis de bellicas emprezas,
 E imbelles Virgens enganae com rogos.

Argonautas, 142p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

O contraste entre Jasão e Hércules estabelecido nas *Argonautica* helenísticas reforça o abandono dos modelos arcaicos de *aretê*. Na obra de Apolônio, Hércules representava os antigos padrões de virtudes, para a qual o esforço tenaz ou o ímpeto bélico norteariam as ações e escolhas do herói. No Catálogo dos Navegantes, disse o poeta alexandrino acerca de sua chegada à tripulação:

... Nem despresara
 Altivo, e generoso unir-se Alcides
 A Jason, que por Sócio o cobiçára,
 Mas por Argos passando, ao vir d'Arcádia,
 (Argos onde Linceu reinára outr'ora)
 Na jornada, em que vivo conduzia
 O Javali medonho, que pastava
 Nos paúis do Erimantho, e Lampios bosques,
 Ouvido, que Heroes tantos se ajuntaram,
 Logo à entrada da praça de Mycenae
 Solta dos ombros o amarrado bruto,
 De ir lá, inscio Eristheo, cede ao desejo.

Argonautas, 5p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

Rapidamente torna-se claro que o antiquado Tiríntio não mais representava as virtudes de excelência. Tanto que nem aceitou chefiar a expedição – nem sequer completou sua jornada. Quando os nautas se reuniram para a escolha do seu capitão, e os heróis o aclamaram em razão de sua notória força, de seu ânimo ardente e de sua provada bravura, ele próprio recusou a distinção:

Já com clamor unânime o proclamam.
 Mas o Heroe, d'onde jaz, alçando a dextra:
 ‘Tal honra (diz) ninguém queira outorgar-me,
 Pois não a aceito, nem consinto em outro.
 O que nos convocou, esse nos rêja.

Argonautas, 12p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

Essa inadequação para os feitos argonáuticos e ptolomaicos fez Hércules ser abandonado pelos companheiros na ilha de Mísia, em um inexplicável esquecimento de toda a tripulação, que apenas se apercebeu da ausência do enorme herói quando a nau já singrava o mar profundo. Tendo partido o remo no áspero mar, Hércules e seu companheiro Hilas haviam desembarcado em busca de um tronco que substituísse o instrumento quebrado. Contudo, enquanto Hércules arrancava do solo um gigantesco abeto enraizado, o jovem Hilas era raptado por uma ninfa, que o levou consigo ao mergulhá-lo em sua fonte. Ao saber de seu amor defraudado pelo rapto de seu jovem companheiro, despertou-se no herói Tiríntio ira tão terrível, tão violenta e insana que seus sentidos se turbaram e sua razão se perdeu:

... Largo suor do Heroe, que o ouve,
 Goteja a fonte em bagas; todo o sangue
 Nas entranhas lhe ferve, e se ennegrece.
 Furibundo arremeça ao chão o abeto;
 Por onde os pés apressurado o levam
 Correndo enfia; de igual modo o Touro
 Pungido do Tavão corre impetuoso,
 Prados, sítios palustres abandona,
 Guardas não cura, não lhe importa armento,
 Vae seu caminho, e irrequieto agora,
 Parado logo; a cerviz larga entona,
 E ao picar do Tavão muge raivoso,
 Assim furiano o Heroe, ora sem pausa
 Move correndo os rápidos joelhos,
 Ora cessando de fadiga, solta
 Co'a rija voz clamor longi-rembombo.

Argonautas, 42p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

Embrenhando-se na selva, Hércules se desgarrava de seus companheiros. Em sua procura insana pelo pequeno amado, o herói de feição homérica derrubava matas e espantava as feras. Sua desmedida o arredava do convívio de seus pares. Era, entretanto, a consubstanciação do abandono do modelo de pederastia e de misoginia arcaicos⁵³, como uma preparação para surgimento do novo padrão de excelência, o de Jasão. Afinal, na Alexandria

⁵³ BEYE, Charles R. *Ancient Epic Poetry*. 1. ed. United States of America: Cornell University Press, 1993. 200p.

do século III a.C. houve uma certa valorização feminina, de tal sorte que mulheres como as muitas Berenices e Cleópatras puderam participar, com alguma liberdade, da cultura e da vida pública⁵⁴. A figura de Hércules tornava-se, pois, um anacronismo, cujos propósitos na trama serviriam de realce para a nova definição de virtude alexandrina.

Nesse sentido, foi Jasão quem exceluiu. Se o amor pederástico de Hércules o desembarcara da nau Argos, seria o amor heterossexual de Jasão que lhe propiciaria suas duas *aristéias* – uma com Hipsípila e outra com Medéia. Com Hipsípila ocorreu sua iniciação sexual⁵⁵, de tal sorte que a primeira parte da expedição – a viagem em si – evidenciava-se como um prelúdio, ou um exercício, para a *aristéia* principal, que se daria com a princesa da Cólquida na conquista do Velocino de Ouro. A acérrima reprimenda dirigida por Hércules ao seu capitão – que, com quase todos os seus companheiros, tardava nos leitos da ilha de Lemnos, a coabitar com as mulheres desprovidas de homens – pode ser interpretada como uma irônica afirmação da virtude erótica do herói:

Sangue civil da pátria vos desterra,
 Guapos Heroes, ou procuráveis bodas,
 Aqui por desamôr das patrias Damas?
 Praz-vos morar aqui, e os pingues campos
 Agricultar de Lemnos? certo gloria
 Não será para nós aqui vivermos
 Com estranhas Mulheres encerrados.
 Nem dos Numes algum por proprio impulso
 Irá roubar o Velocino de ouro
 Para entrega-lo a nós! Aos patrios Lares
 Volte cada um de vós, e ele cá fique
 Tanto tempo de Hysipyle no thóro,
 Que de prole viril Lemnos povoe,
 Do que deve provir-lhe eterna fama.

Argonautas, 29p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

E mais. Se com Hipsípila a prática da sedução e o intercurso sexual foram um exercício iniciático do herói, com Medéia, por sua vez, as habilidades sensuais de Jasão assumiriam proporções fundamentais para o sucesso da empresa. Apenas por meio do enamoramento da

⁵⁴ BEYE, Charles R. *Op. Cit.* 202p.

⁵⁵ *Idem.*

jovem princesa o argonauta poderia alcançar seus intentos. Apenas pelo poder de Afrodite a grande empresa realizar-se-ia. Desse modo o aconselhara Argos, o neto do rei Eetes – pai de Medéia e detentor do Velo – que auxiliava os moços tessálicos:

... Eu julgo, amigos,
 Ser o combate o ultimo recurso,
 Mas tenho que proficuo póde ser-vos
 De minha Mãe o auxilio! A bordo um pouco
 Inda vos conservae; porque mais vale
 Conter-vos, que buscar com sôlta audácia
 Mísera perdição! De Eeta em casa
 Virgem há, que com Hecate divina
 Tem aprendido a preparar solerte
 Quantos produzem mágicos venenos
 A fértil terra, os espaçosos mares (...)
 ... Quando aqui voltamos
 Do Palácio, viemos participando
 Se dela a irmã, que é minha Mãe, podéra
 A ajudar-nos na empreza, persuadi-la.
 Si isto vos aprovesse, marcharia
 Ao Alçar de Eeta, inda hoje mesmo,
 Este meio a tentar, talvez com fruto.
Argonautas, 141p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

No entanto, os heróis não sabiam que o favor dos deuses já fora pronunciado. O enamoramento de Medéia por Jasão havia sido planejado por Hera, Atena e Afrodite, de tal sorte que Eros flechara a princesa ainda antes da imposição das tarefas por Eetes. Em um passo do poema, que tanto mais se afasta do canto épico quanto mais se aproxima da epigramística alexandrina, narrou o poeta sobre o Amor-menino:

Então os ares líquidos cortando
 Vem Cupido não visto; tal aos Gados
 Vae assanhado o pungidor Moscardo
 Que os Pastores de Bois – Tavão – nomeiam.
 Do Átrio pára na entrada armando o arco;
 Novo, acerbo farpão extrahe da aljava,
 Com o ligeiro pé transpõe não visto
 O Lumiar derramando em roda os olhos.
 Apóz Jason desvulta-se; no meio
 Do nervo imbele do farpão o encaixe,
 Com as mãos ambas forcejando o pucha,
 E Medea varou! Súbito assombro
 O animo da Donzella enleia; o Nume
 D'alli se ausenta, altas risadas dando.
 Entanto a setta semelhante ao fogo
 No coração arde da Virgem; ella
 Está fronteira de Jason, e vibra

Sempre sobre ele a fulgurante vista,
 No lasso peito arquejam-lhe as entranhas
 Co'anhelito freqüente; nem lembrança
 De outra cousa conservara, e se dissera
 O animo seu n'aquella dor tão doce.

Argonautas, 133p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

A flecha de Eros, latinizado na tradução oitocentista portuguesa, evidenciava, mais uma vez, o gosto e a virtude do tempo. Introduzida como *topos* da literatura pelo poeta Asclepiades⁵⁶ (320-280 a.C) – cuja fama também fora alcançada nas dependências do Museu como mestre de Calímaco e de Teócrito⁵⁷ – a arma erótica evidenciava a afabilidade do homem do século III em relação ao mundo dos prazeres da bebida e do sexo:

Bebe, Asclepiades. Porque choras? O que tens?
 Tu não és o único a quem a dura Cípris enredou
 Nem foi apenas contra ti que o cruel Eros afiou
 As suas flechas envenenadas. Por que é que, estando vivo, te deitas no pó?
 Bebamos o vinho puro de Baco. O dia tem apenas um dedo.
 Vamos esperar pela lâmpada acesa ao deitar?
 Bebamos, não percamos tempo. A vida é curta,
 Infeliz, e temos uma longa noite para dormir⁵⁸.

ASCLEPIADES, 50 – Tradução Albano Martins.

Vê-se claramente que o herói das *Argonautica* rodianas se distanciava do modelo bélico homérico, assumindo uma feição muito mais adequada ao elegante e refinado mundo helenístico. No canto de Apolônio ele perdia os estatutos homéricos de guerreiro ou de esforçado, mas ganhava o de cortesão, com suas técnicas de sedução, sua polidez e seus encantos sensuais. Afinal, na sofisticada e mundana sociedade ptolomaica, a galanteria revelava-se uma virtude imprescindível⁵⁹, e as habilidades castrenses reservavam-se não mais para os nobres, mas para os mercenários. O guerreiro aristocrático, duro e irascível, belicoso ou esforçado, cedia, assim, lugar ao nobre culto e erudito, sensível e amoroso, apto a louvar e a

⁵⁶ PAES, José Paulo. *Poemas da Antologia Grega ou Palatina*. Companhia das Letras. São Paulo. 1995. 121p.

⁵⁷ MARTINS, Albano. *Do Mundo Grego Outro Sol – Antologia Palatina e Antologia de Planudes*. Edições ASA. Porto. 2001.120p.

⁵⁸ MARTINS, Albano. *Op. Cit.* 90p.

⁵⁹ PICHON, René. *Histoire de la Littérature Latine*. Librairie Hachette. Paris. 1967. 283p.

viver os prazeres da carne, contaminado pelo luxo e alonjado do pó dos campos de batalha. A lisonja era seu gume; o galanteio, seu escudo. Na corte ptolomaica, o guerreiro iliádico e o forcejador varão odisséico transmutaram-se no erótico argonauta.

Esse novo herói ainda envergava, contudo, uma última e mais importante característica, que de fato revelava a excelência política do novo modelo de príncipe alexandrino. Se virtudes mundanas daquele herói o habilitavam para os protocolos internos da Corte Ptolomaica, era necessário também que ele demonstrasse valor nas relações internacionais, já que o homem alexandrino era, acima de tudo, um homem cosmopolita – por isso, certamente, o critério utilizado na escolha do capitão da empresa. Di-lo Jasão, ao convocar seus companheiros:

Nada nos falta do que as Náos carecem.
 Pois tudo para a viagem prompto existe.
 Nem por isso o partir demoraremos,
 Basta só que propicio sopra o vento.
 Juntos à Grécia voltaremos, juntos
 De Eeta o reino demandar nós vamos.
 Cumpre, pois, que de nós o mais prestante
 Se escolha sem paixão, que seja o Chefe,
 Que tudo tenha a cargo, ou com estranhos
 De pugnar se haja, ou de fazer alianças.

Argonautas, 12p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

A eleição do comandante designou o Melhor dos Argonautas – Jasão. Apenas ele possuiria essa última e fundamental qualidade: ser diplomático. Afinal, como traço imprescindível ao homem alexandrino, mesmo superior à destreza bélica e à capacidade de realização de grandes feitos, afirmava-se a capacidade de fazer alianças e de celebrar tratados, em óbvia adequação à realidade de convívio dos reinos helenísticos.

No período em que Alexandria conhecia seu apogeu, sob o governo helenista dos reis Lágidas, o vigoroso processo de expansão político-geográfico de outra grande nação antiga tinha início – erguia-se Roma. Tendo sua origem localizada próxima aos confins do mundo

helênico, por volta dos anos 775-750 a.C., Roma jamais esteve imune às influências gregas: recebeu-as por meio dos seus antepassados etruscos e através da região da Campânia, cujo esplendor, desde o século VI a.C., sensibilizava os habitantes do país latino. Os contatos diretos, intensificados nos séculos V e IV a.C., influenciaram marcadamente sua vida religiosa, sua arte e sua arquitetura⁶⁰. Então, quando da dilatação das fronteiras romanas, a partir da vitória sobre Pirro e dos sucessos contra Cartago, o encampamento da Campânia fez acentuar-se a presença helênica no Lácio, de tal sorte que algum tempo depois, com a conquista da Magna Grécia (Tarento, em 272, e a Sicília, entre 241-212), com as guerras contra os reinos helenísticos do Oriente e com a anexação da Macedônia (168), da própria Grécia (146), e enfim – e, sobretudo – do rico reino de Pérgamo, já Roma mereceu os versos de Horácio:

Graecia capta ferum uictorem cepit et artes
intulit agresti Latio.

Epistulae II, 156/157

A Grécia conquistada tomou seu bruto vencedor e trouxe as artes ao Lacio agreste.

Foi sob o influxo dessas influências helenísticas que também a literatura latina surgiu, mais concretamente na primeira metade do século III a.C., quando Lívio Andronico, um escravo grego capturado nas guerras tarentinas, traduziu para a língua latina, pela primeira vez, a *Odisseia*. Tratava-se – como, no mais, será a regular forma de apropriação romana do legado helenístico – antes de uma “tradução-artística” que da mera imitação do modelo homérico, porquanto re-adaptasse conscientemente o original à realidade latina, em uma recriação emulada⁶¹.

⁶⁰ MARROU, Henri-Iréné. *História da Educação na Antiguidade*. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. – EPU. São Paulo. 5ª reimpressão. 1990. 376p.

⁶¹ “Não é por acaso que Lívio Andronico e Nêvio são oriundos das duas regiões mais intensamente helenizadas da Itália. A literatura romana nasce da imitação da literatura grega, uma imitação que, desde seu início, não está porém imbuída de passividade. Trata-se antes de uma ‘tradução artística’, que, em grau mais ou menos profundo, chega mesmo a readaptar o original e a conceber conscientemente sua re-criação”. CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 63p.

A *Odisia*, título que recebeu a obra épica de Andronico, foi utilizada tanto como deleite do público, com as viagens maravilhosas do aventureiro Ulisses, como para apoio escolar da juventude romana, desprovida de textos literários em seu idioma. Adaptada aos interesses latinos, essa obra composta em versos satúrnios representava os esforços do autor em verter a temática original à feição inteiramente latina. O verso exordial (*virum mihi, Camena, insece versutum*) já anunciava essa tentativa de adequação, uma vez que fazia, ostensivamente, substituir a tradicional Musa grega por sua correspondente Camena, divindade latina por excelência.

A sociedade romana, tão afeita aos modelos culturais gregos, considerou, no entanto, essas funções de lazer e de mero apoio escolar da *Odisia* simples e redutoras. O gênero permitia, decerto, maiores vôos, como, afinal, ocorrera em seus primórdios helênicos. Por isso, a obra épica de Névio, o primeiro sucessor cronológico de Andronico, teve uma feição patriótica clara ao buscar por tema de seu canto a luta de Roma contra Cartago. A recente vitória de Roma na I Guerra Púnica (264 a 241 a.C.) estava presente no imaginário latino como um dos momentos de maior esplendor da força daquele povo. Além disso, o *Bellum Poenicum*, título da obra de Névio, apresentava uma importante inovação, pois fazia remontar as origens de Roma ao passado mítico helênico. Foi na obra de Névio que se encontrou, pela primeira vez, a notícia de que Enéias, fugido de Tróia, chegara ao Lácio para fundar uma nova nação. Outrossim, Névio conseguiu, em sua reformulação do mito referente à partida de Enéias de Ílion, fornecer uma justificativa divina para o conflito contra Cartago, anunciando os desgraçados amores de Dido⁶².

Pelas sendas de Névio seguiu então Ênio, que alguns anos mais tarde, logo após a II Guerra Púnica, retomou o gênero épico para narrar a história de Roma, desta vez em sua

⁶² CARLO, A. M. *Historia de la Literatura Latina*. México. Editora Fundo de Cultura Económica. 4ª ed. 1995. 31p.

pretensa inteireza. Composto em dezoito livros, o extenso poema *Annales*, do qual ainda restam cerca de seiscentos versos hexâmetros (outra inovação, já que até então eram utilizados apenas os duros e ríspidos versos satúrnios), ampliou a intenção do autor do *Bellum Poenicum* ao reportar não só à lenda da chegada de Enéias ao Lácio, mas incluindo aí a narrativa acerca da fundação da Urbe, das lutas entre os gêmeos Rômulo e Remo, o período dos reis, as lutas contra Pirro, as guerras Púnicas e as principais etapas da expansão romana no Mediterrâneo⁶³. A feição patriótica da obra era inegável, tendo em vista que no processo de idealização da nação perpetrado pelo poeta foram silenciados, ou minimizados, todos os insucessos e derrotas de Roma. Pelo contrário, os acontecimentos exemplares e os homens virtuosos foram realçados, em uma reconstituição histórica que tinha por intento afirmar-se como expressão unânime da coletividade. Havia, portanto, outra grande inovação do poeta – o estatuto de seus heróis. A sobrepor as gestas heróicas de figuras individuais da aristocracia romana, existia nos *Annales* uma incontestada celebração de todo o povo, com seu *decorum* e sua civilização⁶⁴. Por isso, com as virtudes guerreiras, foram enaltecidos também os costumes antigos e os valores pacíficos, como a moderação e a prudência. Veja-se a contraposição por ele feita entre a violência da guerra e as artes:

Do meio se expulsa a sabedoria, actua-se pela força,
 Despreza-se o bom orador, preza-se o hórrido soldado.
 Combatendo com palavras indoutas e malévolas,
 Entre si se misturam, levantando animosidades:
 Não desafiam segundo o direito, mas antes pelo ferro
 Exigem os bens, reclamando o reino, vão com forte violência⁶⁵.

Anais, VII. 156-161 – tradução Maria Helena da Rocha Pereira.

⁶³ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 152p.

⁶⁴ idem, 157p.

⁶⁵ ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002. 69p.

A morte, porém, ao que parece, interrompeu os trabalhos de Ênio, que deixou inacabados seus *Annales*. No entanto, o cariz patriótico do canto épico já se encontrava sedimentado na literatura latina, tanto que, no final da República, quando da vitória de Otávio sobre as tropas de Marco Antônio, a feitura de uma nova epopéia teve início – a *Eneida*, de Virgílio. Um dístico de Propércio deu conta da nova empresa em letras romanas:

cedite Romani scriptores, cedite Graii
nescio quid maius nascitur Iliade.

Escritores romanos, cedei, cedei, gregos!
Pois nasce um não-sei-quê maior que a Ilíada.
Elegias, II.34,65-66 – Tradução Guilherme Gontijo.

A conjuntura política, porém, era indissociável da composição do maior poema da latinidade. A derrota dos exércitos coligados de Marco Antônio e de Cleópatra, na batalha naval de Ácio, em 2 de setembro de 31 a.C., possibilitara a Otaviano, sobrinho e herdeiro adotivo de Júlio César, iniciar o processo de absorção e de reunião, na sua pessoa, de todas as funções decisórias e deliberativas do Estado⁶⁶. Uma série de concessões de honrarias e de magistraturas, efetuadas pelo próprio Senado ou usurpadas por seu prestígio pessoal, investiram-no, paulatinamente, dos poderes mais altos já acumulados por um único cidadão: além da imensa ascendência (*auctoritas*) que lhe advinha do legado simbólico recebido com o parentesco de César, somavam-se – ou melhor, potencializavam-se – o mando supremo militar (*imperator*), a primazia no Senado (*princeps*), a dignidade religiosa (*pontifex*), e o poder tribunício; poderes esses que se combinaram com a sua extraordinária fortuna pessoal e com o favor da plebe, mantido e reforçado com o oferecimento de jogos e de liberalidades⁶⁷, para elevarem-no à condição de comandante único e máximo de um novo regime – o Império Romano.

⁶⁶ LIMA, Oliveira. *História da Civilização – Traços Geraes*. Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo. 1922. 183p.

⁶⁷ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 435p.

No novo regime, por óbvio, uma nova ordem institucional instaurou-se. A elevação de Augusto à dignidade de Imperador pôs fim a uma série de longos anos de lutas internas e de disputas civis, que comprometiam a segurança e a paz nos domínios romanos. Ademais, os últimos decênios da República haviam sido marcados por graves crises políticas, morais e religiosas, cuja mensagem de Augusto asseverava terem se encerrado com a sua chegada ao poder. Em contrapartida, ressurgia, com a elevação do *Princeps*, um profundo sentido de orgulho da identidade nacional; afinal, o novo regime nascia como um regresso ao passado, às tradições ancestrais da *res publica* e da integridade do *mos maiorum*⁶⁸.

Com o estabelecimento da paz, haveria, outrossim, a volta da abundância e da prosperidade a Roma – eis a suma das promessas de Otaviano. A paz, contudo, apenas seria concebível – e só assim poderia ser mantida – pela *virtus* (a “coragem viril”) do governante, acompanhada pelo seu poderio militar. Por isso, a excelência do chefe militar, protegido pelos deuses da Guerra e vitorioso nos combates, precisava ser veiculada; sendo-o nos monumentos, nas moedas, nos cerimoniais e nos espetáculos, para dar ampla publicidade de seus feitos e realizações. Ao mesmo tempo, para garantir o favor divino ao novo Imperador, favor este ligado ao escrúpulo religioso, um imponente programa de reformas religiosas foi perpetrado. Em respeito às ordens sacerdotais, aos paramentos e rituais litúrgicos, edificaram-se e restauraram-se os templos, em uma profunda alteração das feições da cidade.

Nesse programa de reformulação das instituições, houve também uma tentativa de reforma dos costumes, considerados degradados desde o fim da República. Leis moralizantes buscaram regenerar as classes dirigentes; restrições foram impostas ao luxo, à libertação dos escravos e ao adultério, com a intenção de assim serem defendidas as famílias, de se

⁶⁸ idem, 437.

aumentarem os nascimentos e de impor-se um estilo de vida mais austero às depravadas licenciosidades em voga.

Outro flanco de investida ideológica de Augusto foi o campo cultural. Para elevar o poder e a glória de Otaviano, Mecenas, amigo e colaborador direto do príncipe, fez-se o grande protetor das letras, reunindo ao redor de si uma plêiade de poetas, cuja função última era registrar, na florescente literatura por ele incentivada, os feitos de Augusto⁶⁹. Graças aos seus apoios, aglomeraram-se em torno dele alguns dos melhores talentos literários de Roma: entre outros, Virgílio, Horácio e Propércio. Esses escritores, herdeiros dos neotéricos⁷⁰ Catulo, Licínio Calvo ou Hélvio Cina, e, por isso mesmo, marcados pelos princípios alexandrinos de perfeição formal e de valorização do mundo sentimental e moral do indivíduo, receberam a ingente tarefa de celebrar o regime e de testemunhar seu esplendor, tanto que a grande empresa literária do período de Augusto, festejada nos versos de Propércio ainda durante sua composição, foi o canto épico de Virgílio – a *Eneida*.

Iniciado pouco após a batalha de Ácio, esse longo poema em hexâmetros, escrito a pedido e instância de Mecenas para enaltecer o novo *Princeps*, cumpria a função que desde Homero era conferida àquele gênero poético: conferir infalivelmente a imortalidade do canto ao seu herói⁷¹, relacionado com a própria figura de Otaviano. O poema, com efeito, apresentava a origem divina – e sua vocação mítica para o mando de Roma – dos *Iulii*, a família a que pertencia César e Augusto. Além disso, aparecia como um canto de festejo ao Imperador deificado e de glorificação da Urbe, em sua missão civilizadora, de paz e de conciliação⁷². Era a afirmação das letras latinas perante as gregas, na emulação da glória conferida por Homero a

⁶⁹ GRIMAL, Pierre. *O Século de Augusto*. Lisboa. Edições 70. 1997.55p.

⁷⁰ OLIVA NETO, João Angelo. *O Livro de Catulo*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1996. 15-18p.

⁷¹ GRIMAL, Pierre. *Op. Cit.* 61p.

⁷² ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002. 254p.

seus heróis, que no canto de Virgílio se concentram em Enéias, o primeiro herói de um novo mundo – o mundo proto-Romano⁷³.

Como todo herói épico, Enéias foi o exemplo das máximas virtudes romanas. Sua saída de Tróia, quando esta era saqueada e incendiada pelas tropas aquéias (Canto II), fora, a contragosto seu, ordenada pelos deuses, que lhe haviam atribuído as tarefas majestosas e árduas de salvar os Penates e de fundar-lhes uma nova cidade, de origem troiana, embora diferente de Tróia – uma cidade projetada para o futuro de vitórias e de poder⁷⁴. Essa missão perpassa todo o texto épico virgiliano, até o assentamento final dos desterrados de Ílion nas terras do Lácio. Foi Heitor quem lho advertiu e comanda, na tradução oitocentista brasileira:

Ui! Foge, o incêndio medra,
 Foge, filho da deusa; em preia aos Dânaos
 Rui do fastígio Tróia. Assaz fizemos
 Pelo rei, pela pátria. Esta só destra
 A haver defesa, defendera Pérgamo.
 Seu culto ílio te fia e seus penates:
 Toma-os contigo; o pélagos discorram
 Té que lhes funde majestoso alcáçar
Eneida, II, 297-304 – Tradução Odorico Mendes⁷⁵

Fundar Roma era a grande função de Enéias, para que os Penates tivessem paz e as gerações futuras dos descendentes dos troianos vissem e prosperassem – tal como seria a divina missão de Otávio, que deveria refundar a República sob seu principado. E essa atribuição magnânima de iniciar uma nação apenas poderia ser entregue a um herói máximo, cujas virtudes sobrepujassem mesmo os mais valentes e nobres heróis antigos. Por isso, Enéias era maior que o próprio Heitor, como asseverou Diomedes:

Em Tróia pertinaz susteve os Graios,
 Durante o assédio, a mão de Heitor e Enéias,
 Que a vitória dez anos retardaram:

⁷³ KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – II Literatura Latina*. Madrid. Editorial Gredos. 1989. 386 p.

⁷⁴ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 484p

⁷⁵ VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução Odorico Mendes. São Paulo. Editora UNICAMP. 2005. 65p.

Ambos no ânimo iguais, iguais no esforço,
Mais pio esse é”.

Enéida, XI, 280-284 – Tradução Odorico Mendes.

Duas das principais características desse herói virgiliano já, então, se fazem reconhecer. Afinal, à sua coragem indiscutível, assaz provada no canto II (embora parte da crítica literária desconheça ou rechace seus méritos⁷⁶), aliou-se sua mais constante e realçada qualidade – a *Pietas*. Enéias era sempre apelidado de *Pius*; fê-lo, por exemplo, a Sibila, quando de sua descida ao reino dos mortos:

Tão guerreiro quão pio, ao Orco Enéias
Desce ante o pai.

Enéida, VI, 412-413 – Tradução Odorico Mendes.

Para clareza da definição desse atributo de Enéias, indague-se o conceito romano de *Pietas*. Tratava-se habitualmente do sentimento que se tinha “para com aqueles a quem o homem está ligado por natureza (pais, filhos, parentes)”⁷⁷. Quer dizer, o compromisso íntimo de vinculação de membros da comunidade familiar, sujeitos à *patria potestas*, refletida no culto aos antepassados, em uma concepção que, alargada, abrangia, em última análise, todo o respeito pelas divindades.

Mas, pelo exercício da *Pietas*, chegava-se a outra característica do estatuto heróico virgiliano. Enéias, ciente de seu dever para com seus ancestrais e para com as divindades, entendeu-se como instrumento do *Fatum*, ou seja, como objeto dos desígnios do Destino e da vontade de Júpiter. Assim, o filho extremoso de Tróia subsumiu, a despeito de seus interesses individuais, a sua obrigação íntima para com os Penates – conduzi-los, com os fugitivos troianos sobreviventes da chacina dos aqueus, à sua nova terra, ao prometido Lácio. Outra não

⁷⁶ ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002. 262p

⁷⁷ ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002. 339p

é a interpretação da imagem de Enéias a carregar nos ombros seu velho pai, durante a fuga em direção aos navios:

Sus, meu pai, eu te ajudo, às nossas costas
Sobe-te, ó caro, não me agrava o peso:
Em sucesso qualquer teremos ambos
A mesma salvação, comum perigo.

Eneida, II, 740-743 – Tradução Odorico Mendes.

Do mesmo modo, quando Enéias recebeu o escudo forjado por Vulcano a pedido de sua mãe Vênus, era o peso do destino dos povos romanos que ele envergava aos ombros, em uma nova e pia submissão ao *Fatum*:

O herói admira o dom, primor Vulcânio;
Da imagem do porvir gozando ignaro,
Dos seus glória e destino ao ombro leva.

Eneida, VIII, 728-730 – Tradução Odorico Mendes.

Ainda no rol das virtudes tipicamente romanas, há outra característica de Enéias: sua constância nos compromissos contraídos – sua *fides*. Não obstante as dores por que passava no percurso rumo à terra augurada pelos deuses, sua obrigação era mais forte que os empecilhos do Destino ou impostos por Juno. A observância do dever de comando assumido para com seus companheiros o impulsionava sempre, não importando seus desejos ou sua própria intenção. Para perseverar em sua palavra e no *munus* comprometido com os deuses, Enéias subjugou, então, mesmo seus sentimentos, e até seu amor. Pela observância ao seu dever, por sua *fides*, Enéias abandonou Dido; por sua *fides*, ele vingou a morte de Palante com o assassinio brutal de Turno, no final do canto XII.

Contudo, havia em Enéias uma intenção preferencial pela paz. Mais uma vez como Otaviano, a missão precípua do herói da *Eneida* seria a de construir a concórdia para seu povo, acochado pela guerra e pela ira dos deuses opositores (Juno, principalmente). Afinal, como Anquises predisse-lhe, no primeiro momento na obra em que Enéias foi tratado por Romano,

e não mais por troiano, em uma exortação capaz de alcançar não apenas o herói da *Eneida*, mas todos os membros da nação:

... tu, Romano,
Cuida o mundo em reger. Terás por artes
A paz e a lei ditar, e os povos todos
Poupar submissos, debelar soberbos.

Eneida, VI, 885/888 – Tradução Odorico Mendes.

Não foi, pois, sem motivo que tanto se rejubilou o herói ao crer que conseguira, por meio de tratados, evitar a guerra contra Turno:

Não menos fero nas maternas armas,
Enéias embravece e o marte afile,
Folga do ajuste que dirime a guerra.
Lembrando o fado, Iulo e os seus consola
Do susto, ao rei reputa, e lhe assegura
Que aceita a paz e as condições confirma.

Eneida, XII, 103-108 – Tradução Odorico Mendes.

Essa era a missão romana insculpida nos versos de Virgílio⁷⁸: “impor as leis da paz, aos submetidos perdoar clemente, e debelar soberbos”⁷⁹. Tal era a outra característica do herói virgiliano, que também seria o grande promotor da justiça, conforme o qualificou Drances, em seu discurso de invectiva contra Turno:

... Ó tu, responde,
Varão maior que a fama, como te alças?
Não sei que mais te louve ou mais admire,
Se o valor, se a justiça...”

Eneida, XI, 119-122.

Sob todas essas virtudes – a coragem, a *pietas*, a *fides*, a submissão ao *Fatum*, a opção pela paz, o norteamento pela justiça – Enéias construiu um novo padrão de herói, dotado de interesse coletivo e adequado, portanto, à nova realidade histórico-política do nascente Império Romano. Seus sucessivos sacrifícios pessoais em prol da nação a ser edificada

⁷⁸ *Eneida*, VI, 851/853.

⁷⁹ VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução José Victorino Barreto Feio. 2004. São Paulo. Martins Fontes. 204p.

perfizaram-no o exemplo heróico em uma época não mais heróica⁸⁰. E tal foi a mensagem veiculada por Virgílio no combate final da épica, quando Enéias e Turno se enfrentaram, e este foi vencido. Turno era o exemplo das virtudes guerreiras, das ânsias e furores belicosos e individualistas, tão adequados à épica homérica guerreira, mas tão anacrônicos para os dias de Augusto. Recordem-se as palavras da Sibila, que tão bem prenunciaram o advento do guerreiro de feição iliádica:

Oh! Quite enfim do pego, em terra a transes
 Mais graves te prepara. Hão de ir os Troas
 A Lavíno, sossega; antes contudo
 Lá não ter ido: guerra, hórrida guerra,
 Do sangue o Tibre inchado espumar vejo.
 Nem Dórios arraias, nem Xanto ou Símois
 Te faltarão; também de deusa filho,
 Há no Lácio outro Aquiles. ...

Eneida, VI, 87-94.

De fato, Turno, filho da ninfa Venília, era o novo Aquiles, habitante do Lácio. E como tal, suas características faziam-se exaustivamente reforçadas; definiram-no sua *violentia*, seu *furor* e sua *ira*; ele é o *audax*, o *turbidus*, o *superbus*, e o *amens*⁸¹. Orgulhoso e violento, Turno recebeu de Virgílio todos os atributos que definiriam o modelo de virtude considerado arcaico. Apenas por sua glória ele lutava, apenas por sua reputação; guiava-o, sobretudo, a indignação pela noiva tomada e entregue a Enéias por Latino. Caracterizam-no antes a soberba e a arrogância, como quando, incitado pela fúria da deusa infernal Alecto, ele despertou pronto para a guerra:

Espantado ele acorda, em suor tendo,
 Que dos poros rebenta, ossos e membros;
 Louco por armas grita, armas no leito
 Busca e em torno. Braveja o amor do ferro,
 A ímpia insânia da guerra, e cresce a raiva:
 Qual da undante caldeira quando ao bojo
 Línea flama se aplica estrepitosa,
 A água enfurece e ferve, em bolhas salta;
 Fúmea espumando a enchente, sem conter-se

⁸⁰ KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – II Literatura Latina*. Madrid. Editorial Gredos. 1989. 387 p.

⁸¹ KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – II Literatura Latina*. Madrid. Editorial Gredos. 1989. 395 p.

Transborda, e vai-se em túrbidos vapores.
Eneida, VII, 460-469.

Enfim, o combate singular entre Enéias e Turno pode ser lido como a disputa entre dois modelos heróicos – o iliádico arcaico *versus* o romano imperial. Tal como Apolônio de Rodes fizera nas suas *Argonautica*, alijando de seu canto o modelo ultrapassado de virtudes para o homem de seu tempo, do mesmo modo conduziu-se Virgílio, que, por um lado erigiu um verdadeiro monumento dos valores romanos encarnados em Enéias e, por outro, ressaltou os deméritos dos padrões exclusivamente guerreiros, tão bem descritos no túrbido e sanguinário Turno. Era a vitória da ação civilizada preconizada pelo Estado Romano sobre a arcaica individualidade apetente de glórias e de violência⁸².

Outra vitória dos padrões romanos de virtude sobre os modelos alexandrinos, contudo, deu-se no plano amoroso. Como já bastante discutido, o Jasão de Apolônio tinha por qualidades os atributos do cortesão helenístico, em especial a galanteria e a capacidade de sedução que o fizeram merecer o epíteto de herói erótico, para quem as prebendas de Afrodite serviam de armas⁸³. Foi, pois, para comparação com esse paradigma que Virgílio compôs o canto IV da *Eneida*, no qual, sob a marcante influência literária do alexandrinismo, o poeta descreveu o envolvimento entre Enéias e Dido. Enéias, que, assaltado por uma tempestade no Canto I, aportara em Cartago durante sua errância à fuga de Tróia, envolvera-se e fora amado, com desmedida paixão, pela viúva rainha daquele país; durante um ano inteiro com ela viveu, coabitou, vestiu-se como os cartagineses e assumiu seus modos, até ser reprovado por Mercúrio, que, a mando de Júpiter, o admoestou e incitou-o a continuar sua jornada rumo à terra prometida a seus Penates – eis o ponto exato de comparação entre os heróis. De fato, Enéias, demandado pelo deus mensageiro, acatou a ordem divina e sufocou seu confessado

⁸² BEYE, Charles R. – *Ancient Epic Poetry*. 1. ed. United States of America: Cornell University Press, 1993. 245p.

⁸³idem. 206p.

amor em prol de sua missão sagrada – partiu contra sua vontade das terras e do leito de Dido, como ele mesmo diz, nos versos que contém sua escusa pela partida:

Mas Grineu Febo a Itália, a Itália agora
 As sortes Lícias demandar me ordenam:
 Este o amor, esta a pátria. As Líbias torres
 De Cartago se a ti Fenissa encantam,
 Na Ausônia estranha que os Troianos fundem?
 Novos reinos é lícito habitarmos.
 A mim do padre Anquise, quantas vezes
 De úmida sombra a noite enluta o globo,
 Quantas surgem igníferos luzeiros,
 Insta em sonhos, me aterra a torva imagem;
 Turba-me o tenro Ascânio, o vitupério
 De cabeça tão cara, a quem defraudo
 Do Hespérico domínio e fatais campos.
 Inda há pouco, da parte do Tonante
 O intérprete divino (ambos atesto)
 Frechando as auras trouxe-me recados:
 Às claras eu vi mesmo entrando os muros
 O deus, bebi-lhe a voz nestes ouvidos.
 De inflamar cessa a mágoa tua e minha:
 Não espontâneo para Itália sigo.

Eneida, IV, 396-397 – Tradução Odorico Mendes.

A Enéias não foi permitido viver por mais tempo as benesses do enlace amoroso, considerado prejudicial ao futuro da nação a ser fundada – reclamavam-no a memória de Anquises e o direito sucessório de Ascânio: os antepassados, representados pelos Penates e pelo morto pai, e os descendentes, sintetizados na prole trazida de Tróia. Por conseguinte, tal como se dera com o herói guerreiro homérico, rechaçava-se o herói amoroso alexandrino, de virtude erótica, porquanto de nenhuma serventia seria tal atributo ao *Pater Aeneas* – pelo contrário, já que o episódio de Dido sempre foi considerado o maior empecilho posto pelo poeta mantuano no percurso da edificação de seu herói e da nação latina. Afinal, em contraposição à cortesã galanteria, repleta de charmes e de seduções do ambiente ptolomaico, erguia-se o amor à pátria, inscrito na curta sentença do verso IV, 347: “*hic amor, haec patria est*”.

A *Eneida* cumpriu seus propósitos de conferir celebridade e glória ao herói objeto de seu canto, ao *Princeps* Augusto tantas vezes homenageado e festejado, e à nação romana, por

sua grandiosidade e seus propósitos civilizadores de paz e de conciliação⁸⁴. Ainda durante a vida do poeta mantuano, a monumentalidade de sua obra foi percebida e inegavelmente valorizada, a ponto de ser nomeada a contrapartida latina de canto homérico. No entanto, a situação político-social de Roma alterou-se de modo profundo após a morte de Augusto, em 14 d.C., e ainda mais nos anos que imediatamente antecederam e seguiram-se ao término da dinastia Júlio-Claudiana. O declínio do mecenato imperial notado nos governos de Tibério, Calígula e Cláudio, patronato este que sob o principado de Augusto havia possibilitado a formação dos celebérrimos círculos literários propiciadores do surgimento da Idade Áurea das letras latinas, conduziu à míngua a produção poética do período. Ademais, as idiossincrasias dos três *Principes* sucessores imediatos de Otaviano fizeram-nos descurar do incentivo e da mobilização culturais, o que, por conseqüência, levou ao surgimento, nas poucas iniciativas literárias, da sensação de epigonismo, ou de pertencimento à geração posterior a uma época de inalcançável grandiosidade⁸⁵. Por outro lado, sob o governo de Nero, a violência feroz dos últimos anos de seu principado levou ao terror e, por fim, dizimou as maiores expressões culturais de seu tempo.

Como legado desses anos de pânico e de incertezas que determinaram os suicídios de Sêneca, de Petrônio e de Lucano, restou, então, na literatura coeva um *decorum* profundamente diferente daquele norteador da geração augústea. Influenciada pelo *asianismo* da oratória, pela repulsa ao claro filo-helenismo do príncipe, pela moda dos declamadores e pela trágica angústia social causada pela tirania de Nero, surgia dos escombros das artes um estilo de grandes efeitos, de vigor patético e de cores inflamadas. Nascia uma tendência estética *anticlássica*, ou

⁸⁴ ROCHA PEREIRA, Maria Helena. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2002. 255p

⁸⁵ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 659p

barroca (apesar do anacronismo do termo)⁸⁶, totalmente emancipada dos grandes cânones estabelecidos na época de César e de Augusto. Afinal, o modelo de grandeza encomiástico do *Princeps*, inspirado nas promessas e esperanças depositadas em Otaviano, fora levado à falência pelos desmandos de Nero, acarretando, por inevitável consequência, a deterioração do modelo de virtudes espelhado no fundador do Império.

O canto épico, por seu turno, apesar do afastamento ostensivo do modelo virgiliano, não se calou naqueles anos de horror e de profunda consternação, como se a necessidade de celebração das excelências latinas teimasse em perseverar – inverteu-se, contudo. O *epos* de Lucano – a *Farsália* –, iniciado ainda no começo do governo de Nero, quando a tirania ainda não se havia instalado na corte latina, e que até então tinha por norte a celebração do *princeps*, alterou seu rumo, tornando-se, pelo contrário, um acre libelo contra seu autoritarismo e sua crueldade. Assim, do mesmo modo que a promessa de Nero – sob a inspiração das propostas exordiais de Augusto – de retorno aos ideais republicanos não se cumprira, também sua celebração pelo canto do poeta frustrou-se, deixando este de ser um monumento à grandeza do Estado e à glória dos exércitos para se tornar uma denúncia indignada contra o esvaziamento da *libertas*, com o consequente fim das glórias da aristocracia representada por Lucano⁸⁷. Desse modo, o cânone estabelecido por Virgílio também foi alterado, em uma forma de subversão ao próprio Regime por ele celebrado. A temática, que antes exaltava a alta dignidade dos heróis e as virtudes dos deuses e dos homens, pôs-se a versar, em crítica, sobre a violência das guerras civis, sobre a inversão de valores e a generalização da maldade⁸⁸:

A guerra mais que civil ao longo dos campos emácios

⁸⁶ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 717p

⁸⁷ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Op. Cit.* 783p.

⁸⁸ CARVALHO, Aécio F., “A *Farsália* de Lucano: importância na evolução do *epos*”. Maringá, *Acta Scientiarum*, nr. 23, 2001. 98p.

E a lei dada ao crime cantamos, e o povo potente
 Que verte a mão forte conta as próprias entranhas;
 E os exércitos consangüíneos e, rompida a aliança,
 Confundidas todas as forças da Terra na luta
 Por crime comum e estandartes de encontro
 A estandartes hostis, as águias iguais, pilo contra pilo.

Farsália, I, 1-7 - Tradução de Adriano Aprigliano, Bruno Gambarotto e Lucas Dezzoti.

Por outro lado, no canto de Lucano a típica fundamentação mitológica épica foi substituída pelo embasamento histórico. A opção virgiliana pelo aparato divino passou a ser vista como uma mera mistificação por meio da qual se encobriram, no novo regime, o fim das liberdades civis e a transformação da República em tirania. Desse modo, o sobrinho de Sêneca pretendeu alterar o fulcro divino do poder do Príncipe, que então passaria a lastrear-se não mais em uma ascendência teocrática, mas na destruição das instituições republicanas. Era, em suma, a pessimista denúncia da decadência percebida nos anos de terror.

No novo modelo épico adotado pelo poeta neroniano o paradigma do herói modificou-se inteiramente, tornando-se um exemplo de anti-herói. A Enéias, o glorioso e pio fundador mítico de Roma, e a Augusto, o iniciador do Império, foi oposto César, o destruidor da República. Contra o esperado cânone de virtudes foi, então, delineado um rigoroso paradigma de vícios e de deméritos, representado pelos traços negativos imputados a César: a vontade tirânica, a destrutividade maníaca, a subversão das leis humanas e divinas, a encarnação do *furor*, da crueldade e da arrogância. Em antítese ao modelo *clássico* de virtudes erguia-se, enfim, um modelo *anticlássico* de defeitos, cantado em tons macabros, sob um *pathos* sombrio e vibrante, característicos da época, em expressão feroz da profunda crise política que conduziu Roma à beira de uma nova guerra civil.

Com a morte de Nero encerrou-se não apenas a dinastia Júlio-Claudiana. Findava também a legitimação divina e mitológica do mando estatal, tão bem representada e celebrada nos versos da *Eneida*. Todavia, depois da balbúrdia provocada pela turbulenta sucessão de quatro imperadores no ano 69 d.C., percebeu-se um ressurgimento da literatura latina com o advento da dinastia flaviana, encabeçada por Vespasiano e seguida por Tito e Domiciano. Após a ameaça do retorno das Guerras Cívicas, decorrente do trágico desfecho do regime neroniano, a mensagem propagandística primordial veiculada pelos novos governantes era a de anúncio do regresso à estabilidade das instituições e ao esplendor conhecido no início do Império. Por isso, na literatura pôde ser visto um retorno à valorização das formas consagradas como *clássicas* – e por isso mesmo abonadoras do novo regime –, em um movimento conhecido na história da literatura como o *Neoclassicismo* Flaviano. É bem verdade que a nova geração de escritores, também denominada Geração de Prata, não demonstrou as qualidades técnicas e artísticas de seus antecessores áureos, mas, em função dos incentivos imperiais, a produção poética foi retomada, no último grande florescimento vivenciado pelas letras latinas.

Foi característica desse período *Neoclássico* o acentuado espírito agonístico de emulação – uma figura já típica e fundamental da instrução e do ambiente intelectual da Antigüidade⁸⁹, embora bastante mais intensa naquela fase histórica. Por esse motivo, o constante diálogo literário estabelecido entre as obras flavianas e a tradição que as antecederam, em uma evidente influência do espírito *neotérico* tão importante nos finais da República⁹⁰. Ao mesmo tempo, convencidos da inarredável grandeza da obra de Virgílio – inalcançável por seu estatuto de perfeição –, os escritores *neoclássicos*, ao invés de buscarem o ineditismo, procuraram, sobretudo, re-elaborar e recompor as formas *clássicas* do mestre mantuano, sem, contudo,

⁸⁹ OLIVA NETO, João Angelo. *O Livro de Catulo*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1996. 26p.

⁹⁰MALAMUD, Martha A. e MCGUIRE, Donald T. “Flavian Variant: Mith. Valerius’ Argonautica”. *Roman Epic*. Edd A.J.Boyle. London. Ed. Routledge. 192p.

escaparem às tendências cultuadas pela geração *anticlássica* anterior – o que impregnou, ademais, a produção da época com o gosto insistente pelos tons sombrios, sinistros e macabros⁹¹. Foi nesse cenário literário que uma nova obra épica teve seu nascimento: as *Argonautica*⁹², de Valério Flaco⁹³.

Como decerto em todo canto épico, também esse poema trazia embutido seu padrão de virtude heróica, especificamente adequado àquelas duas últimas décadas do século I d.C. Com o intuito de reescrever o poema homônimo de Apolônio de Rodes segundo a nova poética helenístico-latina e sob o intransponível apego ao cânone virgiliano, Valério Flaco expôs o já tanto repisado mito argonáutico, alterando-o, contudo, de forma a adicionar ao paradigma do herói de Apolônio os atributos não só de seus pares homéricos e virgiliano, mas também as qualidades e os caracteres aduzidos pelos demais poetas que abordaram o tema desde os mais remotos tempos e pela própria época de sua composição, logrando o feito de edificar um novo modelo heróico, mais aguerrido, mais intrépido, mais belicoso, mais sagaz, mais diplomático, mais sedutor, mais pio e, sobretudo, mais prudente⁹⁴. Era, enfim, a construção de um padrão de heroísmo também condizente com o viés histórico-filosófico norteador da maior parte do pensamento e da produção literária latina da época, ou seja, o estoicismo latino.

De fato, os ensinamentos do Pórtico espriam-se pelo *epos* flaquiiano. Na segunda parte do Canto I (I, 730-850), quando o poeta descreveu os suicídios de Éson e de Alcimedé,

⁹¹ FLACO, Valério. *Las Argonauticas*. Tradução Santiago López Moreda. Madrid. Editora Akal. 1996. 26p.

⁹² O estudo detalhado das qualidades do herói flaquiiano será desenvolvido no capítulo III.

⁹³ Mister é ressaltar que dois outros autores épicos latinos do período neoclássico imperial – Sílio Itálico e Estácio – também tiveram suas obras preservadas. No entanto, como, em linhas gerais, o modelo heróico utilizado por ambos poetas segue o mesmo feitio do modelo criado por Valério Flaco, sem substanciais diferenças ou relevantes características peculiares, optou-se por restringir o estudo apenas a este. Quanto às demais obras (os *Punica*, de Sílio Itálico, e a *Tebaida*, a *Aquileida*, e as *Silvae*, de Estácio), vale reportar-se aos estudos presentes em CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006, 851p e ss.

⁹⁴ HERSHKOWITZ, Debra. *Valerius Flaccus' Argonautica – Abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Great Britain. Clarendon Press Oxford. 1998. 105p.

inspirados e induzidos pela alma invocada de Creteu, foi a opção pela estóica *Mors Bona* – a Boa Morte – que norteou a decisão de ambos, em estreita proximidade com os conselhos epistolares de Sêneca a Lucílio⁹⁵. Por outro lado, no Canto III (III, 377-380), após a trágica morte do rei Cízico, quando o adivinho Mopso elucidou para Jasão os motivos do desânimo que acometia os Argonautas, foi a doutrina estóica da origem da alma que mais uma vez orientou o poema flauiano, em sensível correlação com o canto épico de Virgílio⁹⁶ e com as

⁹⁵ “Por isso, o sábio vive tanto quanto deve e não tanto quanto pode. Verá por onde deve conduzir sua existência, em que companhia, como e o que deve fazer. Sempre pensa na qualidade de sua existência e não na sua duração: quando se confronta com vários aborrecimentos que podem perturbar sua tranquilidade, ele se liberta. Não espera chegar ao extremo para fazê-lo, mas, assim que a fortuna começa a lhe ser suspeita, ele examina com atenção se deve parar lá. Pouco lhe importa dar-se a morte ou recebê-la, vê-la chegar mais cedo ou mais tarde: para ele, não há danos a temer. Não se pode perder muito de um líquido que cai gota a gota! Morrer mais cedo ou mais tarde, que importa? Ora morrer bem é escapar do perigo de viver mal”. SENECA. “Carta LXX – Do Suicídio”. *As Relações Humanas – Cartas para Lucílio*. São Paulo, Landy Editora. 2002. 126p.

⁹⁶ Não fiques mais suspenso; eu vou por ordem
 Cada cousa expender-te: escuta, ó filho.
 Desde o princípio intrínseco almo espírito
 Céus e terra aviventa e o plaino undoso,
 O alvo globo Lunar, Titânios astros
 E nas veias infuso e mole agita,
 E ao todo se mistura: homens e feras,
 Voláteis gera e anima, e o que de monstros
 O cristal fluido esconde. Há nas sementes
 Ígneo vigor divino, enquanto a nóxia
 Matéria o não retarda, nem o embotam
 Órgãos terrenos, moribundos membros.
 Daqui vem dor, prazer, cobiça e medo;
 E à clara alteza os miseros não olham
 Em cega negregura encarcerados.
 Nem perdem, quando a luz vital se extingue,
 De todo as fezes e mundanos vícios:
 Muitos, concretos longamente, é força
 Que nelas durem por teor pasmoso.
 Em tratos pois seus erros pagam todas:
 Qual pende aos ventos; qual da culpa as nódoas
 Lava em golfo espaçoso, ou dile ao fogo.
 A cada qual seus Manes atormentam
 Poucos do Elísio as doces veigas temos
 Quando, perfeito o giro, a mão do tempo
 Gasta o impresso labéu, depura a flama,
 O senso etéreo e simples aura afina.
 Voltos mil anos, as convoca em turmas
 Ao rio um deus; porque elas, do passado
 Esquecidas, rever esferas queiram,
 E entrar de novo nas prisões corpóreas.

Eneida, VI, 742-772 – da tradução de Odorico Mendes.

posteriores *Meditações* de Marco Aurélio⁹⁷. Então, no que concerne ao cânone das virtudes heróicas das *Argonautica*, não poderia ser diferente, sendo este, por consequência imediata, guiado pelo mesmo fio condutor da doutrina da *Stoa*. O intrépido e audaz Jasão latino, o virtuoso vencedor dos terríveis obstáculos representados pela sedução das Lemnianas, pelo funesto combate contra Cízico, pelo enfrentamento de Âmico, pela triste decisão do abandono de Hércules, pela libertação de Fineu e pela passagem pelas Simplégades, deveria, portanto, ser também o exemplo máximo da busca e da conquista do heroísmo estóico. Por isso mesmo, Jasão não era ainda um herói totalmente formado ao receber a árdua tarefa de buscar na Cítia o velo do carneiro de Nefele. Apesar de, no início do *epos*, ele já se apresentar como um jovem virtuoso perante o rei Pélias (I, 30), faltavam-lhe ainda aqueles atributos de excelência que seriam adquiridos no curso de sua viagem marítima ao oriente, em outra adesão à doutrina estóica, segundo a qual a virtude apenas poderia ser aprimorada por meio do constante exercício⁹⁸. Desse modo, para que a empresa ordenada pelo rei e pelos deuses escapasse dos perigos e atingisse seus gloriosos objetivos, era fundamental que o rapaz antes se formasse como verdadeiro herói, em uma recorrência literária ao período de provações e de desenvolvimento vivenciado por Enéias nos seis primeiros cantos da *Eneida*⁹⁹. Era, pois, mister que o Esônide fortalecesse sua têmpera e adquirisse robustez moral, afastando, por seu turno, as fraquezas que porventura ainda se aninhassem em seu espírito, para só assim, depois de

⁹⁷ “Se as almas sobrevivem, como pode comportá-las o ar desde a eternidade? E a terra não comporta todos os corpos sepultados desde séculos tão longos? Como aqui a transformação e a dissolução de uns após alguma duração abrem lugar para outros cadáveres, assim as almas transferidas para o ar, depois de subsistirem algum tempo, se transformam, se derramam, ardem absorvidas pela razão seminal do universo e dessa maneira deixam lugar às que emigram depois”. MARCO AURÉLIO, *Meditações*, IV, 21.

⁹⁸ GAZOLLA, Raquel. *O Ofício do Filósofo Estóico – o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 74p.

⁹⁹ BOWRA, C. M., “Aeneas and the Stoic Ideal”. *Greece & Rome*, Vol. 3, No. 7, 1933, 11p.

forjado e aprimorado, ser digno da façanha demandada e da fama imperecível que dela acarretariam¹⁰⁰.

De fato, na travessia do mar, Jasão cumpriu valente e sabiamente cada uma das provas que os Fados lhe impuseram. O autor, no entanto, apresentou essas virtudes conquistadas pelo herói não de modo sistemático, mas apenas poético, na seqüência estabelecida pela tradição literária do mito argonáutico. Todavia, uma sistematização dessas virtudes do herói flaquiiano mostra-se possível a partir do rol dos principais valores¹⁰¹ estabelecido principalmente a partir da *Carta a Lucílio XIV*¹⁰², de Sêneca, segundo o qual seriam quatro as virtudes cardeais da excelência estóica¹⁰³: *iustitia*, *fortitudo*, *temperantia* e *prudentia*. Por *iustitia*¹⁰⁴ entender-se-ia o fiel e adequado cumprimento das obrigações do homem para com os deuses, para com a pátria, para com seus pais, em uma clara vinculação com as noções de *pietas*¹⁰⁵ e de *fides*¹⁰⁶ – em outras palavras, seria a aplicação prática desses dois conceitos morais basilares para a sociedade romana. Já por *fortitudo*¹⁰⁷, compreender-se-iam não apenas a fortidão física, mas toda aplicação da coragem¹⁰⁸, da bravura, da *virtus* guerreira¹⁰⁹ e da ânsia pelas *honores*¹¹⁰; ou, materialização da

¹⁰⁰ “Ao contrário, o homem fica, se ousou dizer, melhor e mais digno de admiração quando faz uso dos obstáculos, sejam quais forem, com que se depara”. MARCO AURÉLIO, *Meditações*, X, 34.

¹⁰¹ Apesar de não apresentar profundas alterações quanto ao tema, outras variantes do rol das virtudes estóicas podem ser, no entanto, encontradas em Cícero: *Sobre os Poderes de Pompeu*, XIII, 36-38; *A República*, I.2.2-3; *Dos deveres*, I.33.121 – in ROCHA PEREIRA, Maria H. *Romana – Antologia da Cultura Latina*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000.

¹⁰² ROCHA PEREIRA, Maria H. *Op. Cit.* 241p.

¹⁰³ Para este rol de virtudes estóicas, ver ainda: LITCHFIELD, Henry W. “National *Exempla Virtutis* in Roman Literature”, *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 25, 1914, 8p.; BOWRA, C. M., “Aeneas and the Stoic Ideal”. *Greece & Rome*, Vol. 3, No. 7, 1933, 11p.

¹⁰⁴ “Que terias a admirar na filosofia, se não fosse um benefício concedido? A sua finalidade é uma só, descobrir a verdade nas coisas divinas e humanas. Dela nunca se afasta a religião (*religio*), a reverência (*pietas*), a justiça (*iustitia*), e todo o restante do cortejo de virtudes de mão dada e ente si ligadas”. SENECA, *Cartas a Lucílio XIV*, in ROCHA PEREIRA, M. H. *Romana*, 241p.

¹⁰⁵ Essa aproximação entre *pietas* e *fides* no canto épico foi estabelecida por BOWRA, C. M. *Op. Cit.* 12p.

¹⁰⁶ ROCHA PEREIRA, M. H. “Idéias Morais e Políticas dos Romanos”. *Estudos de História da Cultura Clássica: II Volume – Cultura Clássica*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2002. 332p e ss.

¹⁰⁷ “fortitudo pericula arcebat” -a sua fortaleza afastava os perigos – SENECA, *Cartas a Lucílio XIV*, in ROCHA PEREIRA, M. H. *Romana*, 242p.

¹⁰⁸ “Após haver mostrado o começo e os primeiros passos da virtude, segui-la-ei em sua própria marcha, [ela] cuja pesadíssima força e os músculos eficazes residem na coragem” – *Valerii Maximii Factorum dictorumque memorabilium*,

excelência bélica. Por sua vez, a *temperantia*, a moderação, podia ser percebida como a virtude do autocontrole das paixões¹¹¹ – afinal, se para os estóicos as paixões deveriam sempre ser submetidas ao império da razão¹¹², ou ao *logos*, sua grande virtude correlata seria o autodomínio, ou a firmeza anímica capaz de domar seus efeitos e subjugar suas forças; um estóico virtuoso, portanto, seria aquele que conseguiria, pela primado da razão, subordinar os sentimentos que porventura ameaçassem tisonar-lhe a clareza do tirocínio ou o mando-de-si. Finalmente, o que os estóicos romanos entendiam por *prudentia*¹¹³ poderia ser descrito como a aplicação da Sabedoria¹¹⁴ (*sapientia*¹¹⁵), ou antes, do bom senso, do conhecimento dos critérios de valoração do Bem e do Mal, ou ainda da capacidade de claro julgamento, a partir da memória do passado e da previsão do futuro¹¹⁶.

Contudo, não apenas a edificação do modelo de virtude estóico acha-se presente no *epos* de Valério Flaco. O espírito emulador que norteou a construção do Jasão flaquiiano também revelou o inegável esforço do poeta em demonstrar, com o seu modelo de herói, a supremacia do próprio Império Romano, em específico sob o governo dos Flávios, em relação aos demais modelos civilizatórios que o precederam cronologicamente – os impérios da Ásia e a cultura grega. O canto tardio da geração flaviana celebrava, enfim, seu próprio tempo e o herói motivador do *epos*, como se fossem, dentre todos, os mais excelsos.

III, 2. Texto estabelecido em VALÈRE MAXIME, *Oeuvres Complètes*. Traduction M. Nisard. Paris, Garnier Frères, Libraires, 1850. 619p.

¹⁰⁹ ROCHA PEREIRA, M. H. *Op. Cit.* 405p. e ss.

¹¹⁰ BIEBER, Margareth. “Honos and Virtus?” *American Journal of Archaeology*, Vol. 49, No. 1, 1945. 25p e ss.

¹¹¹ BOWRA, C. M. *Op Cit.* 12p.

¹¹² GAZOLLA, Raquel. *Op. Cit.* 136: “Paixão: um movimento a-lógico da alma humana, contrário à natureza; uma tendência excessiva, desmesurada”.

¹¹³ “horum prudentia ne quid deesset suis providebat” – na sua prudência, providenciavam para que nada faltasse aos seus. SENECA, *Cartas a Lucílio* XIV, in ROCHA PEREIRA, M. H. *Romana*, 242p.

¹¹⁴ “Nam si hanc quoque bonum vulgare fecissent et prudentes nasceremur, sapientia quod in se optimum habet perdidisset, inter fortuita non esse.” – Com efeito, se tornassem vulgar este bem e nós nascêssemos prudentes, a sabedoria perderia a melhor qualidade que tem, de não figurar entre os bens fortuitos. SENECA, *Cartas a Lucílio* XIV, in ROCHA PEREIRA, M. H. *Romana*, 241p.

¹¹⁵ ROCHA PEREIRA, M. H. *Op. Cit.* 416p. e ss. e GAZOLLA, Raquel. *Op. Cit.* 108p.

¹¹⁶ BOWRA, C. M. *Op Cit.* 11p.

Em suma, Valério Flaco, herdeiro de oito séculos de produção literária greco-helenística, construiu, como adiante se verá em detalhes, um modelo de herói épico único, capaz de rivalizar com todos os seus predecessores e de obstar os que o sucedessem. Ao reunir o que havia de mais adequado ao espírito romano de seu tempo em um só herói, Flaco conseguiu elaborar um modelo novo para o velho personagem das sagas tessálicas – fê-lo, como já muito afirmado, um guerreiro forte e destemido como os varões homéricos, mas também um homem sedutor e esperto, belo e diplomático, como o Jasão alexandrino, capaz de angariar o necessário amor de Medéia para auxiliá-lo em sua ingente tarefa de conquistar o Velocino de Ouro; fê-lo, ainda, um pio e reverente capitão, como o Enéias virgiliano, cujo objetivo era conduzir a bom termo a jornada que encetara no comando de seus companheiros, perfazendo-se, pois, um herói coletivo e cômico de seu dever, cuja missão era levar aos povos a paz e o comércio; fê-lo, finalmente, o exemplo da prudência estóica. O amor filial, que tanto norteou suas decisões, e a ânsia pela glória, impulsionadora de seus feitos, arremataram-no, em um exemplo de anelo que bem representava a dinastia Flaviana, sob a qual vivia o poeta.

Após a Geração de Prata, o gênero épico não mais voltou a ser cultivado pelos escritores latinos. Uma nova viragem política iria determinar outros rumos para a literatura. Com o fim da dinastia flaviana, após o assassinato de Domiciano, em 96 d.C., teve início um período em que a literatura latina não mais precisou criar nem propalar modelos de virtude e de excelência. Com efeito, uma vez que a aristocracia romana já havia resolvido seus problemas de segurança e de prosperidade, e a população já se acostumara à nova ideologia imperial, a literatura tornava-se, então, vácuca e estetizante, meramente galante e frívola¹¹⁷; sobrevalorizavam-se a erudição, os exercícios lingüísticos e as curiosidades, em uma contínua e

¹¹⁷ CITRONI, M., CONSOLINO, F. E., LABATE, M., NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 895p.

inexorável decadência, ultimada pelo advento do Cristianismo, quando os ideários arcaicos e clássicos foram, então, adormecidos.

3 – Conclusão

A cada tempo correspondeu sempre um modelo de virtudes. Para a sociedade belicosa dos finais da Idade de Bronze – quando a guerra e a caça eram ainda as únicas atribuições dignas dos nobres varões – a bravura e a excelência nos discursos eram as características de maior relevo em um guerreiro, que por meio delas alcançava o reconhecimento de seus méritos nos campos privilegiados da honra: no pó das batalha e nas assembléias e banquetes entre seus iguais. Por sua vez, para a cosmopolita sociedade elegante e rica do norte do Egito helenístico, quando os Ptolomeus reinavam no alto de sua corte erudita e refinada, a galanteria e o espírito diplomático tomaram lugar da coragem arcaica, de tal sorte que o herói se tornou um outro, mais parecido como um príncipe helenístico que com um guerreiro aguerrido. Em seguida, quando já o modelo ptolomaico de virtude não alcançava os objetivos de formação e de inspiração de um homem valoroso, quando o próprio reino helenístico do Egito já havia perdido sua força e seu prestígio, ergueu-se, juntamente com o Império Romano, um novo paradigma de supremacia comportamental, em que os deveres para com a pátria, para com os deuses e para com a família resumiam a máxima virtude dos homens. O valor desse novo herói era ser um ótimo cidadão romano. Finalmente, quando a estrutura imperial necessitou mais uma vez de reafirmar-se, ou seja, quando uma nova dinastia precisou encontrar respaldo para seu mando, outro modelo de herói foi, então, planejado, de tal modo que arregimentasse em si todas as pretensões e todas as qualidades esperadas para os novos sustentáculos de um regime e de uma percepção de mundo – o herói, não apenas cidadão romano, era então cidadão de um

império dilatado, de múltiplas culturas e de interesses diversos. Assim, os *Cantos Homéricos*, as *Argonautica Gregas*, a *Eneida*, a *Farsália* e as *Argonautica Latinas* sucederam-se, ao ritmo das transformações da história, a refletir o valor de cada tempo e as qualidades de cada sociedade. O canto do poeta, que dava celebridade e imortalidade àqueles que merecessem a honra dos versos, comportava, enfim, a aspiração dos povos, seus ideais mais sublimes e suas ambições. Como modelo de emulação, cada herói deveria servir de norte para as ações do homem comum, de tal modo que o canto épico fosse também sempre um canto de formação.

CAPÍTULO II

A Tradição Literária do Mito Argonáutico

1. Período Arcaico da Literatura Grega

A saga dos Argonautas, de origem provavelmente eólica¹¹⁸, encontra suas fontes poéticas no passado mítico da Tessália, datadas presumivelmente do período Micênico Recente (1400 a 1100 a.C.). Diferentes interpretações tentaram explicar seu surgimento naquele dealbar das civilizações clássicas. Explicações de matriz histórico¹¹⁹ insistiram que o mito da viagem dos Argonautas seria um reflexo legendário das primeiras expedições gregas no mar Negro, expedições essas motivadas pelo interesse na fundação de colônias e nas explorações das riquezas minerais das regiões a leste da Hélade; explicações de cariz psicanalítico, por sua vez, lastrearam-se na possibilidade de uma representação do inconsciente coletivo e universal, por meio da qual sobreviveriam os mitos de formação de uma realeza mágica primitiva – os *kouroi basileis*¹²⁰; outras, ainda, buscaram relacionar a narrativa da viagem da nau Argos a antigos ritos iniciáticos, pelos quais se representariam os rituais de passagem da juventude heládica à maturidade viril¹²¹. Entretanto, nenhuma das tentativas de explicação alcançou a robustez necessária para afirmar-se incontestemente, restando, portanto, ao seu estudo, tão somente a busca das fontes literárias supérrites para dar início à pesquisa da transmissão poética do mito.

Já conhecida pela tradição homérica, a saga argonáutica encontra-se presente em três curtos trechos da obra do poeta de Quios. São referências singelas, mas que possuem o condão

¹¹⁸ WEST, M. L. *Greek Poetry 2000 – 700 B.C.* The Classical Quarterly, New Series, Vol. 23, nº 2, 1973. 189p.

¹¹⁹ DUMÉZIL, George. *Le Crime des Lemniennes – Rites et légendes du monde égéen.* Éditions Macula. Paris. 1998. 38p.

¹²⁰ GARCIA, Mar L. *Mitología e Iniciaciones: el problema de los Argonautas.* Gerion, 5. Editorial de la Universidad Complutense de Madrid. 1987. 40p.

¹²¹ Idem.

de demonstrar a antigüidade das gestas desses navegantes da primeira geração dos heróis. Na *Iliada*, ao final do Canto VII, quando as tropas aquéias recebiam auxílio de seus aliados, aparece a primeira menção a Jasão e às suas peripécias:

E de Lemnos vieram muitas naus trazendo vinho,
as quais enviara Euneu, filho de Jasão,
que Hipsípila dera à luz para Jasão, pastor do povo
Iliada, VII, 467/469 – Tradução Frederico Lourenço¹²²

Embora de mínima extensão, esses três versos homéricos fazem pressupor um episódio inteiro da expedição da nau Argo – o mito do repovoamento da ilha de Lemnos pelos Argonautas. De fato, trata-se da primeira menção literária conhecida acerca do episódio da matança dos homens de Lemnos pelas iracundas mulheres açuladas por Afrodite, e da conseqüente substituição desses varões chacinados pelos jovens navegantes, que alcançavam a ilha guiados pelos deuses. Referências a esse episódio, que tem por desfecho à união de Jasão e Hipsípila constam em todas as versões posteriores do mito, em evidente percepção de sua antigüidade e de seu alcance poético.

Outras duas menções à saga argonáutica encontram-se na *Odisséia*. No primeiro dos trechos, quando Ulisses narrava ao rei Alcínoo sua descida ao Hades e descrevia-lhe os espectros das mulheres mandadas até ele por Perséfone, os versos de Homero contam a descendência da rainha Tiro: Pélias, filho do rei de Iolcos – por cuja ordem a expedição dos Argonautas teve seu início – e Éson, pai de Jasão:

Assim dizendo, mergulhou no mar marulhante.
E ela concebeu e deu à luz Pélias e Neleu.
Ambos se tornariam fortes escudeiros do grande Zeus:
Pélias na ampla região de Iolco, foi senhor de muitos
Rebanhos; Neleu teve sua morada em Pilos arenosa.

¹²² HOMERO. *Iliada*. Tradução Frederico Lourenço. Livros Cotovia. Lisboa. 2005.

Mas para Creteu gerou outros filhos essa rainha entre as mulheres:
Éson, Feres e Amitaonte, condutor de carros de cavalos.

Odisséia. xi, 253/259 - Tradução Frederico Lourenço¹²³

Já o segundo entrecho – mais evidente em sua vinculação com as aventuras dos Argonautas – é a fala de Circe, filha do deus Sol e irmã de Eetes, o rei da Cólquida, ao anunciar a rota que Ulisses deveria seguir em seu percurso de retorno a Ítaca, que aludirá a um dos episódios mais importantes da saga marítima – a passagem pelos Rochedos Moventes. Trata-se da referência ao episódio da abertura do mar da Cólquida pelos primeiros navegantes, quando, com o auxílio de Hera, a nave conseguiu ultrapassar a terrível barreira dos escolhos flutuantes, que se entrechocavam no mar:

Depois que os companheiros tiverem remado para longe delas
Já não te passarei a contar de modo contínuo
Como será a direcção do teu caminho, mas tu próprio
Terás de decidir: mas eu te direi as alternativas.
Há de um lado rochas ameaçadoras e contra elas
Bate o estrondo das grandes ondas da azul Anfitrite.
Planctas é como lhe chamam os deuses bem-aventurados.
Por ali nem passam criaturas aladas, nem mesmo as tímidas
Pombas, que a ambrósia levam a Zeus pai:
Uma delas arrebatava sempre a pedra lisa.
O Pai envia depois outra para manter o número.
Por ali nunca passou nau alguma de homens que depois voltasse,
Mas juntamente com as tábuas das naus são corpos humanos
Levados pelas ondas do mar e pelas procelas de fogo destruidor.
Por ali só passou uma nau preparada para o alto mar,
A nau Argo, conhecida de todos, vinda da terra de Aetes.
E até essa teria o mar lançado contra as rochas ingentes,
Se por amor a Jasão a deusa Hera não tivesse feito passar a nau.
Os dois rochedos: um deles chega ao céu
Com seu pico pontiagudo e cobre-o uma nuvem azulada.
Nunca a nuvem se agasta nem se vê céu limpo
Em torno do pico, no verão ou no outono.
Nenhum homem mortal o poderia escalar,
Nem que tivesse vinte mãos e vinte pés.
Pois o rochedo é liso, como se tivesse sido polido.
E no meio do rochedo há uma gruta nebulosa,
Virada para oeste, para o Érebo: e é para ali que deveis
Apontar a vossa côncava nau, ó glorioso Ulisses.

Odisséia, xii, 55/82 – Tradução Frederico Lourenço

¹²³ HOMERO. *Odisséia*. Tradução Frederico Lourenço. Livros Cotovia. 6ª ed. Lisboa. 2005.

Assim, mesmo sem descrever os percalços por que teriam passado Jasão e seus companheiros durante sua jornada pelo mar, a tradição homérica permitiu, nesses três excertos, a transmissão de quatro temas fundamentais para o desenvolvimento e para aferição da tradição literária do mito argonáutico. Por intermédio dos versos de Homero, é possível inferir a antigüidade das narrativas relacionadas à nau Argo, decerto pertencentes ao conjunto de narrativas pré-literárias que serviram de matriz para a composição dos dois grandes poemas. Por outro lado, a partir da ligação entre Jasão e Hipsípila, é possível também se inferir todo o episódio de estada dos heróis na ilha de Lemnos, episódio esse que nunca deixou de ser relatado por aqueles poetas que depois abordaram o tema. Do mesmo modo, a ascendência de Jasão – filho de Éson, neto de Creteu e sobrinho de Pélias – igualmente já se mostra de largo conhecimento, bem como a nau Argo, que, o próprio poeta registra como “conhecida de todos”. Enfim, como um dos elementos fulcrais da trama – que reaparecerá na seqüência histórica das recorrências poéticas – o episódio da passagem da nau pelos Rochedos Moventes, executado sob a proteção que Juno proporcionava a Jasão, encerra as referências homéricas às tradições argonáuticas, a registrar sua importância, sua fama e sua antigüidade.

Se na tradição homérica as referências aos argonautas são esparsas e meramente acessórias à composição dos poemas do ciclo troiano, já no *Corpus Hesiodicum*, concretamente na *Teogonia* e nos fragmentos existentes dos *Catálogos*, os elementos do ciclo náutico começam a ganhar relevo e maior importância na história da tradição literária do mito. Na *Teogonia* se acham os registros da descendência do Sol e a primeira menção efetivamente conhecida, e não apenas implícita, como em Homero, das aventuras de Jasão na viagem rumo às terras de Eetes, bem como as referências da ligação amorosa entre ele e Medéia:

Do Sol incansável a ínclita oceânida
Perseida gerou Circe e o rei Eetes.

Eetes, filho do Sol ilumina-mortais
 Desposou a virgem do Oceano rio circular,
 Sábia de belas faces, por desígnio dos Deuses.
 Ela pariu Medéia de belos tornozelos,
 Subjugada de amor graças à áurea Afrodite.

Teogonia. 956-962 – Tradução Jaa Torrano¹²⁴.

Nesse primeiro excerto, bastante adequado ao intuito principal da *Teogonia* de descrever a sucessão genealógica dos deuses desde o surgimento do Caos até a total concretização do poder e da supremacia de Zeus Olímpico, Hesíodo elencou a ascendência da imortal Medéia, filha de Eetes, neta do Sol e sobrinha de Circe – a já mencionada feiticeira que, segundo Homero, ensinaria a Ulisses a rota para seu regresso a Ítaca. Na seqüência de nascimentos divinos – pela qual as características da geração anterior não se perdiam, mas eram acrescentadas a outras novas, decorrentes dos conúbios, em uma herança contínua de poderes e de atributos – os poderes premonitórios do avô Sol, da linhagem do Céu e de Téia, e os saberes mágicos da tia Circe comunicar-se-iam à filha de Eetes, por cujos sortilégios a aventura de Jasão se tornaria possível e se concretizaria sem a morte do herói. Hesíodo, pois, determinou para Medéia, nesse trecho de sua obra, as habilidades de que dispunha a neta do Sol e sua sina.

Virgem do rei Eetes sustentado por Zeus,
 O Esônida por desígnio dos Deuses perenes
 Levou-a de Eetes após cumprir gemidosas provas,
 As muitas impostas pelo grande rei soberbo
 O insolente Pélias estulto e de obras brutais.
 Cumpriu-as, e chegou a Iolcos após muito penar
 O Esônida, levando em seu navio veloz
 A virgem de olhos vivos, e desposou-a florescente.
 Ela, submetida a Jasão pastor de homens,
 Pariu Medéio, criou-o nas montanhas Quíron
 Filirida, e cumpriu-se o intuito do grande Zeus.

Teogonia, 992-1002 – Tradução Jaa Torrano.

¹²⁴ HESÍODO. *Teogonia - A Origem dos Deuses*. Tradução Jaa Torrano. Iluminuras. São Paulo. 159p.

Esse segundo excerto faz parte do *Catálogo dos Heróis*, disposto, no corpo do poema, ao final do rol dos nascimentos Olímpicos. Trata-se da relação dos seres híbridos, frutos da união entre mortais e imortais, cuja importância na obra seria, fundamentalmente, o extermínio dos seres relacionados no *Catálogo dos Monstros*, nos versos 270/336¹²⁵. Nesse sentido, talvez fosse possível a ilação segundo a qual a tarefa hesiódica de Jasão pudesse ser a de dar cabo da serpente gerada por Fórcis e Ceto¹²⁶ – última na lista dos monstros – a qual guardaria, na fronteira oriental da terra (a Cólquida), os carneiros (μήλα) de ouro, e não as maçãs (μήλα) das Hespérides (na fronteira ocidental), como uma possível tradução do texto grego – proposta tentadora, conquanto refutável já por Apolônio de Rodes, que apresentava outra versão para o nascimento do ser prodigioso custódio do velo – o sangue deitado por Tifeu ao ser ferido na luta contra Zeus.

De fato, Jasão seria um ser híbrido, descendente remoto dos imortais, uma vez que seu pai, Éson era neto de Éolo, deus dos ventos e filho de Zeus. Assim, sua intrínseca e presumível função de exterminador de monstros já anunciaria suas façanhas, sumariamente descritas nesse primeiro resumo conhecido das aventuras. Trata-se, pois, de uma versão rudimentar, ou melhor, de uma suma das *Argonautica*, em cujo breve relato mítico, a virgem do rei Eetes – como Hesíodo chama Medéia, uma das princesas da Cólquida – seria subjugada de amor por Afrodite, conforme se lê no verso 962. Foi ela quem Jasão levou consigo após cumprir as gemidasas provas, ou seja, após cumprir as tarefas que lhe foram impostas por seu tio Pélias, a quem Hesíodo chama de insolente e estulto – insolente porque roubara com violência o trono de Éson, seu irmão; e estulto por ter escolhido mal o trabalho que impusera ao sobrinho que

¹²⁵ CLAY, J. S.. *Hesiod's Cosmos*. Cambridge University Press. Cambridge. 2003. 161p.

¹²⁶ Unida a Fórcis em amor, Ceto gerou por fim
terrível Serpente que no covil da terra trevosa
nas fronteiras guarda as maçãs de ouro.

Teogonia 332/334 – Tradução Jaa Torrano.

reclamava o trono. Enfim, o poeta resumiu as labutas do herói com o termo *obras brutais* - obras incumpríveis cuja finalidade não seria outra senão a morte do pretendente ao trono.

Continuando a leitura do excerto hesiódico, contrariando as expectativas do tio, Jasão executou a obra a ele imposta por Pélias, chegando à Cólquida e conquistando o tosão. Fê-lo levado em seu navio veloz, não nomeado pelo poeta, mas célebre, como já se viu no tratamento dado à embarcação pelos versos de Homero. E foi nessa mesma célere nau que, após muito penar, Jasão transportou consigo a virgem filha do rei Eetes, a de olhos vivos e belos tornozelos. Levou-a e desposou-a, florescente, conforme o adjetivo utilizado por Hesíodo, dando-lhe Medeio por descendência, o fundador epônimo dos Medos.

Como se vê, no curto espaço de dezoito versos da *Teogonia*, Hesíodo traçou as linhas diretrizes de toda a sucessão de fatos e episódios que construiriam a temática dos Argonautas. Contudo, pelos fragmentos restantes das demais obras hesiódicas, sabe-se que a manipulação do tema dos mitos argonáuticos por parte do poeta provavelmente não se restringiu somente aos dois trechos citados. A existência de um catálogo de Argonautas entre os *Catálogos*, ou *Grandes Eeas Hesiódicos*, é suposta pela leitura do fragmento nº 37 da obra de Hesíodo, citado pelo escoliasta de Apolônio de Rodes (I, 45).

Neither Homer nor Hesiod speak of Iphiclus as amongst the Argonauts
Frag.37¹²⁷

Em se dando, pois, veracidade aos escoliastas de Apolônio de Rodes, outros elementos da saga poderiam ainda ser encontrados no *Corpus Hesiodicum*. No fragmento 20, presume-se que o poeta teria determinado a genealogia de Fineu – personagem que já em Apolônio de

¹²⁷ EVELYN-WHITE, Hugh G. (ed). *Hesiod, The Homeric Hymns, and Homeric*. Cambridge Mass.: Loeb Classics, 1914. 177p.

Rodes iria desempenhar função importante na aventura dos marinheiros – afinal, foi por meio de suas instruções que a nau tessália logrou vencer a ameaça das Rochas Moventes:

But according to Hesiod (Phineus) (**sic**) was the son of Phoenix, Agenor's son and Cassiopeia.
Frag. 20¹²⁸

Por sua vez, no fragmento 39, ainda a versar sobre Fineu, Hesíodo forneceria uma indicação imprescindível à compreensão da saga, em uma referência expressa à causa da cegueira do vate:

Hesiod in the Great Eoiae says that Phineus was blinded because he revealed to Phrixus the road; but in the third Catalogue, because he preferred long life to sight.
Hesiod says he had two sons, Thynus and Mariandynus.
Frag. 39¹²⁹

Assim, se graças à indicação de Hesíodo fez-se possível saber quem ensinou a Frixo o caminho para a Cólquida, bem como a causa do suplício de Fineu e o nome de seus filhos, também graças ao poeta hesiódico, no fragmento apurado ainda junto aos escólios de Apolônio de Rodes, tornou-se possível conhecer parte da versão de sua libertação da pena imposta a ele por Zeus:

Hesiod also says that those with Zetes turned and prayed to Zeus:
'There they prayed to the lord of Aenos who reigns on high'.
Apollonius indeed says it was Iris who made Zetes and his following turn away, but Hesiod says Hermes.
Others say (the islands) were called Strophades, because they turned there and prayed Zeus to seize the Harpies. But according to Hesiod... they were not killed.
Frag. 42¹³⁰

Por outro lado, já quanto ao retorno da expedição, também Hesíodo, segundo ainda os escólios de Apolônio de Rodes, apresenta sua versão:

¹²⁸ EVELYN-WHITE, Hugh G. (ed). *Op. Cit.* 170p.

¹²⁹ EVELYN-WHITE, Hugh G. (ed). *Op. Cit.* 177p.

¹³⁰ EVELYN-WHITE, Hugh G. (ed). *Op. Cit.* 179p.

But Hesiod says they (the Argonauts) had sailed in through the Phasis.
 But Hesiod (says)... they come through the Ocean to Libya, and so, carrying the Argo, reached
 our sea.

Frag. 45¹³¹

Uma última indicação pertinente à saga marítima é ainda obtida dos fragmentos hesiódicos, graças, desta vez, à menção feita por Eratóstenes de Cirene (276 – 194 a.C.) em sua obra *Catasterismos*. Trata-se da referência ao próprio Tosão de Ouro – o pelame dourado do carneiro forjado por Hefestos que, a pedido de Nefele, transportara, pelo mar, Heles e Frixo até à Colquida:

The Ram. This it was that transported Phrixus and Helle. It was immortal and was given them
 by their mother Nephele, and had a golden fleece, as Hesiod and Pherecydes say.

Frag. 38¹³²

Se a temática do ciclo argonáutico foi utilizada pelos poetas épicos arcaicos, também o foi pelos poetas líricos do período. Mimnermo de Colofon (séc. VII), considerado pelos exegetas Alexandrinos como o criador da elegia¹³³, em seus cantos de louvor à excelência, aos valores de raça e à beleza física¹³⁴, legou um resumo, embora mais modesto que o de Hesíodo, das aventuras marinheiras de Jasão – herói que pode ser considerado um exemplo das idealizadas virtudes exaltadas pelo elegíaco:

Nem, um dia, o grande velocino traria o próprio Jasão,
 de Ea, perfazendo doloroso caminho,
 para o orgulhoso Pélias realizando penosa luta,
 nem sobre a do Oceano bela corrente chegariam.

.....

¹³¹ EVELYN-WHITE, Hugh G. (ed). *Op. Cit.*181p.

¹³² EVELYN-WHITE, Hugh G. (ed). *Op. Cit.*177p.

¹³³ ASSUNÇÃO, Teodoro R., BRANDÃO, Jacynto L. *Semônides de Amorgos e Mimnermo – Fragmentos*. In Ensaios de Literatura e Filologia. Belo Horizonte: Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 1983/1984. 228p.

¹³⁴ LOURENÇO, Frederico. *Poesia Grega de Alcman a Teócrito*. Lisboa: Livros Cotovia. 2006.30p.

De Eetes à cidade, onde do veloz Sol
 Os raios jazem em dourada câmara,
 Do Oceano junto às bordas, onde chegou o divino Jasão
 Tradução Teodoro Renó¹³⁵

Apesar de consideravelmente mais breve que os trechos homéricos ou hesiódicos, o fragmento da elegia de Mimnermo, todavia, apresentou uma inovação importante para a tradição literária do mito jasônico. Efetivamente, pela primeira vez o tema da principal façanha de Jasão foi delimitado – a conquista do Tosão de Ouro. O elegíaco de Colofon inseriu em seu poema, então, o imprescindível detalhe da tarefa imposta ao Esônide pelo orgulhoso rei Pélias. Ainda não expresso por seus antecessores no tema, ao menos nas obras, fragmentos, escólios ou comentários que alcançaram a posteridade, foi Mimnermo quem descreveu a ordem imposta ao herói para levar de volta para a Ea, trazido das terras do Sol por sobre a bela corrente do Oceano, o grande velocino. No entanto, o estado fragmentário do texto, bem como de praticamente de toda a obra de Mimnermo, não permite maiores indagações acerca da abordagem do tema, restando ao estudo, portanto e mais uma vez, apenas o registro de sua transmissão, sem a possibilidade de uma interpretação mais acurada do poema.

Outra abordagem do mito argonáutico durante o período arcaico da literatura grega provém da obra de Píndaro (518 a.C., Tebas – 438 a.C., Argos), que, em celebração às duas vitórias de Arquesilau de Cirene nas corridas de carros nos jogos Píticos, nos anos de 462 e 460 a.C.¹³⁶, compôs ode conhecida como a *IV^a Pítica*, em cujo texto se reverenciaram os antepassados do atleta – descendente de um dos argonautas, Eufamo, e de Malache, uma mulher lemniana. Assim, nessa celebração conjunta da casa real de Cirene e de seu atleta vitorioso, Píndaro narrou as viagens de Jasão, emprestando-lhe detalhes, ainda que breves, de

¹³⁵ ASSUNÇÃO, Teodoro R., BRANDÃO, Jacynto L. *Op. Cit.* 232p.

¹³⁶ PINDARE. *Pythiques – tome II*. Paris: Société D'Édition "Les Belles Lettres". 1955, 63p.

seu motivo, de ao menos uma de suas aventuras – os embates amorosos na ilha de Lemnos –, e de seu desenlace.

Composta por treze tríades (cada qual contendo uma estrofe, uma antístrofe e um epodo), a ode pindárica guardou oito delas para narrar as façanhas dos argonautas. As três primeiras tríades, ainda anteriores à narrativa da saga propriamente dita, anunciavam as predições de Medéia acerca da casa regente de Cirene, iniciada por Eufamos, décimo sétimo antepassado de Arquesilau. A partir de então, na quarta tríade, inicia-se efetivamente o canto heróico dos navegantes:

Qual foi o princípio dessa expedição marítima?
 Que perigo os pregou com cavilhas fortes feitas de aço? Foi
 Decretado que Pélias morreria ou às mãos de ilustres eólios ou por decisões inflexíveis.
 Um oráculo arrepiante assaltou-lhe o espírito perspicaz e foi
 Pronunciado junto ao umbigo da mãe terra, cheia de árvores:
 ‘Montar por todo o lado uma guarda cuidada a quem
 Aparecer com uma só sandália, quem vier dos estábulos
 Íngremes até à terra soalheira da famosa Iolco,
 Seja ele estrangeiro ou cidadão’ Em verdade, ele acabou por
 Chegar, homem terrível com duas lanças. Vestia dois tipos de
 Roupa, uma ajustada a seu corpo digno de ser admirado, tal
 Como é costume usar-se na terra dos magnésios, e uma pele
 De leopardo à volta do corpo, que o protegia das chuvas que arripam.
 Não tinha os cintilantes caracóis do cabelo cortados, trazia-os a flutuar ao longo das costas.
 Caminhava depressa e a direito; mas para pôr à prova a sua
 Vontade inflexível parou de repente na praça à hora em que está cheia de gente.

Pítica IV, 69-85 – Tradução António Caeiro.¹³⁷

Nesse ponto do poema, os elementos de composição da trama começam a se desvelar mais rapidamente. A narrativa de Píndaro logo conduz à chegada de Pélias, que encontrou na praça o rapaz desconhecido calçado com uma só sandália. Advertido pelas predições do Ônfalo (v. 72), o rei, tomando-o por estrangeiro, indagou-lhe o nome, a pátria e os propósitos; ao que Jasão, sem também saber quem era seu interlocutor, respondeu-lhe ter sido criado por Quirão, o sábio centauro croníade, e que retornava a Iolcos para reclamar o trono usurpado de seu pai. Sabe-se, então, pela fala do herói, sua idade – vinte anos – e seu

¹³⁷ PÍNDARO. *Odes Píticas para os Vencedores*. Tradução António de Castro Caeiro. Lisboa: PrimeBooks. 2006. 65p. e ss.

nome, dado a ele pelo imortal preceptor. Ainda sem saber que seu interlocutor era seu tio e rei, Jasão lhe perguntou por seu pai; e Pélias indicou-lhe a casa onde Éson, seu irmão, morava (v. 119). Jasão, então, após vinte anos de ausência, retornou à morada paterna e se apresentou, sendo reconhecido imediatamente pelos parentes. Amitáon e Feres, seus irmãos, juntaram-se a ele, como também Admeto e Melampo, seus primos. Por cinco dias e noites, então, eles celebraram o reencontro, até que ao sexto dia partiram todos para o palácio de Pélias a fim de que Jasão reivindicasse sua herança (v. 135 e ss). Após ouvir a áspera reivindicação do sobrinho, em tom conciliatório, o rei fingiu concordar em devolver-lhe o trono e os bens, contanto que o jovem herói fizesse cessar a ira dos Manes:

(...) E Pélias respondeu-lhe gentilmente: “Serei
O homem que pedes que seja. Mas já estou enrolado no lado
Velho da vida, enquanto em ti desabrocha a flor da juventude.
És capaz de pôr fim ao ressentimento dos que já estão
Enterrados. Frixo convoca-nos aos salões de Eetes para irmos
Buscar a sua alma e recuperarmos a pele de lã comprida do
Carneiro com o qual ele foi salvo do mar e dos golpes

Impiedosos da madrasta. Um sonho espantoso chegou até
Mim e disse-me isso. Consulte o oráculo na fonte de Castália
Para saber se havia alguma coisa que devesse ser procurada;
Fui incitado a reunir rapidamente uma comitiva para navegar.
Realiza esta tarefa de bom grado e juro que te concedo o
Poder real e o reino. Que Zeus, poderoso juiz e pai de nós
Dois, seja testemunha deste meu juramento”.
Aprovaram este acordo e partiram. E foi o próprio Jasão
Que incitou os arautos a dar a conhecer a expedição naval,
Onde quer que fosse. (...)

Pítica IV, 158-171 – Tradução António Caeiro¹³⁸

Sem demora, chegados de todos os cantos da Hélade, acorreram os heróis ávidos por glória, compondo a listagem que constituiria o primeiro catálogo dos Argonautas:

(...) Chegaram logo os que nunca se cansam
Nos combates, os filhos do filho de Cronos, Zeus, os que
Eram filhos de Alcmena de olhar cintilante e os de Leda; e
Dois guerreiros de cabelos apanhados ao alto, descendentes
Do Tremor de Terra, ambos venerados por sua força, que

¹³⁸ PÍNDARO. *Odes Píticas para os Vencedores*. Tradução António de Castro Caeiro. Lisboa: PrimeBooks. 2006. 71/72p..

Chegavam de Pilos e do promontório de Ténaro. A sua nobre
Fama foi cumprida, a de Eufemo e a tua, Periclímene, de intenso poder.
De Apolo chegou o tocador de harpa, pai dos cânticos, o louvadíssimo Orfeu.

Hermes de caduceu dourado enviou os seus dois filhos que
O cansaço não vence, exultando triunfantes com o fulgor da
Juventude, Equión e Érito. Os que habitavam junto ao sopé
Do monte Pangeu vieram céleres, pois o senhor dos ventos,
Pai deles, Bóreas, de boa vontade e com alegria no coração
Vestiu com asas púrpuras as costas de Zetes e Calais. E Hera
Irresistivelmente incendiou os semideuses com uma saudade

Da nau Argo, irrefutavelmente a fim de que nenhum deles
Ficasse para trás, junto das mães, a fermentar uma vida inteira
Sem correr riscos, mas antes descobrissem, ainda que lhes
Custasse a vida, um elixir para que realizassem a sua excelência
Com outros da mesma idade.

Assim que a fina flor dos navegadores desceu até Iolco, Jasão
Passou todos em revista, louvando-os. E o profeta Mopso,
Fazendo divinações por meio de pássaros e tirando as sacras
Sortes, fez o exército súber a bordo, confiante no futuro.

Pítica IV, 171-192 – Tradução António Caeiro.

Assim, embarcaram na nave Argo os filhos de Zeus: Hércules, Cástor, Polideuces; os
filhos de Posídon: Eufamos e Periclímene; Orfeu, filho de Apolo; Équion e Érito, filhos de
Hermes; Zetes e Cálais, filhos de Bóreas; e o adivinho Mopsos. Não se trata ainda da relação
completa dos tripulantes que, mais tarde, ocuparão os cinqüenta remos da nau, mas Píndaro já
iniciava a formação da equipagem.

Após o Catálogo dos Argonautas, na 9ª triáde, então, Píndaro narrou a partida do navio
e as cerimônias propiciatórias à navegação – as libações a Zeus e a Posídon. Iniciou-se a
viagem. Um episódio apenas é descrito pelo poeta antes da chegada à foz do rio Fase, na 10ª
triáde: a passagem pelos Rochedos Moventes.

Precipitaram-se para um perigo profundo, e suplicaram
Ao senhor das naus que os deixasse escapar ao movimento inexorável

Das pedras que correm ao mesmo tempo uma contra a outra.
As duas pedras estavam vivas, e rolavam mais rápidas do que
As rajadas de vento que bramem no alto. Mas esta jornada de
Semideuses acabou com elas (...).

Pítica IV, 207-212 – Tradução António Caeiro.

Em sucinta descrição, portanto, o baixel venceu o desafio de romper a passagem entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Cáspio pela força dos braços dos remeiros heróicos. A seguir, os heróis chegaram ao rio Fase, onde lutaram contra os colcos diante do rei Eetes enquanto Afrodite descia do céu para auxiliar Jasão a conquistar o amor de Medéia, para que esta não respeitasse o amor aos pais e tivesse acesso em seu peito o desejo de conhecer a Grécia. Assim inflamada pelos encantamentos de Afrodite, Medéia ajudou Jasão a se proteger contra os perigos de seu pai, em troca de juras de casamento:

E logo ela lhe revelou os meios para executar com êxito
 As provas pedidas pelo seu pai. Preparou a seiva de raízes
 Cortadas, remédio para dores agudas, com óleo de azeitona, e
 Deu-lhe para que se ungisse. Concordaram em juntar-se um ao outro numa doce união.
Píica IV, 220-223 – Tradução António Caeiro.

No epodo da 10ª tríade e na estrofe da seguinte, Píndaro narrou, então, como Jasão, com a ajuda das indicações de Medéia, conseguiu vencer os touros que sopravam fogo e fumo pelas ventas; narrou também como o herói jungiu os animais ignívomos e como, com o arado de bronze, lavrou a terra em searas profundas, diante da ovação dos companheiros. Eetes se enfureceu, mas precisou aceitar a vitória da primeira prova imposta ao forasteiro, indicando-lhe o velocino, confiante, entretanto, na serpente – um monstro maior que um navio de cinquenta remos – que o protegia sem descanso. Contudo o poeta não descreveu o modo como Jasão conquistou finalmente o tosão de Frixo, mas já o mostrou retornando pelo mar, no epodo da 11ª tríade. Nesse momento da narrativa, a nau Argo aportou à ilha de Lemnos e, em uma sucessão de rápidas menções, recurso típico do autor, Píndaro descreveu a união dos sexos, a partida da ilha e a chegada à Líbia, onde a nave seria consagrada aos deuses, ressaltando a gloriosa formação da prole de Eufemo, objeto de seu canto.

Como se vê, Píndaro, para celebrar as vitórias atléticas de Arquesilau nos jogos Píticos, estendeu as narrativas anteriores, incorporando-lhe elementos que aos poucos construiriam o mito argonáutico. Pouco ainda se dizia sobre o teor da relação entre Jasão e Medéia, apenas a intervenção de Afrodite (cuja notícia já se encontra também em Hesíodo) e sua ajuda no cumprimento das provas impostas por Eetes ao herói. Por outro lado, as aventuras dos argonautas pelo mar ainda não haviam sido exploradas em suas máximas potencialidades – havia apenas as referências ligeiras acerca da passagem pelos rochedos moventes e pela ilha de Lemnos. Além disso, o catálogo dos navegantes ainda era curto e sem boa parte de seus mais ilustres participantes, ajuntados à expedição pela tradição. Praticamente nada se sabia sobre o destino dos heróis após o retorno da expedição, nem das conseqüências do envolvimento entre Jasão e Medéia, com exceção da descendência de Eufemo e da participação de Medéia na morte de Pélias.

Mas o mito dos Argonautas e da conquista do Velocino Dourado elaborava-se aos poucos na herança literária transmitida do período arcaico da cultura heládica. Era, contudo, ainda apenas o esboço de um tema que não atingira nem sua maturidade nem sua maior amplitude.

À guisa de arremate, faz-se necessária, ainda, a enumeração dos textos hoje perdidos dos poetas arcaicos que abordaram a saga tessálica. Sem acesso atual aos textos, sabe-se, contudo, por referência dos escólios a Apolônio¹³⁹ que, no século VII, Eumelo de Corinto, nas *Corinthica*, ao narrar a história mítica da fundação da cidade, fez Jasão e Medéia regressarem para Corinto. Da mesma época, segundo a mesma fonte, seriam também as *Naupatica*, de Cárcino de Naupacto, em cuja obra abundariam os pormenores da expedição dos argonautas. Entretanto, perdidas as obras, resta apenas a curiosidade literária alimentadora de suposições.

¹³⁹ FLACO, Valério. – *Las Argonauticas*. Tradução por Santiago López Moreda. Madrid: Akal/Clásica, 1996. 15p.

2. Período Clássico da Literatura Grega

O período clássico da história helênica marcou o florescimento da Tragédia como gênero de literário de mais alta expressão. A partir das mudanças que alteraram o sistema político grego nos séculos V e IV a.C., notadamente a constante ameaça causada pela expansão do império persa, as preocupações dos poetas direcionaram-se para os grandes problemas das relações dos homens com os deuses e dos homens com os homens – ou seja, a piedade, a insolência para com as divindades, e a justiça. A vetusta tradição lírica, que no século de Péricles ainda se encontrava em seu apogeu, cedeu, então, lugar à poesia dramática, mais apta a equacionar, perante os espectadores das Grandes Dionísias, os dilemas suscitados pelo tempo¹⁴⁰.

Essa nova etapa da literatura grega utilizou, então, a herança dos mitos antigos para tecer as tramas capazes de enfrentar os questionamentos do homem clássico. No caso das narrativas relacionadas com a saga argonáutica, as abordagens mais conhecidas provêm da obra de Eurípides (480-406 a.C.) – *Hipsípila*, *As Filhas de Pélias*, *Egeu e Medéia* – cujo uso da temática jasônica possibilitou a discussão de valores tipicamente helênicos, como as obrigações decorrentes dos juramentos e da hospitalidade, mas também, e sobretudo, da antinomia entre gregos e bárbaros¹⁴¹. Das três primeiras tragédias euripidianas, quase nada restou, senão fragmentos; apenas *Medéia* alcançou a posteridade.

Na versão da tragédia restante, o momento específico da narrativa é posterior ao final do ciclo argonáutico, quando o regresso de Jasão e de seus companheiros já se havia efetivado. A história tem sua ambientação na cidade de Corinto, para onde o herói tessálio e a princesa

¹⁴⁰ ROCHA PEREIRA, Maria H. *Estudos de História da Cultura Clássica – Volume I, Cultura Grega*. 10ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 393p.

¹⁴¹ EURÍPIDES. *Medeia*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2005.35p.

colca haviam se mudado com os filhos após a partida de Iolcos. No entanto, os fatos ocorridos desde que o navio Argo deixara a Cólquida não passam despercebidos e são narrados pela ama logo na abertura da tragédia:

Quem dera que a nau de Argos, quando seguia para a terra da Cólquida, nunca tivesse batido as asas através das negras Simplégades, e que nas florestas do Pélion não houvesse tombado o pinheiro abatido, nem ele tivesse dado os remos aos braços dos homens valentes, que buscaram o velo de ouro para Pélias. Assim não teria Medéia, a minha senhora, navegado para as fortalezas da terra de Iolcos, ferida no seu peito pelo amor de Jasão. Nem depois de convencer as filhas de Pélias a matar o pai, habitaria esta terra de Corinto com o marido e com os filhos, alegrando com a sua fuga os cidadãos a cujo país chegara, em tudo concorde com Jasão. Porque é essa certamente a maior segurança, que a mulher não discorde do marido.

Medeia, 1-15 – Tradução Maria Helena da Rocha Pereira¹⁴²

Diversos elementos do mito argonáutico se apresentam nesse entrecho exordial da tragédia. Sem acesso aos textos hoje considerados perdidos, não resta outra opção senão a de imaginar que essas seriam, então, as primeiras referências, na tradição literária, de elementos que mais tarde se incorporariam definitivamente à saga de Jasão. Os Rochedos Moventes são nomeados e qualificados: as azuladas Simplégades; a matéria de que se construiu o navio também foi determinada, como a madeira extraída do monte Pélion; por sua vez, posto que existam referências a uma tragédia do mesmo autor versando sobre o tema, no trecho acima transcrito (embora de temática posterior à saga argonáutica) dão-se pela primeira vez a conhecer alguns dos eventos que completariam a saga náutica e preparariam o enredo trágico: o assassinato de Pélias perpetrado pelas próprias filhas, persuadidas por Medéia, e, por conseguinte, o exílio da princesa colca e do Esônide em Corinto.

No entanto, as referências ao mito dos primeiros navegantes na obra de Eurípides não se restringem às poucas indicações fornecidas pela fala da ama. Mais adiante, quando Medéia se dirige a Jasão para recriá-lo pelo abandono, Eurípides prossegue no fornecimento de notícias acerca da narrativa:

¹⁴² EURÍPIDES. *Op. Cit.* 45p.

Pelo princípio principiarei a dizer. Fui eu quem te salvou, como sabem dos helenos quanto embarcaram na mesma nau de Argos, quando te mandaram pôr o jugo aos touros ignispirantes e semear o campo mortífero. E o dragão, que, envolvendo o velo de ouro, enrolado em espiral, o guardava insone, matei-o, levando à tua frente a luz da salvação.

E fui eu que, traindo meu pai e minha mãe, contigo vim para Iolcos do Pélion, com mais paixão que sensatez. E matei Pélias, da maneira mais dolorosa, às mãos das suas filhas, e toda a casa destruí.

Medeia, 475-487 – Tradução Maria Helena da Rocha Pereira¹⁴³

Nessa exprobação ao esposo traidor, Medéia refez os passos de sua jornada desde a terra natal até Corinto, onde se passava o drama. Eurípides somou, então, à tradição literária, no que concerne à tarefa cumprida por Jasão na Cólquida, a semeadura dos campos da morte, antes apenas lavrados pelo herói – trata-se, presumivelmente, da alusão ao plantio dos dentes da serpente de Cadmo, que germinavam e se transformavam em guerreiros de pedra. O poeta trágico faz, ainda, Medéia matar a serpente que vigiava o tosão, e reafirmou o assassinato de Pélias, dando por motivo a segurança de Jasão.

Um outro elemento da saga argonáutica ainda se acha presente no texto de Eurípides, desta vez narrado pelo próprio Jasão, ao final da peça, quando Creonte e a filha já haviam sido envenenados pelos presentes enviados por Medéia, e seus filhos, mortos pela mãe:

Quem dera que morresses! Vejo agora o que então não via, quando de uma casa e de um país bárbaro te trouxe para um lar helênico, a ti, grande flagelo, que atraíste o pai e a terra, que te criara. O teu gênio da vingança, os teus deuses o assestaram contra mim. Depois de teres matado teu irmão junto do próprio lar, embarcaste na nau de Argos, de bela proa.

Medeia, 1327/1335 – Tradução Maria Helena da Rocha Pereira¹⁴⁴

No lamento de Jasão, é o assassinato do irmão de Medéia que se faz conhecer. É à morte de Absirto, levada a cabo pela irmã ao pé do altar, que Eurípides se refere, ainda que de modo superficial nesse trecho de encerramento da tragédia.

Ainda no período clássico da história grega, outras notícias há de autores que exploraram o tema da viagem dos argonautas e do envolvimento amoroso entre Jasão e

¹⁴³ EURÍPIDES. *Op. Cit.* 64p.

¹⁴⁴ EURÍPIDES. *Op. Cit.* 101p.

Medéia. Também à guisa de curiosidade, como no caso do período arcaico, ao todo, restam notícias de sete tragédias chamadas *Medéia*, escritas por Neofron, Biotos, Carquinos, Dicaiógenes, Diógenes de Sinope, Eurípedes o jovem e Melantio¹⁴⁵. Outros tragediógrafos do período ainda escreveram sobre os demais aspectos do mito: Antifon, Aqueo e Queremon escreveram, respectivamente, *Jasão*, *Frixo e Mírias*. No campo da comédia, Antífanes, Dífilo e Nicocares escreveram suas *Medéias*, enquanto Epicarmo e Dífilo deram vida a *Âmico* e *Peliadas*, respectivamente.

3. Período Alexandrino

Na nova realidade sócio-político alexandrina e, por conseguinte sob suas tendências literárias, o mito argonáutico mostrou-se absolutamente adequado ao gosto dos poetas e de seu público erudito. A viagem dos primeiros navegantes possibilitava a descrição de lugares distantes e de costumes estrangeiros. Por sua vez, o périplo dos nautas pelos mares desconhecidos permitia a inserção de novos elementos na saga, de tal sorte que breves composições, a tratar de episódios específicos, passaram a ser compostas. Dois dos poemas de Teócrito (séc. III a.C.) – o Idílio XIII e Idílio XXII – são bons exemplos dessa opção literária¹⁴⁶.

O assunto do poder de Eros, tão caro aos alexandrinos, é o objeto do Idílio XIII¹⁴⁷, em cujos versos Teócrito demonstrava que nem mesmo o herói tirintio escaparia do império daquele deus. O argumento utilizado pelo poeta foi simples e relatou o desespero de Hércules

¹⁴⁵ FLACO, Valério. – *Las Argonauticas*. Tradução por Santiago López Moreda. Madrid: Akal/Clásica, 1996. 19p.

¹⁴⁶ A opção de situar cronologicamente Teócrito como iniciador da tradição alexandrina provém da opinião do tradutor francês, que o apresenta como fonte de inspiração para Apolônio de Rodas. In THÉOCRITE, MOSCHOS, BION. *Op. Cit.* 217p.

¹⁴⁷ THÉOCRITE, MOSCHOS, BION. *Op. Cit.* 69p.

pelo desaparecimento de Hílas, seu jovem e belo amado. Por sua vez, o tema do Idílio XXII¹⁴⁸ é a celebração dos Dióscuros – deuses favoráveis aos mortais, em particular aos marinheiros achacados pelas tempestades¹⁴⁹. Para tanto, Teócrito (na primeira metade do poema, que trata propriamente da saga argonáutica) narrou a vitória de Pólux contra Âmico, o rei pugilista. Tal é a suma dos acontecimentos: durante a travessia da nau Argo, após a travessia dos Rochedos Moventes, os heróis alcançaram o país dos Bebrícios. Lá, Cástor e Pólux saíram pelos campos, em reconhecimento do terreno. No curso das andanças, os dois heróis encontram Âmico, um homem insolente e cruel, que provocava os estrangeiros a lutar. Pólux aceitou o desafio e, apesar do porte gigantesco e da extraordinária força do adversário, abateu-o com seus golpes. No entanto, graças à sua generosidade, o Dióscuro não o matou, sob a condição de que Âmico nunca mais molestasse os estrangeiros.

Ambos os episódios descritos por Teócrito foram rapidamente incorporados à tradição literária da saga argonáutica. Tanto que poucos anos depois, na geração seguinte de poetas alexandrinos, os dois episódios já entraram na composição da primeira versão completa da gesta dos marinheiros jasônicos que alcançou a modernidade – as *Argonautica*, de Apolônio de Rodes (séc. III a. C.). Nesse longo poema épico alexandrino, o caráter coletivo e não belicoso da expedição marítima substituiu os antigos modelos heróicos e aristocráticos herdados de Homero (iliádicos e odisséico)¹⁵⁰, inadequados aos tempos cosmopolitas e relativamente pacíficos do helenismo. Mais uma vez, a preocupação com a erudição encontrou na saga dos marinheiros desbravadores do Ponto Euxino um veículo apropriado para a exposição dos elementos geográficos, culturais, antropológicos, religiosos e históricos. Além

¹⁴⁸ THÉOCRITE, MOSCHOS, BION. *Op. Cit.* 101p.

¹⁴⁹ THÉOCRITE, MOSCHOS, BION. *Op. Cit.* 223p.

¹⁵⁰ ROCHA PEREIRA, Maria H. *Estudos de História da Cultura Clássica – Volume I, Cultura Grega*. 10ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 76/78pp.

disso, com a valorização cortesã dos elementos eróticos da galanteria, o envolvimento amoroso entre Jasão e Medéia achou campo fértil entre os leitores¹⁵¹.

Vê-se, assim, que na versão rodiana do canto náutico jasônico a narrativa mítica já tratada por tantos poetas expandiu-se e aprofundou-se – ganhou detalhes, nuances e apresentou tradições pouco conhecidas e raras. Por sua vez, a tradição literária foi meticulosamente compilada, de tal sorte que os incontáveis elementos variantes do mito, advindos do legado literário tão valorizado pelos círculos de poetas e pensadores sustentados pelo Museu, foram incorporados à narrativa, de tal maneira que a raridade e a preciosidade das citações engrandeciam o poema¹⁵².

Eis o resumo de seu argumento¹⁵³. O Canto I inicia-se com a chegada do jovem príncipe Jasão às terras de seus antepassados, para reclamar o trono que fora usurpado de seu pai Éson por seu tio Pélias. Avisado, por antigas profecias, da ameaça que o sobrinho representava, o astucioso e dissimulado tirano prometeu, então, restituir-lhe os direitos caso o rapaz conseguisse viajar à misteriosa e longínqua terra da Cólquida e de lá trouxesse para os altares de Iolcos o Velocino de Ouro. Assim, na companhia de cinquenta e cinco companheiros¹⁵⁴ ávidos por glória e por renome, Jasão embarcou na nave encomendada a Argos por Atena, e, com eles, viajou pelo Egeu em direção ao Bósforo. No caminho, entretanto, a expedição arribou na ilha de Lemnos e seus tripulantes conheceram e coabitaram com as facínoras que pouco tempo antes haviam exterminado da ilha todos os homens. Se, no

¹⁵¹ TRYPANIS, C. A. *The Character of Alexandrian Poetry*. Greece and Rome, vol. XVI, n° 46, Jan. 1947. 2p. e ss.

¹⁵² EASTERLING, P. E; KNOX, B. M. W. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – I Literatura Griega*. Madrid: Editorial Gredos. 1989.634p.

¹⁵³ RHODIO, Apollonio. *Os Argonautas*. Tradução José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional. 1852.

¹⁵⁴ Rol dos Argonautas, na ordem disposta por Apolônio de Rodes, nas *Argonáuticas* (vv. 23-226): Jasão, Orfeu, Astérion (filho de Cometes), Polifemo (filho de Élato), Íficio, Admeto, Eurito, Équion, Etálide, Corono, Mopso, Eurídamas, Menécio, Eurícion, Euríbetes, Oileu, Canto, Íficio, Clício, Peleu, Telamon, Butes, Falero, Teseu, Tífis, Flias, Talau, Aréio, Leódoco, Hércules, Náuplio, Idmon, Cástor, Pólux, Ida, Linceu, Periclímene, Anfidamas, Cefeu, Anceu (filho de Licurgo), Áugias, Astérion (filho de Heperásio), Anfíão, Polifemo e Anceu (filhos de Poseidon), Ergino, Meleagro, Laconte, Eneu, Íficio (filho de Téstio), Íficio, Zetes, Calais, Acasto, e, Hílas (que não era remeiro, mas valete de Hércules).

poema de Píndaro, a nau Argo aportara na ilha de Lemnos no retorno da viagem, foi no início da expedição que Apolônio de Rodes dispôs a chegada dos Mínios, em uma primeira e marcante variação do mito, que se justifica pelo caráter preparatório das aventuras eróticas posteriores de Jasão. Ademais, no canto de Apolônio, o crime das mulheres foi descrito apenas de modo sucinto, enquanto a estada dos argonautas entre as lemnianas foi alongada a ponto de despertar a furiosa reação de Hércules, que recriminou os sócios pela demora inglória. Não é sem razão que esse episódio costuma ser relacionado com a estada de Ulisses na ilha de Circe¹⁵⁵. Seguindo novamente a rota em direção ao levante, os navegantes alcançaram a ilha de Samotrácia, onde foram iniciados em seus Mistérios. Daí, atingiram a terra dos Doliões, cujo rei Cízico os recebeu como anfitrião generoso, e ao lado de quem os argonautas combateram os gigantes que acoassavam a região. Abastecidos de provisões e água, os marinheiros, a seguir, retornaram ao mar. E o fizeram após amigáveis despedidas e votos de mútua felicidade. Entretanto, por obra dos Fados, a noite mudou a rota do baixel e fez os heróis retornarem à ilha de Cízico, sem que soubessem o rumo que tomavam. E como a noite lhes toldasse a visão, os argonautas entraram em luta contra os ilhéus e chacinaram o rei e seu exército. Quando, todavia, a manhã lhes mostrou a tragédia, eles, compungidos, sofreram e, por doze dias, expiaram o crime. Só depois de purificados os nautas, os deuses permitiram a continuação da jornada. Um novo episódio foi então narrado. Apolônio incorporou ao mito dos argonautas o tema do rapto de Hílas, já abordado por Teócrito. Hércules, que trucidara os pais do rapaz, tomara-o como valete para carregar seu arco e, tendo partido o remo no esforço da navegação, precisou desembarcar para conseguir um olmo com o qual faria novo remo. Hílas o acompanhava, até ser atraído pelas ninfas, que o imergiram na correnteza, matando-o. Polifemo, um dos argonautas, ouviu-lhe os gritos e contou ao Tiríntio o que ocorrera.

¹⁵⁵ BEYE, Charles R. – *Ancient Epic Poetry – Homer, Apollonius, Virgil*. 1. ed. London: Cornell University Press, 1993. 199p.

Héracles, portanto, tomado de dor, partiu em busca do amigo, perdendo-se nas matas. Antes de seu retorno, porém, chegou a manhã e os Argonautas, sem darem pela falta dos três tripulantes, partiram novamente. O antigo herói¹⁵⁶, representante da tradição homérica e dos valores de uma sociedade arcaica foi, assim, abandonado, possibilitando o aperfeiçoamento de um novo modelo heróico cosmopolita, cortesão e não misógino¹⁵⁷ de um mundo alexandrino, representado por Jasão.

O episódio seguinte abre o Canto II. Trata-se de outro tema já abordado por Teócrito: o combate de Âmico e Pólux. Nesse trecho da épica alexandrina, o rei dos Bebrícios desafiou os nautas que desembarcaram em sua ilha a um combate singular de pugilato. Pólux, intrépido, aceitou o desafio e venceu o gigante, matando-o, diferentemente da versão de Teócrito. Era a reafirmação do episódio de abandono de Héracles, porquanto Âmico, assim como o Tiríntio, representava as virtudes decadentes de um mundo arcaico já não suportável para os padrões alexandrinos. Âmico, portador da βίη¹⁵⁸, foi, como Héracles, o herói solitário, tosco e rude, que deveria ser vencido pela τέχνη do jovem herói ágil, charmoso e cooperador. Como Héracles, Âmico era uma caricatura¹⁵⁹ do herói primário e não civilizado, segundo os conceitos de Alexandria. Apolônio, assim, reafirmava sua aversão pelos padrões pretéritos de valor. De volta ao mar, contudo, a próxima parada do navio deu-se na ilha onde Fineu era achacado constantemente pelas terríveis harpias, que lhe tomavam da boca os alimentos e emporcalhavam suas refeições, castigando-o com a fome. Fineu, um rei dotado de clarividência, cunhado dos Boréades, recebera tal punição de Zeus por ter revelado seus desígnios secretos, como já narrado por Hesíodo. Sua esperança era ser libertado pelos filhos

¹⁵⁶ GARSON, R. W. "The Hylas Episode in Valerius Flaccus' *Argonautica*". In *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 13, No.2, Nov, 1963. 260p.

¹⁵⁷ BEYE, Charles R. – *Ancient Epic Poetry – Homer, Apollonius, Virgil*. 1. ed. London: Cornell University Press, 1993. 202p.

¹⁵⁸ CUYPERS, M. P. *Apollonius Rhodius. Argonautica 2.1-310 A Commentary*. Proefschrift ter verkrijging van de graad van Doctor aan de Rijksuniversiteit te Leiden. Leiden. 1997. 5p.

¹⁵⁹ CUYPERS, M. P. *Op. Cit*, 8p.

de Bóreas, que espantariam as harpias, como de fato ocorreu. Zetes e Calais perseguiram as “cadelas de Zeus” até as Ilhas Flutuantes, quando Íris intercedeu, enviada pelo Pai dos Deuses, salvando da morte as híbridas monstruosidades. Em recompensa à sua libertação, Fineu predisse aos navegantes o sucesso da empresa e ensinou-lhes a passar pelos Rochedos Moventes: que mandassem uma pomba para atravessar os escolhos e que a seguissem, caso esta sobrevivesse. Tal seria o último percalço que os argonautas enfrentariam antes de chegar à Cólquida. Então, como predito pelo cego adivinho, os marinheiros zarparam e alcançaram as terríveis ilhas Ciânidas. Seguindo a orientação recebida, enviaram a pomba e remaram após ela, com toda a força dos braços heróicos. Em socorro a eles, Atena desceu do céu e ajudou-os a vencerem mais aquele desafio. Em seqüência, os intrépidos heróis viram a passagem de Apolo, que cruzava os céus em sina de bonança; viram, a seguir, o túmulo de Esteneu; viram o Aqueronte, o Termodonte, o país dos Cálibes, a terra dos Mariandinos, a região das Amazonas e, nas imediações da Ilha de Ares, encontraram os filhos de Frixo, que os conduziram à foz do rio Fase, onde o mar Negro terminava.

Inicia-se, então, o Canto III, em uma interessante inversão da modalidade do canto do poeta. Até então, a narrativa era regida pela invocação inicial, feita a Apolo no princípio da obra¹⁶⁰. Já nesse terceiro Canto, foi a Érato que Apolônio de Rodes invocou, colocando-se à disposição da Musa do Canto Amoroso; e foi Afrodite a deusa a quem ele nomeou logo a seguir:

Sus! Agora me assiste, Erato, e conta
 Como a Iolchos Jason o vélo de ouro
 Co'favor de Medea conduzira;
 A ti de Vênus o mister foi dado,

¹⁶⁰ “Com teus auspícios, cantarei, ó Phebo,
 Os antigos Heroes, que aventureiros
 Por Pélias demandando o velo d’ouro,
 Do Ponto pela foz, e Cyaneas rochas
 Argo, não bem travada, pilotaram”

Os Argonautas, I, 1p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

E com disvelos teus inuptas Virgens
Amansas, e d'ahi vem teu nome amavel
Os Argonautas, II, 123p – Tradução José Maria da Costa e Silva¹⁶¹

Sob a invocação da Musa amorosa, o Canto III das *Argonautica* rodianas, então, descreve o envolvimento de Jasão e Medéia, bem como as provas que o jovem herói venceu para conquistar o velocino. Nesses versos, a todo instante, os poderes de Afrodite se afirmaram, em uma visão, mais uma vez tipicamente alexandrina, de que excelência do herói seria representada por seu poder de sedução. Novos elementos, a seguir, foram adicionados ao mito. Já com os argonautas desembarcados na Cólquida, Hera e Atena aliaram forças a fim de conquistar para Jasão o indispensável apoio de Afrodite. Esta, atendendo ao pedido das duas outras deusas, concedeu que Eros, seu filho, intercedesse na trama e flechasse Medéia, para que esta, inflamada de amor, ajudasse o Esônide. Eros concordou em atender o pedido da mãe; tanto que, quando Jasão se dirigia ao palácio do rei dos Colcos a fim de pedir-lhe o velo do carneiro que transportara seu antepassado pelo mar, Hera fê-lo encontrar-se com a jovem Medéia – e o filho de Afrodite a atingiu certo, levando-a a apaixonar-se imediatamente pelo garboso herói. Por seu turno, Jasão, diante do trono, reivindicava o tosão a Eetes, que se enfureceu. No entanto, por dever de hospitalidade, o rei não pôde mandar matar o comandante da nau Argo, mas propôs-lhe, em contrapartida, dura provação: para merecer o pelame dourado, o jovem tessálio deveria jungir os touros bronzípedes e ignívomos que lhe haviam sido dados de presente por Hefesto; além disso, deveria semear, com os dentes da serpente de Cadmo, as messes traçadas pela charrua, das quais nasceriam guerreiros de pedra, que teriam de ser derrotados. Sem qualquer outra opção, Jasão aceitou o repto, enquanto Medéia, que a tudo observava, sofria pela certeza da morte de seu amado. Combalido, Jasão

¹⁶¹ RHODIO, Apollonio. *Os Argonautas*. Tradução José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional. 1852. 123p

retornou para junto dos seus, pronto para encarar seu fim. Mas Argos, filho de Frixo, dispôs-se a ajudá-lo. Para tanto, pediu à sua mãe Calcíope que intercedesse junto a Medéia para que esta, conhecedora de magias e de poções, salvasse o capitão dos Minios. Fê-lo Calcíope e Medéia, já predisposta em razão de seu amor, acedeu aos rogos da irmã, preparando o feitiço, que entregou a Jasão no dia seguinte, no templo de Hécate. Em retribuição, este lhe prometeu o casamento. Graças ao feitiço, Jasão, então, conseguiu jungir os touros, semear os dentes da serpente e matar os guerreiros de pedra, com o artifício de lançar no meio deles uma grande pedra, incitando-lhes a discórdia. Enquanto isso, Eetes, amargurado, a tudo assistia.

Abre-se o Canto IV. Medéia, resolvida a continuar prestando socorro a Jasão, despediu-se do leito, do quarto e do palácio de seus antepassados. Acompanhou, então, o louro herói até a floresta, onde, sobre um carvalho, o Velocino resplandecia. A serpente guardiã, chamada pela jovem feiticeira, aproximou-se, mas Medéia, com um encantamento, fez o monstro adormecer. Então, de posse do tão almejado pelame dourado, Jasão e a princesa partiram para a Nau, que os esperava pronta para zarpar. Daí, os tripulantes fugiram da Cólquida, navegando ao largo do Danúbio, em direção ao mar Adriático. Nesse ínterim, Eetes, que descobrira o roubo e o rapto de sua filha, mandou que seu filho Absirto os seguisse; e este o fez, alcançando-os na ilha de Ártemis, onde, numa emboscada, Medéia convenceu Jasão a matá-lo. O capitão hemônio assim procedeu. Contudo, o crime de sangue abateu o ânimo da tripulação. Maculados pelo assassinio, os argonautas foram, então, informados pela Nau falante – cujo mastro de carvalho do monte dodônio, fornecida por Atenas, tinha dons proféticos – de que, para recuperarem o vigor, deveriam ser purificados por Circe. Por isso, a embarcação dirigiu-se para a ilha da feiticeira tia de Medéia, que os purificou embora não soubesse qual fora o crime cometido. Depois, a navegação pôde prosseguir. Com a ajuda de Tétis, Argos conseguiu vencer os perigos de Cilas e Caríbdis, chegando, finalmente, ao reino de Feácios,

onde Alcino os recebeu e os hospedou. Nesse meio tempo, arribou na ilha um navio de Eetes, que pedia a devolução de Medéia. Alcino, zeloso pelos deveres de hospitalidade, informou-lhes que só entregaria a princesa ao pai se ela ainda se mantivesse virgem. Sabedores da condição, Jasão e Medéia casaram-se imediatamente, garantindo, assim, a salvaguarda da princesa. Daí, em retorno à Acaia, um mau tempo levou a nau até as costas da Líbia. Perdidos no deserto, os marinheiros foram, contudo, salvos pelo sonho de Jasão, que lhes instruiu sobre a saída. Eles carregaram nos braços o navio até um lago, encontrando Tritão que os ajudou a partir. Alcançaram, então, Creta, onde Medéia mata, por telepatia, Talos, o último gigante de Bronze, e chegaram, finalmente, à Tessália, pondo fim à expedição.

Terminava, assim, a saga argonáutica rodiana, com final feliz, bastante adequado ao gosto cortesão alexandrino. Os desdobramentos nefastos da história de Jasão e Medéia não couberam na narrativa aventureira, já abordados pelos trágicos clássicos atenienses. Por outro lado, a riqueza de detalhes e de informações étnico-geográfico-culturais ao gosto ptolomaico garantiu a perenidade da obra, em sua inteireza para a posteridade. O herói cosmopolita helenístico estava descrito, o romance entre Medéia e Jasão bem representava a influência do asianismo que se espalhava pela cultura literária da época.

4. Do Período Republicano Latino até os Neotéricos

Tributária imediata do helenismo, a literatura latina teve seus primórdios ligados à tradução de textos gregos¹⁶², por meio dos quais, romanizados desde as produções de Lívio Andronico, construiu-se também um *corpus* literário do mito Argonáutico e dos amores de Jasão e Medéia.

¹⁶² ROCHA PEREIRA, Maria H. *Estudos de História da Cultura Clássica*. 3ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 95p.

Sabe-se, por citação de Cícero, que o vetusto Ênio traduziu a *Medéia* de Eurípides:

Desse gênero é isso, de Ênio:
Oxalá no bosque do monte Pélio, pelos machados
Cortadas, não houvessem caído à terra as traves de abeto!

E:

Pois nunca minha errante senhora levaria para fora de casa o pé,
Ó Medéia, de espírito triste, ferida por cruel amor.
Tradução – José Rodrigues Seabra Filho¹⁶³

É bem verdade que da tradução feita por Ênio da tragédia euripídiana não restam elementos suficientes para que possam ser traçadas quaisquer variantes do tema argonáutico, nem mesmo para que se compreenda o motivo da escolha do tema. No entanto, a sua mera existência já demonstra o interesse dos escritores latinos pelo assunto.

As primeiras variantes da saga marítima legadas pela tradição literária latina aparecem, de fato, na obra de Catulo, mais precisamente no célebre *Poema 64, Epitalâmio de Tétis e Peleu*. Trata-se de um dos *carmina docta* da coleção catuliana, ou seja, um dos poemas de maior vinculação com a poética alexandrina, cujas características neotéricas básicas podem ser definidas por sua rebuscada elegância formal e pela notável inspiração erudita¹⁶⁴. Nesse epílio – gênero considerado como o exemplo de excelência poética no período – Catulo narrou as núpcias de Peleu e de Tétis, em dois momentos – o enamoramento e a festa nupcial. Entremeando os dois episódios, o mito do abandono de Ariadna parece oferecer um contraponto ao exemplo de fidelidade e constância conjugal, objeto principal da escolha do enredo mítico:

Diz-se que outrora pinheiros nascidos no cimo do Pélio navegaram pelas límpidas águas de Netuno até as ondas do Fásis e ao país de Eetes, quando jovens escolhidos, flor da

¹⁶³ CÍCERO. *Sobre o Destino*. São Paulo. Nova Alexandria. 1993.27p.

¹⁶⁴ CITRONI, M; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 372p.

raça Argíva, desejosos de tirar aos Colcos o velo de oiro, ousaram percorrer numa popa ligeira as salsas ondas, batendo o mar cerúleo com remos de abeto. Foi a própria deusa que, no alto das cidades, guarda as fortalezas, quem lhes construiu, juntando o madeiramento de pinho do casco recurvado, o carro que voa ao menor sopro. Foi ela a primeira que ensinou a percorrer a ignorante Anfitrite. Logo que com o esporão cortou o mar ventoso e a onda ferida do remo ficou branca de espuma, as nereides puseram os rostos selvagens fora do branquejante abismo, admirando aquela maravilha. E só naquele dia viram olhos mortais as Ninfas marinhas de corpo nu elevar-se, até os seios, do branco abismo. Diz-se que, então, Peleu se apaixonou por Tétis, que foi então que Tétis não desprezou as núpcias com um homem, que então o próprio pai julgou dever ligar Peleu e Tétis. Salve, heróis que nascestes em época tão desejada, salve filhos dos deuses, salve ainda, ó boa progênie das mães. Muitas vezes vos hei de invocar nos meus versos, a ti sobretudo, Peleu, sustentáculo da Tessália, tu que foste honrado com um casamento feliz, a quem o próprio Júpiter, pai dos deuses, cedeu seus amores”¹⁶⁵.

Três elementos merecem, pois, ser destacados nessa versão neotérica da jornada marinheira. Imediatamente, salta aos olhos o momento do primeiro encontro de Peleu e Tétis, cuja tradição fazia remontar a um tempo pretérito ao da expedição. Em Apolônio de Rodes, por exemplo, foi graças à preexistente ligação entre a deusa e o mortal que o navio conseguiu vencer os perigos de Cilas e Caríbdis. Já em Catulo, por seu turno, os pais de Aquiles viram-se e enamoraram-se apenas quando o barco alcançou as salsas águas do mar.

Outro elemento variante do mito encontrado no poema de Catulo refere-se à primazia na abertura do mar por Jasão e seus companheiros. Até então, a expedição dos Argonautas era tida como inaugural não apenas da travessia do Ponto Euxino, mas de toda a navegação¹⁶⁶, como o próprio Catulo faz saber em seu verso 11:

Foi ela a primeira que ensinou a percorrer a ignorante Anfitrite¹⁶⁷

Explicando quem seja Anfitrite, diz o tradutor português:

Anfitrite, deusa do mar, ainda não conhecia a navegação¹⁶⁸.

¹⁶⁵ CATULO. *Poesias*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1933. 69p.

¹⁶⁶ TORRES-MURCIANO, Antonio R. *El Proemio de Valerio Flaco. Una lectura retórica*. Cuadernos de Filologia Classica. Estudios Latinos. Madrid. Universidad Complutense de Madrid. 2005. 81p.

¹⁶⁷ CATULO, *Op. Cit.* 69p.

¹⁶⁸ CATULO, *Op. Cit.* 69p. nota 7.

Entretanto, o mesmo Catulo, e no mesmo poema, retirou da nau Argo a qualidade de primeiro navio, uma vez que a travessia de Teseu, descrita na *ékphrasis* do bordado do *puluinar* já contemplava essa mesma façanha. Argo, contudo, mantém sua importância, embora não mais persista na qualidade inaugural:

Esta coberta, matisada de figuras de homens antigos, representa com arte maravilhosa as valorosas acções dos heróis. Olhando para longe, no litoral de Dia que retumba com o ruído das ondas, Ariadna, com a alma cheia dum furor indomável, vê Teseu afastar-se com a frota célere¹⁶⁹.

O terceiro – e talvez o mais importante – elemento do mito argonáutico adicionado por Catulo foi o carácter sacrílego da viagem¹⁷⁰. Essa percepção da abertura do mar como nefasta acarretaria, segundo a versão do poeta de Verona, o próprio fim da Idade de Ouro (note-se que não se trata da versão hesiódica do mito das raças)¹⁷¹:

Mas, depois que a terra se imbuí do crime nefando e todos expulsaram a justiça das mentes cubiçosas, os irmãos mergulharam as mãos no sangue fraterno, o filho deixou de chorar a morte dos pais, o pai desejou o funeral do filho na flor da idade, para se apoderar da virgindade de uma donzela e a tornar madrasta, e a mãe ímpia, dentando-se sob o filho ignorante, não temeu, a ímpia, profanar os deuses Penates; a confusão que, por delírio, se fez do bem e do mal afastou de nós o espírito justo dos deuses, e por isso se não dignam visitar as nossas reuniões nem se deixam tocar à clara luz do dia¹⁷².

Ainda em referência ao período neotérico da literatura clássica, tem-se conhecimento da existência de uma primeira versão latina das *Argonauticas*, escrita por Varrão Atacino, hoje perdida. Ao que parece, tratava-se de um poema em quatro cantos, de feição rodiana, citado

¹⁶⁹ CATULO, *Op. Cit.* 71p.

¹⁷⁰ TORRES-MURCIANO, Antonio R. *Op. Cit.* 83p.

¹⁷¹ Seguem-no: **Val. Fl. 1. 3-4:** *ausa* sequi .../rumpere; **Hor. Carm. 1.3.25-6:** Nequicquam deus abscedit/ prudens Oceano dissociabile/ terras, si tamen impiae/ non tangenda rates transiliunt vada./ **Audax** omnia perpeti/ gens humana ruit per uetitum nefas; **Sen. Med. 301-2:** *audax* nimium qui freta primus/ rate tam fragili perfida rupit.

¹⁷² CATULO, *Op. Cit.* 89p.

por Sêneca – o Retor –, e por Probo¹⁷³. Entretanto, apesar de provavelmente bem traduzida e de ter alcançado certa notoriedade em seu tempo, sobre essa obra o julgamento mais corrente foi aquele deixado por Quintiliano, ainda nos finais do Século I: Varrão teria sido apenas o *interpres operis alieni* – ou, um intérprete da obra alheia¹⁷⁴

5. Período de Augusto, ou Geração de Ouro da Literatura Latina

É consensual que o apogeu da literatura latina tenha coincidido com o principado de Augusto. Nesse período, em que a tônica nacionalista era incentivada pela política de propaganda capitaneada por Mecenas, a produção literária foi favorecida pela formação dos círculos literários em voga na Roma do início do Império. O empenho do *Princeps* em robustecer as instituições pátrias suscitou o retorno aos elogios das antigas virtudes e da história romana, em auxílio à proposta otaviana da solidificação da *Pax augustea*. Entretanto, embora não apresentasse vinculação direta com o passado glorioso da Urbe, a temática do ciclo argonáutico não foi jamais esquecida pelos poetas da Geração Áurea. Muitas foram as referências, diretas e indiretas, aos feitos dos navegantes de Argo nessa época, haja vista, entre muitos exemplos possíveis, o Canto IV da *Eneida*, em que os sofrimentos da Medéia rodiana foram fonte de inspiração para o desespero de Dido¹⁷⁵, ou o ainda a tragédia de Ovídio, *Medéia*, infelizmente hoje perdida.

Quanto a Ovídio, sua predileção pelo tema argonáutico é evidente. Em suas cartas imaginárias dos amantes, as *Heroides*, o autor sulmonense guardou duas missivas para Jasão, em cujo teor algumas variantes do tema podem ser encontradas: uma de Hipsípila e outra de

¹⁷³ FLACO, Valério. – *Las Argonauticas*. Tradução por Santiago López Moreda. Madrid: Akal -Clásica, 1996. 19 p.

¹⁷⁴ Quintiliano, Inst. Orat. X, 1, 87.

¹⁷⁵ HENRY, R. M. “Medea and Dido”. *The Classical Review*. Vol. 44. n° 3. Jul. 1930. 99p.

Medéia. Certamente, a abordagem do mito pelo poeta não mais guardava nenhuma relação direta com sua etiologia; no entanto, permitia-lhe, apesar de sua artificialidade, representar emoções tipicamente humanas – desesperança, ciúmes e ira.

Na *Epistula Sexta – Hypsipyle Jasoni*¹⁷⁶ – Hipsípila, filha do rei Toas, ao saber do regresso da expedição dos argonautas à Tessália, e das aventuras por que Jasão, seu amado, teria passado – inclusive seu casamento com Medéia –, lamentou-se pela traição. Grosso modo, não há divergências acentuadas entre a versão de Ovídio e aquela herdada de Apolônio de Rodes e, presumivelmente, a de Varrão Atacino. Entretanto, alguns poucos elementos, ou novas variantes do mito, podem ser extraídos dos versos elegíacos. Nos versos 44 e 45, há a notícia do casamento da rainha de Lemnos com o comandante da nau:

Juno, deusa do casamento,
Compareceu, e Himeneu, com as tēmporas cingidas por guirlandas¹⁷⁷

Logo adiante, no verso 48, Hipsípila se dirigiu a Tífis como se este, o primeiro piloto da nave, a quem Minerva ensinara a arte da navegação e que morrera (segundo a versão rodiana) à entrada do Ponto Euxino, permanecesse vivo, quando do retorno da expedição:

E tu, piloto Tífis, que te importa minha pátria?¹⁷⁸

Outra variante do mito, fornecida por Ovídio nos versos 56 e 57, foi a duração de mais de dois anos da jornada. Ressalte-se apenas que, para Apolônio de Rodes, a viagem estendera-se apenas por poucos meses:

E, para ti duas vezes o verão e duas vezes o inverno passaram,

¹⁷⁶ OVIDE. *Les Héroïdes*. Paris: Librairie Garnier Frères. 1932. 77p. e ss.

¹⁷⁷ (...)Pronuba Juno

Adfuit, et sertis tempora vincetus Hymen.

Heroides, VI, 44/45.

¹⁷⁸ Quid tibi cum patria, navita Tiphy, mea?

Heroides, VI, 48.

E a terceira colheita chegava, quando tu...¹⁷⁹

Interessam ainda os elementos dispersos por todo o poema, cujas citações se tornam inviáveis em excertos. Por exemplo, é curiosa a seqüência iniciada pelo verso 79, em que Hipsípila asseverou que sua união com Jasão teria sido motivada pelo desejo despertado no varão em razão da beleza e da virtude da lemniana, enquanto o amor por Medéia teria tido sua matriz nos encantamentos da feiticeira colca – em uma inversão do modelo de Apolônio que atribuía aos poderes de Eros o nascimento da paixão. Do mesmo modo, a valorização de Hipsípila nos versos 135 e ss., pelo elogio à sua piedade filial – virtude tipicamente romana –, encerra a seqüência de variantes nessa sexta composição das *Heróides*.

A outra carta ovidiana endereçada ao herói múnio é a *Epistula Duodecima – Medea Jasoni*¹⁸⁰. Trata-se do pedido de Medéia para que Jasão conservasse consigo os filhos, embora ela partisse. É o momento em que se prepara o desfecho tradicional dado pelos tragediógrafos ao mito, quando a princesa ultrajada pedia ao marido que recebesse os filhos, em um plano macabro anunciado pelo verso final do poema:

Que tenha em conta tudo isso o deus que me revolve, agora, o coração;
É um não sei quê mais grandioso que a minha alma vai tramando.¹⁸¹

Heróides, XII, 211/212 – Tradução de. Carlos Ascenso André

Antes, porém, Ovídio acompanhara mais uma vez a tradição estabelecida pelo autor alexandrino, utilizando, entretanto, a versão euripídiana do mito, porquanto fizesse constar o assassinato perpetrado pelas filhas de Pélias, objeto dos ciclos trágicos. Um detalhe, todavia,

¹⁷⁹ hic tibi bisque aestas bisque cucurrit hiems.
tertia messis erat, cum tu...

Heróides, VI, 56/57.

¹⁸⁰ OVIDE. *Op. Cit.* 137p e ss.

¹⁸¹ Vederit ista deus, qui nunc mea pectora versat:
Nescio quid certe mens mea majus agit.
Heróides, XII, 211/212

apresenta-se variante com relação ao mito até então celebrado na literatura. Medéia anunciou a possibilidade do irmão Absirto não ter sido simplesmente morto por Jasão e por ela enterrado, como na versão rodiana. Na realidade, ela assumiu a culpa como inteiramente sua, em um ato tão nefando que o autor se recusou a registrá-lo no dístico dos versos 115 e 116:

O que minha mão ousou fazer, não ousa ela escrevê-lo,
Assim devia eu, mas contigo, ter sido esquartejada.¹⁸²
Heroides, XII, 115/116 – Tradução Carlos Ascenso André

De grande importância também para o ciclo argonáutico latino foram os *Fastos*¹⁸³, a inacabada obra de Ovídio cujo tema versava sobre as efemérides romanas – o registro, dia a dia, dos acontecimentos históricos, religiosos e mitológicos comemorados na Urbe. Foi nessa obra que o poeta narrou, em versos hexâmetros, a fábula de Heles e Frixo:

Agora, olhando o sol, dizer já podes:
- “Brilhou ontem no aurígeno carneiro.” -
Memoremos-lhe a história: Os grãos de Ceres,
Tostados por traição da ímpia madrasta,
Sem proveito nos sulcos se espargiam;
Nem felpa de verdura à luz brotava,
Dos negrejantes chãos; tremenda a fome
A Tebas ameaçava. Núncio mandam
A consultar a Trípole em Delfos;
Desse infalível deus conselho aguardam,
Que fecunde o solo. Mas o núncio
Vai já da mesma pérfida peitado.
Volve e diz ser do oráculo resposta,
Que, se querem colheita, o sangue vertam
Da princesa e do príncipe; o teu, Heles;
Viçoso Frixo o teu. Resiste à ordem
No régio peito o coração paterno.
Mas o povo, a penúria, Ino madrasta,
Constrangem-no a ceder à lei nefanda.
Ei-los perante as aras retoucados
De frônedeos ramos, vítimas consocias,
Irmão no afeto, irmão na desventura,
E ambos carpindo o seu comum desastre.
A mãe, que neste lance anda pairando

¹⁸² quod facere ausa mea est, non audet scribere dextra.
sic ego, sed tecum, dilaceranda fui!

Heroides, XII, 115/116

¹⁸³ OVÍDIO. *Fastos*. Tradução Antônio Feliciano Castilho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores. 1964. 105p e ss.

Lá nos altos do ar os vê; delira;
 Fere o peito; de chofre, envolta em nuvens,
 Descende à draconígena cidade,
 Rouba-lhe os filhos seus; para que fujam
 Lhes entrega aurifúlgido carneiro;
 Leva-os ele através das vastas ondas.
 De Heles a esquerda mão mal firme às pontas
 Desfalece, despega-se; precipite
 Cai a mísera, afunda-se no pego,
 Desde então Helesponto apelidado.
 O irmão, que inda lidou para acudir-lhe,
 Ia tendo igual sorte. As mãos estende,
 Chora, crendo afogada a companheira
 Dos infortúnios seus; inda não sabe
 Que o deus do campo azul a quis por sua.
 Já na praia aportou. Sobe às estrelas
 O carneiro, astro novo; mas o velo
 Grenha de ouro, é mandado à régia Colchos.

Fastos, III, 849/876 – Tradução de António Feliciano Castilho.

Da obra de Ovídio ainda resta um largo exemplo, talvez o de maior envergadura e extensão, do uso do mito argonáutico na literatura latina do período de Augusto – os 394 primeiros versos do Livro VII das *Metamorfoses*¹⁸⁴. Nesses versos, dispostos na seção do *carmen perpetuum* reservada às histórias de amores patológicos e de paixões contrárias à natureza (juntamente com a história de Tereu, cuja violência para com a cunhada Filomela é punida por Procne, que lhe prepara uma refeição com a carne de Ítis, seu próprio filho; de Cila, que traíra a pátria e os parentes; de BÍblis e de sua paixão incestuosa pelo irmão Cauno; de Mirra, que se apaixona pelo pai; de Céfalo e Prócris, com seus trágicos equívocos; de Céix e Alcione, separados pela morte e reunidos pelas metamorfoses, etc)¹⁸⁵, encontra-se o exemplo de Medéia, que atraíçara a pátria e os pais e que sacrificara os laços de sangue em prol de um amor desvairado, justificando-se, assim, o uso do mito. No entanto, como nenhuma variante importante da narrativa dos argonautas foi inserida no corpo do poema ovidiano, apenas seu registro faz-se importante, sem necessidade de detalhamento de seu enredo.

¹⁸⁴ OVÍDIO. *Metamorfoses – Volume I*. Lisboa: Editora Nova Vega. 2006. 304p. e ss.

¹⁸⁵ CITRONI, M; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006. 599p.

Outro autor do período augústeo que tratou do mito dos argonautas foi Higino. Não comportando aqui a discussão quanto à datação precisa de sua vida, basta que seja aceito o consenso de que, se o autor não é aquele liberto de Augusto – nomeado pelo imperador para o cargo de organizador da Biblioteca Palatina conforme notícia de Suetônio –, teria, pelo menos, vivido no primeiro século da era cristã, o que não rompe totalmente a seqüência cronológica até aqui estabelecida¹⁸⁶.

Sob esse argumento, é do autor das *Fabulae* a primeira versão latina em prosa integral da história de Jasão e Medéia. Sem se deter nas aventuras e peripécias marítimas dos argonautas, Higino teve por foco de sua sucinta narrativa os seguintes tópicos: Frixo, Eetes, Absirto, Jasão e as Filhas de Pélias, Medéia e Medéia Desterrada. Trata-se, provavelmente, de resumos de peças teatrais perdidas, com exceção da *Medéia*, de Eurípides.

Em *Phrixus*, o pretense bibliotecário de Augusto contou a história da fuga de Frixo e de Heles, filhos da Nuvem. Por intervenção da mãe, os dois foram salvos sobre um carneiro dourado, filho de Netuno e Teófanos, o qual Nuvem ordenou ser imolado em honra a Marte tão logo alcançasse a Cólquida. No percurso, porém, Heles caiu no mar, nomeado, desde então, Helesponto. Frixo, entretanto, chegou à Colquida e, seguindo os conselhos da mãe, imolou o carneiro e depositou o pelame dourado no templo de Marte. Frixo, de bom grado, recebeu a filha do rei, Calcíope, como esposa. Dessa união nasceram quatro filhos: Argos, Frontis, Melas e Cilindro. O rei Eetes, contudo, recebeu o vaticínio de que se deveria precaver contra a morte causada por um descendente de Éolo e, por um erro de interpretação, julgou-se então ameaçado por Frixo, matando-o a seguir. Os filhos de Frixo, em fuga da Cólquida e em busca do reino do avô Atamas, sofreram um naufrágio, próximos à ilha de Dia, quando

¹⁸⁶ CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Op. Cit.* 646p.

encontram Jasão e os Argonautas. Pela salvação dos filhos, Calcíope ajudou os múnios a conseguirem o auxílio de Medéia.

Já em *Aeeta* e *Absyrtus*, nenhuma informação nova se aduz à tradição. Seguindo a seqüência narrativa de Apolônio de Rodes, Jasão se apresentou ao rei, solicitou a entrega do velo, recebeu as tarefas e as cumpre, sob a proteção de Vênus, que fez Medéia se apaixonar pelo louro capitão dos hemônios e ajudá-lo em seus perigos. Com a fuga da filha e dos argonautas, Eetes enviou o filho em perseguição a eles. À sorrelfa, Jasão o encontrou durante um sacrifício a Minerva e o matou, sendo o corpo inumado por Medéia, como bem se lê nas *Argonautica* alexandrinas.

Informações novas relativas ao mito chegam, sim, em *Peliades*. Como Apolônio de Rodes preferira terminar sua história com final feliz, conforme o gosto da corte alexandrina, a sucessão de fatos ocorridos após o retorno da expedição ficou a cargo dos autores trágicos a narração dos eventos posteriores. Entretanto, perderam-se as obras originais. Do resumo de Higino, conservaram-se, assim, as seguintes informações: sabendo-se em perigo pelo ódio de Pélias, Jasão imaginou um modo de livrar-se do tio. Para tanto, precisou mais uma vez do auxílio de Medéia. Esta, encontrando-se com as filhas de Pélias no templo de Diana, garantiu que poderia rejuvenescer Pélias, como fez com um carneiro que fora desmembrado e cozido. Do mesmo modo fizeram as filhas com o pai, em trágico engano. O reino passou para as mãos de Acasto, que expulsou o casal para Corinto.

O resumo de *Medea*, por seu turno, não traz variantes em relação à peça de Eurípides. Apenas os nomes dos filhos de Medéia e Jasão são, afora a tradição, informados: Mermero e Fereto.

Medea Exul, contudo, traz informações que finalizam a narrativa de Higino e a saga Tessálica. Medéia parte de Corinto para Atenas. Lá, casa-se com Egeu, filho de Pandião, com

quem tem um filho, Medos. Depois, os sacerdotes de Diana decidiram expulsá-la de Atenas, e ela partiu novamente para a Cólquida, levada pelas serpentes que a conduziram de Corinto.

6. Apolodoro de Atenas, ou Pseudo-Apolodoro

Atribui-se a Apolodoro de Atenas o epítome de mitologia em prosa, conhecido como a *Biblioteca de Apolodoro*¹⁸⁷. Conservada apenas em parte, o texto tornou-se fonte primordial para o estudo da mitologia grega. Ao que se crê, trata-se de uma compilação anônima feita entre os séculos I e II d.C.

Na obra, que segue um critério genealógico das divindades e suas descendências, as referências ao ciclo tessálico começam no *Livro* I, 9, 1, com a narração acerca da prole de Éolo. Mantendo-se conforme à tradição, Apolodoro informou sobre o casamento entre Atamas e Nefele, reis da Beócia, e o nascimento de Frixo e Heles. Mas acrescentou a notícia do posterior casamento ente Atamas e Ino, de cuja união nasceram Learcos e Melicerte. Sabe-se, então, o motivo da fuga dos filhos de Nefele: Ino, desejando livrar-se dos enteados. Primeiro, ela sabotou a lavoura, convencendo as mulheres do país a estragarem as sementes que seriam plantadas. Diante da safra perdida, Atamas resolve mandar perguntar ao oráculo de Delfos o que deveria ser feito para impedir que a plantação continuasse a gorar; mas Ino convencera os mensageiros a mentirem ao rei, dizendo que ele deveria sacrificar Frixo a Zeus para restaurar a fertilidade da terra. Atamas acatou a ordem do oráculo e levou o filho para o altar de sacrifícios. Mas Nefele o salvou e, com a irmã Heles, o enviou a voar sobre o mar em um carneiro de ouro, presente de Hermes. No caminho, Heles caiu e morreu. Entretanto, Frixo chegou à terra de Eetes, filho do Sol e de Perses, irmão de Circe e de Passífae. Eetes o acolheu e lhe deu em casamento uma das filhas, Calciopéia, com quem ele teve os quatro filhos já

¹⁸⁷ APOLODORO. *Biblioteca*. Madrid. Editorial Gredos.

nomeados por Hígino. Frixo sacrificou o carneiro a Zeus e ofereceu o tosão a Eetes, que o consagrou a Ares.

Perseguido pela cólera de Hera, Atamas, em loucura, mata Learcos, e então Ino se lançou ao mar com Melicerte. Atamas foi banido para a Beócia.

As informações quanto ao ciclo argonáutico reaparecem no *Livro I*, 9, 16. Nota-se, porém, imediatamente uma importante divergência entre os mitos. Em Apolodoro, Jasão não reclamou o trono do pai. Tratava-se, sim, de uma vingança de Hera contra o rei, por sua falta de veneração a ela. Em outra variante, Jasão, então, pediu ajuda a Argos, o filho de Frixo, e este, sob a inspiração de Atena, construiu uma nau de cinquenta remos, que recebeu o nome do arquiteto. Atena, ela própria, adaptou na proa uma figura de madeira falante, feita de um tronco retirado da Dodona.

Entre os remeiros, algumas divergências aparecem em relação ao catálogo de Apolônio. Aparecem: Actor, filho de Hipaso; Ceneu, filho de Coronos; Anfírao, filho de Oiclés; Laertes, filho de Arcísio; Autólioco, filho de Hermes; Atalanta, filha de Escoineo; Peante, filho de Táumaco; Fano e Estáfílo, filhos de Dionísio; Argos, filho de Frixo; Eurialo, filho de Mecisteo; Peneleu, filho de Hipalmo; Leito, filho de Aléctor; Ascálafo e Iálmeneo, filhos de Ares; Teseu, filho de Egeo. E desaparecem: Mopso e Euricião. Assim, aumenta o número de heróis conhecidos¹⁸⁸.

Segue, então, a história sem outras variantes: o episódio das mulheres de Lemnos, de Cízico, de Hilas, de Âmico, de Fineu e do passo dos Rochedos Moventes. Igualmente sem divergências quanto à tradição, principalmente quanto à narrativa de Apolônio, segue a história até a fuga de Medéia e dos Argonautas da Cólquida, levando o tosão de Frixo. Entretanto, um detalhe macabro registra-se em Apolodoro, já anunciado em Eurípedes, conquanto não

¹⁸⁸ Livro I, 9, 16.

expresso. Absirto, irmão de Medéia, seguiu a tripulação de Argos logo quando da saída do reino de Eetes. Medéia, vendo-se perseguida pelo pai, matou o irmão, o picou em pedaços que lançou ao mar, pela certeza de que o pai interromperia a perseguição para apanhar os restos do filho.

Apolodoro retomou, então, a linha narrativa de Apolônio de Rodes. No entanto, uma variante final aparece quando Medéia já vivia em Atenas e tinha um filho de Egeu – Medos. Ela, entretanto, tramou contra a vida de Teseu, filho de um primeiro casamento de Egeu, razão pela qual foi novamente banida. Retornando em segredo para a Cólquida, Medéia descobriu que seu pai fora destronado por Perses, seu irmão. Ela, então, restabeleceu seu pai ao trono¹⁸⁹.

8. Período da *Geração de Prata da Literatura Latina*

Com a morte de Ovídio, tradicionalmente se marca o fim de uma privilegiada geração de escritores latinos – a Geração de Ouro. Mortos Virgílio, Horácio, Tibulo, Propércio e Ovídio, iniciava-se, então, um período mais afeito à oratória que à produção poética. Sob a influência das declamações e das leituras públicas¹⁹⁰, que chegaram a constituir uma verdadeira instituição nacional, os novos escritores empolaram seu estilo, sobrecarregaram no uso das imagens e das figuras de linguagem e, sobretudo, fizeram do preciosismo o princípio supremo da arte pela arte¹⁹¹. Era o tempo dos exageros, da grandiloquência, do apelo ao *pathos*, do uso das *colores dicendi* e das amplificações. Era o tempo, como o fora entre os alexandrinos, de privilegiar-se a exibição da cultura, de temas mitológicos, geográficos e históricos.

¹⁸⁹ Livro I, 9,28.

¹⁹⁰ CARLO, A. Milares. *Historia de la Literatura Latina*. Mexico: Fondo de Cultura Económica. 1995. 135p.

¹⁹¹ FLACO, Valério. – *Las Argonauticas*. Tradução por Santiago López Moreda. Madrid: Akal/Clásica, 1996. 11p.

Notadamente a partir da sucessão da dinastia Júlio-Claudiana, se despertou a preocupação com os dramas psíquicos das personagens.

Desse período, a tradição do mito dos argonautas e dos amores de Jasão e Medéia foi incrementada pela percepção romana do mundo. Argo – a nau tessálica, a nau tritônia, a nave de Palas, a nau hemônia, a nave mínia – ganhava cada vez mais importância como símbolo do processo civilizador, sob cujo argumento Roma expandia suas fronteiras. Tornava-se a *Primeira Nau*, em uma recorrência ao uso da imagem do navio como metáfora do próprio Estado – que remontava a Alceu – solidificara-se na literatura latina desde Horácio¹⁹²:

O nautis, referent in mare te noui
fluctus. O quid agis? Fortiter occupa
portum.

Nesse sentido, o caráter exordial da expedição foi a maior contribuição de Sêneca, o primeiro dessa geração de prata, para a reconstrução da história de Medéia¹⁹³. É bem verdade que a tragédia do preceptor de Nero guardava imensa semelhança com a trama de Eurípides, sem variantes importantes quanto à abordagem mitológica. Entretanto, ainda assim um elemento pode ser destacado como inovador, além do estilo exagerado e cheio de sentenças moralizantes, bastante adequadas ao intuito propedêutico filosófico de suas obras teatrais¹⁹⁴. Trata-se, fundamentalmente, da explicação detalhada do caráter nefasto da navegação, caráter este já anunciado por Catulo. O coro do segundo intermédio inicia a explicação:

Nossos antepassados viveram séculos de inocência, quando longe estava a fraude. Cada um, sossegadamente, contentava-se de sua praia e envelhecia na terra dos pais, rico de pouco e ignorando outros tesouros, exceto os produtos do solo natal. Mas o navio construído com pinho tessálico aproximou as terras tão bem separadas pelas leis da natureza; e obrigou as águas a suportar os golpes do remo e o mar misterioso a tornar-se um dos nossos temores. (...) Qual

¹⁹² Odes, I, 14

¹⁹³ SÊNECA. *Medéia*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Abril SA. 1973.

¹⁹⁴ CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: Martins Fontes. 2003. 47p.

foi o preço dessa empresa? O velo de ouro; e esse flagelo pior que o mar: Medéia, digno prêmio aos primeiros navegadores.

*Medéia, vv. 330 e ss.*¹⁹⁵

Sêneca continua a afirmar a impiedade dos primeiros navegantes, informando ao leitor as penas pagas pela audácia de juntar aquilo que os deuses separaram. Novamente é o coro quem narra os sofrimentos por que passaram os argonautas em razão de seu crime. Vale a pena transcrever toda a passagem:

Todos os que manejaram os remos do intrépido navio, despojando o Pélio das espessas sobras de suas árvores sagradas; todos os que passaram através dos rochedos vagantes e, depois de ter experimentado todos os perigos do mar, por fim amarraram seu cabo na praia bárbara antes de voltar com o ouro roubado – todos expiaram com terrível fim a profanação do império marítimo. O mar provocado vingou-se das ofensas recebidas; em primeiro ligar Tífis, vencedor das ondas, teve de deixar o leme a um piloto inexperiente, quando na praia estrangeira, longe do reino paterno, caiu e, depois de ter tido um humilde túmulo, desceu entre as obscuras sombras. Foi depois disso que Aulis, fiel à memória do príncipe perdido, reteve longamente em seu porto os navios cansados de deitar âncora. O filho da musa dos cantos, aquele que com a lira, modulada pelo melodioso plectro, fazia parar as torrentes, calar os ventos, quando as aves, renunciando a seu canto, acorriam perto dele, seguidas pela inteira floresta – foi esartejado e seus membros espalhados pelas campinas trácias, enquanto a cabeça flutuou sobre as águas tristes do Ebro: ele chegou novamente às margens do Estige e ao Tártaro já conhecido, mas desta vez para não mais voltar. Alcides abateu os filhos de Aquilão, matou o filho de Netuno que se transmudava em inúmeras formas: depois de ter pacificado a terra e o mar, depois de ter violado o reino do terrível Plutão, estendeu-se ainda vivo sobre o ardente Oeta e ofereceu seu próprio corpo à cruel chama, pois o veneno de um sangue híbrido o consumia, vítima de um presente da esposa. Anceu foi abatido pelos golpes furiosos de um javali. As tuas ímpias mãos, ó Meleagro, assassinaram os irmãos de tua mãe: e tu morres pela mão desta mãe enraivecida. Todos tinham merecido o castigo. Mas qual foi a culpa que com a morte expiou o jovem não mais encontrado pelo grande Hércules, o adolescente raptado pelas correntes de uma água inofensiva? Ide agora, ó heróis, percorrei o oceano quando uma simples fonte é tão perigosa. Idmon, quando conheceu sua sorte, deixou-se devorar por uma serpente nas areias da Líbia. Adivinho verídico para os outros e somente falso para si, Mopso caiu bem longe de Tebas. Se profetizou exatamente o futuro, o marido de Tétis deverá errar, fugitivo; Náuplio, no momento em que estiver para arruinar os Argivos com seus pérfidos jogos, será lançado ao profundo mar e o filho perecerá, expiando, assim, os erros paternos. O filho de Oileu morreu fulminado e ao mesmo tempo afogado; a esposa do rei Feres, resgatando a sorte do marido, sacrifica por ele a vida. Quanto a Pélias, que mandou entregar-lhe, como presa, o velo de ouro, sobre o primeiro navio, foi queimado na água de uma pequena caldeira posta no fogo. Ó deuses, já vingaste o mar: poupa quem somente obedeceu.

*Medéia, vv.606 a 669 – Tradução Giulio Leoni*¹⁹⁶

¹⁹⁵ SÊNECA. *Op. Cit.* 239p.

¹⁹⁶ SÊNECA. *Op. Cit.* 247p

Sêneca apresentava, assim, o fim dos remeiros da nau Argos, concluindo, portanto, a saga tessálica. Castigados todos, cumpriu-se a vingança do deus do mar pelo *nefas* dos marinheiros que ousaram violar os desígnios divinos.

Assim, chega-se, cronologicamente, às *Argonautica* Latinas, de Valério Flaco. É dele a derradeira versão latina do mito. Diferentemente da obra de Varrão Atacino, não se trata de uma mera tradução do modelo alexandrino, afinal, a obra de Flaco consegue ser original, apesar de abordar um tema tão repisado quanto as aventuras náuticas de Jasão. As *Argonautica* flaquianas celebram a *gens Flavia* e as realizações marítimas de Vespasiano, cujos navios conseguiram a proeza do périplo da Escócia. Nenhum tema seria, pois, mais conveniente para uma obra épica do período que a saga dos primeiros navegantes.

Nessa *laus Flavorum*, também são encontradas variantes do mito argonáutico, decorrentes da criteriosa adequação do modelo jasônico às virtudes heróicas incentivadas no período flaviano. Primeiramente, a intervenção divina na obra de Flaco se dá de modo muito mais direto e recorrente que nas versões anteriores, provavelmente pela própria formação religiosa do autor – um dos *quindevenvir*. Jasão é protegido e acompanhado de perto pelas três principais deusas olímpicas: Juno – por ter sido ajudada por Jasão a cruzar o torrencial rio Anauro; Minerva – porque odiava Pélias, que não lhe oferecia os sacrifícios e honras; e Afrodite – inimiga da raça do Sol desde que fora por ele descoberta em adultério com Marte. Foi Juno quem convocou a tripulação que equiparia a nau; foi Minerva quem ensinou a Argos a construir o baixel, e Tífis, o caminho; foram as duas deusas juntas que seguraram os Rochedos Moventes enquanto o navio os atravessava.

Além disso, algumas aventuras foram incorporadas à saga argonáutica. Sabe-se, por exemplo, da passagem de Hércules pelas terras de Laomedonte, quando do resgate de Hesíone e da questão dos cavalos de Troas, em uma evidente revalorização do caráter heróico de

Hércules, desprezado pela tradição alexandrina. Do mesmo modo, Flaco apresentou Jasão como um herói muito mais vigoroso que seu modelo de Apolônio, salvo não apenas pela intervenção divina, mas por sua própria bravura e destreza bélica – afinal, à chegada na Cólquida, o herói comandou os argonautas na luta ao lado de Éetes, e não apenas gozou das prebendas do anfitrião, como na versão alexandrina. Outros detalhes apresentam-se ainda como variantes, embora de menor importância no estudo das versões do mito: os pais de Jasão cometem suicídio logo após a partida da Nau, em uma evidente oportunidade de discussão estoica acerca da morte; por outro lado, já na Cólquida, quando do cumprimento das provas propostas a Jasão por Eetes, Medéia não se restringiu a untar o herói com unguentos para que este pudesse enfrentar os touros que sopravam fogo pelas ventas: na versão flaquiiana, a feiticeira concedeu ao amado artefatos mágicos – o Elmo e o Escudo da Discórdia. Com o escudo, Jasão proteger-se-ia do fogo; com o elmo, ele incitaria a luta entre os homens nascidos dos dentes da serpente de Cadmo.

8. Conclusão

Seja como um mito de colonização, seja como comemoração das aventuras pelo mar, a história dos argonautas acompanhou a literatura ocidental desde seus primórdios, renovando-se a cada nova geração de autores e de povos. Homero, Hesíodo, Mímnermo, Píndaro, Eurípedes, Teócrito, Apolônio de Rodes, Ênio, Catulo, Pseudo-Apolodoro, Higino, Sêneca e Flaco, cada um a seu modo, transformaram o mito e edificaram um monumento da literatura, a par dos ciclos míticos da Guerra de Tróia, dos Trabalhos de Hércules e de Édipo e sua descendência. Servindo como um roteiro geográfico capaz de nomear povos e descrever costumes, a saga dos primeiros navegantes merece por fecho o catasterismo da intrépida nau que, depois de tantas aventuras, foi elevada ao Olimpo estrelado em forma de constelação.

CAPÍTULO III

Os Episódios das *Argonautica* Latinas

1. Introdução

A expedição dos Argonautas pode ser apontada como uma espécie de viagem iniciática, por meio da qual um grupo de jovens heládicos, sob o comando de Jasão, completaria seu amadurecimento durante o percurso rumo à desconhecida Cólquida, adquirindo, assim, o estatuto heróico¹⁹⁷. Os episódios experimentados na jornada marítima serviriam, portanto, como provas de excelência, pelas quais a têmpera de cada um desses rapazes formar-se-ia, e seu valor poderia ser comprovado¹⁹⁸.

Foi sob essa interpretação iniciática da viagem mítica dos Argonautas que Valério Flaco pôde construir seu modelo de edificação de virtudes do herói épico, adequado ao seu tempo e a seu viés filosófico estóico. Utilizando as possibilidades e alegorias oferecidas pelo mito, já então meramente uma fonte artificial de imaginação poética, o vate lançou mão de toda a tradição literária – em especial da obra homônima de Apolônio de Rodas e do canto virgiliano da *Eneida* – estabelecendo distanciamentos críticos capazes de fornecer, exatamente nas diferenças construídas em relação à herança poética, um novo cânone de virtudes, êmulo vitorioso de cada um e de todos os heróis pretéritos.

Cada episódio da viagem dos Argonautas revelou, por conseguinte, ao menos uma virtude exaltada pelo *epos* flaquiiano. Se a sede por *gloria* foi a primeira das qualidades varonis alteadas pelo poeta, seguiu-a, constante e conjuntamente, a *pietas* – tão fundamental para a sociedade romana. Por outro lado, a fortidão hercúlea (*fortitudo*), imprescindível para o

¹⁹⁷ GARCIA, Mar L. “Mitología e iniciaciones: el problema de los Argonautas”. *Gerion* 5. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense de Madrid. 1987. 41p.

¹⁹⁸ HUNTER, R. L. “Short on Heroics’: Jason in the *Argonautica*”. *Classical Quarterly* nr.38. Cambridge. 1988. 449p.

guerreiro e para a casa dinástica reinante quando da composição do poema – que justificava e legitimava seu poder pela vinculação com Augusto, recorrentemente comparado ao herói Tirintio, como, de resto, também o foi Domiciano, o último dos imperadores Flávios – mereceu igualmente sua celebração, pois que aos guerreiros romanos a força nunca seria desnecessária. Além disso, a *virtus* bélica, ou a própria valentia, ou melhor, o denodo nos campos de batalha, representava de modo inexorável outra faceta da excelência de cada jovem virtuoso. No entanto, para o melhor dos heróis, para o campeão forjado em uma sociedade de espírito castrense e expansionista como a romana, era preciso ainda que se garantisse a capacidade de comando, ou sua *auctoritas*, sem a qual a *gloria* almejada jamais poderia ser alcançada. Todavia, mesmo a *auctoritas* necessitava de um pendor natural para ser conseguida, como também todas as demais virtudes – ou a *indoles*. Finalmente, para a excelência cabal do herói argonáutico flaquiiano – e, por conseguinte, do virtuoso *vir* romano flaviano – a *prudencia*, deveria nortear todas suas demais qualidades, pois que só sob a sua regência o favor dos deuses se manteria ao lado daquele que pretendesse a fama imorredoura do canto épico.

2. Preparativos, Embarque e Partida – ou a *Gloria*: vv. I, 22-850

Pélias, o velho e temível rei da Hemônia, fora avisado pelos oráculos que sua ruína haveria de ser causada pelo filho de seu irmão; além disso, a fama heróica de seu sobrinho já se espalhava pelas terras, para maior descontentamento e inquietação do tirano (I, 22-30). Por isso, dolosamente, o amedrontado monarca decidiu eliminar o jovem, embora não mais houvesse pela Hélade os perigos da guerra ou dos monstros – afinal, Hércules já havia derrotado o Leão de Neméia, a Hidra de Lerna e o Touro de Maratona; e Teseu, o Minotauro: restavam tão-só os perigos do mar. Então, com palavras enganosas e sob dissimulada

mansuetude, Pélias procurou por Jasão e propôs-lhe, ou antes, ordenou-lhe (I, 58), a façanha de atravessar o pélago e buscar na distante Cólquida o Tosão de Ouro – o pelame dourado do carneiro sobre o qual Frixo e Heles haviam escapado por sobre o mar; no entanto, omitia os grandes perigos, calando-se quanto às Rochedos Moventes e quanto à Serpente guardiã do velocino (I, 59-63).

Insciente do dolo, entretanto, o valente jovem aceitou a missão. Pôs-se rapidamente em busca dos meios pelos quais concretizaria sua façanha, escolhendo para tanto, ao invés do débil apoio do povo oprimido, o arrimo dos deuses (I, 64-80). Invocou, assim, o favor de Juno, a quem acudira tempos atrás, e de Palas, a quem prometeu sacrifícios e devoção (I. 81-90). Suas súplicas foram atendidas e imediatamente as duas grandes deusas partiram em seu socorro. Enquanto Palas providenciava a feitura da nau, Juno conclamava os jovens sedentos por glórias a unirem-se à expedição. Ao chamado da deusa, os heróis acorreram, e toda a praia buliu-se. No entanto, embora tão grandes prodígios, Jasão ainda se inquietava, a pensar nas tramóias e armadilhas que Pélias pudesse preparar-lhes (I, 90-155). Por isso, decidiu procurar pelo primo Acasto, o filho de Pélias, e convidá-lo para juntar-se à tropa. O jovem príncipe não titubeou – aceitou de pronto o convite, pondo-se ao comando de Jasão, para buscar com ele as suas primeiras vitórias e fama (I, 156-184).

De volta à praia, era tempo dos sacrifícios rituais. Imolaram-se reses, foram feitas libações propiciatórias e os adivinhos leram os presságios. Primeiro, Mopso previu todos os percalços, os perigos e as perdas que a expedição sofreria (I, 185-226); depois, Ídmon anunciou o sucesso da empresa, conforme os desígnios divinos (I, 227-240). O restante da noite, então, transcorreu entre folguedos, até que o sono a todos dominou (I, 241-300); e na madrugada, a deusa tutelar da nau Argo apareceu a Jasão para anunciar-lhe seu caráter divino (I, 301-308).

Na manhã seguinte, após os abraços de despedida, a nau zarpou (I, 309-349). Levava em seu bojo os cinquenta heróis – os quarenta remeiros e os demais tripulantes (I, 350-497). Ao vê-los adentrando ao mar, Júpiter regozijou-se (I, 497-502), embora o Sol, pai dos Cítios, reclamasse contra o início da empresa que iria espoliar seu filho – o rei da Cólquida (I, 503-527). Mas o soberano dos deuses interrompeu o queixume do deus opositor à expedição e renovou o decreto de seus desígnios, anunciando que chegava o tempo da transmissão do poder, antes da Ásia, então para a Grécia – com a certeza de que um dia um novo povo, o Romano, receberia tal honra (I, 528-573).

No entanto, apesar do beneplácito de Júpiter, os ventos, irados pela abertura do mar, desencadearam uma terrível tempestade, levando pânico aos primeiros marinheiros. Mas antes que a nave soçobrasse, salvaram-na Netuno, aplacado por Palas, e Tétis, condoída pela sorte do esposo (I, 574-659), abrindo-se, então, o claro dia (I, 660-692). Porém, nesse momento, maus presságios assaltaram Jasão: decerto Pélias castigaria os pais do herói em represália à partida de Acasto (I, 693-699) – como de fato se deu no longo trecho que narrou o suicídio de Éson e de Alcimedé, perseguidos por Pélias e sob o conselho do espírito invocado de Creteu (I, 700-850).

Esses foram os eventos narrados no Canto I das *Argonautica*, em cujo corpo teve início a formação do modelo heróico flaquiiano. Diferente do herói do *epos* de Apolônio de Rodes¹⁹⁹, a partir do qual (e juntamente com o canto virgiliano) se fariam constantes as comparações definidoras do cânone das virtudes do período flaviano, construía-se um Jasão sedento por fama e ávido pela virtude latina do desejo por *gloria*. Afinal, se o Jasão alexandrino fora ao mar simplesmente em manso cumprimento das ordens de seu tio²⁰⁰, outra foi a

¹⁹⁹ HUNTER, R. L. *Op. Cit.*, 440p.

²⁰⁰ Pélias, que o conheceu, pensa, e lhe incumbe
Navegação funesta, em que pereça

motivação que animou o jovem latino, já reconhecido como virtuoso antes mesmo da decisão de Pélias – *super ipsius ingens instat fama viri*: além disso, a grande fama do próprio herói ameaça (I, 29-30). Tanto que o argumento utilizado pelo rei para convencer o rapaz a singrar os mares lastreava-se fundamentalmente em sua ânsia de reconhecimento e de fama (I, 40-41):

'hanc mihi militiam, veterum quae pulchrior actis,
adnue daque animum²⁰¹.

Anui, por mim, com esta empresa, que é mais bela que a dos antigos; ânimo!²⁰²

Assim se iniciou a dolosa fala do rei, em um tom aparentemente atencioso e magnânimo, como se a empresa que solicitava ao sobrinho fosse apenas de fato o meio propiciatório para a aquisição de honra e de glória, e não o meio de exterminá-lo. O vocativo utilizado no verso I,56 ainda mais reforça tal interpretação – *I, decus, et pecoris Nephelaei vellera Graio redde tholo*: Vá, Orgulho [dos seus], e traz de volta ao altar grego o pelame do carneiro de Nefele (I,56/57).

No entanto, apesar dos perigos, ou em razão deles, o valor glorioso da expedição era real para os jovens audazes, valor este asseverado pelo próprio canto do poeta. A *Gloria*, personificada, parecia chamá-los para junto do rio Fase – onde a expedição deveria alcançar seu objetivo (I, 76-78):

Tu, sola animos mentemque peruris,
Gloria, te viridem videt immunemque senectae
Phasidis in ripa stantem iuvenesque vocantem.

Só tu, ó Glória, inflamas os ânimos e a mente que te vê sempre verdejante, imune à velhice, firme nas margens do Fase, chamando os jovens.

Sepultado nas ondas, ou, voltando,
Entre estranhas nações! (...)

Os Argonautas, 1-2p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

²⁰¹ Para todas as citações do texto latino: EHLERS, W. W., *Gai Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon libros octo*, Bibliotheca Teubneriana Stuttgart, 1980.

²⁰² Embora conste no Apêndice a tradução em versos dos quatro primeiros cantos das *Argonáutica* Latinas, os trechos presentes nos comentários foram traduzidos em prosa, para mais precisa literalidade.

Foi esse sentimento de anseio por *Gloria* que fez os cinqüenta reis e príncipes heládicos aderirem à empresa capitaneada por Jasão. Afinal, Juno espalhou pelas cidades argólicas e macedônicas a notícia de que aqueles que se engajassem ao grupo dos Argonautas teriam seus feitos exaltados pelos séculos (I, 96-99). E foi sob essa esperança que todos aqueles sedentos por fama apresentaram-se (I, 100-103):

Omnis avet quae iam bellis spectataque fama
Turba ducum primae seu quos in flore iuventae
Temptamenta tenet necdum data copia rerum.

Anseiam todos os capitães com a fama em guerras já provada e aqueles que, na flor da juventude, ainda não têm obras muitas que os recordem.

Aliás, o anseio por glórias é o fio condutor poético de toda a primeira parte do Canto I. O argumento utilizado por Jasão para convencer o primo Acasto a participar da tripulação sustentava-se na vergonha que este sentiria por não ter desafiado os perigos da empresa (I, 164-173):

'non degeneres, ut reris, Acaste,
venimus ad questus: socium te iungere coeptis
est animus neque enim Telamon aut Canthus et Idas
Tyndareusque puer mihi vellere dignior Helles.
o quantum terrae, quantum cognoscere caeli
permissum est, pelagus quantos aperimus in usus!
nunc forsán grave reris opus, sed laeta recurret
cum ratis et caram cum iam mihi reddet Iolcon,
quis pudor heu nostros tibi tunc audire labores,
quae referam visas tua per suspiria gentes!'

Não venho, Acasto, qual crês, com indignas súplicas: juntar-te à expedição é meu intento, afinal, nem Telamon, nem Canto, Idas ou o jovem Tindárida são, para mim, mais dignos do Tosão de Heles. Ó quantas terras, quanto céu nós poderemos conhecer; a quantos usos abriremos o mar! Talvez, agora, creias que a empresa seja pesada, mas quando a alegre nau voltar e já conduzir-me à querida Iolcos, que pudor será o teu quando, então, ouvires sobre nossos feitos! Aos teus suspiros contarei das gentes que vi.

A resposta de Acasto foi igualmente imbuída do anelo pela *gloria*:

Nec nos, optime, segnes
credideris patriisve magis confidere regnis
quam tibi, si primos duce te virtutis honores
carpere, fraternae si des ad crescere famae.

Ó melhor [dos varões], não creias que eu seja preguiçoso ou que confie mais no reino de meu pai do que em ti, se sob teu comando deres que eu busque as primeiras honras da virtude, se deres que eu cresça junto à [tua] fraterna fama.

O mesmo desejo de *Gloria*, já então imiscuído à *Pietas*, norteou a exortação de Jasão aos companheiros, ao dar início à saga (I, 241-249):

'superum quando consulta videtis,
o socii, quantisque datur spes maxima coeptis,
vos quoque nunc vires animosque adfert paternos.
non mihi Thessalici pietas culpanda tyranni
suspecte doli: deus haec, deus omine dextro
imperat; ipse suo voluit commercia mundo
Iuppiter et tantos hominum miscere labores.
ite, viri, mecum dubiisque evincite rebus
quae meminisse iuvet nostrisque nepotibus instent.

Companheiros, já que vedes os desígnios dos deuses e quanta esperança é dada a esta suprema empresa, trazei agora vós também o vigor e as forças paternas. Não por mim será reprovada a impiedade do tirano tessálico, nem o suspeito dolo: um deus, um deus é quem o ordena com bom presságio. O próprio Júpiter quis o comércio em seu mundo, e misturar tantos trabalhos dos homens. Vinde comigo, heróis, e venci nas incertezas que ajudem a lembrar de nós e que animem nossos netos.

Era, enfim, o anseio pela imortalidade, adquirida pela celebridade entre os homens e já anunciada na predição dos *Catasterismos*²⁰³ da nau (I, 4) e de Vespasiano²⁰⁴ (I, 15-16), e na promessa de divinização dos heróis contida na fala de Júpiter (I, 563-567):

'tendite in astra, viri: me primum regia mundo
Iapeti post bella trucis Phlegraeque labores
imposuit; durum vobis iter et grave caeli
institui. sic ecce meus, sic orbe peracto
Liber et expertus remeavit Apollo.'

Esforçai para alcançar os astros, heróis. Após a batalha com o cruel Jápeto e os trabalhos flegreus, a mim, primeiro, foi dado o império do mundo. Duro e grave caminho para o céu tracei para vós. Assim, tendo percorrido o orbe, eis que a mim vieram meu Líber e o experto Apolo.

²⁰³ TORRES-MURCIANO, Antonio R. "El Proemio de Valerio Flaco – Una lectura retórica". *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, 2005, vol 25, núm. 1. 88p.

²⁰⁴ GETTY, Robert. "The Introduction to *Argonautica* of Valerius Flaccus". *Classical Philology*, nr. XXXV. 1940. 270p.

3. As Mulheres de Lemnos – ou a *Pietas*: vv. II, 72/431

Sem deixar que Jasão soubesse do suicídio dos pais, narrado na segunda parte do Canto I, Juno propiciou aos Argonautas o início da navegação (II, 1-72). Após uma curta travessia pelo mar, a embarcação alcançou a ilha de Lemnos, dando, então, início ao primeiro episódio propriamente dito da saga flaquiiana. Trata-se do primeiro obstáculo enfrentado pelos heróis em sua jornada, além de ser sua primeira prova de excelência.

A chegada dos marinheiros a Lemnos foi precedida por uma larga digressão acerca do terrível crime das ilhoas (II, 72-310), crime este incitado pela acerba ira de Vênus. A ilha era particularmente devotada ao culto a Vulcano, desde que este lá fora atirado por Júpiter, por tentar livrar sua mãe Juno das cadeias com que o soberano dos deuses subjugara a esposa, em reprimenda à tentativa desta de destroná-lo. Por isso, sob o pretexto do adultério cometido com Marte e denunciado pelo Sol, os moradores da ilha deixaram de prestar culto à deusa, despertando-lhe ódio funesto:

quocirca struit illa nefas Lemnoque merenti
 exitium furiale movet. neque enim alma videri
 tantum: eadem tereti crinem subnectitur auro
 sidereos diffusa sinus, eadem effera et ingens
 et maculis suffecta genas pinumque sonantem
 virginibus Stygiis nigramque simillima pallam.

Por isso, ela engendra desgraça e planeja terrível destruição contra a culpada Lemnos; pois nem sempre é vista tão bondosa: tanto cinge os cabelos com dourada fita e mostra os seios resplandecentes quanto é selvagem e feroz, com as faces cobertas de manchas, com tocha crepitante e negro manto, semelhante às vírgens do Estige.

Iniciava-se, então, a narrativa do crime propriamente dito (II, 106/241). O comandante dos lemnianos, que partira em expedição contra a inimiga e vizinha Trácia, retornava vitorioso

com as barças²⁰⁵ repletas de reses, tesouros e escravas. Aproveitando o ensejo fornecido pela viagem dos homens, Vênus ordenou à Fama que espalhasse entre as mulheres da ilha a falsa notícia de que aqueles, tomados de amor pelas cativas, pretendiam rechaçar as esposas legítimas e substituí-las pelas bárbaras trácias. A mentira logo se espalhou e as lemnianas enfureceram-se – *dolor iraque surgit* : dor e ira se levantam (II, 165). Vênus, por seu turno, disfarçada de uma das ilhoas, convocou-as à ação, com o gesto trágico de lançar os filhos, trazidos ao colo, de cabeça ao chão (II, 185). Os gritos da deusa arrebataram os corações e todas as mulheres prepararam-se para a chacina. Receberam os homens que chegavam à praia, como se saudosas estivessem, e prepararam-lhes banquetes e leitões. Os homens, desavisados, entregaram-se ao repouso, mas Vênus, novamente sob a forma de uma das esposas, iniciou a carnificina. Armou as mulheres com espadas e tochas, e estas, acompanhando o exemplo da deusa, lançaram-se contra os maridos e filhos, matando-os todos. Em uma narrativa cheia de pavor e de descrições lúgubres, bastante ao gosto da Geração de Prata da literatura latina, todo o gênero masculino foi dizimado, juntamente com as escravas trácias, cujos gritos lancinantes enchiam os céus (II, 241).

No entanto, nem todas as mulheres foram tomadas pelo furor insano e desmedido, patrocinado pela iracunda Vênus. A princesa Hipsípila escapou das artimanhas da deusa, buscando a salvação do pai. Sua excelência foi, por isso, celebrada por Valério Flaco (II, 241/246):

²⁰⁵ Para manter a importância da nau Argo como o primeiro navio construído pelos homens, Valério Flaco realçou a diferença no material de sua feitura. As barcas dos lemnianos eram de vime e couro, enquanto a nau Argo teria sido feita de madeira do monte Pélion. Acerca da diferença entre as embarcações, não notada pelos demais tradutores, que aí encontraram uma incongruência no texto, ver: AVIENO. *Orla Marítima*. Tradução José Ribeiro Ferreira. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica. 1992, 19p.: “Habita nessa região um povo de grande força, de espírito altivo e eficaz habilidade. Dominados todos pela paixão do comércio, com barcos feitos de peles sulcam ao largo o mar turbido e o abismo do Oceano povoado de monstros. Eles não sabem, de facto, fabricar os barcos com madeira de pinho e de bordo; não encurvavam as embarcações, como é de costume, com o abeto, mas sempre maravilhosamente constroem os barcos com peles unidas e a miúdo percorrem sobre esse couro o vasto mar”.

Sed tibi nunc quae digna tuis ingentibus ausis
 Orsa feram, decus et patriae laus una ruentis,
 Hypsipyle? Non ulla meo te carmine dictam
 Abstulerint, durent Latiis modo saecula fastis
 Iliacique lares tantique palantia regni.

Mas agora, o que direi digno de tua coragem, Hipsípila, honra e glória de uma pátria que rui? Não te privarei da celebridade do canto, enquanto durem os séculos nos Fastos Latinos, os Lares de Ílio e os palácios de tão grande reino.

Enquanto a ilha ardia e mais crimes eram perpetrados, Hipsípila, armada apenas com as pias mãos, procurou por Toante, seu pai, e escondeu-o no templo de Baco até o amanhecer do outro dia, quando as mulheres, fatigadas, silenciaram, enfim, seu furor. Animada pela coragem proporcionada pela virtude piedosa, a princesa disfarçou o pai com as vestes e a cabeleira do deus do vinho e conduziu-o, no carro sacro, entre os aparatos religiosos, por entre as concidadãs, sob a desculpa de que iria banhar a imagem divina no mar, a fim de libá-la da matança. Levou-o, então, para um bosque próximo, onde o ocultou até poder mandá-lo para longe da ilha, em um barco abandonado que por lá aparecera. A salvo, Toante partiu, e o barco foi guiado pelos deuses para a ilha de Tauro, onde o antigo rei de Lemnos se tornou sacerdote de Diana (II, 305). Hipsípila, por sua vez, retornou à cidade, onde recebeu, por mérito de suas virtudes, o trono e o cetro do pai (II, 306/310):

Arce[m] nata petit, quo iam manus horrida matrum
 congruerat. rauco fremitu sedere parentum
 natorumque locis vacuaeque in moenibus urbis
 iura novant. donant solio sceptrisque paternis
 ut meritam redeunt<que> piae sua praemia menti.

A filha volta à cidade, onde uma horrível súcia de mães havia se reunido. Com rouca gritaria, assentaram-se nos lugares dos pais e dos filhos, e instauraram novas leis nas muralhas da cidade vazia. Dão-(lhe), como merecia, o assento e o cetro do pai, e concedem o prêmio por sua piedosa mente.

Nesse ínterim, chegaram às praias da ilha os jovens Argonautas, guiados por Vulcano (II, 323). O furor que antes subjugara as mulheres dissipara-se, graças à intervenção do deus protetor da ilha, que amansara a divina esposa. Assim, as mulheres, privadas de descendência, poderiam novamente procriar *dum vires utero maternaque sufficit aetas* – enquanto idade fértil e

forças restavam aos úteros (II, 325). Por isso, os sinais da chacina foram todos apagados da ilha, e abriram-se os portos aos nautas. Em festa, os navegantes foram, então, conduzidos até a vila, onde, pela primeira vez, o altar de Vênus recebeu suas homenagens.

Logo a seguir, teve início um faustoso banquete em honra aos hóspedes. Durante a longa conversa entre os marinheiros e as anfitriãs, Hipsípila apaixonou-se pelo guapo capitão. Júpiter, por seu turno, favorável ao encontro dos sexos, moveu chuvas e ventos, que impediram por quatro dias a partida da nau, enquanto os jovens se refestelavam nos leitos vazios das viúvas. Contudo, Hércules, que permanecera embarcado, não permitiu que as delongas perdurassem. Procurou por Jasão e imprecou, conquanto profundamente respeitoso, contra a demora inglória (II, 378/384):

O miserí quicumque tuis accessimus actis!
Phasin et Aeeten Scythicique pericula ponti
redde,' ait, 'Aesonide! me tecum solus in aequor
rerum traxit amor, dum spes mihi sistere montes
Cyaneos vigilemque alium spoliare draconem.
si sedet Aegaei scopulos habitare profundi,
hoc mecum Telamon peraget meus.'

Desgraçados todos que nos unimos a tua empresa! Dá-nos de novo, ó Esônide, o Fase, Eetes e os perigos do mar da Cítia. Contigo ao mar tão-só o amor aos feitos trouxe-me – pela minha esperança de deter as Ciâneas e de espoliar a serpente vigilante. Se ficar estabelecido habitar os escolhos do profundo Egeu, Telamón, comigo, levará a cabo esta empresa.

A reação de Jasão à reprimenda do Tiríntio foi, então, heróica. Em um símile preciso, o poeta descreveu a retomada de seu ânimo, e o ressurgimento de seu valor e de seus companheiros (II, 384/392):

haud secus Aesonides monitis accensus amaris
quam bellator equus, longa quem frigida pace
terra iuvat--vix in laevos piger angitur orbes--,
frena tamen dominumque velit si Martius aures
clamor et obliti rursus fragor impleat aeris.
tunc Argum Tiphynque vocat pelagoque parari
praecipitat. petit ingenti clamore magister
arma viros pariter sparsosque in litore remos.

Inflamado pela amarga admoestação, foi o Esônide, qual um corcel de guerra, a quem a fresca terra em longa paz assiste – e lerdo se atormenta em curtas voltas –; porém que ainda anseie pelo freio do dono, se as trombetas de Marte de novo os ouvidos lhe tomem. Então, chama Tífis e Argos e

para o mar apresta-os. Com ingente brado, o piloto chama, ao mesmo tempo, armas e varões, e os remos espalhados na praia.

Ao perceberem os preparativos para súbita partida dos nautas, as mulheres de Lemnos retomaram seus lamentos. Correram todas à praia e Hipsípila repreendeu Jasão, embora sem fúria ou desmedida paixão. A princesa, então, deu ao comandante da expedição dois presentes, repletos de significado: a espada de Toante e uma clâmide por ela bordada, na qual, em uma breve *ékphrasis*, ela ressaltava suas próprias virtudes (II, 408/417):

dixit lacrimans haesuraque caro
 dona duci promit chlamydem textosque labores.
 illic servati genitoris conscia sacra
 pressit acu currusque pios: stant saeva paventum
 agmina dantque locum; viridi circum horrida tela
 silva tremit; mediis refugit pater anxius umbris.
 pars et frondosae raptus expresserat Idae
 inlustremque fugam pueri, mox aethere laetus
 adstabat mensis, quin et Iovis armiger ipse
 accipit a Phrygio iam pocula blanda ministro

Disse chorando e ofereceu ao querido capitão um presente tocante: uma clâmide de tecido laborioso. Ali ela bordou com agulha a sacerdotiza salvadora do pai e os carros piedosos: (ali) estão a cruel multidão, que dá passagem ao apavorado; ao seu redor, no verde pano, a terrível selva treme; em meio às sombras, esconde o pai aflito. Em outra parte, representara também o rapto do frondoso Ida e a famosa partida do menino que, logo no céu, alegre estava à mesa e mesmo a própria armígera de Jove aceita as delicadas taças do escanção frígio.

Ao entregar-lhe a espada do pai, Hipsípila ainda lhe disse (II, 419/424):

'accipe,' ait 'bellis mediaeque ut pulvere pugnae
 sim comes, Aetnaei genitor quae flammea gessit
 dona dei, nunc digna tuis adiungier armis.
 i, memor i terrae, quae vos amplexa quieto
 prima sinu, refer et domitis a Colchidos oris
 vela per hunc utero quem linquis Iasona nostro.'

Para que eu seja tua companheira em meio às guerras e no pó da luta, aceita o dom do deus do Etna que, ardente, meu pai portou – agora digna de se juntar às tuas armas. Vá, vá e não te esqueças da terra que primeira, em calmo regaço, vos abraçou, e retorna as velas, quando conquistadas as praias colcas, por este Jasão que deixas em meu ventre.

Entre tristes abraços, então, os Argonautas deixaram a ilha de Lemnos e as esposas com quem coabitaram e construíram descendência. Deixavam-nas, já vencida a primeira das provas de excelência – prova semelhante àquela que também Enéias vencera ao subjugar seus

próprios sentimentos, abrindo mão do amor de Dido, no canto IV da *Eneida*, em cumprimento aos desígnios de Júpiter. Aliás, Dido²⁰⁶ foi, certamente, um dos modelos de inspiração de Valério Flaco para a composição de sua Hipsípila, como o foi também a Hipsípila rodiana. No entanto, diferentemente de Dido, que se matou movida por pudor e por despeito pelo abandono, a Hipsípila flaquina mostrou-se como exemplo de autocontrole e de apropriado comportamento feminino segundo os padrões romanos da época²⁰⁷, ao compreender o motivo da partida de Jasão – a soberana vontade dos deuses. Tal é a interpretação da *ékephrasis* relativa ao bordado da clâmide com que Hipsípila presenteara Jasão. Ao dispor a própria ação de salvamento do pai no bordado, a rainha lemniana autovalorizava-se; mas ao retratar o rapto de Ganimedes, mais não fez que mostrar a razão pela qual o capitão dos Argonautas partia – a vontade de Júpiter²⁰⁸.

Se a Hipsípila flaquina se diferencia de Dido pela contenção da desmedida e pela serena aceitação dos desígnios do Fado, distancia-se, do mesmo modo, de seu modelo alexandrino pela sobrevalorização da virtude eminentemente romana da *pietas*²⁰⁹ – qual Enéias, que carregou Anquises nas costas em fuga de Tróia²¹⁰. Afinal, o salvamento paterno levado a cabo pela Hipsípila rodiana, referido em apenas quatro versos do poema grego²¹¹, assemelha-se mais a uma *exposição* (o abandono que os pais infligiam aos filhos ilegítimos, ou aos frutos de uniões sexuais impróprias) que a um resgate propriamente dito, não se revestindo, portanto, de virtude, mas apenas demonstrando a intenção da princesa de livrar-se da poluição do

²⁰⁶ GARSON, R. W. “Some Critical Observations on Valerius Flaccus’ *Argonautica*. P”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 14, No. 2 (Nov., 1964), 273p.

²⁰⁷ HERSHKOWITZ, Debra. *Valerius Flaccus’s Argonáutica – abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1998. 145p.

²⁰⁸ HERSHKOWITZ, Debra. *Op. Cit.* 143p.

²⁰⁹ HERSHKOWITZ, Debra. *Op. Cit.* 138p.

²¹⁰ HERSHKOWITZ, Debra. *Op. Cit.* 137p.

²¹¹ De todas só Hypsipyle salvára

Thoante, o velho Pae, que allí reinava,

Em cavo cofre ella o metteu, e entrega

Ao mar, que o leva onde salvar-se possa.

Os Argonautas, 21p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

parricídio²¹². Por outro lado, o mesmo episódio latino campeia por sessenta e quatro versos, entremeado do recorrente elogio à excelência filial da lemninana. A Hipsípila latina, portanto, torna-se o maior exemplo de virtude feminina contido na obra de Flaco.

Por outro lado, no episódio flaquiano, também Jasão sobreleva-se aos seus modelos. Êmulo constante de Enéias, Jasão igualmente é pio e reverente para com os deuses, mostrando-se ainda mais presto no cumprimento dos desígnios divinos. Ao passo que Enéias precisou de dois chamados para romper as amarras que o prendiam às terras da Elisa²¹³, para o Jasão latino bastou apenas a reprimenda de Hércules – mais parecida com uma tímida súplica que com uma verdadeira imprecação, em razão do profundo respeito demonstrado por Hércules para com seu comandante. Ademais, foi também em relação à admoestação de Hércules que o Jasão latino ultrapassou, em virtude, seu similar grego. A reação do herói romanizado foi enérgica e viril, cheia de ímpeto – não à toa que o poeta o comparou, como já dito, a um irritadiço cavalo de guerra, ávido pelas batalhas, que apenas esperava o chamado das trombetas de Marte para recuperar seu vigor. Em contrapartida, o Jasão alexandrino, tão mais afeito a aristéias eróticas que às lutas gloriosas²¹⁴, foi humilhado pela reprimenda do Tiríntio, e obedeceu-lhe cabisbaixo a ordem, sem qualquer valentia ou brio²¹⁵.

No entanto, do Jasão helenístico, o Jasão latino recebeu também as virtudes galantes. A capacidade de sedução, tão importante ao comandante da jornada rodiana²¹⁶ – e nas cortes ptolomaicas –, transmitiu-se ao herói flaquiano, que a potencializou na sociedade flaviana. Se o

²¹² CLAUSS, James J. *Op. Cit.* 113.

²¹³ Na *Eneida*, Mercúrio ordena a Enéias duas vezes a partida – uma, nos versos 294/303; outra, nos versos 604/623.

²¹⁴ CLAUSS, James J. *The Best of The Argonauts – the redefinition of the epic hero in book one of Apollonius' Argonautica*. Los Angeles: University of California Press, 1993. 135p.

²¹⁵ Ninguém replicar ousa a tal discurso

Nem os olhos erguer, antes sahindo

Do conselho, a partir se apressam todos.

Os Argonautas, 29p.

²¹⁶ CLAUSS, James J. *Op. Cit.* 138.

episódio da ilha de Lemnos serviu, na composição de ambos os heróis argonáuticos, como um exercício preparatório do guerreiro amoroso para o desafio final da sedução de Medéia – graças a quem a expedição seria vitoriosa em seus objetivos –, o resultado alcançado pelo Jasão latino é muito mais eficaz que o do outro Jasão: ao passo em que a Hipsípila alexandrina apenas demonstrou seu amor nas despedidas²¹⁷, já a Hipsípila latina, como Dido, apaixonou-se pelo herói durante o banquete de boas vindas, tão logo o viu (II, 349/356):

dapibus coeptis mox tempora fallunt
 noctis et in seras durant sermonibus umbras
 praecipueque ducis casus mirata requirit
 Hypsipyle, quae fata trahant, quae regis agat vis
 aut unde Haemoniae molem ratis. unius haeret
 adloquio et blandos paulatim colligit ignes,
 iam non dura toris Veneri nec iniqua reversae
 et deus ipse moras spatiumque indulget amori.

Iniciado o banquete, logo as horas fogem e, em conversas, perduram nas tardas sombras. Principalmente Hipsípila, admirada com os feitos do capitão, indaga qual Fado os traz, que poder régio o conduz e a razão do enorme tamanho da nau hemônia. Um só a prende pela fala, e, pouco a pouco, sente as brandas chamas. Já não mais é avessa ao leito ou contrária a que Vênus retorne – e o próprio deus concede tempo e espaço para o amor.

Jasão também era superior a Enéias na capacidade de sedução. Afinal, para que Dido se enamorasse pelo herói troiano, Vênus enviou Cupido disfarçado de Iulo, que acendeu no coração da viúva de Siqueu as chamas há muito apagadas²¹⁸. Por sua vez, apenas pelos atributos galantes do Jasão flaquiiano, Hipsípila apaixonou-se.

Finalmente, o próprio Hércules latino igualmente alçava-se sobre seu modelo de Apolônio. Irônico e desrespeitoso para com o comandante da viagem grega, Héracles, ao fim

²¹⁷ Carpindo as Lemnias dos Heroes em roda,
 Com mãos, e com palavras os saúdam.
 Também depressa Hyp'sipyle apertando
 Do Amante as mãos. de saudades chora.

Os Argonautas, 29p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

²¹⁸ Com olhos e alma se lhe apegava Dido,
 No colo o assenta, sem saber (coitada!)
 Que deus afaga. O aluno da Acidália
 Siqueu, aos poucos, remover começa,
 E intenso ardor insinuar procura
 Num coração já frio e há muito esquivo.

Eneida, I, 749/755 – Tradução de Odorico Mendes.

da reprimenda pela demora na ilha, convocou os companheiros a abandonar seu capitão, a realçar a precariedade do mando daquele na versão helenística. Note-se que, no texto de Apolônio, o primeiro escolhido para o comando da nau fora o próprio Hércules, que cedeu seu direito a Jasão; enquanto na versão latina em nenhum momento a primazia do Esônide foi questionada, em outra aproximação com Enéias, comandante inderrogável da turma que o acompanhou em sua viagem em direção ao ocidente. Por sua vez, o Hércules flaquiiano pediu a Jasão apenas que este retomasse o comando, sendo sua ameaça tão-só a da própria partida. Sem a arrogância tão característica do Hércules de Apolônio, o Hércules de Flaco não seria, portanto, em momento algum do *epos* latino, exemplo de um herói ultrapassado, bruto ou irracional, que urgia ser abandonado²¹⁹ – como Hércules – mas sim, um exemplo de virtude guerreira, de bravura e ainda de piedade, como se depreenderá da análise dos demais episódios.

Em suma, na versão latina, essa primeira escala da viagem dos intrépidos marinheiros foi o momento em que o poeta tanto ressaltou a virtude tipicamente romana da *pietas* – nos dois sentidos: a *pietas* filial, simbolizada por Hipsípila; e a *pietas* divina, simbolizada por Jasão – quanto fez saber do ímpeto bélico e do poder de comando do capitão da nau, bem como de sua capacidade de sedução. Por sua vez, Valério Flaco pôde também dar início à reabilitação de Hércules, tão achincalhado na tradição alexandrina, mas valorizado em Roma a ponto de servir de parâmetro de comparação, no canto virgiliano, quando da catábase de Enéias guiado por Anquises, para o próprio imperador Augusto²²⁰. O processo de construção dos heróis, no entanto, estava longe de se completar – como a própria jornada da nau Argo, estava apenas no início.

²¹⁹ CLAUSS, James J. *Op. Cit.* 13 e 196-210.

²²⁰ Nem o que a cervo erípide varara,
Que apaziguara as matas do Erimanto,
E a Lerna com seu arco estremecera,
Tanto peregrinou. ...

Eneida, VI, 827/831 – Tradução de Odorico Mendes.

4. O Resgate de Hesíone – ou a *Fortitudo* hercúlea: vv. 451/578

Sem antecedentes ou sucessores literários, o episódio do resgate de Hesíone foi uma das adições exclusivamente flaquiianas à saga argonáutica. Sob a inspiração do mito de Perseu e Andrômeda²²¹, anteriormente exposto por Ovídio²²², Valério Flaco narrou a libertação da jovem princesa troiana pelo herói Tiríntio, valorizando-o e conferindo-lhe a celebridade e o reconhecimento por seus atributos.

Tendo os nautas desembarcado nas terras de Dárdano, após deixarem a ilha de Lemnos e passarem pela mística ilha de Samotrácia (onde foram iniciados em ritos tão secretos que nem sequer o poeta poderia contá-los, além de se purificarem da demora excessiva na ilha, contrária aos desígnios divinos²²³), Hércules e Telamón, enquanto passeavam pela praia, ouviram, ao longe, um débil choro (II, 451/453). Sem demora, os dois seguiram a direção do pranto e encontraram uma jovem agrilhoadada a um penhasco à beira-mar. Vendo a chegada dos heróis, os campônios do derredor, até então escondidos e aterrorizados, aproximaram-se. Hércules indagou à jovem seu nome e o motivo de sua desdita; esta lhe respondeu ser Hesíone, filha de Laomedonte, e que fora presa pelos parentes, por ordem do deus Amon, à penha como oferenda a um terrível monstro marinho enviado por Netuno, que exigia sacrifícios humanos (II, 471/484) – presumivelmente em retaliação ao logro de Laomedonte, que se recusara a pagar-lhe pela construção das muralhas de Tróia. Mas disse também que antigas profecias garantiam que ela, apesar daqueles grillhões, seria salva; tanto que seu pai, o rei de Ílio, prometera ao seu protetor os sagrados cavalos recebidos de Júpiter em recompensa ao rapto de Ganimedes (II, 485/492). Hércules, sem titubeios, ofereceu-se para defendê-la. No

²²¹ HERSHKOWITZ, Debra. *Op. Cit.* 72p.

²²² OVÍDIO, *Metamorfoses*, IV, 663/752.

²²³ SHELTON, James. J. “Valerius Flaccus 2.428-50”. In *Classical Philology*, Vol. 69, No. 4 (Oct., 1974), 293p.

mesmo instante, Netuno retumbou no golfo e enviou o monstro. Seu tamanho era desmesurado, em exagero típico do período flaviano (II, 497/520):

Dat procul interea signum Neptunus et una
monstriferi mugire sinus Sigeaque pestis
adglomerare fretum, cuius stellantia glauca
lumina nube tremunt atque ordine curva trisulco
fulmineus quatit ora fragor pelagoque remenso
cauda redit passosque sinus rapit ardua cervix.
illam incumbentem per mille volumina pontus
prosequitur lateri adsultans trepidisque ruentem
litoribus sua cogit hiems. non fluctibus aequis
nubiferi venit unda Noti, non Africus alto
tantus ovat patriisque manus cum plenus habenis
Orion bipedum flatu mare tollit equorum.
ecce ducem placitae furiis crudescere pugnae
surgentemque toris stupet immanemque paratu
Aeacides pulsantque graves ut terga pharetrae.
ille patrem pelagique deos suaque arma precatus
insiluit scopulo motumque e sedibus aequor
horruit et celsi spatiosa volumina monstri,
qualis ubi a gelidi Boreas convallibus Hebri
tollitur et volucres Rhipaea per ardua nubes
praecipitat. piceo nox tum tenet omnia caelo.
illa simul molem horrificam scopulosaque terga
promovet ingentique umbra subit, intremere Ide
inlidique ~ates~ pronaeque resurgere turres.

Logo, ao longe, Netuno sinaliza e, a um só tempo, faz o golfo monstrífero retumbar e o mar encapelar-se, com a peste sigéia, cujos verdes olhos faiscantes tremem na bruma. Um fragor, como de um raio, sacode as curvas mandíbulas de fileiras trissulcadas. Erguido sobre as águas, ele eleva a cauda e guinda a nuca além das voltas. O mar, do flanco se deitando, o segue, a cair pelas mil curvas – sua chuva arrasta o que na praia tomba. Não com ondas tais chega a tempestade do proceloso Noto, nem tão exultante se lança sobre o oceano o Áfrico, quando Órion, tomando nas mãos as rédeas do pai, agita o mar com o sopro dos cavalos marinhos. Eis que o Eácida espanta-se com o recrudescer das iras do herói pela ansiada luta, [herói] que se erguia com as armas e os músculos, enquanto se entrechocavam as flechas no carcás que ele levava ao ombro. Aquele [Hércules], tendo invocado o pai, o deus do Mar e suas armas, saltou na rocha, e tremeu diante da água erguida das profundezas e das grandes voltas do animal que, como Bóreas, quando sai dos vales do frio Hebro e precipita as céleres nuvens pelos picos do Rifeu, logo ocupa todo o céu com a escuridão. O monstro, ao mesmo tempo, estende a horrível massa e o dorso encarquilhado. Com sombra enorme sobe e faz tremer o monte Ida, derruba matas e soergue torres decaídas.

Perante o monstro, mesmo Hércules trepidou, posto que o enfrentasse com galhardia; lançou suas flechas todas, porém estas resvalaram no couro do bicho; desarreigou, então, do solo uma montanha, e com ela esmagou o lombo do animal medonho, que caiu no mar, tingindo-o de rubro sangue (II, 533/534). Os pastores ovacionaram-no e levaram o libertador da costa de Pérgamo a ter com o rei. Este, por sua vez, em uma recorrência de sua

tíbia personalidade mítica, maquinou furtar-se ao pagamento da promessa, imaginando um modo de matar o herói, enquanto este dormia. No entanto, antes de poder ultimar seu dolo, o próprio Hércules frustrou-lhe a iniciativa ao anunciar sua partida, e pedir ao rei para que custodiasse as montarias, até que ele voltasse da jornada ao levante (II, 567/569). O rei, satisfeito com a possibilidade de protelar a entrega dos preciosos cavalos, falsamente anuiu com o pedido do herói, mas o poeta, aproveitando o ensejo, fez questão de proclamar que por suas perfídias tanto Tróia choraria um dia – em uma referência às duas destruições da cidade patrocinadas pelo arco de Hércules: uma sob o reinado de Laomedonte e outra, mais tarde, quando as flechas de Hércules, nas mãos de Filoctetes, dariam morte a Páris.

O episódio, em si, não excede nem em qualidades poéticas, nem em virtudes narrativas; todavia, tem o condão de oferecer a Hércules a possibilidade de uma façanha só sua na expedição, façanha esta que nenhum outro Argonauta teria conseguido realizar. Sua incomensurável força, capaz de arrancar árvores frondosas e montes gigantescos do chão, foi o talento realçado nesse entrecho do *epos* flaquiano, de tal maneira que, no plano de construção de um herói superior a todos os modelos de antanho, o Tiríntio obteve sua parcela de reconhecimento e a restauração de seu estatuto virtuoso²²⁴. Além disso, o episódio do resgate de Hesíone foi o ensejo que Valério Flaco teve para descrever e valorizar o padrão do herói solitário, porquanto o paradigma principal das *Argonautica* fosse o do herói coletivo – tão bem representado por Jasão²²⁵. Por outro lado, essa valorização individual de Hércules – que, ao mesmo tempo, oferecia ao poema uma certa dose de originalidade, capaz de afastar do poeta a pecha de mero tradutor de obra alheia²²⁶ – emprestava-lhe, por sua vez, a grandeza necessária para não ser objeto de opróbrio quando de seu abandono pelos companheiros, no subsequente

²²⁴ HERSHKOWITZ, Debra. *Op. Cit.* 147p.

²²⁵ *idem.*

²²⁶ GARSON, R. W. *Op. Cit.* 278p.

episódio do rapto de Hilas. Afinal, no período flaviano, a imagem de Augusto, que recorrentemente era comparado a Hércules, serviu de sustentáculo para a afirmação da nova casa dinástica, que buscava, com a emulação de Otaviano, firmeza e solidez para suas próprias instituições. Conservar a grandiosidade de Hércules era importante para asseverar e confirmar os méritos de Jasão – do mesmo modo que restaurar a imagem de Augusto, comprometida pelas ações de seu último descendente dinástico, foi vantajoso para Vespasiano e seus sucessores como forma de sua vinculação à grandeza do primeiro *Princeps*.

No campo das virtudes, portanto, embora não diretamente vinculado com a formação heróica de Jasão, o episódio do *Resgate de Hesíone* foi a ocasião que teve o poeta de realçar a qualidade da *fortitudo* (tomada no sentido simples de força física) como outro valor e honra dos romanos, inspirados no exemplo do Tiríntio. Ademais, a presumível relação alegórica entre Hércules e Otaviano robustece tal interpretação, de modo a preludiar o episódio seguinte, em que os Argonautas todos provaram seu pendor bélico – vencedores incólumes da sangrenta e funesta batalha contra o rei Cízico.

5. A Morte de Cízico – ou a *Virtus* guerreira: vv. II, 635 / III, 464

Partindo de Tróia, onde permaneceram os cavalos ganhos por Hércules em recompensa ao resgate de Hesíone, a expedição prosseguiu viagem. No percurso rumo a oeste, os Argonautas puderam divisar, ao longe, a tumba de Ílio, o monte Ida e o Gárgara horripante. Adentraram, então, no alto mar, onde Heles, a irmã de Frixo, apareceu aos marinheiros, entre golfinhos e divindades, já também ela deificada. A ninfa, que tombara no Oceano ao ser transportada pelo Carneiro de Ouro, contou sua sina a Jasão e pediu-lhe que, quando atingisse as margens do rio Fase, tranquilizasse a alma de Frixo, que lá repousava

temerosa quanto ao destino da irmã. A seguir, após libações e preces em honra à deusa, a nau continuou singrando as águas profundas do Ponto em direção à Ásia; deixou o Percote, o Páριο, a Pítia e Lâmpsaco, até alcançar, no Proponte, as terras dos doliões, domínio do jovem Cízico (II, 579/634).

Ao ver chegarem os marinheiros, Cízico os recebeu como respeitáveis e bem-vindos hóspedes (II, 636/637). Abriu-lhes o palácio e cumulou-os de honrarias e de atenções. Ofereceu-lhes presentes e obteve, em retribuição, a promessa de auxílio nas batalhas que porventura ocorressem durante a estada dos jovens em seu reino constantemente acossado pelos Pelasgos. Então, por três dias, os Argonautas beneficiaram-se da hospitalidade do soberano, que, na partida, ofereceu-lhes, além da promessa de sua perene amizade, trigo, vinho, armas e vestes bordadas; em retribuição, Jasão deu-lhe taças lavradas e os preciosos bridões tessálios (III, 1/13).

Uma nova invocação do poeta alterou, então, o rumo do Canto. Clio, a Musa da poesia heróica, passou a reger a intenção do vate (III, 14/18):

Tu mihi nunc causas infandaque proelia, Clio,
pande virum! tibi enim superum data, virgo, facultas
nosse animos rerumque vias. cur talia passus
arma, quid hospitibus iunctas concurrere dextras
Iuppiter? unde tubae nocturnaue movit Erinys?

Agora tu, Clio, mostra-me as causas e os nefandos combates dos heróis, pois foi dada a ti pelos deuses, Virgem, a faculdade de conhecer as intenções e o curso das coisas. Por que Júpiter consentiu tais guerras? [Por que consentiu] contenderem mãos unidas pela hospitalidade? Para onde a Erinia e as trompas levam a noite?

Sob a invocação da nova musa, Valério Flaco, primeiro, narrou a motivação das desgraças que se abateram sobre Cízico (III, 19/31):

Dindyma sanguineis famulum bacchata lacertis
dum volucris quatit asper equo silvasque fatigat
Cyzicus, ingenti praedae deceptus amore
adsuetum Phrygiae dominam vectare per urbes
oppressit iaculo redeuntem ad frena leonem.
et tunc ille iugas captivaeque postibus ora
imposuit, spoliis infelix divaeque pudendum.

quae postquam Haemoniam tantae non immemor irae
 aerisono de monte ratem praefixaque regum
 scuta videt, nova monstra viro, nova funera volvit,
 ut socias in nocte manus utque impia bella
 conserat et saevis erroribus implicet urbem.

Enquanto, na Orgia Dindima, encrespado pelo célere corcel, Cízico faz estremecer o servo de braços ensangüentados, tomado pelo imenso amor à caça, ele atingiu com a lança o leão acostumado a conduzir pelas vilas Frígias sua Senhora. Ele, então, afixou nos postigos a cabeça e a juba da presa – infeliz despojo e opróbrio para a deusa que, recordando-se de tanta ira, viu do monte aerissono a nau hemônia munida com os escudos de reis. Planeja, então, ao homem novas desgraças e novas mortes, para que, na noite, enfrentem-se mãos amigas, em ímpia guerra, e encha a cidade com cruéis equívocos.

Tal foi o motivo dos lamentáveis acontecimentos que se seguiram à partida dos marinheiros – a ira da deusa Cibele, cujos ritos haviam sido perturbados e cujo animal de estimação fora morto pelo jovem e imprudente rei. Por isso, enviado pela iracunda deusa, um torpor divino cerrou os olhos do piloto Tífis, e a nau Argo, que se pôs a viajar ao sabor dos ventos, guinou seu curso, retornando, no breu da noite, às praias antes hospitaleiras (III, 41/42). Os ilhéus, desavisados, julgaram que chegassem ao porto os Pelasgos, seus inimigos antigos. Tomaram, pois, armas e lançaram-se, belicosos, em pretensa defesa da terra. De todos os lares, os homens partiram e arrojaram-se à luta – mesmo Cízico que, despertado do sono por Belona, convocou a tropa para a luta à mão-cega. Os Argonautas, não esperando pela aguerrida e inóspita recepção, ainda hesitaram – não queriam o combate, sem distinguirem o inimigo. Contudo, lanças pontiagudas atingiram a embarcação e compeliram os tripulantes à refrega. Sem outra opção senão a batalha, os nautas não se furtaram à valentia (III, 80/82):

princeps galeam constringit Iason
 vociferans: 'primam hanc nati, pater, accipe pugnam
 vosque, viri, optatos huc adfore credite Colchos.'

Jasão, o primeiro, ajusta o elmo, vociferando: Aceita, Pai, esta primeira luta de teu filho; e vós, varões, crede que aí estão os tão ansiados colcos.

A luta fez-se terrível (III, 90/94). Em uma descrição de tática inteiramente romana, a estratégia de guerra dos Argonautas fê-los organizarem-se sob a formação da *tartaruga* (III, 147), e dizimar as tropas adversárias. Escudo a escudo, eles suportaram a investida dos ilhéus e

derrubaram-nos fragorosamente. Cada Argonauta teve sua própria *aristéia*, banhando o chão da ilha com o sangue, os ossos e os miolos daqueles que até havia pouco eram seus amigos. Durante toda a noite os heróis de ambos lados enfrentaram-se, infligindo absoluta derrota aos súditos de Cízico. A este, por seu turno, a lança de Jasão também alcançou, cravando-se-lhe no peito e subtraindo-lhe a vida. Sua última visão foi a das torres da deusa Cibele, acompanhada pelo rugido do leão (III, 234/235).

Morto o rei, Júpiter decidiu que era hora de interromper a seva batalha (III, 249/251). Ao redor das muralhas, corpos juncavam a praia, quando a Aurora conduziu sua biga rósea e mostrou aos Argonautas a verdadeira face de seus adversários. Um lamento compungido espalhou-se pelas areias e os nautas, cientes da desgraça cometida, choraram pelos mortos amigos (III, 274/276). Jasão, mais que depressa, ordenou que os companheiros preparassem as exéquias. Derrubaram-se matas, elevaram-se piras, sacrificaram-se animais e depuseram-se riquezas junto ao cadáver de Cízico. Respeitosos, os heróis cumpriram os ritos fúnebres (III, 332/361).

No entanto, mesmo tendo sido prestadas todas as homenagens aos guerreiros trucidados, o ânimo e o vigor desapareceram aos jovens, que, prostrados, caíram na inação, tombados pelo desânimo. Por duas vezes o vento os chamou para zarparem, mas, como não lhes restasse confiança alguma, não retornaram ao mar. Em razão do quebranto que atingira os companheiros, Jasão pediu a Mopso, o adivinho que acompanhava a expedição, que lhe revelasse o motivo de tamanha angústia e tão grande consumição. A resposta de Mopso clara: as almas dos mortos necessitavam dos ritos fúnebres para livrarem-se da ira que as retinha. Cumpridos, então, todos os ditames preceituados pelo filho de Apolo, as forças retornaram aos nautas, que puderam, enfim, partir.

Eis a suma do episódio flaquiano. No entanto, para a compreensão de sua função no *corpus* argonáutico latino, mais uma vez faz-se indispensável o seu confronto com o canto de Apolônio de Rodes, disposto nos versos 961/1116, do Canto I de suas *Argonautica*. Em um resumo ainda mais breve que o anterior, os eventos narrados pelo poeta alexandrino podem ser expostos da seguinte forma²²⁷: Ao alcançarem a terra dos doliões, os Argonautas foram recebidos por Cízico, o jovem rei da ilha, com fartos dons de hospitalidade. Logo na manhã seguinte à chegada, conduzidos pelo rei, os marinheiros heládicos foram conhecer seus domínios quando, do alto do monte Díndimo, Hércules divisou gigantes, que tentavam cercar o barco fundeado na baía logo abaixo. Mais que depressa o Tiríntio tomou seu arco e disparou flechas ligeiras contra os brutamontes. Estes revidaram, arrojando contra ele grandes rochedos. Os demais heróis correram ao seu auxílio e, em pouco tempo de batalha, todos os gigantes restavam tombados e mortos na praia. Finda a luta, era tempo de despedidas. Os moços tornaram ao mar e zarparam; mas, na noite escura, um vento alterou a rota da embarcação, que voltou ao porto amigo, sem reconhecê-lo. Iniciava-se, assim, a funesta refrega, que, sem maiores descrições do poeta, matou o rei e doze ilhéus. O massacre prosseguiu até a chegada da Aurora, quando os nautas perceberam seu trágico e irreparável erro. Por três dias, então, eles choraram o luto sinistro. Depois, uma tempestade os prendeu junto ao porto por mais doze dias, até que uma andorinha voou em torno do capitão e Mopso leu seu vôo como um augúrio – que prestassem culto à deusa Rea, senhora do monte Dindimo. Cumpridos os preceitos, a procela amainou-se; um vento favorável soprou e a Nau fez-se, de novo, ao mar.

Três interpretações tentaram dar conta da função do episódio de Apolônio na saga argonáutica – nenhuma delas excludente ou inconciliável com as demais. Uma das possíveis

²²⁷ RHODIO, Apollonio. *Os Argonautas*. Tradução José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional. 1852. 31p e ss.

leituras do entrecho apontaria para a intenção etiológica, tipicamente alexandrina, do autor²²⁸, haja vista a seqüência de indicações da origem dos nomes de fontes, rios e acidentes geográficos, bem como de ritos e cultos religiosos, todos eles relacionados com a passagem dos Argonautas pela região²²⁹. Por outro lado, o episódio de Cízico tentou explicar a hipótese de condenação à guerra – apresentada sem causa e fruto de enganos no texto de Apolônio²³⁰. O contraponto estabelecido com o trecho da batalha de Hércules (símbolo do herói anacrônico) contra os gigantes reforça o caráter ultrapassado das contendas, apresentadas pelo poeta alexandrino como um mero equívoco – era, enfim, o canto de paz ptolomaico. Finalmente, uma terceira via pretendeu alargar a hipótese pacifista do canto de Apolônio²³¹, inserindo aí o elemento erótico da virtude cortesã alexandrina. Essa concepção pode ser aferida pelo cotejo entre o episódio²³² das Mulheres de Lemnos e o da Morte de Cízico. Afinal, o sucesso alcançado pela virtude galante dos Argonautas, quando de sua estada com as viúvas assassinas, foi contrabalançado pelo insucesso fragoroso do erro bélico, causador, sem motivos, de tanto nojo e dor.

Pois bem, mais uma vez, a partir da interpretação do trecho de Apolônio, basilar para o entendimento do canto de Valério Flaco, faz-se possível a compreensão teleológica do

²²⁸ FITCH, Edward. “Apollonius Rhodius and Cyzucus”. In *The American Journal of Philology*, Vol. 33, No. 1 (1912), pp. 55p.

²²⁹ O trecho abaixo serve de exemplo paradigmático para a explicação pretendida. Ressalte-se apenas que outros exemplos podem ser facilmente extraídos do texto de Apolônio:

De Thyfis por conselho ali deixaram
 Um penedo, que de âncora lhes serve,
 Junto da Arcacia fonte, e outro tomaram
 De maior pezo; mas correndo o tempo
 Obrigados do Oráculo de Apollo
 Os Neleios Iônios depozeram
 Da Jasonia Palas o seixo antigo
 No Templo, e como sacro lh’o votaram.

Argonautas, 32p – Tradução de José Maria da Costa e Silva.

²³⁰ CLAUSS, James J. *The Best of The Argonauts – the redefinition of the epic hero in book one of Apollonius’ Argonautica*. Los Angeles: University of California Press, 1993. 175p.

²³¹ BEYE, Charles R. *Ancient Epic Poetry – Homer, Apollonius, Virgil*. New York: Cornell University Press. 1993. 200p.

²³² HERSHKOWITZ, Debra. *Valerius Flaccus’s Argonautica – abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1998. 174p.

episódio em questão. Preliminarmente, o canto flaquiano mostrou-se indiferente às indagações etiológicas presentes nos versos de Apolônio. Por outro lado, pela própria disposição do texto, vê-se a opção guerreira emprestada ao canto latino, bastante adequada à atitude castrense e expansionista da Roma do período Imperial Flaviano. As guerras, portanto, seriam motivadas pela vontade dos deuses, e não pelo mero acaso ou pelo sabor dos ventos, como no canto ptolomaico²³³; não foi à-toa que o poeta narrou a razão da punição a Cízico no início de seu Canto III (III, 19/31), logo após a invocação da musa Clio – punição esta cominada ao ato de impiedade, a *hybris*, do jovem rei, que matara o leão da deusa Cibele e perturbara seu culto. Jasão, então, juntamente com Pã (III, 46/50) e Belona (III, 60/64) – deuses associados às guerras e às virtudes belicosas – fez-se instrumento da vingança divina, e não apenas um mero joguete da sorte, como seu similar de Apolônio: tanto que além de ter oferecido em consagração seu primeiro combate a Júpiter (III, 81/82), o capitão dos Argonautas ainda recebeu do poeta o epíteto de *dux campi Martisque* – senhor do campo e da guerra (III, 150).

Graças a esse expediente de divinização da causa dos combates, Valério Flaco conseguiu reverter o fiasco do episódio de Apolônio, a mostrar como virtuosa e sagrada a ação combativa dos heróis latinos. Ademais, em outra reconfiguração do episódio alexandrino²³⁴, o poeta flaviano narrou uma vasta seqüência de pequenas aristéias (III, 74/211), nas quais tomaram parte diversos dos nautas, em celebração às virtudes individuais daqueles – enquanto Apolônio de Rodes apenas vinculou os mortos aos seus algozes, em um rápido rol, Valério

²³³ Passado da batalha o terror todo,
Desamarrando a Náo, dam vela os Mynias,
E avante cortam a planície equorea.
Durante a noute as procellas contrangeram
A arrepiar caminho á Náo, que torna
Dos hospedeiros Doliões ao porto.

Argonautas. 33p – Tradução de José Maria da Costa e Silva.

²³⁴ GARSON, R. W. "Some Critical Observations on Valerius Flaccus' *Argonautica*. P". *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 14, No. 2 (Nov., 1964). 267p.

Flaco descreveu, ainda que sumariamente, cada assassínio, como nas gestas homéricas ou nos Cantos II, VIII e IX da *Eneida*.

Clara, portanto, a identificação da virtude guerreira com os eventos descritos no episódio da Morte Cízico, ainda resta perceber a ênfase moral dada ao luto dos Argonautas no canto latino²³⁵. Se apenas a ausência dos ventos impedia a partida da nau Argo alexandrina, o luto e a dor dos marinheiros consumidos pelo remorso retinham a nau flaviana. Por isso, dois expedientes completamente diferentes foram utilizados pelos dois diferentes capitães: o Jasão de Apolônio apenas sacrificou à deusa Rea para que esta lhes concedesse bons ventos; o Jasão flaquiano, por outro lado, perpetrou, sob a orientação do fêbeo Mopso, um intrincado ritual de despedida para os espíritos dos mortos, que se prendiam ainda ao mundo dos vivos (III, 430/459).

Enfim, sem descaracterizar a vitória galante obtida pelo garboso Jasão quando de seu encontro com Hipsípila, o herói cumpriu também sua primeira aristéia, provando sua *virtus guerreira*. O Jasão amoroso tornou-se, portanto, o Senhor do Campo e da Guerra, guardando, a todo passo, sua *pietas*. Hércules, por seu turno, permaneceu como o bravo e forte herói, inspirador de feitos e de gestas – como Augusto, para Vespasiano e seus filhos.

6. O Rapto de Hilas – ou a *Auctoritas* : vv. III, 481/ IV, 81

Os ritos expiatórios conduzidos por Mopso sob a inspiração de Apolo conseguiram livrar os Argonautas do desânimo e do medo, causados pelo grande remorso e pela ira dos Manes. As oferendas depostas pelo adivinho no altar votado a divindades desconhecidas foram, então, acolhidas por duas serpentes de línguas dardejantes, em sinal de aceitação. Os nautas, convocados pelo canto do vate a retomar os bancos e os remos, ajustaram suas armas e

²³⁵ GARSON, R. W. *Op. Cit.* 268p.

lançaram-se mais uma vez ao mar. Em porfia, incitaram-se uns aos outros a forcejar; quando Hércules, no afã da disputa, quebrou seu remo (III, 459/480). Assim, tão logo a nau aportou na Mísia, o Tiríntio, acompanhado de Hilas, partiu em busca de um grande olmo, com que pudesse repor o instrumento partido (III, 481/486). No entanto, do empíreo, Juno, que via o detestado enteado afastar-se do restante da tripulação, tramou fazer-lhe mal. Afastou dele a proteção de Palas e procurou por Dríade, uma das ninfas do bosque, prometendo-lhe casamento com o formoso e ilustre Hilas (III, 535/544). Imediatamente, a deusa ainda fez surgir diante do rapaz um grande cervo de frondosos cornos e instigou o jovem a caçá-lo (III, 549/564):

credit Hylas praedaeque ferox ardore propinque
 insequitur, simul Alcides hortatibus urget
 prospiciens. iamque ex oculis aufertur uterque,
 cum puerum instantem quadripes fessaque minantem
 tela manu procul ad nitidi spiracula fontis
 ducit et intactas levis ipse superfugit undas.
 hoc pueri spes lusa modo est nec tendere certat
 amplius; utque artus et concita pectora sudor
 diluerat, gratos avidus procumbit ad amnes.
 stagna vaga sic luce micant ubi Cynthia caelo
 prospicit aut medii transit rota candida Phoebi,
 tale iubar diffundit aquis: nil umbra comaeque
 turbavitque sonus surgentis ad oscula nymphae.
 illa avidas iniecta manus heu sera cientem
 auxilia et magni referentem nomen amici
 detrahit, adiutae prono nam pondere vires.

Hilas acredita e, com ardor, feroz segue a presa próxima, enquanto o Alcides, vendo-o, o incita com exortações. Já um e outro são levados de sua vista, quando o quadrúpede conduz para longe o jovem que o persegue lançando dardos com a mão cansada, até aos jorros de uma fonte cristalina. O animal, ligeiro, foge por sobre as intactas ondas. Assim perdeu-se a esperança do jovem que já não mais longe tenta prosseguir. Como o suor porejava-lhe do peito arfante e dos braços, ele, ávido, debruçou-se sobre a água reconfortante. Como o lago parado brilha com a luz quando a Cíntia vigia do céu ou a resplandecente roda de Febo atravessa o zênite, assim era o brilho espalhado nas águas: nem sombras, nem cabelos ou o som da ninfa erguendo-se para um beijo turbaram-nas. Ela, segurando as mãos sedentas, ah, puxa-o, que tarde pede ajuda e chama o nome do grande amigo. O pender para frente [do rapaz] ajuda-lhe as forças.

Sem saber do destino do jovem amigo, Hércules, já com o olmo ao ombro, retornou para junto dos companheiros. Esperava lá encontrar o rapaz, mas não o divisou entre os heróis. Buscou-o, então, até a noite, mas sem qualquer sucesso. Entretanto, dor, melancolia e

delírio assaltaram-no quando compreendeu que sua madrasta subtraíra-lho (III, 580), e o fortíssimo herói, desatinado, correu para as montanhas, destruindo árvores, feras e homens inocentes que encontrava pelo caminho. Pelos desvios do bosque gritava, secundado pelo eco: *Rursus Hilam* – volta Hilas! Por seu turno, os companheiros também o chamaram e rechamaram, por sete dias (III, 652).

Mas, incitados por Juno, os bons ventos sopraram. Tífis, então, já impaciente com a delonga, conclamou os sócios a partirem (III, 611/627). Por isso, Jasão convocou os Argonautas para deliberarem, aduzindo o argumento de que os desígnios de Júpiter já haviam predito que Hércules – ou, mais precisamente, o *maximus armis* (III, 619) – não completaria a jornada. Os nautas, então, ardorosos e animados, anuíram com a iniciativa do piloto, embora Telamón, companheiro mais próximo de Hércules, se insurgisse contra a decisão do abandono do amigo. Em adverso discurso (III, 649/689), Meleagro, agastado, respondeu-lhe que a expedição não precisava do Tiríntio, e que, ademais, este deixara a equipagem por vontade própria ou por soberba – se não fosse por deletéria fúria insana. Acordes com Meleagro, os nautas prepararam a partida; Telamón ainda obtemperou, mas em vão. Apenas guardando tristeza, os marinheiros assumiram suas posições e a nau zarpou, deixando, ainda na mata, o herói entregue ao luto (III, 740).

No ínterim, comovido pelos *pios amores* do filho (IV, 2), Júpiter intercedeu. Incepou Juno pelos favores concedidos a Jasão em detrimento de Hércules, cominando, pelo sofrimento do Tiríntio, a vingança que Medéia perpetraria contra o Esônide e contra todo o povo grego (IV, 13/14). Enviou ainda para junto do herói abandonado o Sono, como lenitivo ao seu desespero. Então, no sonho, Hilas apareceu para Hércules, pedindo-lhe que cessasse o pranto (IV, 25/37). Hércules tentou retê-lo, mas a sombra do rapaz desfez-se à medida em que o herói despertava. Este ainda chorou, lamentando-se por deixá-lo sozinho na montanha; mas

voltou a buscar os companheiros de viagem, não os encontrando, posto que apenas os divisasse, cheio de vergonha, ao longe, já no mar (IV, 51/57).

Hércules, então, voltou seus passos para Tróia, indo em busca dos cavalos que recebera em recompensa à libertação de Hesíone. Mas antes de lá chegar, Latona, Diana e Apolo foram suplicar a Júpiter que concedesse ao herói uma nova e maior glória: que este fosse ao Cáucaso libertar Prometeu dos grilhões e do abutre imortal. E assim Júpiter concedeu, ordenando que Íris transmitisse sua vontade ao forte, que novamente se rejubilou (IV, 58/81).

Tal é o argumento do canto de Flaco que, mais outra vez, apenas revela sua vinculação com a tradição literária precedente. Afinal, o tema do rapto de Hilas fora tão abordado na antigüidade que mereceu a ironia do verso virgiliano: *Cui non dictus Hilas puer?* – Por quem não foi cantado o jovem Hilas²³⁶?

As duas primeiras fontes poéticas do mito, e, por conseguinte, as duas primeiras bases de comparação entre as personagens, são exatamente alexandrinas: uma de Teócrito, outra de Apolônio de Rodes. De Teócrito, Valério Flaco distingue-se quanto ao estatuto de Hilas, uma vez que na obra do bucólico – no Idílio XIII²³⁷ – o jovem amigo de Héracles aparecia como mero criado do herói, enquanto no texto do poeta latino figurou como um verdadeiro aprendiz de guerreiro. Afinal, no canto alexandrino, o jovem fora raptado por um coro de ninfas (e não por uma só, como no *epos* flaquiiano) no momento em que buscava água para a refeição do Tiríntio, ocupado no desarreigar de árvores; por outro lado, o belo Hilas latino foi abduzido quando, sedento pela corrida, caçava um altivo cervo. Além disso, o estatuto heróico do Hilas flaquiiano já havia sido cantado em duas outras oportunidades – na chegada de Hércules à expedição (I, 107/111) e durante a funesta batalha contra Cízico (III, 181/185):

²³⁶ VIRGILIO. *Georgicon* III, 6.

²³⁷ THÉOCRITE, MOSCHOS, BION. *Les Bucoliques Grecs*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1931. 67p.

Protinus Inachiis ultro Tirynthius Argis
 advolat, Arcadio cuius flammata veneno
 tela puer facilesque umeris gaudentibus arcus
 gestat Hylas; velit ille quidem, sed dextera nondum
 par oneri clavaeque capax.

De pronto, livremente, acorre da ináquia Argos o Tiríntio, cujo arco e as flechas inflamadas por veneno Arcádio o jovem Hilas leva nos ombros ledos – na verdade, ele queria a clava, mas a mão ainda não era capaz do peso.

E:

desere nunc nemus et nympharum durus amores!
 at diversa Sagen turbantem fallere nervo
 tum primum puer ausus Hylas (spes maxima bellis
 pulcher Hylas, si fata sinant, si prospera Iuno)
 prostravitque virum celeri per pectora telo.

Feroz, agora, deixa o bosque e os amores das ninfas! E então Hilas, ousando pela primeira vez retesar o arco contra Sagen, que estava confuso entre os inimigos, prostrou o varão com um célere dardo no peito (máxima esperança nas guerras é o belo Hilas, se o permitem os Fados e se o propicia Juno).

As qualidades bélicas do Hilas latino também se afirmaram em contrapartida do texto de Apolônio²³⁸. Como em Teócrito, o Hilas épico alexandrino não passava de um fâmulo, raptado por Hércules da casa dos pais, aos quais o Tiríntio dera morte em uma discussão dolosa acerca de um boi. No entanto, o maior contraponto estabelecido com o texto de Apolônio de Rodes reside na caracterização do próprio Hércules – menosprezado, como constantemente referido, no canto alexandrino.

Nesse sentido, duas interpretações mostram-se possíveis acerca da função do episódio de Hilas na tessitura da trama helenística – ambas consistentes e fulcrais para a

²³⁸ Longe dos Mynias divagando em tanto,
 Hylas com eneo vaso procurava
 Sacra corrente de uma fonte, aonde
 Agoa, que á cêa a Hercules presente,
 Recolha, por que tinha prompto tudo
 Para quando ele volte: em taes costumes
 O creou de menino, e desde quando
 Da casa de seu Pae Theodamante
 O roubou, Theodamante, a quem deu morte
 Por se oppôr a tirar-lhe um Boi do Arado
 Dos Dryopes na terra.

Argonautas, 40p – Tradução de José Maria da Costa e Silva.

compreensão do herói flauiano. Pela primeira interpretação²³⁹, Hércules simbolizaria (conforme a visão cortesã alexandrina, note-se bem) não só um modelo ultrapassado de virtude guerreira, baseada no valor individual e na exaltação da força; mas seria também o exemplo de uma sexualidade de conotação pederástica, desusada na sociedade ptolomaica – de cariz nada misógino²⁴⁰. Por isso, o desembarque do herói representaria o afastamento da valorização do amor homoerótico, pouco adequado à sociedade galante da época. Ademais, o desespero insano que tomou o forte herói quando do desaparecimento do amado moço denotaria sua desmedida no uso dos prazeres sexuais, desmedida essa que precisaria ser extirpada, como marca de excelência do homem virtuoso. A demência que consumiu o Alcides, despertada pelo amor defraudado, era, pois, a conseqüência de sua intemperança, cujo resultado único levaria, inexoravelmente, à necessidade de seu abandono.

Já a segunda interpretação não questionou a sexualidade do herói de Apolônio, mas apenas o seu modelo de força²⁴¹. Se a virtude do herói helenístico primava pela habilidade social e pela diplomacia²⁴², aquele cujo atributo primordial fosse o vigor bélico e a fortidão imensa não teria valor, devendo, portanto, ser objeto de abandono.

Pois bem, em oposição a essas duas possíveis interpretações do episódio alexandrino, o modelo flaviano deu mais um passo em direção à edificação de um padrão de excelência da Roma no final do Iº século. Começando pela primeira hipótese, o abandono de Hércules não teria ocorrido em razão de seu desatino amoroso, mas pela intercessão direta da vontade dos

²³⁹ BEYE, Charles R. *Ancient Epic Poetry – Homer, Apollonius, Virgil*. New York: Cornell University Press. 1993. 200p.

²⁴⁰ BEYE, Charles R. *Op. Cit.* 202p. E o Idílio XV, de Teócrito, que celebra as virtudes e a grandeza de Berenice, esposa de Ptolomeu.

²⁴¹ CLAUSS, James J. *The Best of The Argonauts – the redefinition of the epic hero in book one of Apollonius' Argonautica*. Los Angeles: University of California Press, 1993. 198p.

²⁴² Cumpre pois que de nós o mais prestante

Se escolha sem paixão, que seja o Chefe,

Que tudo tenha a cargo, ou com estranhos

De pugnar se haja, ou de fazer alianças.

Argonautas, 12p – Tradução de José Maria da Costa e Silva.

deuses. Todo o plano fora idealizado por Juno, que não só excitou os desejos da Ninfa raptora de Hílas, mas ainda enviou bons ventos aos nautas, incitando, assim, a partida de Argo e o abandono de Hércules. Além disso, o próprio Tiríntio percebeu que a motivadora do desaparecimento do rapaz fora a vingativa madrasta (III, 579/580), quando então seu *furor* teve início. Por outro lado, mais uma vez afastando a conotação sexual do envolvimento entre Hércules e Hílas, a caracterização construída por Valério Flaco reportou diretamente à ligação parental de Enéias e Iulo, em possível emulação do modelo virgiliano, ligação já anunciada logo no início do episódio (III, 485/486)²⁴³:

petit excelsas Tiryntius ornos,
haeret Hylas lateri passusque moratur iníquos.

O Tiríntio busca grandes olmos, e Hílas, ao lado, o segue, atrasado pelos passos desiguais.

Na *Eneida* (II, 723/724):

O tenro Iulo
Trava-me a destra, amiída os curtos passos
Por alcançar os meus.
Eneida, II, 756/757 – Tradução de Odorico Mendes.

Além disso, o sonho de Hércules, em que este divisou o belo Hílas, guardou grande e inequívoca semelhança com o sonho de Enéias²⁴⁴, no qual Creúsa, sua esposa desaparecida, despediu-se e animou-o para os futuros eventos gloriosos (IV, 25/31):

'quid, pater, in vanos absumis tempora questus?
hoc nemus, hoc fatis mihi iam domus, improba quo me
nympha rapit saevae monitu Iunonis, in amne.
nunc Iovis accessus et iam mihi limina caeli
conciliat iungitque <toros> et fontis honores.
o dolor, o dulces quas gessimus ante pharetrae!
iam socii laetis rapuerunt vincula ventis,
hortator postquam furiis et voce nefanda
impulit Oenides. verum cum gente domoque
ista luet saevaeque aderunt tua numina matri.

²⁴³ GARSON, R. W. "The Hílas Episode in Valerius Flaccus' *Argonavtica*". *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 13, No. 2 (Nov., 1963), 264p.; e HERSHKOWITZ, Debra. *Op. Cit.* 150p e ss.

²⁴⁴ MALAMUD, Martha A.; MCGUIRE, Donald T. "Flavian Variant: Myth. Valerius' *Argonautica*". *Roman Epic* – Edited by A. J. Boyle. London: Routledge. 197p.

surge age et in duris haud umquam defice, caelo
 mox aderis teque astra ferent: tu semper amoris
 sis memor et cari comitis ne abscedat imago.¹

Por que, ó pai, consumes o tempo em vãos lamentos? Pelo Fado, é minha casa o bosque em que a Ninfa lasciva raptou-me, a conselho de Juno. Agora, a permissão de Júpiter já me abre as portas do céu e concede-me a honra das fontes e as orações. Ó dor, ó doce carcás que antes levamos! Já os companheiros soltaram as amarras com os alegres ventos, depois que o Enide [Meleagro] os exortou com cóleras e voz nefanda – com sua casa e sua gente ele o pagará, e teus poderes ajudarão a seva mãe. Erga-te, pois, e não te esmoreças nas agruras; mais tarde estarás no céu e os astros te levarão. Sê sempre lembrado do amor e não afastes a imagem do querido amigo.

Na *Eneida* (II, 771/795):

Que vale a dor sobeja, ó doce esposo?
 Sem nume isto não é: levar Creúsa
 Te veda o fado, o regedor sublime
 Do Olimpo o não consente. Em longo exílio
 Tens de arar vasto pego até à Hespéria,
 Onde entre pingues populosos campos
 O lídio manso Tibre inclina a veia.
 Com saudades não chores da consorte:
 Um reino te espera e uma princesa.
 Nem eu, Dardânia e de Vênus nora,
 Irei servir as Têssalas altivas,
 Nem dolopéias damas: cá me impede
 A grande mãe Cibele. Adeus, Enéias;
 Todo na prenda nossa o amor emprega.

Eneida, II, 812/825 – Tradução de Odorico Mendes.

A referência à legítima ligação marital de Enéias e Creúsa auxilia a interpretação do *Pius Amor* (IV, 2) de Hércules e Hilas, em continuidade do raciocínio que permitiu a valorização heróica do par de amigos. Todavia, os dois símiles utilizados pelo poeta para acentuar o desespero do Tiríntio reforçam ainda mais essa tese (III, 737/740 e IV, 44/49), cuja consequência primeira é elevar Hércules à condição de objeto de inequívoca reverência, como de fato o era no período flaviano:

non aliter gemitu quondam lea prolis ademptae
 terga dedit: sedet inde viis inclusaque longo
 pervigilant castella metu, dolor attrahit orbis
 interea et misero manat iuba sordida luctu.

Não de outro modo, com um gemido, a leoa, quando tomada sua prole, voltou-se: deitou-se no caminho enquanto as tropas, presas por grande medo, vigiam: a dor, no entanto, fecha seus olhos e a imunda juba, em triste luto, se derrama.

O outro símile:

fluctus ab undisoni ceu forte crepidine saxi
 cum rapit halcyonis miserae fetumque laremque,
 it super aegra parens queritur<que> tumentibus undis
 certa sequi quocumque ferant audetque pavetque,
 icta fatiscit aquis donec domus haustaque fluctu est;
 illa dolens vocem dedit et se sustulit alis:

Qual quando, por azar, do cais de pedra undíssonos, a onda arranca o ninho e a cria do desgraçado maçarico; e a mãe, aflita, procura-o sobre as ondas intumescidas e lastima-se; e certa, segue por onde o levam, e ousa e teme, até que cansa e o ninho, golpeado pelas águas, é imerso pelo fluxo; e ela, a sofrer, grita e se alteia com as asas.

Portanto, pelo uso dos dois símiles e pela recorrência alusiva aos versos virgilianos, o canto de Flaco afastou de Hércules, enfim, toda e qualquer mácula de desmedida, transformando-o em um respeitoso exemplo de dignidade paterna, em outra demonstração da *pietas* norteadora de todo o *epos* flaquiano. Além disso, em referência à segunda linha de interpretação do poema de Apolônio de Rodes, o Hércules latino não foi arredado da expedição por ser um modelo de virtude ultrapassado; pelo contrário, afinal o próprio Júpiter consentira em dar-lhe uma tarefa tão heróica quanto a busca pelo Tosão de Ouro. Por instância de Latona e de seus filhos divinos, o Pai dos deuses conferiu ao Tiríntio a digníssima missão de libertar Prometeu do abutre que lhe devorava o fígado (IV, 62/81), em evidente celebração de sua excelência²⁴⁵.

Se, pois, tanto Hílas quanto Hércules obtiveram seu quinhão de heroísmo no episódio do *epos* latino, com Jasão não poderia ser diferente. O episódio do rapto de Hílas deu

²⁴⁵ A hipótese de Liciano Landolfi (LANDOLFI, Luciano. “Intertestualità e dottrina nell’episodio del ratto di Ila”. Pan. Studi del Dipartimento di Civiltà Euro-Mediterranee e di Studi Classici, Cristiani, Bizantini, Medievali, Umanistici 20 (2002). 133-154 pp.), pela qual o papel do episódio de Hílas seria o de formação de um *par heroicum*, aos moldes de Niso e Euríalo, da *Eneida*, não parece prosperar, haja vista a seqüência dos símiles acima referidos, que indicam a relação parental clara entre Hércules e Hílas. Além disso, o *par heroicum* de Hércules, já referido por Teócrito (Idílio XIII), é Telamón, como o próprio Flaco faz saber no verso II, 384. Seu argumento de que o sonho de Hércules reporta ao sonho de Aquiles, no canto 23, também falece perante o sonho de Enéias, fonte imediata e recorrente da obra de Flaco.

a Flaco azo para valorizar uma outra virtude de seu herói²⁴⁶ – a *auctoritas* –, apenas esboçada no início do Canto I, quando da formação da tripulação. Trata-se da inquestionável primazia de Jasão no comando da nau, ou de sua perfeita adequação para o posto. Mais uma vez, a recorrência à obra rodiana faz-se imprescindível para a percepção dessa ocorrência. No poema alexandrino, a primeira escolha para ocupar o posto de capitão – aquele que seria o melhor dentre os nautas – recaía sobre Hércules, que declinou, porém, da dignidade, oferecendo-a a Jasão²⁴⁷. Tratava-se da clara demonstração da precariedade da liderança do Esônide, ou de sua imaturidade para a função de condutor da expedição. No canto latino, por outro lado, a ascendência de Jasão sobre os companheiros de saga desde o início não foi questionada. Já quando do anúncio da expedição, feito por Juno na Macedônia e na Argólia, a notícia era de que Jasão desafiava inexplorados ventos e que com ele deveriam embarcar todos aqueles desejosos por glória (I,95/99) - como no pedido de adesão à expedição feito por Acasto, sob o comando do protegido das deusas, ele lograria realizar seus primeiros feitos (I, 175). Do mesmo modo, no episódio alexandrino das mulheres de Lemnos, a reação de Hércules, como já referida, foi a de menoscabar o comando de Jasão, incitando o motim da deserção geral, ao passo que no canto latino o pedido de Hércules restringiu-se a que Jasão retomasse o comando da expedição. Então, nessa mesma linha de afirmação da *auctoritas* do Esônide, a réplica de Meleagro a Telamón no final do episódio do rapto de Hilas, logo após a convocação de Jasão para a deliberação dos sócios a respeito do abandono de Hércules, ainda mais realçou o mando

²⁴⁶ GARSON, R. W. “The Hilas Episode in Valerius Flaccus’ *Argonautica*”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 13, No. 2 (Nov., 1963), 264p.

²⁴⁷ Callou aqui, e os olhos dos Mancebos
 Já designavam o robusto Alcides,
 Que allí sentado está; e a uma todos
 Já com clamor unânime o proclamam.
 Mas o Heroe, d’onde jaz, alçando a dextra:
 “Tal honra (diz) ninguém queira outhorgar-me,
 Pois não acceito, nem consinto em outro.
 O que nos convocou, este nos reja”.

Argonautas 12p – Tradução de José Maria da Costa e Silva.

do capitão. Apesar das invectivas do amigo dileto de Hércules, a resposta do Caledônio ao seu líder foi imediata e inequívoca, reafirmando mais uma vez sua autoridades (III,670/672):

en egomet quocumque vocas sequar, agmina ferro
plura metam, tibi dicta manus, tibi quicquid in ipso
sanguine erit iamque hinc operum quae maxima posco.

De fato, eu mesmo te seguirei para onde quer que chames e reunirei muitas tropas armadas: às tuas ordens estarão minhas forças e o próprio sangue quanto tenho; ademais já reclamo o máximo dos feitos.

Jasão foi, portanto, reafirmado também como o líder incontestado da empresa. Sua *auctoritas*, já asseverada no momento da formação da tripulação, ganhava novo testemunho, em celebração inarredável de seu ingente valor. Novamente, assim como o Hércules latino foi feito superior ao seu antepassado alexandrino, do mesmo modo o foi mais uma vez Jasão, ratificado nesse episódio como líder e *dux*.

7. O Combate de Pólux e Âmico – ou a *Indoles*²⁴⁸: vv. IV, 99/343

Enquanto Hércules rumava para o Cáucaso, onde deveria, em cumprimento aos desígnios de Júpiter, libertar o titã Prometeu de seus grilhões, os Argonautas prosseguiram viagem. Aproximaram-se do reino do feroz Âmico – terra sem muros e sem lei, confiada apenas na força de seu brutal soberano (IV, 100-105) –, onde os estrangeiros não encontravam hospitalidade, sendo sacrificados ao deus do mar, a menos que lutassem, em pugilato, contra o monstruoso e gigantesco rei. Entretanto, ao ver a nau acercar-se da ilha de seu filho, Netuno ergueu-se no mar e lamentou-se pelos eventos que se sucederiam (IV,118/130):

infelix imas quondam mihi rapta sub undas
nec potius magno Melie tum mixta Tonanti!
usque adeone meam quacumque ab origine prolem
tristia fata manent? sic te olim pergere sensi,

²⁴⁸ “Adtingam quasi cunabula quaedam et elementa uirtutis, animique procedente tempore ad summum gloriae cumulum peruenturi certo cum indolis experimento datos gustus referam”. VALERIUS MAXIMUS, *Valerii Maximi Factorum et dictorum memorabilium*, III, 1.

Iuppiter, iniustae quando mihi virginis armis
 concidit infelix et nunc chaos implet Orion.
 nec tibi nunc virtus aut det fiducia nostri,
 nate, animos opibusque ultra ne crede paternis.
 iamiam aliae vires maioraque sanguine nostro
 vincunt fata Iovis, potior cui cura suorum est.
 atque ideo nec ego hanc tumidis avertere ventis
 temptavi tenuive ratem nec iam mora morti
 hinc erit ulla tuae. reges preme, dure, secundos!

Infeliz Mélia, tirada por mim um dia de sob as ondas, antes então fosses enleada pelo grande Tonante! Até quando os Fados permanecerão tristes para minha prole, qualquer que seja sua origem? Assim há muito compreendi fazeres, Júpiter, desde quando o infeliz Órion pereceu pela injusta arma da virgem [Palas] e agora enche o Caos. Nem valor nem confiança em mim dêem-te, ó filho, ânimo, nem mais esperes o pátrio auxílio. Já há outras forças e, maiores que meu sangue, vencem os desígnios de Jove, que mais cuida dos seus. Por isso eu não tentei desviar o curso da nau com ventos inchados, nem detê-la – afinal, já não haverá tardança para sua morte. Mata, ó cruel, reis menos importantes.

Sem, contudo, saber dos perigos que a ilha e seu rei ofereciam, os nautas nela aportaram. O capitão, então, enviou seus homens para explorarem a terra. Sem demora, Equião, filho de Mercúrio, encontrou escondido no escuro vale um homem que chorava e gemia sem parar, a suplicar-lhe que dali partisse imediatamente. Equião conduziu o desconhecido até junto aos companheiros, e este disse a Jasão (IV, 145-156):

ille manum tendens 'non haec' ait 'hospita vobis
 terra, viri, non hic ullos reverentia ritus
 pectora: mors habitat saevaeque hoc litore pugnae.
 iam veniet diros Amycus qui tollere caestus
 imperet et vasto qui vertice nubila pulset.
 talis in advectos Neptuni credita proles
 aeternum furit atque aequae virtutis egentes
 ceu superum segnes ad iniqua altaria tauros
 constituit, tandem ut misero lavet arma cerebro.
 consulite atque fugae medium ne temnite tempus.
 namque isti frustra quisquam concurrere monstro
 audeat et quaenam talem vidisse voluptas?'

Aquele, a mão tomando-lhe, diz: “Esta terra, varões, não vos é hospitaleira; aqui, não há qualquer reverência nos corações. Habitam esta praia sevas lutas e morte. Já chegará Amico, que ordenará que busquem os duros cestos e socará as nuvens no vasto céu. O que é tido como filho de Netuno sempre se irrita com os que chegam e sacrifica os desvalidos [ou os privados de semelhantes virtudes], como touros mansos, aos iníquos altares dos deuses para que, desta maneira, banhe suas armas no mísero cérebro. Deliberai, mas não gasteis o tempo e a oportunidade da fuga. Afinal, quem há que em vão ouse lutar contra tal monstro? Quem se regozijaria em vê-lo?”

A seguir, o desconhecido ainda narrou sua desdita (IV, 161/173). Disse que lá chegara acompanhando o mariandino Otreu, que ali arribara quando seguia para Frígia, em busca de

Hesíone, com quem iria casar-se. No entanto, Âmico os encontrara e desafiara Otreu para um combate, matando-o com a crueldade dos cestos.

Ouvindo-o, os Argonautas encrespavam-se. Os ânimos exaltaram-se e todos os heróis rumaram para a praia, em cujos confins ficava a caverna do gigante. No caminho, horrores muitos se alinhavavam – troncos humanos destroçados, braços e ossos podres espalhados pelas pedras, e, em fileiras, cabeças degoladas fincadas em lanças. Perante o terrível espetáculo, Pólux ofereceu-se para lutar, acompanhado imediatamente pelo ardor dos companheiros, que chamaram, aos brados, o gigante (IV, 190/199). Este, saindo da mata, atendeu aos chamados dos heróis e, grande como uma montanha, aproximou-se. Não indagou nome ou raça dos jovens, mas antes os desafiou à luta. Em tom de escárnio, de ironia e de impiedade, prosseguiu dizendo que não lhe comoveriam súplicas ou rogos: *aliis rex Iuppiter oris* – Júpiter é rei em outras terras (IV, 219). Ao repto, os Argonautas, uníssonos, ofereceram-se ao combate; mas Pólux, intrépido, adiantou-se aos companheiros e logo arrostou o oponente. A diferença entre os dois fez-se marcante no canto flaquiiano:

illum Amycus nec fronte trucem nec mole tremendum,
vixdum etiam primae spargentem signa iuventae,
ore renidenti lustrans obit et fremit ausum
sanguineosque rotat furiis ardentibus orbes.

Âmico, perlustrando-lhe a face risonha, não o vê nem truculento por seu aspecto nem terrível pelo tamanho, mas apenas despontando os sinais da primeira juventude; [ele] freme contra a audácia e gira os olhos sanguíneos com fúrias ardentes.

Iniciou-se o combate. Em luta acirrada os golpes sucederam-se, a culminar, enfim, com a vitória do Dióscuro que, pisando no corpo do gigante, blasonou-se (IV, 312/314):

'Pollux ego missus Amyclis
et Iove natus.' ait 'nomen mirantibus umbris
hoc referes. sic et memori noscere sepulchro.'

“Pólux sou, enviado por Amiclas, filho de Júpiter”, diz, “Dirás este nome às admiradas sombras. Assim, serás conhecido no sepulcro inesquecível”.

Assim resume-se o episódio flaquiiano da luta de Pólux – o que mais se manteve adstrito à tradição literária. No entanto, alguns detalhes do texto latino, mais elaborado que as versões de Teócrito e de Apolônio de Rodes, possibilitaram ao autor uma nova abordagem do tema. Quanto a Teócrito²⁴⁹, a principal diferença reside no momento da saga em que se localizou a chegada da nau Argo à terra dos Bebrícius – fê-lo o poeta bucólico no retorno da expedição, ao passo que Valério Flaco, como também Apolônio de Rodes, o dispôs durante a jornada de ida para a Cólquida, mantendo-se, assim, o caráter iniciático da expedição. Por sua vez, quanto a Apolônio de Rodes, as divergências mais acentuadas resumem-se em três: a importância dos desígnios divinos para a condução da narrativa, o aspecto de Âmico e a reação dos Bebrícius diante da morte do rei.

Quanto à importância dos desígnios divinos para os eventos da trama poética, a fala do deus Netuno no início do episódio mostra-se fundamental (IV,118/130). Trata-se da declaração inequívoca da supremacia de Júpiter e de seus impérios, soberanos e inarredáveis: *maioraque sanguine nostro/vincunt fata Iovis* – maior que nosso poder [nosso sangue], vencem os desígnios de Jove (IV, 126/127). Então, franquear o mar aos Argonautas era o desejo de Júpiter, que assim os favoreceu (IV, 318). Ademais, tal favorecimento, que coincidiu com a transmissão histórica do poder desde a Ásia, passando pela Grécia, até alcançar Roma²⁵⁰, foi também expresso em um outro momento da saga, ao início da expedição, quando Júpiter respondeu às queixas do Sol (I, 531/560):

Tum genitor: 'vetera haec nobis et condita pergunt
ordine cuncta suo rerumque a principe cursu
fixa manent; neque enim terris tum sanguis in ullis
noster erat cum fata darem, iustique facultas
hinc mihi cum varios struerem per saecula reges.
atque ego curarum repetam decreta mearum.

²⁴⁹ THÉOCRITE, MOSCHOS, BION. *Les Bucoliques Grecs*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1931. 101p.

²⁵⁰ GARSON, R. W. "Some Critical Observations on Valerius Flaccus' *Argonautica*. II". *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 15, No. 1 (May., 1965).

iam pridem regio quae virginis aequor ad Helles
 et Tanai tenu immenso descendit ab Euro
 undat equis floretque viris nec tollere contra
 ulla pares animos nomenque capessere bellis
 ausa manus. sic fata locos, sic ipse fovebam.
 accelerat sed summa dies Asiamque labantem
 linquimus et poscunt iam me sua tempora Grai.
 inde meae quercus tripodesque animaeque parentum
 hanc pelago misere manum. via facta per undas
 perque hiemes, Bellona, tibi. nec vellera tantum
 indignanda manent propiorque ex virgine raptam
 ille dolor, sed--nulla magis sententia menti
 fixa meae--veniet Phrygia iam pastor ab Ida,
 qui gemitus irasque pares et mutua Grai
 dona ferat. quae classe dehinc effusa procorum
 bella, quot ad Troiae flentes hiberna Mycenae,
 quot proceres natosque deum, quae robora cernes
 oppetere et magnis Asiam concedere fati!
 hinc Danaum de fine sedet gentesque fovebo
 mox alias. pateant montes silvaeque lacusque
 cunctaque claustra maris, spes et metus omnibus esto.
 arbiter ipse locos terrenaque summa movendo
 experiar, quanam populis longissima cunctis
 regna velim linquamque datas ubi certus habenas.'

Então, o pai: “Todas as coisas antigas, criadas por mim, seguem sua ordem e, fixas, mantêm seu curso desde o início. Não havia ainda na terra meu sangue, quando instituí os Fados; com justiça, então, dispus vários reinos pelos séculos. Porém agora repetirei os decretos de minha vontade. Já há muito que a região que desce do imenso Euro [o Oriente] até às virginais águas de Heles e ao Tanai abunda em potros e floresce em heróis, contra a qual nenhuma tropa ousa desafiar ou buscar renome por meio da guerra. Assim os Fados e eu mesmo favorecíamos tais plagas. Mas chega o sumo dia e deixamos a Ásia, que rui – já os gregos reclamam seu tempo. Por isso, meu carvalho, as trípedes e as almas dos parentes lançaram ao mar esta tropa. Pelas ondas e pelas tempestades é aberto a ti o caminho, Belona! Nem tanto nos indignas tosar, ou mais aquela dor pela raptada virgem, mas – nenhuma sentença me é mais firme – já virá um pastor do Ida frígio que levará aos gregos gemidos e iras iguais, em dom recíproco. Quantas guerras ao sair da expedição dos pretendentes; quantos nobres e filhos de deuses choram por Micenas no inverno junto a Tróia; quantas tropas movendo vês, e a Ásia a ceder aos grandes Fados! Daqui se assenta o fim dos Dânaos; depois, a outros povos favorecerei. Abram-se montes, selvas, lagos e todos os claustros do mar – esperança e medo haja para todos. Como árbitro, eu mesmo, movendo postos e fronteiras, escolherei um reino mais dilatado para os povos e, quando feito, dar-lhes-ei as rédeas do poder”.

Eis a proclamação sobranceira da vontade de Jove. Era a contrapartida inserida no texto épico para uma das virtudes norteadoras de todo o canto flaquiiano, virtude essa que, como tem sido visto, atravessa toda a narrativa – a *pietas* dos heróis. Além disso, o *epos* latino ainda pôde conferir sacralidade à própria condição histórica do Império Romano, uma vez que o Fado Divino, pelo desejo do soberano dos deuses, decretava a sua supremacia e a vastidão

de seus domínios²⁵¹. Assim, o poema de Valério Flaco cumpria sua grande missão enaltecedora da nação e do seu regime.

Por outro lado, a descrição de Âmico pode ser apontada como outra divergência existente entre o texto latino e seu congênere alexandrino. Na obra de Apolônio de Rodes, o rei dos Bebrícios foi descrito como extremamente forte e cruel; foi mesmo comparado com um filho de Tifeu ou da Terra²⁵², embora não fosse realmente um monstro. Já no canto flaquiiano, outra dimensão foi-lhe emprestada – mais condizente com a descrição fornecida no Idílio de Teócrito e mais próxima do modelo do Polifemo odisséico (inclusive em sua infração quanto aos deveres de hospitalidade, uma das causas de sua *hybris*²⁵³), com quem Âmico compartilhava a filiação²⁵⁴. O rei pugilista, guardião da entrada do mar oriental e das Simplegades (IV, 220/221), foi aí nomeado então expressamente de *gigas* (IV, 200), e seu tamanho revelou-se desmesurado, haja vista que seus membros foram descritos como horrorosos e disformes (IV, 245) e ele mesmo foi comparado ao monte Atos, caído no chão (IV, 322). Assim, o Âmico do canto latino tornava-se ainda mais terrível, medonho, realçando, portanto, as características, posto que já esboçadas em Apolônio de Rodes, de sua *impietas* (IV, 218-219) e de sua arrogância (IV, 203-204, e IV, 240-243). Desse modo, diferentemente do

²⁵¹ TAYLOR, P. Ruth, “Valerius’ Flavian *Argonautica*”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 44, No. 1 (1994), 221p.

²⁵² Differem muito os dois em ar, e em membros;

Filho do atroz Typhoeu o rei parece,
 Ou ser da Terra monstruosa prole,
 Que irada contra Jove ella paríra.
 Mas semelha o Tydaride essa Estrella,
 Cujos raios se mostram tão formosos
 Quanto no Céu reluz ao vir da noite.
 Tal de Jove era o filho a quem começa
 Já o buço a apontar; já a alegria
 Lhe scintilla nos olhos; porém tinha
 Robustez, e vigor qual brava Fera.

Argonautas, 62/63pp – Tradução José Maria da Costa e Silva.

²⁵³ CUYPERS, Martijn P. *Apollonius Rhodius: Argonautica 2.1-310 - A Commentary*. Leiden: diss. 1997. [no prelo]. 2p.

²⁵⁴ HERSHKOWITZ, Debra. *Valerius Flaccus’s Argonautica – abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1998.

canto de Apolônio, em cujo episódio – à semelhança do abandono de Hércules – o poeta pretendeu rechaçar o modelo de herói considerado arcaico pelos alexandrinos²⁵⁵, foi a impiedade do boxeador que, em última análise, o conduziu à morte.

Contudo, a reação dos Bebrícios diante da vitória de Pólux e da conseqüente morte de Âmico fornece outro elemento para a interpretação do episódio. Na versão grega, os ilhéus revoltaram-se contra os Argonautas, dando-lhes sangrento combate; na versão latina, por outro lado, os moradores da ilha, *nullus adempti regis amor* – presos por nenhum amor ao rei (IV, 315/316) – escaparam para o bosque, como se libertados de um algoz. Trata-se, pois, do contraponto ao herói flaquiano, uma vez que o tirânico rei se revelava o repositório dos deméritos possíveis – era ímpio, soberbo e furioso. Outrossim, tal percepção pode ser robustecida pela recorrência aos dois primeiros tiranos do canto argonáutico – o rei Pélias e Laomedonte, que primavam pela *infidelitas* (Pélias, pela promessa dolosa da transmissão do reino a Jasão, e Laomedonte, pela falsa promessa dos cavalos a Hércules)²⁵⁶ – outra característica opositora às virtudes do herói flaquiano.

Finalmente, como era de se esperar, a virtude de Jasão foi também exaltada nesse episódio – não diretamente, mas na seqüência da intrepidez de Pólux. O Tindárida foi, de fato, nos três cantos que celebraram sua vitória sobre Âmico – o de Teócrito, o de Apolônio e o de Flaco – enaltecido por sua valentia natural, ou sua *Indoles*. No Idílio XXII, em que Teócrito fê-lo lutar apartado dos companheiros, apenas na presença do irmão²⁵⁷, Pólux revelou-se não apenas intemorato, mas também cavalheiresco e reverente, recusando-se a dar morte ao adversário em razão da ascendência divina daquele. Já no *epos* alexandrino, Pólux – exemplo

²⁵⁵ CLAUSS, James J. *The Best of The Argonauts – the redefinition of the epic hero in book one of Apollonius' Argonautica*. Los Angeles: University of California Press, 1993. 34p.

²⁵⁶ Outra interpretação para o episódio pode ser encontrada em TAYLOR, P. Ruth, *Op. Cit.* 228 e ss., segundo a qual os vilões da obra guardariam semelhança com o tirânico Nero. Por outro lado, Hércules representaria alegoricamente Augusto; e Jasão, Vespasiano, símbolos de virtude.

²⁵⁷ THÉOCRITE, MOSCHOS, BION. *Les Bucoliques Grecs*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1931. 103p.

também de moderação das emoções, em confronto com a *bie* característica do adversário²⁵⁸ –, além de destemido, revelou sua valentia inata na rapidez com que se adiantou aos companheiros e se prontificou a combater o insolente adversário, apresentando-se como o absoluto campeão dos Argonautas²⁵⁹. Por seu turno, o Pólux latino também se fez excelente, bravo e indômito, mas não sozinho – e este é o ponto nodal da interpretação. Enquanto em nenhum dos dois outros poemas anteriores foi dada aos nautas a oportunidade de compartilhamento da virtude e do combate, no canto flaquiiano foi Jasão o primeiro a oferecer-se para a luta, Pólux foi apenas o sétimo a apresentar-se para o repto:

Talia dicta dabat, cum protinus asper Iason
et simul Aeacidae simul et Calydonis alumni
Nelidesque Idasque prior quae maxima surgunt
nomina, sed nudo steterat iam pectore Pollux.

Dizia tais coisas quando, presto, o encrespado Jasão, e logo os Eácidas (Tídeu e Peleu), e o filho [o alimentado] da Calidônia (Meleagro), o Nelida (Periclímene) e, antes que todos, Idas elevam seus grandes nomes, mas, com o já peito nu erguera-se Pólux.

Então, sem retirar de Pólux a glória do feito, Valério Flaco subtraiu-lhe a primazia, dada, então, conforme a ordem dos versos, a Jasão, secundado pelos outros Argonautas. Dividindo, pois, os méritos da façanha, o poeta latino pôde conferir a seu herói protagonista parte da virtude antes concedida apenas a Pólux, ou seja, sua *indoles*.

8. Fineu, as Harpias e os Boréades – ou a *Prudentia*: vv. IV, 422-63

²⁵⁸ CUYPERS, Martijn P. *Op. Cit.* 6p.

²⁵⁹ “ (...) Desta arte

O insolente fallou, e quantos o ouvem
Bramiram de furor, e mais que todos
Pólux co’desafio se estimula
Campião dos seus se apresentou e disse:”

Argonautas, 62p – Tradução de José Maria da Costa e Silva.

Vencido o gigante pelo ágil e jovial Tindárida, os Argonautas celebraram sua façanha com um lauto festim. Pela noite, brindaram alegres e ouviram canções, até que na manhã seguinte, ao soprar da brisa favorável, os heróis tornaram ao mar, alcançando o Bósforo, onde Orfeu, responsável com sua música pelo ritmo dos remos, cantou a história de Io – a ninfa amada por Júpiter e perseguida por Juno, que, transformada em novilha, deu nome àquele estreito quando de sua travessia para o Egito (IV, 351-421).

A seguir, navegando com os bons ventos, a expedição arribou nas praias da Tínea, onde o cego adivinho Fineu expiava suas penas por haver incorrido na terrível ira de Júpiter (IV, 422-436) – perseguiam-no as harpias, que sempre lhe roubavam a comida da boca, mantendo-o permanentemente faminto. No entanto, como os Fados haviam concedido que o ancião fosse libertado pelos filhos do Aquilão, esse, sabedor do destino, dirigiu-se apoiado no cajado até a orla, à espera da chegada da embarcação. De fato, logo que os jovens aportaram, saudou-os o decrépito (IV, 436-64), que lhes narrou suas desventuras e apresentou-se como cunhado dos Boréades. Estes, espantados com a decadência do contra-parente, dispuseram-se a auxiliá-lo, contanto que não incorressem em impiedade (IV, 466-472). Garantiu-lhes o adivinho que o próprio Fado consentia que seus tormentos tivessem fim – tormentos esses motivados por ter Fineu, agraciado com o dom da profecia por Apolo, desvelado aos mortais (por amor a esses) os secretos desígnios de Júpiter (IV, 474-484). Comovidos, os Argonautas apressaram-se a lhe prestar ajuda – prepararam um banquete e ordenaram ao velho que comesse, permanecendo todos os demais à espera dos acontecimentos (IV, 487/500):

instituire toros mediisque tapetibus ipsum
accipiunt circumque iacent; simul aequora servant,
astra simul, vescique iubent ac mittere curas,
cum subitus misero tremor et pallentia primae
ora senis fugere manus. nec prodita pestis
ante, sed in mediis dapibus videre volucres.
fragrat acerbus odor patriique exspirat Averni
halitus, unum omnes incessere planctibus, unum
infestare manus. inhiat Cocytia nubes

luxurians ipsoque ferens fastidia visu.
 tum sola conluvie atque inluis stramina mensis
 foeda rigant, stridunt alae praedaque retenta
 saevit utrimque fames. nec solum horrenda Celaeno
 Phinea, sed miseras etiam prohibere sorores.

Preparam os leitos, acolhem-no em meio aos tapetes e recostam-se ao redor. Observam ora o céu, ora o mar e ordenam-lhe que se alimente e que afaste as preocupações. De repente, o mísero treme e as pontas das mãos fugiram da pálida face do velho. A peste, antes não vinda, viram-na alada em meio à refeição. Um acerbo odor se espalha e expira o hálito do pai do Averno. Aos golpes, todas a um só atacaram – o bando molestou apenas um. A luxuriante nuvem Cocítia abria as goelas, causando nojo pelo próprio aspecto. Então, regam com sujeira o solo e os leitos ultrajados pelo embuste; batem as asas – sem comida, a fome castiga a todos: a horrenda Celeno a proíbe não só a Fineu, mas também às míseras irmãs.

Todavia, em meio ao ataque das harpias, arrojaram-se os alados Boréades, que se puseram a persegui-las. Voaram então, sem descanso, até os confins da Jônia (IV, 501-518), onde a perseguição foi interrompida pela voz de Tifeu (IV, 519-526):

'iam satis huc pepulisse deas. cur tenditis ultra
 in famulas saevire Iovis, quas fulmina quamquam
 aegidaque ille gerens magnas sibi legit in iras?
 nunc quoque Agenoreis idem decedere tectis
 imperat: agnoscunt monitus iussaeque recedunt.
 mox tamen et vobis similis fuga, cum premet arcus
 letifer. Harpyiae numquam nova pabula quaerent
 donec erunt divum merita mortalibus irae.'

Já basta até aí terdes espantando as deusas. Por que seguís além a acostrar as servas de Jove que, embora portando a égide e os raios, nas grandes iras as convoca? [Ele] agora também ordena que elas abandonem a casa de Fineu: obedientes, ouvem o aviso e regressam. Logo, tereis uma fuga semelhante, quando o arco mortífero for retesado. As harpias não procurarão novos repastos até que os mortais mereçam novas iras divinas.

Batidas as harpias, os Boréades retornaram para junto dos companheiros, que banquetevam, enfim, com o liberto adivinho. Jasão, então, pediu ao velho, em retribuição à ajuda prestada pelos dois alados nautas, que lhes desvelasse a sorte da expedição (IV, 535-546). Este, retomando todo o seu vigor e sua majestade antiga, imbuído das prebendas de seu dom, deu início aos vaticínios (IV, 553-624) – ensinou-lhes a ultrapassar a barreira dos Rochedos Moventes, prenunciou o encontro com os mariandinos, aconselhou-lhes que evitassem a terra das amazonas, indicou-lhes como chegar à foz do rio Fase, previu os combates da guerra civil que enfrentariam na Cólquida e, finalmente, o êxito da empresa; e nada mais disse, para não se

expor outra vez à ira divina, encerrando a fala, contudo, com uma sentença fundamental para o êxito da empresa e do próprio herói (IV, 621-63):

sed te non animis nec solis viribus aequum
credere: saepe acri potior prudentia dextra.
quam tulerit deus, arripe opem. iamque ultima nobis
promere fata nefas. sileo prior.' atque ita facto
fine dedit tacitis iterum responsa tenebris.

Mas não é benéfico que creias apenas no ânimo e nas forças: amiúde, a Prudência pode mais que a forte mão. Aferra-te à ajuda que um deus trouxe. E já me é nefasto expor-se os últimos Fados. Antes me calo. E assim dito, deixou de novo a resposta nas mudas trevas.

De posse das predições, os nautas mais uma vez embarcaram, sob os bons votos do adivinho, prontos para a última de suas provas – a passagem entre as Ilhas Moventes.

Essa é a versão flaquiiana do episódio da libertação de Fineu – substancialmente, contudo, pouco divergente do restante da tradição poética. Trata-se, em suma, de um exemplo de punição da *hybris* causada pela infração aos desígnios dos deuses, já que, tanto em Apolônio de Rodes²⁶⁰ ²⁶¹ quanto em Valério Flaco, Fineu fora punido por haver revelado aos homens a intenção de Júpiter²⁶² (IV, 477-482):

nec credite culpam
saevitiae scelerumve mihi nunc crimina pendi:
fata loquax mentemque Iovis quaeque abdita solus
consilia et terris subito ventura parabat
prodideram miserans hominum genus. hinc mihi tanta
pestis et offusae media inter dicta tenebrae.

²⁶⁰ Lá tinha á beira-mar a casa sua
Phineu, prole Agenorea. Nenhum Homem
Tantos como ele supportou desgostos.
Causa foi disso o dom dos vaticínios,
Que lhe outorgara de Latona o Filho.
Sem acatar, pouco siquer, a Jove,
Sua mente divina expoz aos Homens.
Jove o puniu com a caduquez perpetua,
E o doce lume lhe apagou dos olhos.

Os Argonautas, 67p – Tradução de José Maria da Costa e Silva.

²⁶¹ CUYPERS, Martijn P. *Apollonius Rhodius: Argonautica 2.1-310 - A Commentary*. Leiden: diss. 1997. [no prelo]. 205p.

²⁶² Versão diferente pode ser encontrada em Hesíodo. Nos *Catálogos das Mulheres e dos Eoíais*, frag. 39, duas versões são apresentadas: ou Fineu fora cegado em punição por haver revelado a Frixo o caminho para a Cólquida, ou por haver escolhido uma vida longa à visão.

Não creiais que ainda prende sobre mim culpa por crimes de maldade ou de má ação; boquirroto, só desvelei os Fados, a intenção de Jove, seus ocultos planos e o que, súbito, se preparava para as terras por apiedar-me da raça humana. Então, em meio às falas, sobreveio-me tanta desgraça e a escuridão.

No entanto, para a compreensão da formação do herói argonáutico flaquiiano, o aspecto mais marcante do episódio não reside na punição a Fineu por haver infringido os desígnios divinos – embora seja inegável o caráter exemplar e corolário da pena a ele cominada por Júpiter. Trata-se, sim, do conselho com que o adivinho encerrou suas predições, ou seja, a exortação para que o capitão da nau – o melhor dos Argonautas – observasse sempre em seus atos a *Prudentia*. Voltando ao canto de Apolônio, é possível perceber o quanto a *imprudência*, consubstanciada na irrefletida afronta à vontade dos deuses, foi a causa de todas as desditas do velho profeta²⁶³ – em uma opção evidentemente seguida pelo autor flaviano, ainda que a palavra *prudentia* apenas uma vez seja encontrada no texto latino (IV, 622). Assim, a admoestação de Fineu, graças à qual a expedição alcançaria êxito, propugnava que Jasão e seus companheiros arrimassem-se no bom senso, ou melhor, na capacidade de discernir entre o bem e o mal²⁶⁴. Outrossim, o próprio poeta conferiu-lhes, como complemento elucidatório do conselho, o critério desse discernimento ao dizer que *saepe acri potior prudentia dextra*. Ademais, como no verso seguinte o adivinho já lhes ordenava que se aferrassem na ajuda que um deus

²⁶³ As lágrimas enxugam; chegam; Zeto
Do triste velho a dextra aberta, e disse:
“Ah, mísero! Entre os Homens não conheço
Algum, que se te eguale em desventura!
Certo os deoses tornou contigo irados
Grave imprudência tua no exercício
Do vaticino. (...)”

Os Argonautas, 70p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

E
Predizendo-lhe vae: “Ouvi-me agora,
Que saibaes tudo não apraz aos Numes,
Mas nada occultarei que elles permitam.
Bem mal me resultou já de imprudente
Todo, e por ordem revelar aos Homens
O conselho de Jove. (...)”

Os Argonautas, 72p – Tradução José Maria da Costa e Silva

²⁶⁴ Cícero, De Finibus, 5,67 XXX: *prudentia in dilectu bonorum et malorum*

lhes trouxesse (IV, 623), a compreensão da maior virtude flaquiiana desfralda-se finalmente: *Prudentia* seria dar primazia à *pietas*; seria fiar antes nos deuses que no ardor ou na força humana. E outra não foi a opção constantemente seguida por Jasão, desde antes do início da expedição, haja vista sua primeira reação, logo após o rei Pélias lhe ter lançado o desafio de conquistar o Velocino de Ouro (I, 71-76):

heu quid agat? populumne levem veterique tyranno
 infensum atque olim miserantes Aesona patres
 advocet an socia Iunone et Pallade fretus
 armisona speret magis et freta iussa capessat,
 siqua operis tanti domito consurgere ponto
 fama queat.

Ah, que faz? Ou chame o débil povo, hostil ao velho tirano, e os anciãos antes apiedados de Éson? Ou, confiado na amiga Juno e na armissonante Palas, mais espere e enfrente o mar, se, domado o ponto, alguma fama pode surgir de tão grandes feitos.

Assim, confiando nos deuses e acatando os preceitos religiosos, as incertezas e os medos dissipar-se-iam na alma dos heróis, de tal sorte que o ânimo e o vigor poderiam, enfim, cumprir seu papel não apenas heróico, mas também, e sobretudo, glorioso (I, 79-80):

tandem animi incertum confusaque pectora firmat
 religio (...)

Afinal, o culto firma na alma a incerteza e o confuso coração.

9. Conclusão – A passagem das Simplégades, ou o *vir heroicus*: vv IV, 635-761

Com abraços agradecidos, Fineu despediu-se dos Argonautas, que se lançaram novamente ao mar (IV, 635). Logo, então, conforme vaticinado pelo cego adivinho, a nau alcançou as Simplégades – os dois grandes escolhos flutuantes, também chamados de Ciâneas ou de Rochedos Moventes, que se entrechocavam na entrada do Mar Negro²⁶⁵ (IV, 639-666):

²⁶⁵ PICKARD, William F., “The Symplegades” *Greece & Rome*, vol. XXXIV, nr. 1, 1987. 2p.

stant ora metu nec fessa recedunt
 lumina diversas circum servantibus undas,
 cum procul auditi sonitus insanaque saxa,
 saxa neque illa viris, sed praecipitata profundo
 siderei pars visa poli. dumque ocius instant,
 ferre fugam maria ante ratem, maria ipsa repente
 deficere adversosque vident discedere montes,
 omnibus et gelida rapti formidine remi.
 ipse per arma volans et per iuga summa carinae
 hortatur supplexque manus intendit Iason
 nomine quemque premens: 'ubi nunc promissa superba
 ingentesque minae, mecum quibus ista secuti?
 idem Amyci certe visus timor omnibus antro
 perculerat; stetimus tamen et deus adfuit ausis.
 quin iterum idem aderit, credo, deus.' haec ubi fatus
 corripit abiecti remumque locumque Phaleri
 et trahit, insequitur flammata pudore iuventus.
 unda laborantes praeceps rotat ac fuga ponti
 obvia. miscentur rupes iamque aequore toto
 Cyanaeae iuga praecipites inlisa remittunt.
 bis fragor infestas cautes adversaque saxis
 saxa dedit, flamma expresso bis fulsit in imbri.
 sicut multifidus ruptis e nubibus horror
 effugit et tenebras nimbosque intermicat ignis
 terrificique ruunt tonitrus elisaque noctem
 lux dirimit (pavor ora virum, pavor occupat aures),
 haud secus implevit pontum fragor; effluit imber
 spumeus et magno puppem procul aequore vestit.

Arrostam o medo e não desviam os olhos cansados de vigiar as ondas ao redor, quando ao longe se ouve o estrondo e as funestas rochas – rochas que aos homens não parecem, mas uma parte do firmamento estrelado caída no oceano. Enquanto se apressam em levar o barco em fuga para o mar, vêem, de súbito, o próprio mar abrir-se e afastarem-se os montes entrechocantes. Todos os remos foram tomados por gélido medo. Jasão, correndo por sobre as armas e por sobre os bancos da nau, súplice, estende as mãos e exorta os companheiros, chamando cada um pelo nome: “Onde estão agora as soberbas promessas e as grandes ameaças dos que comigo buscaram estas [rochas]? Temor igual causara a todos a visão da caverna de Âmico – mas persistimos e, audazes, um deus nos ajudou. Por isso, creio que o mesmo deus de novo ajudará”. Tendo assim dito, toma do amedrontado Falero o remo e o banco, e rema; os jovens, inflamados por pudor, seguem-no. Uma onda, quebrando, aderna os esforçados, e o mar foge. As pedras chocam-se e com toda a água, as Ciâneas, precipitando-se, devolvem vagas encrespadas. Por duas vezes, penhas e rochas, contra rochas, retumbaram; por duas vezes, relampejou no aguaceiro. Tal como o repartido horror [ou o raio] escapa das nuvens e espalha fogos pelas trevas e pelos nimbos, e trovões terríficos ruem e a luz despreendida corta a noite (e o pavor toma faces e ouvidos dos homens) assim o fragor do oceano a tudo tomou; espúmea tempestade despenca e logo cobre o barco com grande água.

Aos nautas, porém, o auxílio divino não faltou. Vendo do empíreo o perigo a que a expedição estava sujeita, Palas lançou uma tocha acesa por entre os rochedos, marcando o caminho a ser seguido pela embarcação. Os marinheiros, com os ânimos recobrados, arrojaram-se contra o espaço aberto entre os escolhos – mas nem a força dos remos, nem o sopro dos ventos contra as velas lhes serviam, já que o empuxo das ondas os conduzia (IV,

675-679). Nesse instante, Juno e Palas saltaram do céu, pousando cada qual em um dos rochedos, a segurá-los e impedir-lhes o movimento. Os remeiros, então, esforçaram-se e a nau passou pelo estreito, embora pedras caíssem na popa e prendessem-lhe a extremidade. Mas a nau prosseguiu e os forçosos heróis continuaram a remar até que alcançaram a foz do rio Rebas, quando, então, os braços fatigados e os peitos arfantes puderam descansar. Estava, enfim, aberto o caminho por entre as Ciâneas, que permaneceram fixas a partir de então (IV, 680-710). Patentaram-se terras, reinos e gentes (IV, 711-733) e a primeira escala da embarcação no novo mar fez-se na terra dos mariandinos, onde Licos os recebeu e congratulou-os pela morte de Âmico (IV, 734-762).

Desse modo findou não só o Canto IV das *Argonautica* latinas, mas toda a primeira parte do *epos* flaquiano. Afinal, com a passagem das Simplégades, a grande prova de excelência a que estaria submetido o grupo dos argonautas (e não apenas Jasão, que será protagonista exclusivo da segunda parte do canto), prova esta já anunciada no proêmio (I, 3), restava cumprida: o curso entre os Rochedos Moventes fora aberto, unindo dois mundos – a Europa e a Ásia. E tal façanha foi realizada de modo ainda mais grandioso que no canto helenístico, revelando, então, as máximas qualidades do comandante da expedição, já formado como líder de heróis e como supremo exemplo das virtudes²⁶⁶. Uma nova comparação com o modelo de Apolônio de Jasão mais elucidará esse entendimento.

Mais uma vez, o Jasão alexandrino não se destacara pelo vigor nem pela bravura. Como seus pares, ele fora tomado pelo pavor e pelo susto diante do ingente perigo, extremado pela desesperança²⁶⁷. O Jasão latino, por seu turno, mostrou-se impávido, revelando temor apenas

²⁶⁶ HERSHKOWITZ, Debra, Valerius Flaccus's *Argonautica* – abbreviated *Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1998. 44-50p.

²⁶⁷ (...) alta celeuma

Os remeiros levantam, brada Typhis
Que remem com vigor, por que de novo
As Cyaneas se abriam; mas o susto

antes de alcançar, de fato, os rochedos flutuantes (IV, 637). Como experto e prudente comandante, ele soube exortar seus companheiros a afastarem de si o medo e a confiarem no auxílio que algum deus haveria de lhes prestar (IV, 649-653). Além disso, em grande arrebatamento, ele próprio assumiu o remo e o banco do sócio que fraquejava e, pelo exemplo, inflamou os ânimos de seus homens (IV, 654-655). Por seu turno, os deuses ajudaram-no; e a tocha que, incógnita, Palas lançou no vão das rochas para guiar-lhe o rumo (IV, 667-674) deu azo ao poeta para revelar, mais uma vez, a prudência de Jasão, que decidiu segui-la, embora não soubesse qual deus a enviava (IV, 674-675). Então, em outra inovação de Valério Flaco, não apenas Palas desceu do céu para socorrer seus protegidos, mas também Juno – e foram ambas que seguraram e fixaram os célebres rochedos. Já então não mais valia aos Argonautas a força bruta dos remeiros, uma vez que o refluxo provocado pelo movimento das pedras sugava a nau para a abertura – salvou-os, sim, a sabedoria prática do comandante, que fê-los confiarem nos deuses. Os remadores ainda prosseguiram com seu movimento vigoroso, mas para se afastarem da turbulência do mar.

Vencida essa suprema prova, prova esta que por si garantiu a transformação da embarcação em uma divinal constelação, Jasão revelou-se, enfim, como o grande herói argonáutico. Comandante incontestado da expedição, sedento de *gloria*, portador, por *indoles*, da *auctoritas*, da *fortitudo*, e da *virtus* bélica, ele soube guardar sua *pietas* e utilizá-la como guia de suas escolhas, em evidente e única celebração épica da virtude da *prudencia*.

Não os abandonou, e eis que a ressaca
 De refluxo mar para entre as rochas
 Arrebata o Baixel; então ao auge
 Sobe em todos o medo, pois lhe adeja
 Sobre a cabeça inevitanda ruína.

Argonautas, 81p – Tradução José Maria da Costa e Silva.

CONCLUSÃO

Dux Argonautarum

O caráter tardio das *Argonautica* Latinas, no panorama da Antigüidade, fê-las herdeiras inevitáveis e tributárias diretas de toda uma longa tradição literária iniciada com o canto épico de Homero. Além disso, a prática agonística da emulação, tão fundamental a toda a cultura greco-latina, fez com que esses modelos pretéritos fossem, por meio das alusões e citações, incorporados ao *epos* de Valério Flaco, de maneira a construir um novo modelo épico, em constante e necessário diálogo poético com seus pares emulados. Assim, a continuidade da larga tradição do mito argonáutico não apenas celebrou a feição exordial da viagem dos valentes jovens que expandiram os limites da Hélade, mas sobretudo, permitiu ao poeta do último quartel do século I d.C. comemorar a dilatação das fronteiras e o poderio do Império Romano, bem como a dinastia Flaviana. Ademais, como inerente ao próprio canto épico, foi estabelecido um padrão de excelência heróica, construído no curso da viagem iniciática dos marinheiros, de modo a evidenciar o paradigma de virtudes do período.

É bem verdade que tradição literária se acha firmemente assentada no canto flaquiiano. Encontram-se, no texto, abundantes alusões, diretas ou indiretas, a Homero, a Píndaro, a Ênio, a Catulo, a Horácio, a Ovídio, a Lucano, a Sêneca, como bastante evidenciado no estudo realizado por Summer²⁶⁸. No entanto, duas fontes diretas de emulação parecem percorrer, como um viés destacado, todo o *epos* flaquiiano: as *Argonautica*, de Apolônio de Rodes, e a *Eneida*, de Virgílio. E foi exatamente a partir desse dois modelos épicos que Valério Flaco

²⁶⁸ SUMMERS, Walter C., *A Study of The Argonautica of Valerius Flaccus*. London, Cambridge, 1894.

estabeleceu os distanciamentos capazes de construir, para os leitores cultos de seu tempo, seu próprio padrão de virtude.

Para tanto, esses distanciamentos efetuados a partir da tradição literária não se deram de modo aleatório, mas no sentido inequívoco de propiciar a formação de um novo padrão de excelência, adequando às aspirações políticas e filosóficas daquela sociedade. O quádruplo crivo de virtudes estóicas (*Iustitia, Fortitudo, Temperantia, Prudentia*) norteou, assim, a formação do herói das *Argonautica*, transformando-o em um padrão de excelência omnicompetente, capaz de emular vitoriosamente os heróis que o antecederam na tradição épica – em específico, o Jasão de Apolônio e o Enéias de Virgílio, seus modelos diretos. Para afastar todas as jaças que pudessem contaminar o protagonista de sua saga, o poeta latino comparou-o recorrentemente, nas variantes estabelecidas a partir das tradições mítico-literárias, a seus pares, afastando, em cada comparação, os defeitos que aqueles pudessem envergar, e amplificando, no mesmo processo, as qualidades desejáveis a serem compartilhadas por seu herói com os modelos pretéritos. Por isso, como o Enéias virgiliano – que carregou nos ombros o pai na fuga de Ílio, que deixou o leito de Dido em prol da fundação de Roma e que suportou todo o árduo percurso desde Tróia até o Lácio apenas em cumprimento da vontade dos deuses – o Jasão latino mostrou-se inteiramente *pious* e reverente para com as divindades: afinal, o principal motivo de sua adesão à viagem foi a vontade de Júpiter, anunciada pelos presságios; e não a ordem de Pélias (I, 245), como no canto de Apolônio. Além disso, Jasão demonstrou ser cômulo de suas responsabilidades para com o grupo, não abandonando seus companheiros sem antes a certeza de que essa era a vontade dos deuses e dos sócios – note-se o dilema causado pelo desaparecimento de Hércules (III, 617-627), tão diferente do mero esquecimento do Jasão alexandrino –, em exemplar manifestação do culto à *iustitia*.

Por outro lado, também como o herói da *Eneida*, que comprovou toda a sua valentia nas lutas em Tróia e no Lácio, o Jasão flauiano não se furtou aos azares da guerra, mostrando-se igualmente valoroso nos combates e intrépido nas incertezas das refregas – sua valentia, comprovada no desastroso combate que deu morte a Cízico, exaltou sua força física, sua *virtus* e sua *indoles*. O herói argonáutico, então, tornou-se, no canto flaviano, um guerreiro audaz e aguerrido, em tudo diferente do Argonauta helenístico, cujos valores se lastreavam, antes e apenas, nos dons de sedução. Era a transformação de um Jasão meramente cortesão e galante, como o herói ptolomaico, em um Jasão intrépido, corajoso, destro nas batalhas, exemplo de vigor e bravura, ou antes, do conceito da *fortitudo*.

No entanto, se o Jasão de Valério Flaco se ombreou com Enéias nessas duas primeiras virtudes, ultrapassou-o nas demais. Diferentemente do herói augústeo, que se deixou tomar pelo *furor* desmedido durante o cerco de Tróia²⁶⁹, que desejou ardentemente a vingança contra Helena nos instantes que antecederam a destruição da cidade²⁷⁰, que deu morte a Turno sem misericórdia, em momento algum o tardio herói Argonauta foi maculado por nenhuma eiva de desmedida – mais próximo, nesse ponto, do modelo de Apolônio, que também pôde caracterizar-se pela serenidade quase resignada, ou melhor, não apaixonada, com que enfrentou todos os seus percalços. Afinal, mesmo a aparente frieza imputada ao Jasão latino, quando este deixou tão prestamente as terras e os leitos das mulheres de Lemnos, ou quando venceu o quebranto provocado pela mortandade dos súditos de Cízico ou sufocou a tristeza pela perda

²⁶⁹ Das armas ferro, desatino, e em armas
 Doudo onde vá não sei; mas na ânsia fervo
 De socorrer com gente a fortaleza:
 A ira me precipita; e quanto é belo
 O morrer pelejando à mente ocorre.

Eneida, II, 325-329 – na tradução de Odorico Mendes.

²⁷⁰ A alma abrasou-se-me; iracundo anseio
 Vingar na infame a pátria agonizante. (...)
 De fúrias transportado isto profiro (...)

Eneida, II, 606-607 e 619 – na tradução de Odorico Mendes.

do companheiro Hércules, mais não revelava que seu inexcedível autocontrole, ou sua capacidade de subjugar as paixões contrárias aos deuses ou ao interesse da empresa a que se propusera. O Jasão flaquiiano revelava-se, assim, um exemplo cabal da *temperantia*.

Se, todavia, o *dux argonautarum* se comparava a seus dois principais modelos heróicos nas virtudes da *iustitia*, da *fortitudo* e da *temperantia*, suplantava-os todos na última e peculiar excelência da *prudencia*, cantada tão-só por Valério Flaco. Os troianos, incluindo Enéias, foram totalmente imprudentes ao acreditar em Sínon e ao levar para dentro da cidade de Tróia o Cavalo de Madeira; Enéias, por sua vez, fora também imprevidente ao deixar para trás Creusa, que se perdeu no caminho quando da fuga de Tróia; e fora-o, ainda, ao permanecer nas terras de Dido por mais tempo que o permitido pelos deuses, em prejuízo da fundação de Roma e dos direitos de Iulo. Do mesmo modo, em relação ao Jasão de Apolônio, seu sucessor latino sobrepujou-o no que concernia à *prudencia*, bastando para revelá-lo a falta de tino do comandante helenístico, que por absoluto descuido não apenas se esqueceu de Hércules quando da partida das terras da Mísia, mas ainda de Hilas e de Polifemo.

Assim, o Jasão do *epos* de Valério Flaco, o incontestável comandante latino da expedição dos Argonautas, o capitão da profética e sagrada nau que primeiro ousou riscar a superfície do divino Oceano, transformou-se, sob o contexto da Roma Imperial da época dos *principes* Flávios, no maior e mais completo dos heróis, capaz de ostentar todas as virtudes que lhe confeririam, ao final da jornada, e em razão exclusiva de seus méritos, a imortalidade divina. Como a nau Argo, que após sua viagem seria guindada aos céus e mudada em uma Constelação (I, 4), ou como o próprio Imperador Vespasiano, que à semelhança de César, seria transmutado, em razão de suas realizações, em uma brilhante estrela, guia dos navegantes (I, 21), do mesmo modo o Jasão de Valério Flaco, esse exemplo do virtuoso homem do período flaviano, adquiriria o estatuto divino, depois de haver percorrido os caminhos do mundo e

cumprido as provas que lhe confeririam, no exercício tipicamente estóico, a máxima excelência e a imorredoura *Gloria*.

BIBLIOGRAFIA

APOLODORO. *Biblioteca*. Tradução Margarita Rodriguez de Sepulveda. Madrid. Editorial Griedos.

APPEL, Myrna B. e GOETTEMES. Míriam B. (Edd), *As Formas do Épico*. Editora Movimento. Porto Alegre. 1992.

ASSUNÇÃO, Teodoro R. *Ensaio de Literatura e Filologia – Poesia: Semónides de Amorgos e Minnermo*. Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 1983/1984. 210/235pp.

AVIENO, *Orla Marítima*. Tradução José Ribeiro Ferreira. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica. 1992.

BEYE, Charles R., *Ancient Epic Poetry – Homer, Apollonius, Virgil*. New York: Cornell University Press. 1993.

BIEBER, Margareth. “Honos and Virtus” *American Journal of Archaeology*, Vol. 49, No. 1, 1945.

BOWRA, C. M., “Aeneas and the Stoic Ideal”. *Greece & Rome*, Vol. 3, No. 7, 1933, pp. 8-21

CAEROLS, José J. “Libros Sibílicos y quincevíros en la *Historia Augusta*”. *Cuadernos de Filología Clásica – Estudios Latinos*. Nº 15- 1998.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

CARLO, A. M. *Historia de la Literatura Latina*. México. Editora Fondo de Cultura Económica. 4ª ed. 1995.

CARVALHO, Aécio F., “A *Farsália* de Lucano: importância na evolução do *epos*”. Maringá, *Acta Scientiarum*, nr. 23, 2001.

CATULO. *Poesias*. Coimbra. Imprensa da Universidade. 1933

CLAUSS, James J., *The Best of The Argonauts – the redefinition of the epic hero in book one of Apollonius’ Argonautica*. Los Angeles: University of California Press, 1993.

CLAY, Jenny Strauss. *Hybrids*. University of Virginia.

CÍCERO. *Sobre o Destino*. São Paulo. Nova Alexandria. 1993.

CITRONI, M; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2006.

- COMMELIN, P. – *Mitologia Grega e Romana*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- COULSON, Frank. T. “New evidence for the circulation of the text of Valerius Flaccus?” *Classical Philology*, LXXXI, 1986.
- CUYPERS, M. P. *Apollonius Rhodius. Argonautica 2.1-310 A Commentary*. Proefschrift ter verkrijging van de graad van Doctor aan de Rijksuniversiteit te Leiden. Leiden. 1997.
- CRUMP, M.M. – *The Epyllion From Theocritus to Ovid*. Great Britain. Bristol Classics. 1931.
- DUMÉZIL, George. *Le Crime des Lemniennes – Rites et légendes du monde égéen*. Éditions Macula. Paris. 1998.
- EASTERLING, P. E; KNOX, B. M. W. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – I Literatura Griega*. Madrid: Editorial Gredos. 1989.
- EHLERS, W. W., *Gai Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon libros octo*, Bibliotheca Teubneriana Stuttgart, 1980.
- EURÍPIDES. *Medeia*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2005.
- EVELYN-WHITE, Hugh G. (ed). *Hesiod, The Homeric Hymns, and Homeric*. Cambridge Mass.: Loeb Classics, 1914.
- FERREIRA, José Ribeiro. *Civilizações Clássicas I – Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1996.
- _____, *Sófocles – Filoctetes*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2005.
- FINKELBERG, Margalit, “Odysseus and the genus ‘Hero’”. *Greece & Rome*, vol. XLII, nr. 1, 1995.
- FITCH, Edward., “Apollonius Rhodius and Cyzucus”. In *The American Journal of Philology*, Vol. 33, No. 1 (1912), pp. 43-56.
- GARCIA, Mar L., “Mitología e iniciaciones: el problema de los Argonautas”. *Gerion* 5. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense de Madrid. 1987.
- GARSON, R. W., “The Hilas Episode in Valerius Flaccus’ Argonavtica”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 13, No. 2 (Nov., 1963), 260-267.
- _____, “Some Critical Observations on Valerius Flaccus’ Argonavtica. I”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 14, No. 2 (Nov., 1964).
- _____, “Some Critical Observations on Valerius Flaccus’ Argonavtica. II”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 15, No. 1 (May., 1965).

GAZOLLA, Raquel. *O Ofício do Filósofo Estóico – o duplo registro do discurso da Stoa*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GETTY, Robert, “The Introduction to *Argonautica* of Valerius Flaccus”. *Classical Philology*, nr. XXXV. 1940. 259-273p.

GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa. Edições 70, 1993.

GRIMAL, Pierre. *O Século de Augusto*. Lisboa. Edições 70. 1997.

HENRY, R.M., “Medea and Dido”. *The Classical Review*, July 1930.

HERSHKOWITZ, Debra, *Valerius Flaccus’s Argonáutica – abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford: Clarendon Press Oxford, 1998.

HESIOD. *Catalogues of Women and Eoiaie*.

HESÍODO. *Teogonia – A Origem dos Deuses*. Tradução Jaa Torrano. 2ª Edição.

HOMERO. *Iliada*. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1965.

HOMERO. *Iliada*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo. Atena Editora. 1967.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo. Atena Editora. 1967.

HUNTER, R. L., “Short on Heroics’: Jason in the *Argonautica*”. *Classical Quarterly* nr.38. Cambridge. 1988.

JAEGER, Werner. *Paidéia – A formação do homem grego*. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2001.

KENNEY, E. J.; CLAUSEN, W.V. *Historia de la Literatura Clásica (Cambridge University) – II Literatura Latina*. Madrid. Editorial Gredos. 1989.

KITTO, H. D. F. *Os Gregos*. Editora Armênio Amado. Coimbra.

LANDOLFI, Luciano, “Intertestualità e dottrina nell’episodio del ratto di Ila”. *Pan. Studi del Dipartimento di Civiltà Euro-Mediterranee e di Studi Classici, Cristiani, Bizantini, Medievali, Umanistici* 20 (2002). 133-154 pp.

LÉVÊQUE, Pierre. *As Primeiras Civilizações: Volume III – Os Indo-Europeus e os Semitas*. Lisboa. Edições 70. 1990.

LIBERMAN, Gauthier. “Autour d’un nouveau Valerius Flaccus”. *Revue de Philologie, de Littérature et d’histoire anciennes*, tome LXXVI, 2002.

LIMA, Oliveira. *História da Civilização – Traços Gerais*. Companhia Melhoramentos de São Paulo. São Paulo. 1922.

- LITCHFIELD, Henry W. "National *Exempla Virtutis* in Roman Literature", *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 25, 1914, pp. 1-71
- LOURENÇO, Frederico. *Homero – Ilíada*. Lisboa, Livros Cotovia. 2005.
- _____, *Homero – Odisséia*. Lisboa, Livros Cotovia. 6ª ed. 2005.
- _____, *Poesia Grega de Alcman a Teócrito*. Lisboa: Livros Cotovia. 2006.
- MALAMUD, Martha A.; McGUIRE, Donald T., "Flavian Variant: Myth. Valerius' *Argonautica*". *Roman Epic* – Edited by A. J. Boyle. London: Routledge. 192-217p.
- MARCO AURÉLIO, *Meditações*. São Paulo, Editora Cultrix, 1973.
- MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antigüidade*. Editora Pedagógica e Universitária Ltda. – EPU. São Paulo. 5ª reimpressão. 1990.
- MARTINS, Albano. *Do Mundo Grego Outro Sol – Antologia Palatina e Antologia de Planudes*. Edições ASA. Porto. 2001.
- MAYER, Roland, "Neronian Classicism". *American Journal of Philology*, vol. 103. 1982.
- MOREDA, Santiago L., *Valerio Flaco – Las Argonáuticas*. Madrid: Akal, 1996.
- MOZLEY, J. H., *Valerius Flaccus*, London, Cambridge, Mass. 1934.
- NISARD, M., Lúcrese, Virgile, Valérius Flaccus – oeuvres complètes avec la traduction em français. Paris, Institut de France, 1868.
- OLIVA NETO, João Angelo. *O Livro de Catulo*. São Paulo. Elditora da Universidade de São Paulo. 1996.
- OVIDE. *Les Héroïdes*. Paris: Librairie Garnier Frères. 1932
- OVÍDIO. *Fastos*. Tradução António Feliciano Castilho. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores. 1964.
- _____. *Metamorfoses – Volume I*. Lisboa: Editora Nova Vega. 2006.
- PAES, José Paulo, *Poemas da Antologia Grega ou Palatina*. Companhia das Letras. São Paulo. 1995.
- PICHON, René, *Histoire de la Littérature Latine*. Livrairie Hachette. Paris. 1967.
- PICKARD, William F., "The Symplegades" *Greece & Rome*, vol. XXXIV, nr. 1, 1987.
- PINDARE. *Pythiques*. Paris. Société d'édition Les Belles Letres. 1949

PÍNDARO. *Odes Píticas para os Vencedores*. Tradução António de Castro Caeiro. Lisboa: PrimeBooks. 2006.

RHODES, Apollonius. – *Jason and the Argonauts*. 3. ed. England: Penguin Books, 1995.

RHODIO, Apollonio, *Os Argonautas*. Tradução José Maria da Costa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional. 1852.

RHODIUS, Apollonius. *The Argonautica*. Tradução R. C. Seaton. Pensilvânia: Pennsylvania State University, 1999.

ROCHA PEREIRA, Maria H. *Estudos de História da Cultura Clássica – Volume I, Cultura Grega*. 10ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2006.

_____. *Estudos de História da Cultura Clássica – Volume II, Cultura Romana*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2002.

_____. *Romana – Antologia da Cultura Latina*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000.

ROMILLY, Jaqueline. *Homero – Introdução aos Poemas Homéricos*. Edições 70. Lisboa, 2001.

SALES, J. C. *Ideologia e Propaganda Real no Egito Ptolomaico (305-30 a.C)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2005.

SCHEID, John. “O Sacerdote”. *O Homem Romano* – Edd. Andrea Giardina. Lisboa. Editorial Presença. 1992.

SENECA. *As Relações Humanas – Cartas para Lucílio*. São Paulo, Landy Editora. 2002.

_____. *Medéia*. 1ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Abril SA. 1973.

SHELTON, James. J., “Valerius Flaccus 2.428-50”. In *Classical Philology*, Vol. 69, No. 4 (Oct., 1974).

STRAND, Johnny, *Notes on Valerius Flaccus Argonautica*. Göteborg, 1972.

SUMMERS, Walter C., *A Study of The Argonautica of Valerius Flaccus*. London, Cambridge, 1894.

SYME, Ronald. “The *Argonautica* of Valerius Flaccus”. *The Classical Quarterly*, XXIII, nr. 3/4, 1929.

TAYLOR, P. Ruth, “Valerius’ Flavian *Argonautica*”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 44, No. 1 (1994), pp. 212-235.

THÉOCRITE, MOSCHOS, BION, *Les Bucoliques Grecs*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1931.

TORRANO, Jaa, “O (conceito de) Mito em Homero e Hesíodo”. *Boletim do CPA*, Campinas, nº 4, 1997.

TORRES-MURCIANO, Antonio R., “El Proemio de Valerio Flaco – Una lectura retórica”. *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, 2005, vol 25, núm. 1. 79-100p.

TRYPANIS, C. A. *The Character of Alexandrian Poetry*. Greece and Rome, vol. XVI, nº 46, Jan. 1947.

ULLMAN, B. L. “Valerius Flaccus in the Mediaeval *Florilegia*”. *Classical Philology*, XXVI, 1931.

USSANI, Vincenzo Jr. *Studio su Valeriu Flacco*. Roma, Angelo Signorelli Editore, 1955.

VRETTOS, Theodore. *Alexandria – A Cidade do Pensamento Ocidental*. Editora Odysseus. São Paulo. 2005.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução José Victorino Barreto Feio. 2004. São Paulo. Martins Fontes.

VIRGÍLIO, *Eneida*. Tradução Odorico Mendes. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

WEST, M. L. *Greek Poetry 2000 – 700 B.C.* The Classical Quaterly, New Series, Vol. 23, nº 2, 1973.

_____, “The rise of the greek epic”. *Journal of Hellenic Studies*, CVIII, 1988.

WILLIAMS, Craig. A., “Greek Love at Rome”. *The Classical Quarterly*, New Series, Vol. 45, No. 2 (1995), pp. 517-539.

WOODSIDE, M. St. A., “Vespasian’s Patronage of Education and Arts”. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 73, 1942, pp. 123-129

ZISSOS, Andrew, “Allusion and Narrative Possibility in the Argonautica of Valerius Flaccus”. *Classical Philology*, Vol. 94, no. 3 (Jul., 1999), 289-301.

Dicionários:

BOINVILLIERS, J. E. J. F. *Gradus ad Parnassum, ou Dictionnaire Poétique Latin-Français*. 18 ed. Paris, Imprimerie d’Auguste Delalain. 1814.

CRETELLA JÚNIOR, José; CINTRA, Geraldo de Ulhoa. *Dicionário Latino-Português*. 3 ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1953.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores. 1987.

SANTOS SARAIVA, F.R. *Novíssimo Dicionário Latino-Português*. 11Ed. Rio De Janeiro. Livraria Garnier.2000.

APÊNDICE

AS ARGONÁUTICAS

De Valerius Flaccus

Cantos I a IV

Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior

CANTO I

Prima deum magnis canimus freta pervia natis
 fatidicamque ratem, Scythici quae Phasidis oras
 ausa sequi mediosque inter iuga concita cursus
 rumpere flammifero tandem consedit Olympo.

Phoebe, mone, si Cumaeae mihi conscia vatis 5
 stat casta cortina domo, si laurea digna
 fronte viret, tuque o pelagi cui maior aperti
 fama, Caledonius postquam tua carbasa vexit
 Oceanus Phrygios prius indignatus Iulos,
 eripe me populis et habenti nubila terrae, 10
 sancte pater, veterumque fave veneranda canenti
 facta virum: versam proles tua pandit Idumen,
 namque potest, Solymo nigrantem pulvere fratrem
 spargentemque faces et in omni turre furentem.
 ille tibi cultusque deum delubraque genti 15
 instituet, cum iam, genitor, lucebis ab omni
 parte poli neque erit Tyriae Cynosura carinae
 certior aut Graeis Helice servanda magistris.
 seu tu signa dabis seu te duce Graecia mittet
 et Sidon Nilusque rates: nunc nostra serenus 20
 orsa iuves, haec ut Latias vox impleat urbes.
 Haemoniam primis Pelias frenabat ab annis,

Primo mar canto aberto por divinos filhos
 E a nau profética que ousou buscar na Cítia
 O Fase e, em meio às penhas móveis, romper curso,
 E que assentou-se, enfim, no Olimpo constelado.
 Febo, me inspira, se a Cumaia casta cuba,
 Que tudo sabe, eu tenho em casa e honram-me a fronte
 Os verdes louros. E ó tu de quem maior é a fama
 dêz que oceano caledônio, antes hostil
 Aos frígios Júlios, tuas velas transportou,
 Do povo eleva-me, ó Pai Santo, e da brumosa
 Terra, e auxilia-me a cantar as venerandas
 Façanhas dos heróis. A queda da Iduméia
 Teu filho mostra, pois que o pode, e o irmão feroz,
 Negro de pó, tochas lançando às torres Sólimas.
 Culto divino a ti, e um templo à tua gente,
 Prestará ele quando, ó pai, no céu brilhares
 E à tíria nau não for a Ursa melhor norte,
 Nem pelo mestre grego a Barca mais marcada.
 Se assinalares, Sídon, Nilo ou Grécia naus
 Por tua guia enviarão. Ó Sereno, a iniciar
 Me ordena, e que encha urbes latinas esta voz.
 Pélias regia a Hemônia desde os primos anos –

iam gravis et longus populis metus. illius amnes		Temor dos povos, grave e longo. Todos rios
Ionium quicumque petunt, ille Othryn et Haemum		Que o Jônio buscaram eram seus. O Ótris e o Hemón
atque imum felix versabat vomere Olympum.	25	Fértil arava, e o pé do Olimpo, mas sem paz
sed non ulla quies animo fratrisque paventi		Na alma assustada por divinas ameaças
progeniem divumque minas. hunc nam fore regi		E pelo filho do irmão: que ele seria
exitio vatesque canunt pecudumque per aras		O fim do rei os vates cantam. Maus presságios
terrifici monitus iterant; super ipsius ingens		No altar repetem-se; e do herói a fama aumenta –
instat fama viri virtusque haud laeta tyranno.	30	Ao rei, porém, essas virtudes não agradam.
ergo anteire metus iuvenemque extinguere pergit		Logo, extinguir o medo e o Esônide decide;
Aesonium letique vias ac tempora versat,		Tempo e maneiras de matar ao jovem pensa.
sed neque bella videt Graias neque monstra per urbes		Porém, não vê nas vilas gregas guerra ou monstros:
ulla: Cleonaeo iam tempora clausus hiatu		Já com a clenaia boca o Alcides cobre as têmporas,
Alcides, olim Lernae defensus ab angue	35	Da lérnea hidra, há muito, a Arcádia é protegida
Arcas et ambobus iam cornua fracta iuvenicis.		E de ambos touros já quebrados são os chifres.
ira maris vastique placent discrimina ponti.		Tem por melhor a ira e os riscos do oceano.
tum iuvenem tranquilla tuens nec fronte timendus		Então, fitando-o com tranqüila face, manso,
occupat et fictis dat vultum et pondera dictis.		O alcança; e dá aos fictos ditos peso e vulto:
'hanc mihi militiam, veterum quae pulchrior actis,	40	“Anui por mim com esta empresa, que é mais bela
adnue daque animum. nostri de sanguine Phrixus		que as dos antigos. Sabes como o creteu Frixo –
Cretheos ut patrias audis effugerit aras.		Sangue nosso – fugiu dos altares do pai.
hunc ferus Aeetes, Scythiam Phasinque rigentem		O fero Eetes, que cultivava a Cítia e o Fase
qui colit--heu magni Solis pudor!--, hospita vina		Enregelado – ao sol pudor! –, matou o hóspede
inter et attonitae mactat sollemnia mensae	45	Entre os ritos da ceia, ante a atônita mesa,
nil nostri divumque memor. non nuntia tantum		Não lembrado de nós ou do deus. Não só a nuncia

fama refert: ipsum iuvenem tam saeva gementem,
 ipsum ego, cum serus fessos sopor alligat artus,
 aspicio, lacera adsiduis namque illius umbra
 questibus et magni numen maris excitat Helle.
 si mihi quae quondam vires, et pendere poenas
 Colchida iam et regis caput hic atque arma videres.
 olim annis ille ardor hebet necdum mea proles
 imperio et belli rebus matura marique.
 tu, cui iam curaeque vigent animique viriles,
 i, decus, et pecoris Nephelaei vellera Graio
 redde tholo ac tantis temet dignare periclis!
 talibus hortatur iuvenem propiorque iubenti
 conticuit certus Scythico concurrere ponto
 Cyaneas tantoque silet possessa dracone
 vellera, multifidas regis quem filia linguas
 vibrantem ex adytis cantu dapibusque vocabat
 et dabat externo liventia mella veneno.

Mox taciti patuere doli nec vellera curae
 esse viro, sed sese odiis immania cogi
 in freta. qua iussos sectatur quaerere Colchos
 arte queat: nunc aerii plantaria vellet
 Perseos aut currus et quos frenasse dracones
 creditus, ignaras Cereris qui vomere terras
 imbuit et flava quercum damnavit arista.

Fama o diz: lamentando a seva sorte, ao jovem
 Eu mesmo vejo quando o tardo sono prende-me
 O corpo exausto. A sombra dele, com ais constantes,
 50 Ao deus do Mar e a Heles chama. Se me houvesse
 A antiga força, então verias já a Cólquida
 Penar e, aqui, do rei as armas e a cabeça.
 O meu ardor perdeu-se há anos e o meu filho
 Não inda é pronto para o mando, a guerra ou o mar.
 55 Tu, em quem vigoram já inquietudes varonis,
 Vai, Honra, e o velo do carneiro de Nefele
 Ao altar grego traz – sê digno dos perigos!”
 Assim o exorta, ou mais, lhe ordena; este, valente,
 Calou-se. As Ciâneas no mar cítio se chocarem
 60 Não sabe, e ser guardado o velo pela serpe
 Que as línguas vibra, a quem com cantos e oferendas
 Chamava templo afora a filha régia e dava-lhe,
 Com os venenos estrangeiros, verde mel.
 Logo mostrou-se o dolo mudo e não cuidar
 65 Do velo o rei, mas de o lançar por ódio ao mar.
 Segue buscando por qual arte aos colcos chegue:
 Queria de Perseu as sandálias aladas
 Ou o carro e as cobras que guiava, qual se crê,
 Quem co’o arado encheu as terras não sabidas
 70 De Ceres e, co’o trigo, o carvalho danou.

heu quid agat? populumne levem veterique tyranno
 infensum atque olim miserantes Aesona patres
 advocet an socia Iunone et Pallade fretus
 armisona speret magis et freta iussa capessat,
 siqua operis tanti domito consurgere ponto
 fama queat. tu sola animos mentemque peruris,
 Gloria, te viridem videt immunemque senectae
 Phasidis in ripa stantem iuvenesque vocantem.
 tandem animi incertum confusaque pectora firmat
 religio tendensque pias ad sidera palmas
 'omnipotens regina,' inquit, 'quam, turbidus atro
 aethere caeruleum quateret cum Iuppiter imbrem,
 ipse ego praecipiti tumidum per Enipea nimbo
 in campos et tuta tuli nec credere quivi
 ante deam quam te tonitru nutuque reposci
 coniugis et subita raptam formidine vidi,
 da Scythiam Phasinque mihi tuque, innuba Pallas,
 eripe me! vestris egomet tunc vellera templis
 illa dabo, dabit auratis et cornibus igni
 colla pater niveique greges altaria cingent?'

Accepere deae celerique per aethera lapsu
 diversas petiere vias: in moenia pernix
 Thespiaca ad carum Tritonia devolat Argum.
 moliri hunc puppem iubet et demittere ferro

Que faz? Ou chame o débil povo hostil ao velho
 Tirano e os nobres que apiedaram-se de Esón,
 Ou, fiado em Juno e na armissonante Palas,
 Não mais espere e enfrente o mar, se alguma fama
 75 Pode surgir, domado o ponto, de tais feitos.
 Só tu inflamas, Glória, os ânimos e a mente;
 Verdes te vêem e imune ao tempo, firme às margens
 Do Fase, aos jovens a chamar. Enfim, o culto
 O incerto n'alma e o coração confuso firma.
 80 Erguendo aos céus as pias mãos: "Ó onipotente
 Rainha", diz, "que, quando, túrbido, no escuro
 Céu, Jove sacudira a negra tempestade,
 Eu carreguei pelo Enipeu, da chuva inchado,
 Segura aos campos, e não pude crer-te deusa
 Até que, co'o trovão e o raio, reclamou-te
 O esposo, e vi-te presa por súbito medo,
 A Cítia e o Fase dá-me! E tu, inuba Palas,
 Salva-me! O velo ao vosso templo ofertarei;
 Dará meu pai ao fogo vítimas com áureos
 90 Chifres, e cingirão o altar as níveas reses".

Pelo ar as deusas o escutaram e, num arrojo
 Tomaram rumos diferentes: a Tritônia
 Ao muro téspio, ao caro Argo, desce rápida.
 Construir a nau lhe ordena e, a ferros, deitar árvores;

roborâ Peliacas et iam comes exit in umbras. 95 Às pélias sombras o acompanha. Espalha Juno
 at Iuno Argolicas pariter Macetumque per urbes Por macedônicas e argólicas cidades
 spargit inexpertos temptare parentibus Austros Que Jasão desafia inexplorados ventos,
 Aesoniden, iam stare ratem remisque superbam Que a nau é pronta e que, soberba pelos remos,
 poscere quos revehat rebusque in saecula tollat. Busca a quem leve e exalte os feitos pelos séculos.

Omnis avet quae iam bellis spectataque fama 100 Anseiam todos: capitães, co'a fama em guerras
 turba ducum primae seu quos in flore iuventae Já comprovada, e os que na flor da juventude
 temptamenta tenent necdum data copia rerum. Não têm ainda obras muitas que os recordem.
 at quibus arborum studiumque insontis aratri, Os que nos campos e no inócuo arado esforçam-se
 hos stimulant magnaque ratem per lustra viasque Os estimulam. Pelos bosques e caminhos,
 iussi laude canunt manifesto in lumine Fauni 105 À luz do dia é a nau levada; cantam faunos,
 silvarumque deae atque elatis cornibus Amnes. Deusas da selva e os ribeirões de altivos cornos.

Protinus Inachiis ultro Tirynthius Argis Da ináquia Argos o Tiríntio logo ocorre
 advolat, Arcadio cuius flammata veneno Cujos arco e as flechas inflamadas por veneno
 tela puer facilesque umeris gaudentibus arcus Arcádio o jovem Hílas leva aos ombros ledos –
 gestat Hylas; velit ille quidem, sed dextera nondum 110 Quisera a clava, mas a mão ainda não era
 par oneri clavaeque capax. quos talibus amens Capaz do peso. Irada Juno os segue e as queixas
 insequitur solitosque novat Saturnia questus: Costumeiras repete: “Oxalá a juventude
 'o utinam Graiae rueret non omne iuventae Grega não se lançasse à honra pelos feitos,
 in nova fata decus nostrique Eurystheos haec nunc 114 Ou que estes por nosso Euristeu fossem mandados.
 iussa forent. imbrem et tenebras saevumque tridentem Tormentas, trevas, cruel tridente e, há muito, o fogo –
 iamiam ego et inviti torsissem coniugis ignem. Embora o esposo – eu já teria arremessado.
 nunc quoque nec socium nostrae columenve carinae Quisera agora que não fosse sócio e esteio
 esse velim Herculeis nec me umquam fidere fas sit Do nosso barco e eu não tivesse de confiar

auxiliis comiti et tantum debere superbo.
dixit et Haemonias oculos detorquet ad undas. 120

Fervere cuncta virum coetu, simul undique cernit
delatum nemus et docta resonare bipenni
litora. iam pinus gracili dissolvere lamna
Thespiaden iungique latus lentoque sequaces
molliri videt igne trabes remisque paratis 125
Pallada velifero quaerentem bracchia malo.
constitit ut longo moles non pervia ponto,
puppis et ut tenues subiere latentia cerae
lumina, picturae varios super addit honores.

hic sperata deo Tyrreni tergo piscis 130
Peleos in thalamos vehitur Thetis; aequora delphin
corripit, <ipsa> sedet deiecta in lumina palla
nec Iove maiorem nasci suspirat Achillen.

hanc Panope Dotoque soror laetataque fluctu
prosequitur nudis pariter Galatea lacertis 135
antra petens; Siculo revocat de litore Cyclops.

contra ignis viridique torus de fronde dapesque
vinaque et aequoreos inter cum coniuge divos
Aeacides pulsatque chelyn post pocula Chiron.
parte alia Pholoe multoque insanus Iaccho 140

Rhoecus et Atracia subitae de virgine pugnae.
crateres mensaeque volant araeque deorum

No hercúleo auxílio, ou dever tanto a tal soberbo!”
Disse e os olhos volveu para as ondas da Hemônia.

Bulir-se tudo pelos homens logo viu,
Tombada a mata e soar a praia co’a bipene;
Já vê o Tespiade cortar co’a serra os pinhos,
Bordos se unirem, se amoldarem dúcteis travas
Em fogo lento; e Palas vergas procurando,
Co’os remos prontos, para o mastro porta-velas.
Quando tornou-se estanque ao mar a grande nave
E fina cera completou ocultas frestas,
Dispôs a deusa, na pintura, honores vários:
Aqui, esperando um deus, num peixe, Tétis vai
Ao leito de Peleu; o delfim corta as águas
E ela o monta; co’o véu caído sobre os olhos
Lamenta Aquiles não nascer maior que Jove.
A seguem Doto, a irmã Panope, e alegre n’água,
Co’os braços nus, buscando os antros, Galatéia –
Da praia sícula o ciclope a chama em vão.
Defronte, é o fogo, o verde leito, o pasto e os vinhos
E o Eácida, co’a esposa, entre os deuses do mar;
Quíron, depois, a lira tange; noutra parte,
No Fóloe, Reco, pelo muito vinho insano,
E, pela virgem Hipodâmia, a luta enceta.
Voam altares e crateras, mesa e taças,

poculaque, insignis veterum labor. optimus hasta

hic Peleus, hic ense furens agnoscitur Aeson.

fert gravis invito victorem Nestora tergo 145

Monychus, ardenti peragit Clanis Actora quercu.

nigro Nessus equo fugit adclinisque tapetis

in mediis vacuo condit caput Hippasus auro.

Haec quamquam miranda viris stupet Aesone natus,

at secum: 'heu miseros nostrum natosque patresque!150

hacine nos animae faciles rate nubila contra

mittimur? in solum nunc saeviet Aesona pontus?

non iuvenem in casus eademque pericula Acastum

abripiam? invisae Pelias freta tuta carinae

optet et exoret nostris cum matribus undas.' 155

Talia conanti laevum Iovis armiger aethra

advenit et validis fixam gerit unguibus agnam.

at procul e stabulis trepidi clamore sequuntur

pastores fremitusque canum; citus occupat auras

raptor et Aegaei super effugit alta profundi. 160

accipit augurium Aesonides laetusque superbi

tecta petit Peliae. prior huic tum regia proles

advolat amplexus fraternaue pectora iungens.

ductor ait: 'non degeneres, ut reris, Acaste,

venimus ad questus: socium te iungere coeptis 165

est animus neque enim Telamón aut Canthus et Idas

Lavor insigne dos antigos. Bom co'a lança,

Peleu lá está, e o fero Esón co'a espada é visto;

Mônico traz Nestor no dorso, a contragosto;

Com brasas Clánis a Átor segue; Nesso foge

Num corcel negro. Reclinado entre tapetes,

No ouro vazio, Hipasso esconde sua cabeça.

Embora o Esônide se espante co'os prodígios,

Consigo diz: "Pobres de pais e filhos nossos!

Enviados somos – almas mansas – neste barco

Contra as sombras? O mar acossa só o Esônide?

Não levarei o moço Acasto aos mesmos riscos

E perigos? Que um mar seguro à odiosa nau

Escolha Pélias e, co'as mães, às ondas rogue".

Assim pensando, pela esquerda, a jóvea armígera

Vem no ar e traz um anho preso às fortes garras.

Dos redis seguem-na os pastores com clamor;

Ladrar de cães! A agitação ocupa os ares,

Foge a raptora sobre o mar do Egeu profundo.

O Esônio o augúrio colhe e busca, alegre, a casa

Do altivo Pélias. Para ele acorre então,

Do rei o filho, unindo os peitos fraternais.

"Qual crês, não venho, Acasto", diz o capitão,

"Co'indignas súplicas. Juntar-te à expedição

Intento, pois nem Telamón, Idas ou Canto,

Tyndareusque puer mihi vellere dignior Helles.
o quantum terrae, quantum cognoscere caeli
permissum est, pelagus quantos aperimus in usus!
nunc forsán grave reris opus, sed laeta recurret 170
cum ratis et caram cum iam mihi reddet Iolcon,
quis pudor heu nostros tibi tunc audire labores,
quae referam visas tua per suspiria gentes!

Nec passus rex plura virum 'sat multa parato
in quaecumque vocas. nec nos,' ait 'optime, segnes 175
credideris patriisve magis confidere regnis
quam tibi, si primos duce te virtutis honores
carpere, fraternae si des ad crescere fama.
quin ego, nequa metu nimio me cura parentis
impediat, fallam ignarum subitusque paratis 180
tunc adero, primas linquet cum puppis harenas.'
dixerat. ille animos promissaque talia laetus
accipit et gressus avidos ad litora vertit.

At ducis imperiis Mínyae monituque frequentes
puppem umeris subeunt et tento poplite proni 185
decurrunt intransque fretum; non clamor anhelis
nauticus aut blandus testudine defuit Orpheus.
tum laeti statuunt aras. tibi, rector aquarum,
summus honor, tibi caeruleis in litore vittis
et Zephyris Glaucoque bovem Thetidique iuvencam

Ou Cástor julgo ser mais digno do tosão!
Ah, quanta terra, quanto céu ver poderemos!
A quantos usos abriremos o oceano!
Talvez pesada a empresa creias, porém leve
Ao meu retorno, quando a nau me traga a Iolco.
Mas que vergonha a tua ouvindo nossos feitos!
E a teus suspiros contarei de tantas gentes!"

Acasto mais não deixa: "Basta, que estou pronto
P'ra ir aonde chames. Fraco não me julgues,
Ou que confio, mais que em ti, no pátrio império:
Ao teu comando, as primas honras buscarei –
Se deres-me crescer co'a fama tua. Assim,
Para que o zelo de meu pai, por medo imenso,
Não me impeça, eu o enganarei e chegarei
Súbito quando pronta nau deixar a praia".
Disse, e aquele, alegre, tais promessas na alma
Acolhe e volve ao litoral os passos ávidos.

Do chefe às ordens e ao aviso, os Mínyas juntos
O barco aos ombros sobem; joelho tenso adiante,
Andam e entram no mar. Não faltaram os brados
Aos ofegantes nautas, nem Orfeu co'a lira.
Então, alegres, aras erguem. Rei das águas,
Grande honra a ti! Na praia, Anceu a Glauco, aos Zéfiros
E a ti um boi, de azul fitado, e uma novilha

deicit Ancaeus: non illo certior alter
pinguia letifera perfringere colla bipenni.
ipse ter aequoreo libans carchesia patri
sic ait Aesonides: 'o qui spumantia nutu
regna quatis terrasque salo complecteris omnes, 195
da veniam! scio me cunctis e gentibus unum
inlicitas temptare vias hiememque mereri:
sed non sponte feror nec nunc mihi iungere montes
mens ~tamen~ aut summo deposcere fulmen Olympo.
ne Peliae te vota trahant! ille aspera iussa 200
repperit et Colchos in me luctumque meorum.
illum ego--tu tantum non indignantibus undis
hoc caput accipias et pressam regibus alnum.'
sic fatus pingui cumulat libamine flammam.
Protulit ut crinem densis luctatus in extis 205
ignis et escendit salientia viscera tauri,
ecce sacer totusque dei per litora Mopsus
immanis visu vittamque comamque per auras
surgentem laurusque rotat. vox reddita tandem,
vox horrenda viris. tum facta silentia vati. 210
'heu quae nam aspicio? nostris modo concitus ausis
aequoreos vocat ecce deos Neptunus et ingens
concilium. fremere et legem defendere cuncti
hortantur. sic amplexus, sic pectora fratris,

A Tétis imolou. Ninguém melhor que ele
Para cortar, co'a acha letal, as gordas nucas.
Libando três vezes a gávea ao pai das águas,
O Esônio: "Tu, que co'um aceno o espúmeo reino
Abalas; que co'o mar envolves todas terras,
Perdoa! Sei que único sou de toda a gente
A tentar rotas e a borrascas merecer:
Não por vontade vou, nem busco juntar montes
Ou provocar do Olimpo o raio. Que não te movam
Votos de Pélias – que com más ordens espera
Mandar-me aos colcos e dos meus causar a dor.
Então, que aceites em tuas ondas não iradas
Tal capitão e a tripulada nau por reis".
Falando assim, co'a libação engrossa a chama.
Quando, a lutar na densa entranha, alteou o fogo
As línguas e saltou nas palpitantes vísceras,
Na praia, o sacro Mopso, pelo deus tomado,
Brande, terrível, no ar as fitas, a arrepiada
Coma e o laurel. A voz horrenda, finalmente,
Aos homens dá-se. Faz-se, ao vate, então, silêncio:
"Que vejo? Pela nossa audácia atraído, há pouco,
Netuno chama os áqueos deuses a um concílio.
Todos exortam-no a fremir e a defender
A Lei. Assim, num abraço, ó Juno, enlaça o irmão,

Iuno, tene tuque o puppem ne desere, Pallas: 215
 nunc patruī, nunc flecte minas! cessere ratemque
 acceperē mari. per quot discrimina rerum
 expedior! subita cur pulcher harundine crines
 velat Hylas? unde urna umeris niveosque per artus
 caeruleae vestes? unde haec tibi vulnera, Pollux? 220
 quantus io tumidis taurorum e naribus ignis!
 tollunt se galeae sulcisque ex omnibus hastae
 et iam iamque umeri. quem circum vellera Martem
 aspicio? quāenam aligeris secat anguibus auras
 caede madens? quos ense ferit? miser, eripe parvos,
 Aesonide! cerno et thalamos ardere iugales!"

Iamdudum vates Minyas ambage ducemque
 terrificat; sed enim contra Phoebeius Idmon
 non pallore viris, non ullo horrore comarum
 terribilis, plenus fati Phoeboque quieto, 230
 cui genitor tribuit monitu praenoscerē divum
 omina, seu flammās seu lubrica cominus exta
 seu plenum certis interroget aera pinnis,
 sic sociis Mopsoque canit: 'quantum augur Apollo
 flammaque prima docet, praeduri plena laboris 235
 cerno equidem, patiens sed quae ratis omnia vincet.
 ingentes durate animae dulcesque parentum
 tendite ad amplexus! lacrimae cecidere canenti

E tu, Palas, a nau não abandones: ora
 Do tio afasta as ameaças. Quieta o mar
 E ao barco aceita! A quantos ricos sou levado!
 Por que com um véu súbito cobrem-se os cabelos
 Do belo Hílas? De onde vem a urna aos ombros
 E a escura veste aos nêveos membros? E estas chagas,
 Pólux? Ah, quanto fogo sai das táureas ventas.
 Dos sulcos todos brotam lanças e escudos
 E braços mais. Que guerra vejo em torno ao vela?
 Plena de morte, quem co'as serpes corta os ares?
 Co'a espada os fere? Pobre Esônide, aos pequenos
 Salva! Diviso arder o leito conjugal!"

E muito o vate aterra os Mínyas co'os enigmas,
 Ídmon, porém, o fêbeo, enfim sem medo aos homens,
 Nada espantoso, sem a coma desgrenhada,
 Possuído pelo Fado e a quietude de Febo –
 A quem o pai deu antever todos oráculos
 Caso, de perto, visse a chama, as pingues vísceras
 Ou o céu, de vãos certos cheio. Assim cantou
 A Mopso e aos sócios: "Quanto Apolo e a prima flama
 Ensinam, vejo u'a rota plena de labores,
 Porém a nau que, suportando, tudo vence.
 Perseverai, heróis, volvei ao doce abraço
 De vossos pais!" Caíram lágrimas do vate

quod sibi iam clausos invenit in ignibus Argos.

Vix ea fatus erat, iungit cum talia ductor 240

Aesonius: 'superum quando consulta videtis,
o socii, quantisque datur spes maxima coeptis,
vos quoque nunc vires animosque adferte paternos.

non mihi Thessalici pietas culpanda tyranni
suspective doli: deus haec, deus omine dextro 245

imperat; ipse suo voluit commercia mundo
Iuppiter et tantos hominum miscere labores.
ite, viri, mecum dubiisque evincite rebus
quae meminisse iuvet nostrisque nepotibus instent.

hanc vero, socii, venientem litore laeti 250

dulcibus adloquiis ludoque educite noctem!
paretur. molli iuvenes funduntur in alga
conspicuusque toris Tirynthius. exta ministri
rapta simul veribus Cereremque dedere canistris.

Iamque aderat summo decurrens vertice Chiron
clamantemque patri procul ostendebat Achillen.

ut puer ad notas erectum Pelea voces
vidit et ingenti tendentem bracchia passu,
adsiluit caraque diu cervice pependit.

illum nec valido spumantia pocula Baccho 260

sollicitant veteri nec conspicienda metallo
signa tenent: stupet in ducibus magnumque sonantes

Que viu p'ra si, nas chamas, Argos proibida.

Tão logo o dito, o capitão assim ajunta:

“Já que dos deuses os desígnios vedes, sócios,
E que esperança grande é dada a esta empresa,
Trazei convosco a força e os ânimos paternos.

Não culparei as impiedades do tirano

Ou seus ardis: ordena-o o deus com bons presságios.

O próprio Jove quis o comércio no mundo

E misturar tantos trabalhos dos humanos.

Parti comigo, heróis! Vencei nas incertezas

O que lembrar nos faça, e anime nossos netos.

Passai na praia, alegres sócios, em folguedos

E doces falas esta noite, que já chega!”

É feito. Os jovens na macia alga se deitam

E o Tiríntio, no leito. As vísceras tiradas

Do espeto e Ceres os escravos distribuíram.

Chegava Quíron, a correr desde o alto cume;

Mostrava Aquiles, que chamava o pai ao longe.

Quando o menino viu Peleu com um grande passo

À conhecida voz os braços estendendo,

Saltou e, longamente, abraçou-lhe a cerviz.

Não lhe atrai nem a taça espumante de forte

Baco, nem marcas admiráveis no metal

Antigo: encanta-se entre os homens, ouve-os muito

haurit et Herculeo fert comminus ora leoni.
 laetus at impliciti Peleus rapit oscula nati
 suspiciensque polum 'placido si currere fluctu
 Pelea vultis' ait 'ventosque optare ferentes,
 hoc, superi, servate caput! tu cetera, Chiron,
 da mihi! te parvus lituos et bella loquentem
 miretur; sub te puerilia tela magistro
 venator ferat et nostram festinet ad hastam.'
 omnibus inde viae calor additus; ire per altum
 magna mente volunt. Phruxi promittitur absens
 vellus et auratis Argo reditura corymbis.

Sol ruit et totum Minyis laetantibus undae
 deduxere diem. sparguntur litore curvo
 lumina nondum ullis terras monstrantia nautis.
 Thracius hic noctem dulci testitudine vates
 extrahit, ut steterit redimitus tempora vittis
 Phrixus et iniustas contactus nubibus aras
 fugerit Inoo linquens Athamanta Learcho;
 aureus ut iuvenem miserantibus intulit undis
 vector et adstrictis ut sedit cornibus Helle.
 septem Aurora vias totidemque peregerat umbras
 luna polo dirimique procul non aequore visa
 coeperat a gemina discedere Sestos Abydo.
 hic soror Aeoliden aevum mansura per omne

Jactantes; do leão hercúleo a pele arrasta.
 Então, feliz, o filho ao colo Peleu beija
 E diz, olhando o céu: “Se em brando mar quiserdes
 Que Peleu singre e escolha os ventos favoráveis,
 Deuses, cuidai deste menino! E Quíron, tu,
 Dá-me mais. Pasma-o, guerra e trompas lhe contando;
 Que ao teu ensino, leve armas pueris
 Qual caçador e, às nossas lanças, se apressure!”
 O ardor da rota a todos se une; e em grande anseio
 Querem zarpar. Se lhes promete o velo fruxio
 E que Argo voltará, por ouro recoberta.

O sol se põe e junto ao ledos Míniás, ondas
 O dia levam. Pela praia curva, espalham-se
 Chamas que ainda não apontam terra aos nautas.
 O Trácio, então, co'a doce lira, alonga a noite
 Cantando como ergueu-se Fruxio, ornada a fronte
 Por fitas, e fugiu do altar injusto, oculto
 Em nuvens, a deixar, com Learco, Atamante;
 Como o áureo condutor levou-o às tristes vagas
 E como se assentou nos presos chifres Heles.
 Sete vezes a Aurora e a lua o céu correram;
 Não vista ao longe a separar-se pelo mar
 De Abido, Sesto começara a se apartar.
 Ali a irmã, p'ra sempre célebre, do Eólíde

deserit, heu saevae nequiquam erepta novercae!
 illa quidem fessis longe petit umida palmis
 vellera, sed bibulas urgenti pondere vestes
 unda trahit levique manus labuntur ab auro. 290
 quis tibi, Phrixe, dolor, rapido cum concitus aestu
 respiceres miserae clamantia virginis ora
 extremasque manus sparsosque per aequora crines!
 Iamque mero ludoque modus positique quietis
 contiguere toris, solus quibus ordine fuis 295
 impatiens somni ductor manet. hunc gravis Aeson
 et pariter vigil Alcimedede spectantque tenentque
 pleni oculos. illis placidi sermonis Iason
 suggerit adfatus turbataque pectora mulcet.
 mox ubi victa gravi ceciderunt lumina somno 300
 visa coronatae fulgens tutela carinae
 vocibus his instare duci: 'Dodonida quercum
 Chaonii que vides famulam Iovis. aequora tecum 308
 ingredior nec fatidicis avellere silvis 303
 me nisi promisso potuit Saturnia caelo.
 tempus adest: age rumpe moras, dumque aequore toto
 currimus incertus si nubila duxerit aether,
 iam nunc mitte metus fidens superisque mihique!
 dixerat. ille pavens laeto quamquam omine divum 309
 prosiluit stratis. Minyas simul obtulit omnes

Caiu, e em vão foi libertada da madrasta!
 Co'as mãos cansadas ela ainda busca o úmido
 Tosão, mas onda arrasta as vestes encharcadas
 Com o peso urgente, e as mãos resvalam no ouro liso.
 Frixo, que dor!, pelo esto rápido abalado,
 Vendo da virgem triste as faces suplicantes,
 O fim das mãos e, sobre as águas, os cabelos!
 Já findos vinho e brinco, em quietos leitos postos,
 Silenciaram-se. Só, entre os adormecidos,
 Insone fica o capitão. Alcimedé
 E o velho Esón, juntos, o vêem – têm os olhos
 Rasos d'água. Jasão lhes fala com palavras
 Mansas, e o dito acalma os corações aflitos.
 Quando, vencidos pelo sono, os olhos fecham-se,
 Fulgente é vista a tutelar deusa da nau
 Instando o capitão: "O carvalho dodono
 Servo de Jove vês. Ao mar contigo adentro.
 Da profética mata arrancar-me a Satúrnia
 Não consegui sem a promessa antes do céu.
 O tempo chega: eia te apressa e enquanto as águas
 Singras, incerto se trará nuvens o céu,
 Já o medo afasta, em mim confiando, e nos divinos".
 Falou. E ele, a tremer, embora o bom presságio,
 Saltou do leito. Logo aos Míneas se mostrou

alma novo crispans pelagus Tithonia Phoebos.
 discurrunt transtris: hi celso cornua malo
 expediunt, alii tonsas in marmore summo
 praetemptant, prora funem legit Argus ab alta.
 increscunt matrum gemitus et fortia languent 315
 corda patrum, longis flentes amplexibus haerent.
 vox tamen Alcimedea planctus supereminet omnis,
 femineis tantum illa furens ululatus obstat,
 obruat Idaeam quantum tuba Martia buxum,
 fatur et haec: 'nate indignos aditure labores, 320
 dividimur nec ad hos animum componere casus
 ante datum, sed bella tibi terrasque timebam.
 vota aliis facienda deis. si fata reducant
 te mihi, si trepidis placabile matribus aequor,
 possum equidem lucemque pati longumque timorem.
 sin aliud fortuna parat, miserere parentum,
 Mors bona, dum metus est nec adhuc dolor. ei mihi,
 Colchos
 unde ego et aucti timuissem vellera Phrygi?
 quos iam mente dies, quam saeva insomnia curis
 prospicio! quotiens raucos ad litoris ictus 330
 deficiam Scythicum metuens pontumque polumque
 nec de te credam nostris ingrata serenis!
 da, precor, amplexus haesuraque verba relinque

Crispando o mar num novo dia a alma Tritônia.
 Aos remos correm. Uns, do mastro, vergas soltam;
 Outros, os remos na marmórea água ensaiam.
 Argos, na proa, colhe a amarra. Os ais das mães
 Crescem e os fortes corações dos pais fraquejam;
 Chorando estreitam-se em abraços demorados.
 Porém, de Alcimedé a voz suplanta os choros:
 Transtornada, ela tolhe os fêmeos gritos tanto
 Quanto a trompa de guerra encobre a flauta idáia.
 E diz: “Ó filho, que hás de expor-te a cruéis labores,
 Nos separamos, sem à sorte antes o espírito
 Se armar. Porém, por ti temia guerra e terras.
 Que se cultuem outros deuses! Se o destino
 Traz-te a mim, se por mães o mar se aplaca, sim,
 Suportar posso a luz do dia e o longo medo.
 Mas se a Fortuna mais prepara, ó Boa Morte,
 Dos pais te apieda, enquanto há o medo e não a dor.
 Como haveria eu de temer o velo e os Colcos?
 Que dias vejo, que vigílias de aflição!
 Ah, quantas vezes, ao bater rouco das ondas
 Desmaiarei, temendo o mar e o céu da Cítia,
 E não creerei em nosso estio ingrato a ti.
 Dá-me um abraço, peço, e deixa-me aos ouvidos

auribus et dulci iam nunc preme lumina dextra!
 talibus Alcimedede maeret, sed fortior Aeson
 attollens dictis animos: 'o si mihi sanguis
 quantus erat cum signiferum cratera minantem
 non levioere Pholum manus haec compescuit auro,
 primus in aeratis posuissem puppibus arma
 concussoque ratem gauderem tollere remo.
 sed patriae valuere preces auditaque magnis
 vota deis: video nostro tot in aequore reges
 teque ducem. tales, tales ego ducere suetus
 atque sequi. nunc ille dies--det Iuppiter oro--,
 ille super quo te Scythici regisque marisque
 victorem atque umeros ardentem vellere raptio
 accipiam cedantque tuae mea facta iuventae.'
 sic ait. ille suo conlapsam pectore matrem
 sustinuit magnaque senem cervice recepit.

Et iam finis erat. Zephyrumque ratemque morantes
 solverat amplexus tristi tuba tertia signo.
 dant remo sua quisque viri, dant nomina transtris.
 hinc laevum Telamón pelagus tenet, altior inde
 occupat Alcides aliud mare, cetera pubes
 dividitur. celer Asterion, quem matre cadentem
 Peresius gemino fovit pater amne Cometes,
 segnior Apidani vires ubi sentit Enipeus,

Perene fala; co'a mão doce os olhos fecha-me!"

335 Assim lamenta Alcimedé; mas diz Esón
 Mais forte os animando: “ Ah se meu sangue fosse
 Como era quando, co'áureo vaso, parei Fóloe
 Que me atacava com cratera não mais leve,
 Primeiro as armas eu poria na ênea popa
 340 E de levar a remo a nau me alegraria.
 Porém, valeram minhas preces, pelos deuses
 Ouvidas: vejo reis por todo nosso mar
 E que és o capitão – guiá-los e os seguir
 Eu costumava. Chegue o dia, peço a Jove,
 345 Em que eu te acolha, vitorioso sobre o rei
 E o mar da cítia, com o tosão roubado às costas;
 Em que os meus feitos aos da tua juventude
 Dêem lugar!” Assim diz. Jasão manteve a mãe
 Junto a seu peito e recebeu no abraço o pai.

Chegava a hora. Em triste toque, a terça tuba
 351 Rompera os laços que prendiam nau e Zéfios.
 Ao banco e ao remo, cada herói seu nome empresta.
 Daqui, tem Telamón o mar à esquerda; acima
 Ocupa o Alcides o outro bordo; os demais jovens
 355 Partem-se. Esforça o lesto Astérion que, ao nascer,
 Comete, o pai perésio, o banhou na confluência
 Onde o Enipeu as forças sente do Apidano.

<p>nititur, hinc Talaus fratrisque Leodocus urget remo terga sui, quos nobile contulit Argos. hinc quoque missus adest quamvis arcentibus Idmon 360 alitibus; sed turpe viro timuisse futura. hic et Naubolides tortas consurgit in undas Iphitus, hic patrium frangit Neptunius aequor, qui tenet undisonam Psamathen semperque patentem Taenaron, Euphemus, mollique a litore Pellae 365 Deucalion certus iaculis et comminus ense nobilis Amphion, pariter quos edidit Hypso nec potuit similes voluitve ediscere vultus. tum valida Clymenus percusso pectore tonsa frater et Iphiclus puppem trahit et face saeva in tua mox Danaos acturus saxa, Caphereu, Nauplius, et tortum non a Iove fulmen Oileus qui gemet Euboicas nato stridente per undas quique Erymanthei sudantem pondere monstri Amphitryoniaden Tegeaeo limine Cepheus 375 iuvit et Amphidamas (at frater plenior actis maluit Ancaeo vellus contingere Phrixi) tectus et Eurytion servato colla capillo, quem pater Aonias reducem tondebit ad aras. te quoque Thessalicae, Nestor, rapit in freta puppis 380 fama, Mycenaeis olim qui candida velis</p>	<p>Aqui Talau forceja e Leódoco empurra Do irmão as costas com seu remo: os mandou Argos. Depois, Ídmon se mostra, embora os maus agouros – Mas ao varão temer futuro é vergonhoso. Nas curvas ondas se ergue Ífito, o Naubólide. Paternas águas fende aqui o netúnio Eufemo Que a ondissonante Psamatunte e o sempre aberto Tênaro rege. Vêm da suave costa pélea, Hábil co'os dardos, Deucalião e, co'a espada, perto, O nobre Anfão – ao mesmo tempo os pariu Hipso Que distinguir não pôde ou quis os iguais rostos. Tangido o peito pelo forte remo, Clímeno 370 E o irmão Íficlo a nau movem. Cara brava É o que a tuas rochas, Cefaréu, guiará os Dânaos: Náuplio! E Oileu que a Jove o raio não lançado Lamentará, batido o filho pelo Eubeu; Cefeu, que a Hércules, suado sob o peso 375 Do monstro de Erimanto, ajudou na tegéa Porta, e Anfidamas (posto o irmão mais velho antes Quis com Anceu buscar o velo). Segue Eurítion, Coberto à nuca pela coma conservada Que à volta o pai no altar aônio cortará. 380 Também te lança de Argo a fama ao mar, Nestor Que um dia, por velas micênicas, branqueadas</p>
--	--

aequora nec stantes mirabere mille magistros.
 hic vates Phoebique fides non vana parentis
 Mopsus, puniceo cui circumfusa cothurno
 palla imos ferit alba pedes vittataque frontem
 cassis et in summo laurus Peneia cono.
 quin etiam Herculeo consurgit ab ordine Tydeus
 Nelidesque Periclymenus, quem parva Methone
 et levis Elis equis et fluctibus obuius Aulon
 caestibus adversos viderunt frangere vultus.
 tu quoque Phrixios remo, Poeantie, Colchos
 bis Lemnon visure petis, nunc cuspidem patris
 inclitus, Herculeas olim moture sagittas.
 proximus hinc Butes Actaeis dives ab oris;
 innumeras nam claudit apes longaque superbus
 fuscatur nube diem dum plenas nectare cellas
 pandit et in dulcem reges dimittit Hymetton.
 insequeris casusque tuos expressa, Phalere,
 arma geris laeva; nam lapsus ab arbore parvum
 ter quater ardenti tergo circumvenit anguis,
 stat procul intendens dubium pater anxius arcum.
 tum caelata metus alios gerit arma Eribotes
 nec Peleus fretus soceris et coniuge diva
 defuit ac prora splendet tua cuspis ab alta,
 Aeacide; tantum haec aliis excelsior hastis

Águas contemplará e os bravos mil pilotos.
 383 Aqui é o vate Mopso – a fiança do pai Febo –
 De quem, caído em torno aos púnicos coturnos,
 O branco manto toca as solas, com fitado
 Gorro à testa e o laurel peneio no alto elmo.
 Tideu também na hercúlea fila se levanta,
 E Periclímene, o Nelida – a quem Metona,
 A Élis do corcel e o Aulão exposto às ondas
 390 Viram quebrar adversas faces com seus cestos.
 Também, Poiante, tu, com o remo, os colcos buscas:
 Duas vezes Lemnos há de ver, ora afamado
 Pelo dardo do pai, um dia hercúleas flechas
 Portarás. Próximo, da Ática, vem Butes
 395 Que cria inúmeras abelhas e, soberbo,
 Co’o enxame ofusca o dia quando abre as colméias
 Plenas de mel e os reis conduz ao doce Himeto.
 Falero, o segues; com tua sina ornadas armas
 Levas: da árvore descida u’a cobra enroscada,
 400 Co’o dorso ardente, quatro vezes um menino
 E, ao longe, o pai aflito o túbio arco entesa.
 Tem Eribote armas gravadas co’outros medos.
 403 Peleu, nos sogros e na esposa é confiado:
 Esplende, ó Eácida, na proa a tua lança
 Que é tanto mais alta entre as outras hastes quanto

quantum Peliacas in vertice vicerat ornos.
 linquit et Actorides natum Chironis in antro,
 ut socius caro pariter meditetur Achilli
 fila lyrae pariterque leves puer incitet hastas.
 [discat eques placidi conscendere terga magistri]
 et quem fama genus non est decepta Lyaei
 Phlias immissus patrios de vertice crines.
 nec timet Ancaeum genetrix committere ponto,
 plena tulit quem rege maris. securus in aequor
 haud minus Erginus proles Neptunia fertur,
 qui maris insidias, clarae qui sidera noctis
 norit et e clausis quem destinet Aeolus antris,
 non metuat cui regna ratis, cui tradere caelum
 adsidua Tiphys vultum lassatus ab Arcto.
 taurea vulnifico portat celer a<spera> plumbo
 terga Lacon, saltem in vacuos ut bracchia ventos
 spargat et Oebalium Pagaseia puppis alumnum
 spectet securo celebrantem litora ludo,
 oraque Thessalico melior contundere freno
 vectorem pavidae Castor dum quaereret Helles
 passus Amyclaea pinguescere Cyllaron herba.
 illis Taenario pariter tremet ignea fuco
 purpura, quod gemina mater spectabile tela
 duxit opus: bis Taygeton silvasque comantes

Sobrepujara na montanha os olmos pélios.
 No antro de Quíron, deixa seu filho o Actóride
 P'ra que, de Aquiles companheiro, junto estude
 A lira e, moço ainda, lance leves dardos
 410 E aprenda a cavalgar do manso mestre o dorso.
 411 Flias, de quem é vera a fama de ser filho
 De Lieu, deixou crescer do crânio as pátrias comas.
 Não teme a mãe enviar ao ponto Anceu que, grávida
 Gerou do rei do mar. Seguro n'água é Ergino –
 415 Também netúnia prole é dito – que as insídias
 Do mar conheceria, as estrelas da noite
 E o vento que Éolo libertasse dos covis –
 Não tema Tífis lhe passar da nau o mando
 E a vigia dos céus, de olhar p'ra Arcto exausto.
 420 Veloz Lacônio calça o duro táureo couro
 Com chumbo feridor para que ao vento lance
 O punho e a nau pagásia veja o oibálio aluno
 A celebrar no litoral seguro jogo;
 E com bridão tessálio o grande quebra-bocas,
 425 Cástor, que, enquanto ao condutor de Heles buscasse,
 Da amíclea erva consentiu nutrir-se Cílaron:
 Neles igual reluz a púrpura tenária,
 Obra espetacular que a mãe, em gêmeos panos,
 Teceu: duas vezes o Taígeto e as selvas

struxerat, Eurotan molli bis fuderat auro.
 quemque suus sonipes niveo de stamine portat
 et volat amborum patrius de pectore cycnus.
 at tibi collectas solvit iam fibula vestes
 ostenditque umeros fortes spatiumque superbi
 pectoris Herculeis aequum, Meleagre, lacertis.
 hic numerosa phalanx, proles Cyllenia: certus
 Aethalides subitas nervo redeunte sagittas
 cogere; tu medios gladio bonus ire per hostes,
 Euryte; nec patrio Minyis ignobilis usu
 nuntia verba ducis populis qui reddit Echion.
 sed non, Iphi, tuis Argo reditura lacertis
 heu cinerem Scythica te maesta relinquet harena
 cessantemque tuo lugebit in ordine remum.
 te quoque dant campi tanto pastore Pheraei
 felices, Admete, tuis nam pendet in arvis
 Delius ingrato Steropen quod fuderat arcu.
 a quotiens famulo notis soror obvia silvis
 flevit ubi Ossaeae captaret frigora quercus
 perderet et pingui miseris Boebeide crines!
 insurgit transtris et remo Nerea versat
 Canthus, in Aeaeo volvet quem barbara cuspis
 pulvere; at interea clari decus adiacet orbis
 quem genitor gestarat Abas--secat aurea fluctu

430 Bordara, e o Eurota duas vezes, co'ouro fino.
 Cada um leva seu cavalo de alvo fio
 E no peito dos dois revoa o pátrio cisne.
 Soltou-se a fíbula de tuas vestes presas
 E revelou os fortes ombros e o tamanho
 435 Do peitoral, ó Meleagro, igual ao de Hércules!
 Cilênia prole é numerosa tropa: Etálide,
 Certo ao lançar co'arco vibrátil, flechas rápidas;
 Eurito, bom ao ir co'o gládio em meio às hostes;
 E, por paterno ofício, Equião, famoso ao Míncias,
 440 Do capitão aos povos leva os núncios ditos.
 Argo, que não há de voltar pelos teus braços,
 Ífis tuas cinzas deixará na cítia areia
 E chorará o quieto remo em teu assento.
 Por tal pastor felizes, dão-te os campos féreos,
 445 Admeto, pois em tua seara esteve preso
 O Délio, que matara Estéope co'o o arco –
 Ah, quanto a irmã chorou no bosque achando o fâmulo
 Que do carvalho do Ossa a sombra aproveitava
 E mergulhava as tristes comas no Bebeio!
 450 No banco se ergue e, a remo, o mar revolve Canto
 A quem, no Eêio pó, tombará lança bárbara;
 No entanto o acompanha o honor do nobre escudo
 Que o pai levava: o Euripo corta o áureo couro

tegmina Chalcidicas fugiens Euripus harenas
 celsaque semiferum contorquens frena luporum
 surgis ab ostrifero medius, Neptune, Geraesto.
 et tibi Palladia pinu, Polypheme, revector
 ante urbem ardentis restat deprendere patris
 reliquias, multum famulis pia iusta moratis
 si venias. brevior petit iam caerulea remo
 occupat et longe sua transtra novissimus Idas.
 at frater magnos Lynceus servatur in usus,
 quem tulit Arene, possit qui rumpere terras
 et Styga transmisso tacitam deprendere visu.
 fluctibus e mediis terras dabit ille magistro
 et dabit astra rati cumque aethera Iuppiter umbra
 perdiderit solus transibit nubila Lynceus.
 quin et Cecropiae proles vacat Orithyiae
 temperet ut tremulos Zetes fraterque ceruchos.
 nec vero Odrisius transtris impenditur Orpheus
 aut pontum remo subigit, sed carmine tonsas
 ire docet summo passim ne gurgite pugnent.
 donat et Iphiclo pelagus iuvenumque labores
 Aesonides, fessum Phylace quem miserat aevo
 non iam operum in partem, monitus sed tradat ut acres
 magnorumque viros qui laudibus urat avorum.
 Arge, tuae tibi cura ratis, te moenia doctum

Com a onda, a fugir das areias da Cólquida;
 455 E, agitando os bridões dos lobos monstruosos,
 Surges, Netuno, no ostrífero Geresto.
 Na volta de Argo, Polifemo, a ti reserva-se
 Achar do pai os restos que ante a vila ardam
 E os servos que, em justa piedade, muito esperem
 460 Até que chegues. Co' o mais curto remo, o último,
 Idas golpeia a água e ocupa, ao longe, o banco.
 O irmão Linceu p'ra grandes feitos é guardado:
 Do Arene vindo, p'ra que possa romper terras
 E desvendar segredo estígio co'a visão;
 465 Mostrará terras entre as ondas ao piloto
 E astros à nave: ainda que Jove o céu toldasse
 Com nuvens, só Linceu as atravessaria.
 Os filhos da cecrópia Orítia ficam livres –
 Zetes e o irmão – para ajustarem cordas trêmulas.
 470 E o odrísio Orfeu não é aos bancos dedicado
 Ou vence a remo o mar, porém co' o canto ensina
 Irem as pás no ritmo e n'água não lutarem.
 Do obrar dos moços e do mar Jasão libera
 Íficlo: a Fílaca apieda-se da idade
 E não o envia à faina, mas que dê conselhos,
 E inflame os homens co' as ações dos ancestrais.
 Argo, cuida da nau! As muralhas da Téspia

Thespia Palladio dant munere; sors tibi nequa
 parte trahat tacitum puppis mare fissaque fluctu
 vel pice vel molli conducere vulnera cera.

pervigil Arcadio Tiphys pendebat ab astro
 Hagniades, felix stellis qui segnibus usum
 et dedit aequoreos caelo duce tendere cursus.

Ecce per obliqui rapidum compendia montis
 ductor ovans laetusque dolis agnoscit Acastum
 horrentem iaculis et parmae luce coruscum.
 ille ubi se mediae per scuta virosque carinae
 intulit, ardenti Aesonides retinacula ferro
 absceidit. haud aliter saltus vastataque pernix
 venator cum lustra fugit dominoque timentem
 urget equum teneras compressus pectore tigres
 quas astu rapuit pavido, dum saeva relictis
 mater in adverso catulis venatur Amano.

it pariter propulsa ratis. stant litore matres
 claraque vela oculis percussa que sole sequuntur
 scuta virum, donec iam celsior arbore pontus
 immens<usque> ratem spectantibus abstulit aer.

Siderea tunc arce pater pulcherrima Graium
 coepta tuens tantamque operis consurgere molem
 laetatur; patrii neque enim probat otia regni.
 una omnes gaudent superi venturaque mundo

Mandam-te, experto – dom de Palas. Cabe a ti
 Que, em parte alguma, o barco traga oculta água
 480 E unir com cera ou pez a greta aberta às ondas.

Ao astro Arcádio olhava o vigilante Tífis,
 Filho de Hágnio, que o uso de astros lhe ensinou,
 E a seguir cursos pelo mar co’o céu por guia.

E eis que, ligeiro, por atalhos da montanha
 485 O capitão, feliz co’a astúcia, vê Acasto
 Temível com sua lança, e brilhante co’o escudo.
 Quando ele ao barco, entre os broquéis e heróis chegou,
 partiu o Esônide co’a espada ardente as cordas.

Qual quando o ágil caçador foge da mata

490 Saqueada e apressa seu cavalo temeroso

Pelo amo, que no peito aperta os tenros tigres

Que, em dolo pávido, roubara enquanto a mãe,

Deixada a cria, no Amano oposto caça –

Assim avança o barco. As mães na praia ficam –

495 Seguem co’os olhos brancas velas e os escudos

Batidos pelo sol, até que o mar, mais alto

Que o mastro, e o céu imenso a nau à vista ocultam.

Então, o pai, vendo do empíreo a grega empresa
 E começarem feitos tantos, regozija-se

500 Pois não aprova do paterno reino o ócio.

Se alegram deuses: para si as Parcas vêem,

tempora quaeque vias cernunt sibi crescere Parcae.		Vindouro ao mundo, o tempo e as rotas dilataram-se.
sed non et Scythici genitor discrimine nati		No entanto, o Sol, o pai dos Cítios, pela afronta
intrepidus tales fundit Sol pectore voces:		Ao filho irado, falas tais deitou do peito:
'summe sator, cui nostra dies volventibus annis	505	“Sumo Criador, p’ra quem meu dia, anos a fio,
tot peragit reficitque vices, tuane ista voluntas		Tantas vezes refaz-se e finda, é tua a vontade?
Graiaque nunc undis duce te nutuque secundo		A grega nau vai por teu nuto e condução?
it ratis? an meritis fas est mihi rumpere questus?		Posso irromper em justas queixas? Tal temendo,
hoc metuens et nequa foret manus invida nato		Ou que a meu filho alguma tropa odiosa houvesse,
non mediae telluris opes, non improba legi	510	Não elegi as terras médias nem os campos
divitis arva plagae (teneant uberrima Teucer		De rica plaga (os tenham Tróia fertilíssima,
et Libys et vestri Pelopis domus): horrida saevo		Vossos Pelópidas e os Líbios): ocupamos
quae premis arva gelu strictosque insedimus amnes.		Campos e rios que com sevo gelo oprimes.
cederet his etiam et sese sine honore referret		E ele os daria, e além iria sem honor!
ulterius, sed nube rigens ac nescia rerum	515	Porém, acima, há a enevoadada e opaca zona
stat super et nostros iam zona reverberat ignes.		Que reverbera minhas luzes! Por que a cruel
quid regio immanis, quid barbarus amnibus ullis		Plaga? Por que o bárbaro Fase, aos outros rios,
Phasis et aversis proles mea gentibus obstat?		Ou minha prole às outras gentes incomodam?
quid Minyae meruere queri? num vellere Graio		Por que queixar-se os Míniás podem? Ganhou Eetes
vi potitur? profugo quin agmina iungere Phrixo	520	À força o velo? Antes, deixou unir-se às tropas
abnuit, Inoas ultor nec venit ad aras,		O fugitivo; e o não levou às aras de Ino.
imperii sed parte virum nataeque moratus		Porém, retendo-o co’o império e a mão da filha,
coniugio videt e Graia nunc stirpe nepotes		Agora os netos vê, da linhagem dos gregos
et generos vocat et iunctas sibi sanguine terras.		Aos quais de genros chama, e às terras de sua gente.
flecte ratem motusque, pater, nec vulnere nostro	525	Muda o rumo da nau, Pai. Com nossas feridas

aequora pande viris; veteris sat conscia luctus
 silva Padi et viso flentes genitore sorores!
 adfremit his quassatque caput qui vellera dono
 Bellipotens sibi fixa videt temptataque, contra
 Pallas et amborum gemuit Saturnia questus. 530

Tum genitor: 'vetera haec nobis et condita pergunt
 ordine cuncta suo rerumque a principe cursu
 fixa manent; neque enim terris tum sanguis in ullis
 noster erat cum fata darem, iustique facultas
 hinc mihi cum varios struerem per saecula reges. 535
 atque ego curarum repetam decreta meorum.
 iam pridem regio quae virginis aequor ad Helles
 et Tanai tenus immenso descendit ab Euro
 undat equis floretque viris nec tollere contra
 ulla pares animos nomenque capessere bellis 540
 ausa manus. sic fata locos, sic ipse fovebam.
 accelerat sed summa dies Asiamque labantem
 linquimus et poscunt iam me sua tempora Grai.
 inde meae quercus tripodesque animaeque parentum
 hanc pelago misere manum. via facta per undas 545
 perque hiemes, Bellona, tibi. nec vellera tantum
 indignanda manent propiorque ex virgine raptam
 ille dolor, sed--nulla magis sententia menti
 fixa meae--veniet Phrygia iam pastor ab Ida,

O mar não abras. Sabem bem da dor os bosques
 Do Pó e, ao pai vendo, as irmãs que lamentavam”.
 Brame e sacode a testa o deus belipotente
 Que vê o tosão, seu dom, ameaçado. Contra
 As queixas deles gemem Palas e a Satúrnia.
 E o Pai: “Desígnios meus antigos, todos seguem
 Em ordem; desde o início do curso das coisas,
 Fixos mantêm-se; não havia inda na terra
 Meu sangue, quando eu dei o Fado. Com justiça,
 Assim, reis vários eu dispus por tantos séculos.
 Porém, repetirei as leis de meus decretos.
 Faz tempo que a região que do Euro imenso desce
 Ao mar de Heles e ao Tanai é rica em potros
 E varões, contra a qual nenhuma tropa ousa
 Desafiar ou buscar nome pela guerra.
 Os Fados e eu favorecíamos tais plagas,
 Mas chega o sumo dia e deixamos a Ásia
 Que cai – os gregos já reclama-me seu tempo.
 A trípode, o carvalho e as almas de ancestrais
 Ao mar lançaram esta tropa. É aberta a ti,
 Belona, a via pelas ondas e tormentas.
 Nem tanto o velo indigna, ou mais aquela dor
 Pela raptada virgem, mas (sentença alguma
 Me é mais firme) virá um pastor do Ida frígio

qui gemitus irasque pares et mutua Grais	550	Que levará aos gregos ódio e iguais lamentos,
dona ferat. quae classe dehinc effusa procorum		Em mútuo dom. Que guerras entre os pretendentes!
bella, quot ad Troiae flentes hiberna Mycenae,		Quantos aqueus chorando vês no inverno teucro,
quot proceres natosque deum, quae robora cernes		Dos deuses quantos filhos nobres! Quantas tropas
oppetere et magnis Asiam concedere fati!		Movendo, e a Ásia a ceder aos grandes Fados...
hinc Danaum de fine sedet gentesque fovebo	555	Daqui se assenta o fim dos dânaos; a outros povos
mox alias. pateant montes silvaeque lacusque		Depois protegerei. Abram-se montes, selvas,
cunctaque claustra maris, spes et metus omnibus esto.		Lagos e atóis. Medo e esperança haja p'ra todos.
arbiter ipse locos terrenaque summa movendo		Movendo postos e fronteiras, como árbitro,
experiar, quaenam populis longissima cunctis		Escolherei mais largos reinos para os povos
regna velim linquamque datas ubi certus habenas.'		E, quando certo, deixarei as dadas rédeas".
tunc oculos Aegaea refert ad caerulea robur		Os olhos volta ao mar Egeu e, vendo a hercúlea
Herculeum Ladaeque tuens genus atque ita fatur:		Maça e os filhos de Leda, assim diz: "Aspirai,
'tendite in astra, viri: me primum regia mundo		Heróis, aos astros. Coube a mim o primo reino
Iapeti post bella trucidis Phlegraeque labores		Após as lutas contra Jápeto e os trabalhos
imposuit; durum vobis iter et grave caeli	565	Flegreus. Tracei p'ra vós um rude e árduo caminho
institui. sic ecce meus, sic orbe peracto		Ao céu. Assim, corrido o mundo, foi que o Líber
Liber et expertus remeavit Apollo.'		E o experto Apolo regressaram". Disse e um raio
dixit et ingenti flammantem nubila sulco		Lançou, a iluminar as nuvens com um grande
direxit per inane facem, quae puppe propinqua		Sulco pelo ar, que se fendeu próximo à nave
in bifidum discessit iter fratresque petivit	570	E aos dois tindáridas chegou; em meio às frentes
Tyndareos, placida et mediis in frontibus haesit		De ambos irmãos pousou tranqüilo e, ao mesmo tempo
protinus amborum lumenque innoxia fundit		Espalhou-se uma luz purpúrea inofensiva
purpureum, miseris olim implorabile nautis.		Que os pobres nautas suplicar um dia iriam.

<p>Interea medio saevus permissa profundo carbasa Pangaea Boreas speculatus ab arce continuo Aeoliam Tyrrhenaque tendit ad antra concitus. omne dei rapidis nemus ingemit alis, strata Ceres motuque niger sub praepete pontus. aequore Trinacrio refugique a parte Pelori stat rupes horrenda fretis, quot in aethera surgit molibus, infernas totidem demissa sub undas. nec scopulos aut antra minor iuxta altera tellus cernitur. illam Acamans habitat nudusque Pyracmon, has nimbi ventique domos et naufraga servat tempestas, hinc in terras latumque profundum est iter, hinc olim soliti miscere polumque infelixque fretum (neque enim tunc Aeolus illis rector erat, Libya cum rumperet advena Calpen Oceanus, cum flens Siculos Oenotria fines perderet et mediis intrarent montibus undae), intonuit donec pavidis ex aethere ventis Omnipotens regemque dedit, quem iussa vereri saeva cohors; vix monte chalybs iterataque muris saxa domant Euros. cum iam cohibere frementum ora nequit, rex tunc aditus et claustra refringit ipse volens placatque data fera murmura porta. nuntius hunc solio Boreas proturbat ab alto.</p>	<p>575</p> <p>580</p> <p>585</p> <p>590</p> <p>595</p>	<p>No entanto, vendo aceita a vela em meio ao mar, Bóreas, feroz, do alto Pangeu, incontinente, Se lança à Eólia e às cavernas da Tirrênia. Sob as asas do deus a mata toda geme, Os grãos se espalham; sob o vôo, o céu negreja. Na água trinácia, onde o Peloro foge ao longe, Se ergue um rochedo, horrendo ao ponto: quanto eleva-se No céu, o mesmo tanto, afunda-se nas ondas. Junto há outra terra – rochas e antros não menores; Habita aquela o nu Pirácmon e Acamante; Ventos e nuvens esta, e tromba quebra-barcos; Dali, ao mar profundo e às terras é a passagem; Ali, outrora, o céu e o pélagos encrespado Se misturavam (Éolo ainda os não regia Quando arrancava o Calpe à Líbia o estrangeiro Oceano; quando a Enótria, a chorar, à Sicília Perdera e as ondas adentraram nos rochedos), Té que, do céu, o Onipotente trovejou E aos ventos pávidos deu um rei, a quem temesse A seva coorte. Logo o ferro e um duplo muro, No monte, o Euro prendem. Quando já não pode Tolher os sopros, chega o rei; os claustros parte E, por querer, cessa o murmúrio abrindo a porta. O núncio Bóreas do alto trono o faz descer:</p>
---	--	--

'Pangaea quod ab arce nefas,' ait, 'Aeole, vidi!
 Graia novam ferro molem commenta iuventus
 pergit et ingenti gaudens domat aequora velo. 600
 nec mihi libertas imis freta tollere harenis
 qualis eram nondum vinclis et carcere clausus.
 hinc animi structaeque viris fiducia puppis,
 quod Borean sub rege vident. da mergere Graios
 insanamque ratem! nil me mea pignora tangunt. 605
 tantum hominum compesce minas dum litora iuxta
 Thessala necdum aliae viderunt carbasa terrae.'

Dixerat, at cuncti fremere intus et aequora venti
 poscere. tum validam contorto turbine portam
 impulit Hippotades, fundunt se carcere laeti 610
 Thraces equi Zephyrusque et nocti concolor alas
 nimborum cum prole Notus crinemque procellis
 hispidus et multa flavus caput Eurus harena.
 induxere hiemem rauoque ad litora tractu
 unanimi freta curva ferunt. nec sola Tridentis 615
 regna movent, vasto pariter ruit igneus aether
 cum tonitru piceoque premit nox omnia caelo.
 excussi manibus remi conversaque frontem
 puppis in obliquum resonos latus accipit ictus,
 vela super tremulum subitus volitantia malum 620
 turbo rapit. qui tum Mínyis trepidantibus horror

“Éolo, que horror vi do Pangeu” diz. “Jovens gregos,
 Que nova máquina fizeram co’o machado,
 E alegres domam, co’um veleiro imenso, as águas.
 A liberdade de agitar o mar no abismo
 Não tive, preso, como estava, por correntes.
 Daí, a fiança dos varões no barco feito
 E sua audácia, pois vêem Bóreas sob um jugo.
 Dá-me afundar gregos e nau – filhos não movem-me.
 Detém a ameaça enquanto é junto à orla tessália
 E as outras terras ainda não viram tais velas”.

Rugiram todos ventos dentro; o mar pediam.
 Com retorcido furacão, a forte porta
 O Hipodate empurrou. Saem do cárcere Zéfiro
 E os corcéis trácios; Noto de asas cor da noite
 Co’as filhas nuvens; por tormentas desgrenhado,
 O Euro de testa amarelada pela areia.
 Trouxeram tempestade! À praia, com ribombos,
 Juntos as vagas levam; não somente agitam
 O reino do Tridente – o ígneo céu desaba
 Co’um trovão. Noite, em negro céu, a tudo oprime.
 Arrancam-se das mãos os remos, guina a proa;
 Ressoantes baques, de través, sente o costado;
 A volitante vela sobre o mastro trêmulo
 O vento arranca. Horror aos Míncias, que fremiam

cum picci fulsere poli pavidamque coruscae
 ante ratem cecidere faces antemnaque laevo
 prona dehiscentem cornu cum sustulit undam.
 non hiemem missosque putant consurgere ventos 625
 ignari, sed tale fretum. tum murmure maesto:
 'hoc erat inlicitas temerare rudentibus undas
 quod nostri timuere patres. vix litore puppem
 solvimus et quanto fremitu se sustulit Aegon!
 hocine Cyanaeae concurrunt aequore cautes 630
 tristius an miseris superest mare? linquite, terrae,
 spem pelagi sacrosque iterum seponite fluctus!"
 haec iterant segni flentes occumbere leto.
 magnanimus spectat pharetras et inutile robur
 Amphitryoniades. miscent suprema paventes 635
 verba alii iunguntque manus atque ora fatigant
 aspectu in misero ~tota~ cum protinus alnus
 solvitur et vasto puppis mare sorbet hiatu.
 illam huc atque illuc nunc torquens verberat Eurus,
 nunc stridens Zephyris aufert Notus. undique fervent
 aequora, cum subitus trifida Neptunus in hasta
 caeruleum fundo caput extulit. 'hanc mihi Pallas
 et soror hanc,' inquit, 'mulcens mea pectora fletu
 abstulerint; veniant Phariae Tyriaeque carinae
 permissumque putent. quotiens mox rapta videbo 645

Quando na escuridão coriscos refulgiram
 E caíram diante à nau. Adernando a bombordo,
 Co'a verga o mastro agüenta a onda que se racha.
 Ignaros pensam que a tormenta e os ventos sejam
 Só erguidos pelo mar; então murmuram tristes:
 “Era o que nossos pais temiam: profanarmos
 Proibidas ondas co'os calabres. Ao soltarmos
 Da praia a nau, com que estridor alteou-se o Egeu!
 Nesta água as Ciâneas não se chocam? Vem-nos, pobres,
 Mar mais triste? Deixai no pélagos a esperança,
 Ó da terra, e de novo afastai-vos das ondas.”
 Repetem-no, chorando em morte vil tombarem.
 O Anfitrióniade vê inúteis maça e flechas.
 Apavorados, uns adeus se dizem, outros
 Juntam as mãos e as bocas todas se fatigam
 Em mísera visão quando, a seguir, u'a prancha
 Solta-se e a nave, pela brecha, sorve o mar.
 Aqui e ali já o Euro açoita; se atirando,
 Já ao Noto e aos Zéfiro arrasta co'estrídor.
 Toda água ferve quando, súbito, Netuno
 Tirou do fundo a azul cabeça: “Minha irmã
 E Palas”, diz, “com choro o peito me acalmando,
 Vos salvam. Mas que as fárias naus e as tírias venham!
 Lícito o creiam; verei logo pelos ventos

vela notis plenasque aliis clamoribus undas!
 non meus Orion aut saevus Pliade Taurus
 mortis causa novae; miseris tu gentibus, Argo,
 fata paras nec iam merito tibi, Tiphy, quietum
 ulla parens volet Elysium manesque piorum.' 650
 haec ait et pontum pater ac turbata reponit
 litora depellitque Notos, quos caerulus horror
 et madido gravis unda sinu longequae secutus
 imber ad Aeoliae tendunt simul aequora portae.
 emicuit reserata dies caelumque resolvit 655
 arcus et in summos redierunt nubila montes.
 iam placidis ratis exstat aquis, quam gurgite ab imo
 et Thetis et magnis Nereus socer erigit ulnis.
 ergo umeros ductor sacro velatur amictu
 Aesoniamque capit pateram, quam munere gaudens
 liquerat hospitio pharetrasque rependerat auro
 Salmoneus, nondum ille furens, cum fingeret alti
 quadrifida trabe tela Iovis contraque ruenti
 aut Athon aut Rhodopen maestae nemora ardua Pisae
 aemulus et miseros ipse ureret Elidis agros. 665
 hac pelago libat latices et talibus inquit:
 'di, quibus undarum tempestatisque sonorae
 imperium et magno penitus par regia caelo,
 tuque, fretum divosque pater sortite biformes,

Velas roubadas e ondas cheias de clamores.
 Nem Órion ou o feroz Touro serão, co'as Pléiades,
 Causa de nova morte. Argo, da pobre gente
 A sorte aprestas; por teu mérito já, Tíffis,
 Não quererão as mães o Elísio e as almas pias.”
 O deus sossega o ponto e a praia perturbada;
 Expulsa o Noto que, a seguir, co'o horror escuro,
 Co'a onda de úmidas entranhas e a borrasca,
 Juntos ao mar da porta Eólia se encaminham.
 Brilhou o aberto dia; o arco limpou os céus;
 Nuvens voltaram para os picos das montanhas...
 Já em águas calmas se alça a nave que, do abismo,
 Nereu – o sogro – e Tétis erguem com seus braços.
 Logo Jasão co'o sacro manto os ombros cobre;
 Segura a pátera esônia que, por dom
 De abrigo, alegre, Salmoneu dera, e ganhara
 O áureo carcás – inda não louco (quando a arma
 Fendida em quatro do alto Jove ideara ter –
 Rival de quem atroa o Ródope, o Ato e o bosque
 Da triste Pisa – ele queimara os campos Élidias).
 Liba com vinho o mar e assim começa: “Ó deuses,
 De quem é o mando das sonoras tempestades
 E das ondas, que têm por casa todo o céu;
 E tu, do Mar por sorte o Pai, e dos biformes,

seu casus nox ista fuit seu, volvitur axis	670	Se foi um acaso a noite, ou se, volvido o céu
ut superum, sic stare~t opus~ tollique vicissim		Como ordenasse a obra divina e, em alternância,
pontus habet seu te subitae nova puppis imago		Ergueu-se o mar; ou se a visão nova do barco
armorumque hominumque truces consurgere in iras		E de armas e varões surgir as iras fez,
impulit, haec luerim satis et tua numina, rector,		Que expiado a culpa eu tenha, e teu nume, senhor,
iam fuerint meliora mihi. da reddere terris	675	Que já melhor me seja. Dá voltar às terras
has animas patriaeque amplecti limina portae!		Aos homens e abraçar o umbral da pátria porta.
tum quocumque loco meritas tibi plurimus aras		Por toda parte, honores muitos nutrirão
pascet honos, quantusque rotis horrendus equisque		Tuas justas aras; quanto em carros e cavalos
stas, pater, atque ingens utrimque fluentia Triton		Estás terrível – e Tritão segura os freios –
frena tenet, tantus nostras condere per urbes.'	680	Tanto é o fundar do culto teu por nossas urbes”.
dixerat haec. oritur clamor dextraeque sequentum		Clamor se ouviu e as mãos seguiram as palavras
verba ducis. sic cum stabulis et messibus ingens		Do capitão: qual quando às messes e aos estábulos
ira deum et Calabri populator Sirius arvi		Sírio, devastador dos campos da Calábria,
incubuit, coit agrestum manus anxia priscum		E a Ira dos deuses se arremessam, e os pastores
in nemus et miseris dictat pia vota sacerdos.	685	Na mata unem-se e lhes dita os votos pios
ecce autem molli Zephyros descendere lapsu		O sacerdote. Então, vêm Zéfiro descer
aspiciunt, volat immissis cava pinus habenis		Em suave queda; voa a nau a rédeas soltas,
infinditque salum et spumas vomit aere tridenti;		As ondas fende e espalha espuma na ênea proa.
Tiphys agit tacitique sedent ad iussa ministri,		Tífis conduz e os homens, quietos, à ordem sentam-se,
qualiter ad summi solium Iovis omnia circum	690	Qual, junto ao jóveo trono, as coisas são dispostas,
prona parata deo, ventique imbresque nivesque		Prontas p’r’o deus: as tempestades, ventos, neves,
fulguraque et tonitrus et adhuc in fontibus amnes.		Os raios, o trovão e os rios nas nascentes.
At subitus curaque duces metus acrior omni		Mas, súbito, a apreensão, o medo a tudo aspérrimo

<p>mensque mali praesaga quatit, quod regis adortus progeniem raptoque dolis crudelis Acasto cetera nuda neci medioque in crimine patrem liquerit ac nullis inopem vallaverit armis, ipse procul nunc tuta tenens; ruat omnis in illos quippe furor. nec vana pavet trepidatque futuris.</p> <p style="text-align: right;">695</p> <p> Saevit atrox Pelias inimicaque vertice ab alto vela videt nec qua se ardens effundere possit. nil animi, nil regna iuvant; fremit obice ponti clausa cohors telisque salum facibusque coruscat. haud secus, aerisona volucer cum Daedalus Ida prosiluit iuxtaque comes brevioribus alis, nube nova linquente domos Minoia frustra infremuit manus et visu lassatur inani omnis eques plenisque redit Gortyna pharetris. quin etiam in thalamis primoque in limine Acasti fusus humo iuvenis gressus et inania signa ore premit sparsisque legens vestigia canis 'te quoque iam maesti forsan genitoris imago, nate,' ait 'et luctus subeunt suspiria nostri iamque dolos circumque trucis discrimina leti mille vides. qua te, infelix, quibus insequar oris? non Scythicas ferus ille domos nec ad ostia Ponti tendit iter, falsae sed captum laudis amore</p> <p style="text-align: right;">700</p> <p style="text-align: right;">705</p> <p style="text-align: right;">710</p> <p style="text-align: right;">715</p>	<p>E agouros maus Jasão abalam: atacando A régia prole, pelo embuste cruel do rapto De Acasto, os seus deixara à morte: em meio a um crime, O fraco pai abandonara desarmado; Enquanto, ao longe, ele ia seguro, o furor todo Cairia neles – e ao futuro em vão não teme!</p> <p> Pélias irou-se. Viu, do monte, a imiga vela, Furioso, contra a qual não pôde se atirar. Não lhe serviram força ou reino. A coorte freme Pelo mar presa; a água reluz co'armas e tochas; Qual quando, do Ida aerissonante, o alado Dédalo Saltou com Ícaro de asas mais pequenas, Deixando as terras com u'a nuvem nova, em vão, A tropa grita e os cavaleiros, pelo olhar Exaustos, com os carcases cheios à Gortina Voltam. No umbral, o rei, e no leito de Acasto, No chão tombado, beija os passos do rapaz – Inanes marcas. Co'as cãs soltas, a segui-los: “Talvez do triste pai a imagem e os suspiros De minha dor também te alcancem, filho”, diz, “Já vês o dolo e, em volta, as mil faces da morte. Seguir-te-ei, infeliz, por onde? Por quais praias? Esse feroz não ruma à Cítia, nem às portas Do mar; porém, cativo por falsos louvores,</p>
---	--

te, puer, in nostrae durus tormenta senectae
nunc lacerat. celsis an si freta puppibus essent
pervia, non ultro iuvenes classemque dedissem? 720
o domus, o freti nequiquam prole penates!
dixit et extemplo furiis iraque minaci
terribilis: 'sunt hic etiam tua vulnera, praedo,
sunt lacrimae carusque parens!' simul aedibus altis
itque reditque fremens rerumque asperrima versat. 725
Bistonas ad meritos cum cornua saeva Thyone<us>
torsit et infelix iam mille furoribus Haemus,
iam Rhodopes nemora alta gemunt, talem incita longis
porticibus coniunxque fugit natiqque Lycurgum.
Tartareo tum sacra Iovi Stygiisque ferebat 730
manibus Alcimedea tanto super anxia nato,
siquid ab excitis melius praenosceret umbris.
ipsum etiam curisque parem talesque prementem
corde metus ducit, facilem tamen, Aesona coniunx.
in scrobibus cruor et largus Phlegethontis operi 735
stagnat honos saevoque vocat grandaeva tumultu
Thessalis exanimes atavos magnaetque nepotem
Pleiones. et iam tenues ad carmina vultus
extulerat maestosque tuens natumque nurumque
talia libato pandebat sanguine Cretheus: 740
'mitte metus, volat ille mari, quantumque propinquat

Duro ele fere-te, em tormento à minha idade.
Se acaso fosse o mar por altas naus singrável
Eu não teria, antes, mandado frota e jovens?
Ai dos Penates sem a prole por arrimo”!
Logo, ao minaz, terrível diz, com ira e fúrias:
“Aqui, ladrão, as tuas fraquezas inda estão:
Pranto e os queridos pais!” Assim, no alto palácio,
Vai e vem bramindo, e a mais cruel das coisas pensa –
Como o Tioneu, contra os culpados trácios, chifres
Sevos lançou; e o triste Hemón com raivas mil,
E o alto Ródope lamentam; tal qual fogem
Mulher e filhos de Licurgo pelos pórticos.
Prestava, então, culto ao tartáreo Jove e aos manes
Do Estige Alcimedé, ansiosa pelo filho,
Para, nas sombras invocadas, mais prever.
A esposa leva facilmente o próprio Esón –
Par na aflição, co’o coração preso por medos.
Na cova, o sangue e a oferenda ao Fleguetonte
Oculto empoçam; com feroz tumulto, a velha
Tessália chama os avós mortos e da grande
Pleione o neto. Os ténues vultos aos encantos
Já invocara, e Creteu, olhando o filho e a nora
Tristes, libando o sangue, coisas tais mostrou:
“Não temais! Voa ele no mar. Quanto se adianta,

iam magis atque magis variis stupet Aea deorum
 prodigiis quatiuntque truces oracula Colchos.
 heu quibus ingreditur fatis, qui gentibus horror
 pergit! mox Scythiae spoliis nuribusque superbus 745
 adveniet--cuperem ipse graves tum rumpere terras--,
 sed tibi triste nefas fraternaque turbidus arma
 rex parat et saevas irarum concipit ignes.
 quin rapis hinc animam et famulos citus effugis artus?
 i, meus es, iam te in lucos pia turba silentum 750
 secretisque ciet volitans pater Aeolus arvis.'

Horruit interea famulum clamore supremo
 maesta domus, regemque fragor per moenia differt
 mille ciere manus et iam dare iussa vocatis.
 flagrantes aras vestemque nemusque sacerdos 755
 praecipitat subitisque pavens circumspicit, Aeson
 quid moveat. quam multa leo cunctatur in arta
 mole virum rictuque genas et lumina pressit,
 sic curae subiere ducem, ferrumne capessat
 imbelle atque aevi senior gestamina primi 760
 an patres regnique acuat mutabile vulgus.
 contra effusa manus haerensque in pectore coniunx
 'me quoque' ait 'casus comitem quicumque propinquat
 accipies nec fata traham natumque videbo
 te sine, sat caeli patiens, cum prima per altum 765

A Éa mais se espanta ante os prodígios vários
 Dos deuses: movem, aos cruéis colcos, oráculos.
 Avança com que sorte! Horror alcança os povos.
 Voltará logo, com espólio cício e noiva,
 Soberbo – então, eu quererei romper as terras.
 Mas, contra ti, fraterna luta e triste crime
 Furioso o rei prepara e o fogo da ira acende.
 Por que não roubas a alma e foges lesto ao corpo?
 Vai, que és meu. Já no bosque esperam-te os silentes
 E Éolo, meu pai, que nos secretos campos voa.

Tremeu, no ínterim, a infeliz casa, ao supremo
 Gritar dos servos. Pelos muros rumor corre
 Que o rei prepara tropas mil e já as comanda.
 O ardente altar, a veste e o bosque, Alcimedé
 Presto abandona e Esón, temendo, em volta espreita
 O que a se turba. Qual leão que hesita em meio
 À multidão e, em ricto, franze olhos e fauces,
 Assi'inquietou-se Esón: tomava a imbele arma,
 Velho demais, e os apetrechos juvenis
 Ou agitava o lábil vulgo e os pais do reino?
 Mas, estendendo as mãos, a esposa o estreita ao peito
 E diz: "Ter-me-ás por companheira no infortúnio,
 Qualquer que o seja; não verei destino ou o filho
 Sem ti; já muito padecendo, quando a vela

vela dedit, potui quae tantum ferre dolorem.'		Ao mar lançou-se, quanta dor já suportei”!
talia per lacrimas. et iam circumspicit Aeson,		Falou, em lágrimas. Esón procura em torno
praeveniat quo fine minas, quae fata capessat		Que fim previna as ameaças, qual destino
digna satis; magnos obitus natumque domumque		Digno receba; o filho, a terra, a raça eólia
et genus Aeolium pugnataque poscere bella.	770	E as lutas ganhas exigiram grandes mortes.
est etiam ante oculos aevum rudis altera proles,		Tem diante os olhos outro filho, em tenra idade,
ingentes animos et fortia discere facta		Que o forte ânimo ingente e os feitos ele queira
quem velit atque olim leti meminisse paterni.		Saber um dia e celebrar do pai a morte.
ergo sacra novat. veteris sub nocte cupressi		Ao sacrifício torna. À sombra de um cipreste
sordidus et multa pallens ferrugine taurus	775	Antigo estava um touro, sujo de ferrugem;
stabat adhuc, cui caeruleae per cornua vittae		Cerúleas fitas pelos chifres e, de teixos,
et taxi frons hirta comis; ipse aeger anhelans		Cingida a fronte; inquieto, arfante e impaciente,
impatiensque loci visaque exterritus umbra.		Mesmo a ele aterra a vista escura do lugar.
hunc sibi praecipuum gentis de more nefandae		P’ra si a Tessália, por costume da nefanda
Thessalis in seros Ditis servaverat usus,	780	Raça, o guardara para o tardo uso de Dite.
tergeminam cum placat eram Stygiasque supremo		Então, aplaca à tripla deusa e, com o supremo
obsecrat igne domos, iamiam exorabile retro		Fogo, suplica à plaga estígia, já sem volta
carmen agens; neque enim ante leves niger avehit umbras		Erguendo um canto: o atro barqueiro antes não leva
portitor et cunctae primis stant faucibus Orci.		As tênues sombras, nem franqueia as portas do Orco.
illum ubi terrifici superesse in tempore sacri	785	Quando Esón viu chegar o touro no momento
conspexit, statuit leto supremaque fatur		Do sacrifício, o deus à morte e, assim, por último
ipse manu tangens damnati cornua tauri:		Falou, co’a mão tocando os chifres do animal:
'vos quibus imperium Iovis et non segne peractum		“Vós, que o poder de Jove tendes, e um operoso
lucis iter, mihi conciliis, mihi cognita bellis		Curso de vida, nos conselhos e nas guerras

nomina magnorum fama sacrata nepotum
 tuque, excite parens umbris, ut nostra videres
 funera et oblitos superum paterere dolores,
 da placidae mihi sedis iter meque hostia vestris
 conciliet praemissa locis! tu, nuntia sontum
 virgo Iovi, terras oculis quae prospicis aequis,
 ultricesque deae Fasque et grandaeva Furorum
 Poena parens, meritis regis succedite tectis
 et saevas inferte faces! sacer effera raptet
 corda pavor nec sola mei gravia adfore nati
 arma ratemque putet. classes et Pontica signa
 atque indignatos temerato litore reges
 mente agitet semperque metu decurrat ad undas
 arma ciens: mors sera viam temptataque claudat
 effugia et nostras nequeat praecurrere diras,
 sed reduces iam iamque viros auroque coruscum
 cernat iter. stabo insultans et ovantia contra
 ora manusque feram. tum vobis siquod inausum
 arcanumque nefas et adhuc incognita leti
 sors superest, date fallaci pudibunda senectae
 exitia indecoresque obitus! non Marte nec armis
 aut nati precor ille mei dignatus ut umquam
 ense cadat; quae fida manus, quae cara suorum
 diripiat laceretque senem nec membra sepulchro

790 Sabidos nomes pela fama dos grãos netos;
 E tu, meu pai, vindo das sombras p'ra que visses
 Meu fim e as dores esquecidas padecesses,
 Da paz dai-me o caminho e que a enviada vítima
 Leve-me ao vosso reino. Tu, virgem, que a Jove
 795 Os crimes contas, que vigias, c'olhos justos
 A terra, e ó deusas vingadoras, Mães das Fúrias,
 Pena e Lei, adentraí a merecida casa
 Régia e levai as sevas tochas. Temor pio
 Agarre o peito mau: não creia que serão
 800 Só as armas de meu filho e a nau; bandeiras pônticas,
 Frotas e reis irados pelo mar violado
 O inquietem – sempre, pelo medo, às ondas corra,
 Tropas levando: a tarda morte impeça a fuga
 E que escapar não possa às minhas maldições.
 805 Mas que os heróis veja chegando, de ouro, a trilha
 A refulgir. Exultarei e, diante, as mãos
 E os gritos hei de erguer. E se à trama não tentada,
 Ao crime e à forma de morrer desconhecida
 Sobreviveis, dai ao falaz o vergonhoso
 810 Fim da velhice e a morte indigna. Marte ou armas
 Ou de meu filho a espada nunca o matem, peço,
 Posto o mereça: que as confiáveis mãos das filhas
 O velho cortem, dilacerem e, a seus membros

contegat. haec noster de rege piacula sanguis
 sumat et heu cunctae quas misit in aequora gentes!"
 adstitit et nigro fumantia pocula tabo
 contigit ipsa gravi Furiarum maxima dextra,
 illi avidè exceptum pateris hausere cruorem.

Fit fragor: inrumpunt sonitu, qui saeva ferebant
 imperia et strictos iussis regalibus enses.
 in media iam morte senes suffectaque leto
 lumina et undanti revomentes veste cruorem
 conspiciunt primoque rudem sub limine rerum
 te, puer, et visa pallentem morte parentum
 diripiunt adduntque tuis. procul horruit Aeson
 excedens memoremque tulit sub nubibus umbram.

Cardine sub nostro rebusque abscisa supernis
 Tartarei sedet aula patris. non illa ruenti
 accessura polo, victam si volvere molem

* * *

ingenti placet ore Chaos, quod pondere fessam
 materiem lapsumque queat consumere mundum.
 hic geminae aeternum portae, quarum altera dura
 semper lege patens populos regesque receptat,
 ast aliam temptare nefas et tendere contra:
 rara et sponte patet, siquando pectore ductor
 vulnera nota gerens, galeis praefixa rotisque

Não sepultem. Do rei se vingue nosso filho

822 E toda gente que lançou ao oceano”!
 815 Levantou-se a maior das Fúrias e tomou
 Co’ a mão a taça fumegante de atro sangue
 Que, derramado, eles na pátera sorveram.

Fragor: irrompem com estrondo os que levavam,
 Por mando régio, a espada em punho e a ordem feroz.
 820 Já em meio à morte vêem os velhos co’olhos fixos,
 Sangue abundante sobre as vestes vomitando;
 823 E a ti, menino, no primeiro umbral da vida,
 Co’ a face pálida ante a morte dos parentes,
 Matam e mandam-te co’os teus. Esón tremeu;
 Levou, partindo, a rancorosa sombra às nuvens.

Sob o eixo nosso e separada dos supernos
 Fica a mansão do pai tartáreo. É inacessível
 Ao que cair do céu. Se volve a victa massa...

[lacuna] * * *

830 Co’ a boca imensa, jaz o Caos, que consumir
 O mundo em queda pode, e a matéria cansada
 De pesar. Aqui estão do inferno as portas duas –
 Por dura lei, aberta sempre, uma recebe
 Povos e reis; a outra, tentar forçar é crime:
 835 Rara e espontânea se abre apenas quando chega
 Um capitão, com chaga ao peito, cuja casa

cui domus aut studium mortales pellere curas,
 culta fides, longe metus atque ignota cupido,
 seu venit in vittis castaque in veste sacerdos.
 quos omnes levibus plantis et lampada quassans
 progenies Atlantis agit. lucet via late
 igne dei, donec silvas et amoena piorum
 deveniant camposque, ubi sol totumque per annum
 durat aprica dies thiasique chorique virorum
 carminaque et quorum populis iam nulla cupido.
 has pater in sedes aeternaque moenia natum
 inducitque nurum. tum porta quanta sinistra
 poena docet maneat Pelian, quot limine monstra.
 mirantur tantos strepitus turbamque ruentem
 et loca et infernos almae virtutis honores.

Por roda e elmo seja ornada, que aflições
 Mortais afaste, a fé cultue, destemido
 E indesejoso; ou um sacerdote, em castas vestes.
 840 A todos guia o neto de Atlas, pés alados.
 Brandindo u'a tocha, o rumo aclara-se ante o fogo
 Do deus, até que chega à selva e aos amenos
 Campos dos pios, onde o sol dura o ano todo,
 O dia é claro, há danças, coros, cantos de homens
 845 Que já não querem mais os povos. A esses sítios
 No eterno muro, o pai conduz o filho e a nora.
 Então, a esquerda porta mostra, que por Pélías
 Com quanta pena espera, com monstros no umbral.
 Tanto barulho e a multidão que cai espantam-nos,
 E da virtuosa alma o lugar e as honras íferas.

CANTO II

Interea scelerum luctusque ignarus Iason
alta secat. neque enim patrios cognoscere casus
Iuno sinit, mediis ardens ne flectat ab undis
ac temere in Pelian et adhuc obstantia regis
fata ruat placitosque deis ne deserat actus.
iamque fretis summas aequatum Pelion ornos
templaque Tisaeae mergunt obliqua Dianae,
iam Sciathos subsedit aquis, iam longa recessit
Sepias. attollit tondentes pabula Magnes
campus equos: vidisse putant Dolopeia busta
inrantemque Amyron curvas quaesita per oras
aequora, flumineo cuius redeuntia vento
vela legunt. remis insurgitur, inde salutant
Eurymenas. recipit velumque fretumque reversus
Auster et in nubem Minyis reptantibus altum
Ossa redit. metus ecce deum damnataque bello
Pallene circumque vident immania monstra
terrigenum caelo quondam adversata Gigantum,
quos scopulis trabibusque parens miserata iugisque
induit et versos exstruxit in aethera montes. 20
quisque suas in rupe minas pugnamque metusque

Jasão, no entanto, sem saber de crime ou luto,
Corta o oceano: conhecer o azar dos pais
Juno não deixa, p'ra que, ardente, em meio às ondas,
Não guine, e o Fado temerário, ao rei contrário,
5 Não precipite e frustrate aos deuses seus desígnios.
No mar, o Pélio, co'altos olmos, já se aplaina
E, ao lado, o templo da Tisaia Diana imerge;
Já n'água o Cíato baixou-se e as Sépias foram-se.
O campo da Magnésia ergueu corcéis e pastos:
10 Pensam ter visto as sepulturas dolopéias
E, ao mar entrando com sinuoso curso, o Amiro
Com cujo vento as arribantes velas seguem.
Alçam-se aos remos e a Eurímena saúdam;
O Austro, voltando, recupera a vela e o ponto
15 E, numa nuvem, o Ossa chega, quando os Míneas
Alcançam mar. Terror dos deuses! Pela guerra
Condenado, eis Palene – em torno ao monstro horrendo
Veêm os terrígenos gigantes, adversários
Antes do céu, que a aflita mãe, com pedras e árvores
Vestiu; e montes, em fileira, ergueu aos céus.
Cada um, na rocha, a luta, o medo e as ameaças

servat adhuc, quatit ipse hiemes et torquet ab alto
 fulmina crebra pater, scopulis sed maximus illis
 horror abest, Sícula pressus tellure Typhoeus.
 hunc profugum et sacras revomentem pectore flammis,
 ut memorant, presum ipse comis Neptunus in altum
 abstulit implicuitque vadis totiensque cruenta
 mole resurgentem torquentemque anguibus undas
 Sicanium dedit usque fretum cumque urbibus Aetnam
 intulit ora premens. trux ille eiectat adesi
 fundamenta iugi, pariter tunc omnis anhelat
 Trinacria, iniectam fesso dum pectore molem
 commovet experiens gemituque reponit inani.

Iamque Hyperionius metas maris urget Hiberi
 currus et evectae pronos laxantur habenae
 aethere, cum palmas Tethys grandaeva sinusque
 sustulit et rupto sonuit sacer aequore Titan.
 auxerat hora metus, iam se vertentis Olympi
 ut faciem raptosque simul montesque locosque
 ex oculis circumque graves videre tenebras.
 ipsa quies rerum mundique silentia terrent
 astraque et effusus stellatus crinibus aether;
 ac velut ignota captus regione viarum
 noctivagum qui carpit iter non aure quiescit,
 non oculis, noctisque metus niger auget utrimque

Aguarda até agora; o Pai sacode as nuvens
 E do alto lança bastos raios; mas, nas penhas,
 O horror maior não ‘stá: na Sícula é Tifeu!
 Este, a fugir deitando do imo as lavas sacras –
 Qual se conta – Netuno o ergueu pelos cabelos
 E o mergulhou nas profundezas: ao surgir
 A cruenta massa, revolvendo ondas co’as serpes,
 Levou-o ao mar sicânio e, sob urbes pesadas,
 Pô-lo no Etna. Atroz aquele, os fundamentos
 Da roída rocha expele; então, toda a Trinácia
 Arqueja quando tirar tenta a caída massa
 Do exausto peito; mas, com inanes ais, desiste.

Já o Hiperônio carro alcança o mar da Hibéria
 E, ao fim do dia, as altas rédeas se lasseiam,
 Quando Tetis, a velha, alçou o seio e as mãos
 E, n’água aberta, retumbou o sacro titã.
 A hora aumenta o medo: quando já voltado
 Viram o Olimpo e, logo, os montes e os lugares
 Longe dos olhos – ao redor, só graves trevas.
 O silêncio do mundo, a quietude das coisas,
 O Éter e os astros cintilantes amedrontam-nos.
 Qual quem se enleia em não sabidas regiões,
 Um rumo incerto toma, e os olhos e os ouvidos
 Não descansa – e o campo, a noite negra e as árvores

campus et occurrens umbris maioribus arbor,
 haud aliter trepidare viri. sed pectora firmans
 Hagniadēs 'non hanc' inquit 'sine numine pinum
 derigimus nec me tantum Tritonia cursus
 erudiit. saepe ipsa manu dignata carinam est.
 an non experti, subitus cum luce fugata
 horruit imbre dies? quantis, pro Iuppiter, Austris
 restitimus, quanta quotiens et Pallados arte
 in cassum decimae cecidit tumor arduus undae!
 quin agite, o socii; micat immutabile caelum
 puraque nec gravido surrexit Cynthia cornu
 (nullus in ore rubor) certusque ad talia Titan
 integer in fluctus et in uno decidit auro.
 adde quod in noctem venti veloque marique
 incumbunt magis et tacitis ratis ocior horis.
 atque adeo non illa sequi mihi sidera mens stat
 quae delapsa polo reficit mare. tantus Orion
 iam cadit, irato iam stridet in aequore Perseus:
 sed mihi dux, vetitis qui numquam conditus undis
 axe nitet, Serpens, septenosque implicat ignes.'
 sic ait et certi memorat qui vultus Olympi
 Pleiones Hyadumque locos, quo sidere vibret
 Ensis et Actaeus niteat qua luce Bootes.
 haec ubi dicta dedit, Cereris tum munere fessas

Co'a sombra os medos lhe agigantam – os heróis
 Também tremeram. Mas, firmando o peito, o Hagnida:
 “Não sem um nume este navio conduzimos:
 A Tritônia não só marcou-me o curso; amiúde,
 50 Por sua mão é a nau honrada. Acaso o não
 Provamos quando, à luz fugindo, o dia súbito
 Tremeu co'a chuva? A quantos ventos resisitimos!
 Por Jove! Quantas vezes, por artes de Palas,
 Desfez-se em vão da onda décima o inchaço!
 55 Eia, pois, sócios! Imutável, o céu reluz!
 Ergueu-se pura a Cíntia, co'o arco inda não cheio –
 Nenhum rubor na face. Disso o Titã certo,
 Se pôs incólume nas ondas, todo em ouro.
 E, pois que à noite os ventos dão-se ao mar e às velas,
 60 Nas mudas horas mais veloz segue o navio.
 Não é, contudo, intento meu seguir a estrela
 Que, descida do céu, no mar refaz-se. Órion
 Já desce; já Perseu ressoa na água irada.
 Porém meu guia, nunca oculto em onda ilícita,
 65 Brilha no pólo – a Serpe! – e liga os sete-estrelas.”
 Lembra que o céu é fixo, a posição das Híades
 E da Plêione, em qual constelação cintila
 A Espada e com que luz o Boicairo rebrilha.
 Tendo assim dito, então os corpos recuperam

restituunt vires et parco corpora Baccho.
 mox somno cessere, regunt sua sidera puppem.
 Iamque sub Eoae dubios Atlantidis ignes
 albet ager motisque truces ab ovilibus ursi
 tuta domosque petunt, raras et litus in altum
 mittit aves, cum primus equis erexit anhelis
 Phoebus Athon mediasque diem dispersit in undas.
 certatim remis agitur mare rostraque cursu
 prima tremunt et iam summis Vulcania surgit
 Lemnos aquis, tibi per varios defleta labores,
 Ignipotens, nec te furiis et crimine matrum
 terra fugat meritique piget meminisse prioris.
 Tempore quo primum fremitus insurgere opertos
 caelicolum et regni sensit novitate tumentes
 Iuppiter aetheriae nec stare silentia pacis,
 Iunonem volucris primam suspendit Olympo
 horrendum chaos ostendens poenasque barathri.
 mox etiam pavidae temptantem vincula matris
 solvere praerupti Vulcanum vertice caeli
 devolvit. ruit ille polo noctemque diemque
 turbinis in morem, Lemni dum litore tandem
 insonuit. vox inde repens ut perculit urbem,
 adclinem scopulo inveniunt miserentque foveantque
 alternos aegro cunctantem poplite gressus.

70 Suas forças com os dons de Ceres e os de Baco.
 Cederam logo ao sono e os astros conduziram-nos.
 Já sob a tibia luz da aurora, o campo aclara-se;
 Ursos ferozes, os redis deixando, buscam
 Tocas e abrigo; a praia envia ao mar as aves
 75 Quando, primeiro, co'os corcéis arfantes, Febo
 Despertou o Atos e espargiu nas ondas luz.
 Remos no mar porfiam; treme a proa ao curso;
 À flor das águas a Vulcânia Lemnos surge
 Por ti chorada, ó Ignipotente, pelos vários
 80 Afãs. A terra não te afasta com seu crime –
 O ódio das mães – e se envergonha de suas culpas.
 Ao presentir surgirem frêmitos ocultos
 Dos deuses contra o novo reino enfurecidos
 E os silêncios da paz etérea não durarem,
 85 No Olimpo alado Jove ergueu, primeiro, Juno
 Mostrando o caos horrendo e os castigos do Báratro.
 Por intentar à apavorada mãe livrar
 Das correntes, do céu inda atirou Vulcano.
 Por noite e dia este rolou do firmamento
 90 Em turbilhão e, enfim, reboou na lêmnia praia.
 Quando o súbito grito atingiu a cidade,
 Numa rocha apoiado o acharam e o ajudaram
 A caminhar, ferido o joelho, os passos trôpegos.

hinc, reduci superas postquam pater adnuat arces,
 Lemnos cara deo nec fama notior Aetne 95
 aut Lipares domus. has epulas, haec templa peracta
 aegide et horridi formatis fulminis alis
 laetus adit. contra Veneris stat frigida semper
 ara loco, meritas postquam dea coniugis iras
 horruit et tacitae Martem tenuere catenae. 100
 quocirca struit illa nefas Lemnoque merenti
 exitium furiale movet. neque enim alma videri
 tantum: eadem tereti crinem subnectitur auro
 sidereos diffusa sinus, eadem effera et ingens
 et maculis suffecta genas pinumque sonantem 105
 virginibus Stygiis nigramque simillima pallam.

Iamque dies aderat. Thracas qui fuderat armis
 dux Lemni puppes tenui contexere canna
 ausus et inducto cratem defendere tergo
 laeta mari tum signa refert plenasque movebant 110
 armentis nuribusque rates (et barbara vestis
 et torques insigne loci). sonat aequore clamor
 'o patria, o variis coniunx nunc anxia curis,
 has agimus longi famulas tibi praemia belli.'
 cum dea se piceo per sudum turbida nimbo 115
 praecipitat Famamque vaga vestigat in umbra,
 quam pater omnipotens digna atque indigna canentem

Então, ao que deixou-lhe o pai ao céu tornar,
 Lemnos ao deus foi cara, e menor do Etna é a fama,
 E as liparéias casas. Ledo, aos templos e aras
 Desce, forjado o escudo e pronto o raio horrível.
 Pelo contrário, o altar de Vênus sempre é frio,
 Dês que a deusa tremeu por justa ira do esposo
 E subjugaram Marte as ocultas correntes.
 Ela, por isso, engendra um crime e, contra Lemnos,
 Fim cruel prepara – alma nem sempre ela parece:
 Por áurea fita a cabeleira tem atada,
 Sidéreo seio à mostra; e ao mesmo tempo, é imensa,
 Traz a face manchada, archote crepitante
 E o negro manto, como as virgens do Estige.

Chegava o dia. O capitão lêmnio que à Trácia
 Levara as armas e que ousara em tênue junco
 Urdir navios e de couro os recobrir,
 Traz pelo mar sinais alegres; naus seguiam,
 Cheias de reses e mulheres – vestes bárbaras,
 Jóias vernáculas. Nas águas soam brados:
 “Ó Pátria, ó esposa ora ansiosa de atenções,
 Trazemos servas para ti – prêmios de guerra!”
 Quando, pelo ar, em nuvem negra, a turva deusa
 Arroja-se e procura, em incerta sombra, a Fama –
 Que o digno e o indigno canta, os medos espalhando,

spargentemque metus placidis regionibus arcet		E a quem do calmo empíreo o Pai potente afasta.
aetheris. illa fremens habitat sub nubibus imis,		Ela, fremente, habita as nuvens; não é deusa
non Erebi, non diva poli, terrasque fatigat	120	Do céu ou do Érebo, e assola as terras ganhas;
quas datur. audentem primi spernuntque fiventque		Presto, os que a escutam a rechaçam, posto o crendo:
mox omnes agit et motis quatit oppida linguis.		E a todos toma e treme a vila em línguas rápidas.
talem diva sibi scelerisque dolique ministram		Tal mensageira dos enganos busca a deusa.
quaerit avens. videt illa prior iamque advolat ultro		Tão logo a vê, para seu lado, ávida, voa,
impatiens iamque ora parat, iam suscitatur aures.	125	Prepara as falas e os ouvidos lhe desperta.
hanc super incendit Venus atque his vocibus implet:		Com tais palavras, a incita e a persuade:
'vade age et aequaream, virgo, delabere Lemnon		“Eia, vai, Virgem, debelar a equórea Lemnos,
et cunctas mihi verte domos, praecurrere qualis		Verte-me as casas e antecede, como sóis,
bella soles, cum mille tubas armataque campis		As guerras quando crias nos campos mil trombetas,
agmina et innumerum flatus cum fingis equorum.	130	Tropas armadas e o resfolgo dos cavalos.
adfore iam luxu turpique cupidine captos		Dize que os homens chegarão, presos por luxo
fare viros caraque toris inducere Thressas.		E cupidez, para levar ao leito as trácias.
haec tibi principia, hinc rabidas dolor undique matres		Principia, e que a dor instigue as mães raivosas.
instimulet. mox ipsa adero ducamque paratas.'		Logo estarei presente e, as guiarei, já prontas”.
Illa abit et mediam gaudens defertur in urbem	135	Ela parte e, contente, em meio à vila chega
et primam Eurynomen ad proxima limina Codri		E encontra Eurínome, ao portal vizinho a Codro,
occupat exesam curis castumque cubile		Roída de aflições. Guardando casto o leito,
servantem. manet illa viro famulasque fatigat		Pelo marido espera, e nas lãs cansa as servas
litoribus, tardi reputant quae tempora belli		Que, ao pé da cama, contam o tempo dos combates,
ante torum et longo mulcent insomnia penso.	140	E, no longo trabalho, as insônias suavizam.
huic dea cum lacrimis et nota veste Neaerae		Co’as vestes de Nereida, em choro diz-lhe a deusa:

icta genas 'utinam non hic tibi nuntius essem,
 o soror, aut nostros' inquit 'prius unda dolores
 obruat, in tali quoniam tibi tempore coniunx
 sic merita, votis quem tu fletuque requiris, 145
 heu furit et captae indigno famulatur amore.
 iamque aderunt thalamisque tuis Threissa propinquat,
 non forma, non arte colus, non laude pudoris
 par tibi. nec magni proles praeclara Dorycli,
 picta manus usto<que> placet sed barbara mento. 150
 ac tamen hos aliis forsán solabere casus
 tu thalamis fatoque leges meliore penates.
 me tua matris egens damnataque paelice proles
 exanimat, quam iam miseros transversa tuentem
 letalesque dapes infectaque pocula cerno. 155
 scis simile ut flammis simus genus, adde cruentis
 quod patrium saevire Dahis. iam lacte ferino,
 iam veniet durata gelu. sed me quoque pulsam
 fama viro nostrosque toros virgata tenebit
 et plaustro derepta nurus.' sic fata querellas 160
 abscedit et curis pavidam lacrimisque relinquit.
 transit ad Iphinoen isdemque Amythaonis implet
 Oleniique domum furiis, totam inde per urbem
 personat ut cunctas agitent expellere Lemno,
 ipsi urbem Thressaeque regant. dolor iraque surgit, 165

“Quem dera, irmã, não fosse eu tal mensageira
 Ou que antes uma onda as dores nos ruísse,
 Porquanto neste instante o homem por quem clamas
 Com promessas e pranto, assim tão meritória,
 Se enlouquece e ao amor vulgar de escrava serve.
 Já chegarão; e de teu leite se aproxima
 U’a trácia que em beleza, em virtude ou pudor
 Não se compara a ti; não é prole doricla,
 Mas, bárbara, seduz co’o queixo e mão marcados.
 Serás, porém, talvez, noutro leite aliviada
 E, com mais sorte, escolherás novos Penates.
 Sem mãe, teus filhos me consternam, perseguidos
 Pela mulher que de solsaio os contemplando
 Já imagino; e as refeições envenenadas.
 Sabes que somos como fogo; aduz que é pátrio
 Os Daas detestar. Virá curtida em gelo
 E no leite ferino, e alijada serei
 Por meu marido, é Fama, e a noiva adornada,
 Carregada do barco, ocupará meu leite”.
 As queixas cessa e a deixa em pranto, apavorada.
 Vai ter co’ Ifinoé, e de iras enche a casa
 De Olênio e Amitaón. Grita por toda a vila
 Que serão todas desterradas e que os homens
 Co’as trácias reinarão. Dor e ódio se levantam;

obvia quaeque eadem traditque auditque neque ulli
 vana fides. tum voce deos, tum questibus implent,
 oscula iamque toris atque oscula postibus ipsis
 ingeminant lacrimisque iterum visuque morantur.
 prosiliunt nec tecta virum thalamosque revisunt 170
 amplius, adglomerant sese nudisque sub astris
 condensae fletus acuunt ac dira precantur
 coniugia et Stygias infanda ad foedera taedas.

Has inter medias Dryopes in imagine maestae
 flet Venus et saevis ardens dea planctibus instat 175
 primaque: 'Sarmaticas utinam fortuna dedisset
 insedissem domos tristesque habitasse pruinas,
 plaustra sequi vel iam patriae vidisse per ignes
 culmen agi stragemque deum. nam cetera belli
 perpetimur. mense ille novis, me destinat amens 180
 servitiis? urbem aut fugiens natosque relinquam?
 non prius ense manus raptoque armabimus igne
 dumque silent ducuntque nova cum coniuge somnos,
 magnum aliquid spirabit amor?' tunc ignea torquens
 lumina praecipites excussit ab ubere natos. 185
 illicet arrectae mentes evictaque matrum
 corda sacer Veneris gemitus rapit. aequora cunctae
 prospiciunt simulantque choros delubraque festa
 fronde tegunt laetaeque viris venientibus adsunt.

A cada uma que outra encontra, o mesmo conta,
 Em boa fé. Com grito e queixa aos deuses bramam!
 Beijos nas camas, nos portais elas repetem.
 Por entre lágrimas detêm-se e olham de novo.
 Com pressa saem e não voltam mais às casas.
 Sob astros nus se conglomeram, e assim juntas
 O pranto incitam e praguejam contra as bodas
 E contra as tochas infernais da união maldita.
 Em meio àquelas chora Vênus, sob a forma
 Da triste Driópe e as excita em cruéis lamentos:
 “Quem dera a Sorte me deixara ter morado
 Em lar sarmácio e ter vivido os tristes frios,
 Ou levada num carro, o templo pátrio visto
 Tomado em fogo e o fim dos deuses. Já sofremos
 Outros combates! Como um louco, a que tarefas
 Ele me envia? Deixarei, fugindo, os filhos?
 Não armaremos com espada e tocha as mãos?
 E enquanto dormem com as noivas, algo horrível
 O Amor não instará?” Girando olhos ardentes,
 Lançou do seio, de cabeça, ao chão os filhos!
 Os ais de Vênus, exaltada, os corações
 Das mães, e mentes, arrebatam. Todas juntas
 Olham p’ro mar, simulam coros; com guirlandas
 Os templos ornam e se alegram co’os que chegam.

iamque domos mensasque petunt, discumbitur altis	190	Eles procuram casa e mesa. Sob os pórticos
porticibus, sua cui<que> furens infestaque coniunx		Se deitam. Cada um ao lado tem sua esposa
adiacet, inferni qualis sub nocte barathri		Irada e hostil, qual sob a noite do inferno,
accubat attonitum Phlegyan et Thesea iuxta		Com o atônito Flégia e Teseu, Tisífone
Tisiphone saevasque dapes et pocula libat,		Prova dos copos e das sevas iguarias;
tormenti genus, et nigris amplectitur hydris.	195	Num tipo de tormento, abraçam-nos serpentes.
Ipsa Venus quassans undantem turbine pinum		A própria Vênus, sacudindo a undosa tocha,
adglomerat tenebras pugnaeque accincta trementem		Pronta p'ra luta, ajunta as trevas e se arroja
desilit in Lemnon. nimbis et luce fragosa		Sobre Lemnos, que treme. Em nuvens e relâmpagos
prosequitur polus et tonitru pater auget honoro.		O Céu a segue e co'o trovão o Pai a alteia.
inde novam pavidas vocem furibunda per auras	200	Então, furiosa, novos gritos pelos ventos
congeminat, qua primus Athos et pontus et ingens		Redobra e o Atos e o Oceano e da Trácia
Thraca palus pariterque toris exhorruit omnis		O mar imenso, e mesmo as mães, nos leitos, tremem;
mater et adstricto riguerunt ubere nati.		E no regaço estreito os filhos se enregelam.
accelerat Pavor et Geticis Discordia demens		A Discórdia e o Pavor dos estábulos guéticos
e stabulis atraeque genis pallentibus Irae	205	E a Raiva negra, em faces pálidas, se apressam,
et Dolus et Rabies et Leti maior imago		E o Dolo, as Iras e, da Morte a grã figura
visa truces exserta manus, ut prima vocatu		Mostrando as mãos cruéis ao primeiro chamado,
intonuit signumque dedit Mavortia coniunx.		Quando a mavórcia amante ouviu-se e deu sinal.
Hic aliud Venus et multo magis ipsa tremendum		A preparar infâmia ainda mais tremenda
orsa nefas gemitus fingit vocesque cadentum	210	Vênus imita os ais e os gritos dos que morrem;
inrupitque domos et singultantia gestans		Invade as casas: u'a cabeça estertorante
ora manu taboque sinus perfusa recenti		Leva na mão, de cruor recente os seios sujos
arrectasque comas: 'meritos en prima revertor		E a coma desgrenhada: "Eis-me a voltar vingada

ulta toros, premit ecce dies.' tum verbere victas
in thalamos agit et cunctantibus ingerit enses. 215

Unde ego tot scelerum facies, tot fata iacentum
exsequar? heu vatem monstris quibus intulit ordo,
quae se aperit series! o qui me vera canentem
sistat et hac nostras exsolvat imagine noctes!

Invadunt aditus et quondam cara suorum 220
corpora, pars ut erant dapibus vinoque soporos,
pars conferre manus etiam magnisque paratae
cum facibus quosdam insomnes et cuncta tuentes,
sed temptare fugam prohibetque capessere contra
arma metus, adeo ingentes inimica videri 225

diva dabat, notaque sonat vox coniuge maior;
tantum oculos pressere metu velut agmina cernant
Eumenidum ferrumve super Bellona coruscet.
hoc soror, hoc coniunx propiorque hoc nata parensque
saeva valet prensosque toris mactatque trahitque 230
femineum genus, immanes quos sternere Bessi
nec Geticae potuere manus aut aequoris irae.

his cruor in thalamis et anhela in pectore fumant
vulnera seque toris misero luctamine trunci
devolvunt. diras aliae ad fastigia taedas 235

iniciunt adduntque domos. pars ignibus atris
effugiunt propere, sed dura in limine coniunx

Do leito. A hora chega"! E, vencidas co'o golpe,
À cama as lança e põe a espada em mãos que tremem.

Como direi do crime as faces ou o destino
Dos moribundos? A que horror conduz-se o vate?
Que fieira se desponta! Ah, quem me ajudará
Cantando o vero e livrar-me-á da vista as noites?

Atacam os portais e os corpos antes caros:
Umás, àqueles pelo vinho adormecidos;
Outras, co'as mãos para o combate preparadas
Com grandes tochas, aos insomnes, que vêem tudo –
Porém o medo lhes coíbe intentar fuga
Ou pegar armas, pois que a deusa fê-las grandes
Para os maridos, e maior a voz soar-lhes.
Com medo, só os olhos tampam, qual se vissem
As Fúrias, ou Belona a espada coruscasse.

P'ra tanto, a irmã, a mãe cruel, a filha próxima,
A esposa e o gênero das fêmeas os massacram
Aos leitos presos – nem os Bessas derrotá-los,
Nem pôde a força gueta, ou as iras do mar.

Na cama, o sangue; e as feridas no arquejante
Peito fumejam; rolam corpos pelos tálamos
Em agonia. Diras tochas nos telhados

Algumas lançam; cercam casas. Uns das chamas,
Às pressas, fogem, mas à porta a dura esposa

obsidet et viso repetunt incendia ferro.		Os impede, e à visão da espada retrocedem.
ast aliae Thressas labem causamque furorum		Outras às trácias despedaçam – causa e culpa
diripiunt: mixti gemitus clamorque precantum	240	Dos furores. Clamor bárbaro e os gemidos
barbarus ignotaeque implebant aethera voces.		De suplicantes; enchem Céu as vozes soltas.
Sed tibi nunc quae digna tuis ingentibus ausis		Mas que cantos trar-te-ei, de tua audácia dignos,
orsa feram, decus et patriae laus una ruentis,		De uma pátria que rui, ó Hipsípila, honra e glória?
Hypsipyle? non ulla meo te carmine dictam		Nada te furtará a fama de meus versos
abstulerint, durent Latiis modo saecula fastis	245	Enquanto os Fastos, pelos séculos, durarem,
Iliacique lares tantique palatia regni.		E os palácios do reino e de Ílio os deuses Lares.
inruerant actae pariter nataeque nurusque		Filhas e noras, açuladas atacaram,
totaque iam sparsis exarserat insula monstrix;		E toda a ilha ardeu, com espalhado horror.
illa pias armata manus 'fuge protinus urbem		Co'as pias mãos armadas diz: “De mim te afasta
meque, pater! non hostis,' ait 'non moenia laesi	250	E da cidade, ó pai! Nem trácio ou inimigo
Thraces habent; nostrum hoc facinus. ne quaere, quis		Os muros toma; é nosso o crime, o autor não saibas!
[auctor!		
iam fuge, iam dubiae donum rape mentis et ense		Já foge, aceita o dom dest'alma que vacila,
tu potius, miser, oro, tene!' tunc excipit artus		E, antes, toma a espada, eu peço”. Então o abraça,
obnubitque caput tacitumque ad conscia Bacchi		Vela-lhe a frente e, assim, condu-lo silencioso
templa rapit primoque manus a limine tendens	255	De Baco ao templo e, na soleira, as mãos erguendo:
'exime nos sceleri, pater, et miserere piorum		“Os crimes purga, ó Pai, e tem mercê dos justos
rursus!' ait. tacita pavidum tunc sede locavit		Outra vez”. Leva, então, p'ra oculta sede o pávido,
sub pedibus dextraque dei. latet ille receptus		À destra, aos pés do deus. Sob a veste sagrada,
veste sacra. voces chorus et trieterica reddunt		O esconde a salvo. Os coros cantam, trietélicas
aera sonum fixaeque fremunt in limine tigres.	260	Trombetas soam, nos portais os tigres rugem.

regina ut roseis Auroram surgere bigis
 vidit et insomni lassatas turbine tandem
 conticuisse domos, stabilem quando optima facta
 dant animum maiorque piis audacia coeptis,
 serta patri iuvenisque comam vestesque Lyaei
 induit et medium curru locat aeraque circum
 tympanaque et plenas tacita formidine cistas.
 ipsa sinus hederisque ligat famularibus artus
 pampineamque quatit ventosis ictibus hastam,
 respiciens teneat virides velatus habenas
 ut pater, e nivea tumeant ut cornua mitra
 et sacer ut Bacchum referat scyphus. impulit acri
 tum validas stridore fores rapiturque per urbem
 talia voce canens: 'linque o mihi caede madentem,
 Bacche, domum! sine foedatum te funere pontus
 expiet et referam lotos in templa dracones!
 sic medios egressa metus, facit ipse verendam
 nam deus et flatu non inscia gliscit anhelo.
 iamque senem tacitis saeva procul urbe remotum
 occulerat silvis, ipsam sed conscius ausi
 nocte dieque pavor fraudataque turbat Erinys.
 non similes iam ferre choros (semel orgia fallunt)
 audet, non paribus furiis accendere saltus,
 et fuga diversas misero quaerenda per artes.

Quando a rainha viu, em rósea biga, a Aurora
 Surgir, e as casas pelo esforço fatigadas
 Silenciarem-se, enfim, porquanto os grandes feitos
 Dão vigor e é maior a audácia na piedade,
 265 Co'as roupas de Lieu e a cabeleira jovem
 Veste o pai, e no carro o põe, entre pandeiros,
 Trompas e cestos com mistérios reverentes.
 Seios e braços ela cinge co'hera humilde
 E brande tirsos de videira pelos ventos
 270 Cuidando o pai tenha, escondido, as verdes fitas,
 Que chifres sobressaiam pela nívea mitra,
 Que a sacra taça ostente Baco. Co'estridor,
 Então, empurra as grandes portas. Vai p'ra vila
 Cantando assim: "Banhada em morte, minha casa,
 275 Baco, deixa! Que o mar te lave da matança
 E, ao templo, as serpes ilibadas voltarei!"
 Liberta ao medo, veneranda a faz o deus
 E, em o sabendo, arfante o peito, ela se ufana.
 Longe da vila, em bosque oculto, o velho a salvo
 280 Escondera; porém, noite e dia, o Pavor,
 Ciente do crime, e a defraudada a Erínia acossam-na.
 Não ousa os coros (só uma vez se ilude a orgia)
 Conduzir, nem chegar à mata com tais fúrias,
 Buscando p'r'o infeliz, por qualquer sorte a fuga.

visa ratis saevae defecta laboribus undae	285	Pelas bravias ondas roído, um barco é visto,
quam Thetidi longinqua dies Glaucoque repostam		Que a Tétis dera um dia Glauco, exposto aos sóis
solibus et canis urebat luna pruinis.		E que a lua crestava em cândidas geadas.
huc genitorem altae per opaca silentia noctis		Ali o pai, pelo silêncio da alta noite,
praecipitem silvis rapit et sic maesta profatur:		Tirado ao bosque leva, e triste assim lhe diz:
'quam, genitor, patriam, quantas modo linqvis inanes	290	“Que pátria deixas! Quantas casas sem seus moços,
pube domos! pro dira lues, pro noctis acerbae		Pai! Ó peste maldita, ó fim de noite acerba!
exitium! talin possum te credere puppi,		Devo eu te confiar a tal embarcação,
care parens? possum tantis retinere periclis?		Querido pai, ou te reter entre os perigos?
solvimus heu serum Furiis scelus. adnue votis,		Remimos tarde com as Fúrias nossos crimes!
diva, soporiferas quae nunc trahis aequore bigas!	295	Atende, deusa que conduz do sono as bigas:
non populos, non dite solum, non ulla parenti		Nem povo, rico solo ou qualquer reino eu peço
regna peto: patria liceat decedere terra.		Para meu pai: deixa-o a pátria abandonar!
quando ego servato mediam genitore per urbem		Quando por ele, pela vila, satisfeita,
laeta ferar? quando hic lacrimas planctusque videbo?		Serei guiada? Quando aqui verei as lágrimas”?
dixerat. ille procul trunca fugit anxius alno	300	Ele, p’ra longe, sobre o tronco, aflito foge
Taurorumque locos delubraque saeva Dianae		E chega à taurea terra, e ao templo de Diana,
advenit. hic illum tristi, dea, praeficis arae		Ali, ó deusa, lhe confias triste altar
ense dato: mora nec terris tibi longa cruentis;		E espada – para ti, nas terras não há tempo:
iam nemus Egeriae, iam te ciet altus ab Alba		Já os bosques da Egéria e Jove do alto Alba
Iuppiter et soli non mitis Aricia regi.	305	Te reclamam, e a Arícia imiga de um só rei!
Arcem nata petit, quo iam manus horrida matrum		A filha volta à praça onde a súcia de mães
congruerat. rauco fremitu sedere parentum		Se reunira. Em rouco frêmito assumiram
natorumque locis vacuaeque in moenibus urbis		Dos pais e filhos as funções; e nas muralhas

iura novant. donant solio sceptrisque paternis
ut meritam redeunt que piae sua praemia menti. 310

Ecce procul validis Lemnon tendentia remis
arma notant, rapitur subito regina tumultu
conciliumque vocat. non illis obvía tela
ferre nec infestos derat furor improbus ignes,
ni Veneris saevas fregisset Mulciber iras.

tunc etiam vates Phoebó dilecta Polyxo
(non patriam, non certa genus, sed máxima cete
Proteaue ambiguum Pharii se patris ab antris
huc rexisse vias iunctis super aequora phocis;
saepe imis se condit aquis cunctataque paulum
surgit ut auditas referens in gurgite voces)

'portum demus' ait ' hospita haec, credite, puppis
advenit et levior Lemno deus aequore flexit
huc Minyas. Venus ipsa volens dat tempore iungi,
dum vires utero maternaque sufficit aetas.'

dicta placent portatque preces ad litora Graís
Iphinoe. nec turba nocens scelerisque recentis
signa movent tollitque loco Cytherea timorem.
protinus ingentem procerum dux nomine taurum
deicit, insuetis et iam pia munera templis
reddit et hac prima Veneris calet ara iuvenca.

Ventum erat ad rupem, cuius pendentia nigris

Instauram novas leis. Trono e cetro do pai
Restituem à justa, em prêmio à pia mente.

Eis que chegando, ao longe, a Lemnos, a remadas,
As armas vêem. A rainha, alvoroçada,
Chama o conselho. Adversas flechas, fogo hostil,
Não lhes faltara atroz furor para lançarem-lhes,

315 Se à ira de Vênus o Mulcíber não partisse.

Então, Polixo, por Apolo a amada vate,
Sem pátria ou raça certa, anunciava, Tétis,
Com o ambíguo Proteu, desde as grutas de Faros,
Terdes voltado pelo mar, em peixes-boi.

320 Mergulha n'água algumas vezes e depois

Surge contando a voz ouvida no oceano:

“O porto abramos! Crede a nau virá qual hóspede.

O deus a Lemnos benfazejo aqui os Míneas

Pela água trouxe. A própria Vênus à união

325 Dá tempo enquanto resta idade e força ao ventre”.

O dito agrada, e Ifinoé o leva aos gregos.

Nem a turba funesta ou vestígios do crime

Mostram-se, e Vênus o temor dali recolhe.

De pronto, o capitão, em nome dos heróis,

330 Imola um touro; a oferenda ao templo envia

E o altar de Vênus a primeira rês aquece.

Chegado à rocha em cujos cimos negras pedras

fumant saxa iugis coquiturque vaporibus aer.		Suspensas fumam, o ar se queima entre vapores,
substitit Aesonides atque hic regina precari		Detém-se o esônide, e a rainha ali o exorta
hortatur causasque docens 'haec antra videtis	335	A orar, as causas lhe explicando: “Vês as grutas?
Vulcanique' ait 'ecce domos: date vina precesque.		Eis a casa vulcânea – o vinho e prece oferta.
forsitan hoc factum taceat iam fulmen in antro;		Quiçá na cova, já forjado, o raio esconda-se.
nox dabit ipsa fidem, clausae cum murmura flammae,		Confirmá-lo-á a noite ao te espantares, hóspede,
hospes, et incussae sonitum mirabere massae.'		Co' o soar da chama presa e do malhar dos ferros”!
moenia tum viresque loci veteresque parentum	340	Então, se jacta das muralhas, da pujança
iactat opes. mediis famulae convivia tectis		E das riquezas do país. Banquete as fâmulas
expediunt, Tyrio vibrat torus igneus ostro.		Servem no paço e brilham leitos de ígnea púrpura.
stat maerens atavos reges regesque maritos		Chorando os reis antepassados e os maridos
Thressa manus, quaecumque faces timuisse iugales		Estão as trácias, que se crê terem temido
credita nec dominae sanctum tetigisse cubile.	345	As tochas nupciais e a alcova das senhoras.
iam medio Aesonides, iam se regina locavit,		No meio, o Esônide e a rainha se puseram,
post alií proceres. sacris dum vincitur extis		Depois, os outros. Logo, a fome saciada
prima fames circum pateris it Bacchus et omnis		Co'as sacras carnes, segue Baco em todas taças;
aula silet. dapibus coeptis mox tempora fallunt		Se cala a corte. Aberta a mesa, as horas fogem
noctis et in seras durant sermonibus umbras	350	E, nas conversas, se consomem pelas sombras.
praecipueque ducis casus mirata requirit		Hipsípila, primeira, admirada co'os feitos,
Hypsipyle, quae fata trahant, quae regis agat vis		Indaga ao capitão que sorte, ou poder régio,
aut unde Haemoniae molem ratis. unius haeret		Os leva, e a razão de tão grande navio.
adloquio et blandos paulatim colligit ignes,		Só a um se apega e, aos poucos, sente as doces chammas,
iam non dura toris Veneri nec iniqua reversae	355	Não mais é avessa ao leito, ou que Vênus retorne –
et deus ipse moras spatiumque indulget amori.		E o deus concede tempo e espaço para o amor.

Pliada lege poli nimboſo moverat aſtro
 Iuppiter aeternum volvens opus et ſimul undis
 cuncta ruunt unoque dei Pangaea ſub ictu
 Gargaraque et maesti ſteterant formidine luci.
 ſaevior haud alio mortales tempore gentes
 terror agit. tunc urget enim, tunc flagitat iras
 in populos Aſtraea Iovem terrisque relictis
 invocat adſiduo Saturnia ſidera queſtu.
 inſequitur niger et magnis cum fratribus Eurus
 intonat Aegaeo tenditque ad litora pontus.
 et lunam quarto denſam videt imbribus ortu
 Theſpiades, longus coeptis et fluctibus arcet
 qui metus. uſque novos divae melioris ad ignes
 urbe ſedent laeti Minyae viduiſque vacantes
 indulgent thalamis nimboſque educere luxu
 nec iam velle vias Zephyroſque audire vocantes
 diſſimulant, donet reſides Tirynthius heros
 non tulit ipſe rati invigilans atque integer urbis:
 invidiſſe deos tantum maris aequor adortis
 deſertasque domos fraudataque tempore ſegni
 vota patrum; quid et ipſe viris cunctantibus adſit?
 'o miſeri quicumque tuis acceſſimus actis!
 Phasin et Aeeten Scythiciſque pericula ponti
 redde,' ait, 'Aeſonide! me tecum ſolus in aequor

Na lei do céu movera Júpiter as Pléiades,
 Aſtros chuvosoſ, a obra eterna revolvendo,
 E, logo, em ondas, tudo rui, e ſob um golpe
 360 Do deus o Gárgara, o Pangeu e, em medo, os boſques
 Se quedaram. Mais cruel terror não toma as gentes
 Noutra eſtação; é então que Aſtréia urge e implora
 A Jove as iras contra os povos e, com rogoſ,
 Satúrnia eſtrela invoca às terras relegadaſ.
 365 Co'os coloiſſaiſ irmãos, o negro Euro ataca;
 Reboa o Egeu e o mar ſe lança contra as praias.
 Pluvioſa lua quatro vezes vê o Teſpiade
 Que de ondas e da empreſa o medo enorme aſta
 Até que ſurjam novoſ sóiſ da melhor deua.
 370 Na vila, alegreſ Míniáſ ficam; daſ viúvaſ
 Ocupam leitoſ e, no luxo, querer fingem
 O ir daſ nuvens e que Zéfiro oſ não chama
 Até que, ileſo à vila, o próprio herói Tiríntio,
 Que à nau vigiava, não maiſ deixa oſ indolenteſ:
 375 A abertura do mar ter tanto irado aoiſ deuiſeſ,
 Vazio lar, paternoſ votoſ violadoſ
 Em tempo de ócio: e por quê oſ túbioſ ſegue?
 “Miſeroſ todoſ que acedemoſ a teuiſ atoſ!
 Dá-noiſ o Faſe, oſ perigoſ do mar cítiſ
 380 E Eeteſ, Jaſão! Contigo, ao mar, tão só o amor

rerum traxit amor, dum spes mihi sistere montes
 Cyaneos vigilemque alium spoliare draconem.
 si sedet Aegaei scopulos habitare profundi,
 hoc mecum Telamón peraget meus.' haec ubi dicta
 haud secus Aesonides monitis accensus amaris
 quam bellator equus, longa quem frigida pace
 terra iuvat--vix in laevos piger angitur orbis--,
 frena tamen dominumque velit si Martius aures
 clamor et obliti rursus fragor impleat aeris.
 tunc Argum Tiphynque vocat pelagoque parari
 praecipitat. petit ingenti clamore magister
 arma viros pariter sparsosque in litore remos.

Exoritur novus urbe dolor planctusque per omnes
 et facies antiqua domos: sibi moenia linqui
 en iterum et quando natorum tempora, gentem
 qui recolant, qui sceptrata gerant? nunc triste nefandae
 noctis opus, vidui nunc illa silentia tecti
 saeva magis, thalamos excussa que vincla quod ausae
 induere atque iterum tales admittere curas.
 ipsa quoque Hypsipyle, subitot per litora cursus
 ut vidit totaque viros decedere Lemno,
 ingemit et tali compellat Iasona questu:
 'iamne placet primo deducere vela sereno,
 carius o mihi patre captus? modo saeva quierunt

Aos feitos trouxe-me: a esperança de as Ciâneas
 Deter e espoliar a serpe vigilante!
 Mas se escolheres habitar egeus escolhos,
 Comigo Telamón meus feitos cumprirá”!
 385 Pelo acre aviso aceso, o Esônide, tal qual
 Belicoso corcel que a fresca terra assiste
 E, na paz, lerdo, em curtas voltas se atormenta,
 Porém, que ainda anseie o freio, se o clamor
 E as trombetas de Marte os ouvidos retomem-lhe.
 390 A Tífis e Argo chama e para o mar apresta-os.
 Co’ ingente brado, o timoneiro ao mesmo tempo
 Varões e armas chama, e os remos espraçados.
 Na vila se ergue nova dor por todas casas –
 Prantos e a antiga sorte: eis outra vez os muros
 395 Abandonados. Quando é o tempo das nascenças?
 Quem cultuará a raça e empunhará o cetro?
 Da noite infame, é a triste obra: o cruel silêncio
 De um lar viúvo, pois que ousaram adentrar
 Em leito e laços já deixados, e em angústias.
 400 Hipsípila também, ao ver na praia o súbito
 Concurso e os homens renunciando a toda Lemnos,
 A Jasão repreende e geme com tais queixas:
 “Já no primeiro estio, apraz-te abrir as velas,
 Varão mais caro que meu pai, tão logo o mar

aequora. sic portus fugeret ratis, aspera si te
 Plias in adversae tenuisset litore Thraces.
 ergo moras caelo cursumque tenentibus undis
 debuimus?' dixit lacrimans haesuraque caro
 dona duci promit chlamydem textosque labores.
 illic servati genitoris conscia sacra
 pressit acu currusque pios: stant saeva paventum
 agmina dantque locum; viridi circum horrida tela
 silva tremit; mediis refugit pater anxius umbris.
 pars et frondosae raptus expresserat Idae
 inlustremque fugam pueri, mox aethere laetus
 adstabat mensis, quin et Iovis armiger ipse
 accipit a Phrygio iam pocula blanda ministro.
 tunc ensem notumque ferens insigne Thoantis
 'accipe,' ait 'bellis mediaeque ut pulvere pugnae
 sim comes, Aetnaei genitor quae flammea gessit
 dona dei, nunc digna tuis adiungier armis.
 i, memor i terrae, quae vos amplexa quieto
 prima sinu, refer et domitis a Colchidos oris
 vela per hunc utero quem linquis Iasona nostro.'
 sic ait Haemonii labens in colla mariti
 nec minus Orphea tristis cervice tuaque,
 Aeacide, et gemino coniunx a Castore pendet.

Has inter lacrimas legitur piger uncus harenis,

405 Furioso aquieta? A nau do porto fugiria
 Assim, se em praia trácia as Plêiades prendessem-te.
 Devemos, pois, ao céu a às ondas teu tardar”?
 Chorando disse, e ao capitão oferta dons
 Tocantes: clâmide e tecidos trabalhados.
 410 Ali bordara a sacra cúmplice do pai
 E o pio carro: a seva súcia abre passagem
 Ao temeroso; ao seu redor, no verde pano,
 A selva treme; e o pai se esconde em meio às sombras.
 Numa parte, teceu do Idas frondoso o rapto
 415 E a ilustre fuga do menino, que no céu
 Servia, alegre, à mesa; e ainda a própria armígera
 Já do frígio escanção as copas aceitava.
 Diz, estendendo a espada insigne de Toante:
 “Aceita, p’ra que eu seja amiga em meio às guerras:
 420 Do deus do Etna o dom que o pai cingiu, ardente,
 Agora digno de juntar-se às tuas armas.
 Parte, e da terra que primeiro te abraçou
 Recorda, e volta, conquistada a praia colca,
 Pelo nosso Jasão, que deixas neste ventre”.
 425 Disse, a lançar-se ao colo marido do hemônio,
 E a de Orfeu, não menos triste, e a tua, eácida,
 E a mulher do irmão de Cástor vos abraçam.

É içada a âncora da areia, entre as lágrimas,

iam remi rapuere ratem, iam flamina portant;		Empuxam remos; já o barco impelem ventos
spumea subsequitur fugientis semita clavi.	430	E a esteira espúmea do timão segue os que partem.
tunc tenuis Lemnos transitque Electria tellus		Lemnos, então, se esvai e chega a Electra terra –
Threiciis arcana sacris. hic numinis ingens		Dos trácios ritos guardiã. Há ali imenso
horror et incautis decreta piacula linguis.		Temor divino e incautas línguas se castigam.
hanc demissa Iovi non umquam laedere fluctu		Nunca a tormenta, enviada por Jove, co'a vaga
audet hiems, sponte ipse deus tunc asperat undas	435	Ousa atacá-la – o deus, per si, encrespa as ondas
cum vetat infidos sua litora tangere nautas.		Quando tocar suas praias veda aos ímpios nautas.
obvius at Minyas terris adytisque sacerdos		Mas, atalhando os Míneas, nas ocultas terras
excipit hospitibus reserans secreta Thyotes.		Tiotes hospeda-os, segredos ensinando-lhes.
hactenus in populos vati, Samothraca, diem<que>		Só pelo vate dada à luz e ao povo, adeus
missa mane sacrisque metum servemus opertis.	440	Samotrácia, temor guardemos dos mistérios!
illi sole novo laeti plenique deorum		Ao novo sol, plenos dos deuses, satisfeitos
considunt transtris. iam quas praeviderat urbes		Nos tostos sentam-se. Ocultavam-se já as urbes
navita condebat proraeque accesserat Imbros		Que antes o nauta vira; à proa, Imbros surgira
et sol aetherias medius conscenderat arces.		E o sol mediano se elevara à etérea arcada.
Thessala Dardaniis tunc primum puppis harenis	445	A nau tessália, prima, então, chegou às terras
adpulis et fatis Sigeo litore sedit.		Dardâneas e aportou, por Fado, no Sigeu.
desiliunt, pars hinc levibus candentia velis		Apeiam. Uns erguem co'as velas brancas tendas;
castra levat, tracto pars frangit adorea saxo		Outros, a pedra manejando, o trigo partem;
farra, citum strictis alius de cautibus ignem		Presto, os demais cobrem de folhas a fagulha
obtendit foliis et sulphure pascit amico.	450	Tirada à rocha, e co'o enxofre amigo a nutrem.
Alcides Telamónque comes dum litora blando		Indo, na praia, Telamón e o amigo Alcides,
anfractu sinuosa legunt, vox accidit aures		Uma voz chega, numa curva, aos seus ouvidos,

<p> flebile succedens cum fracta remurmurat unda. attoniti pressere gradum vacuumque sequuntur vocis iter. iam certa sonat desertaque durae virgo neci quem non hominum superumque vocabat? acrius hoc instare viri succurrere certi, qualiter, implevit gemitu cum taurus acerbo avia frangentem morsu super alta leonem terga ferens, coit e sparso concita mapali agrestum manus et caeco clamore coloni. constitit Alcides visuque enisus in alta rupe truces manicas defectaque virginis ora cernit et ad primos surgentia lumina fluctus, exanimum veluti multa tamen arte coactum maeret ebur, Pariusve notas et nomina sumit cum lapis aut liquidi referunt miranda colores. ductor ait: 'quod, virgo, tibi nomenque genusque, quae sors ista, doce, tendunt cur vincula palmas?' illa tremens tristisque oculos deiecta pudore 'non ego digna malis.' inquit. 'suprema parentum dona vides ostro scopulos auroque frequentes. nos Ili felix quondam genus, invida donec Laomedonteos fugeret fortuna penates. principio morbi caeloque exacta sereno temperies, arsere rogis certantibus agri, </p>	<p> 455 460 465 470 475 </p>	<p> Flébil, qual onda que murmura no refluxo. Detêm o andar e, pasmos, seguem do chamado A direção. Já bem se escuta: à morte u'a virgem Largada, a qual varão ou deus não invocava? De pronto, os homens correm, certos de salvá-la; Qual quando um touro, com gemido os ermos enche A suportar no dorso o leão que o dilacera A mordeduras, os campônios, em tumulto, Das casas ao redor saídos, se aproximam. O Alcides pára e, tendo a rocha já escalado, As cruéis algemas vê, a palidez da virgem E, nos olhos surgindo, as lágrimas primeiras, Tal qual u'exânime marfim, posto com arte Talhado, sofre, ou o pário mármore inscrições Recebe, ou contam grande feito as cores límpidas. Indaga o herói: "Que nome e raça, jovem, tens? Que sina é essa? Por que às mãos prendem-te os elos?" Ela, a tremer, co'os olhos baixos por pudor, Diz: "Não mereço esta desdita; últimos dons Vês de meus pais: rochas cobertas de ouro e púrpura. Sou de ília raça, antes feliz até que a Sorte Afugentou os laomedônteos Penates. No início, foi a peste, e do sereno céu Alijou-se a bonança, e os campos se queimaram; </p>
---	--	--

tum subitus fragor et fluctus Idaea moventes		Então, fragor, e se erguem ondas carregando
cum stabulis nemora. ecce repens consurgere ponto		Idaias matas com seus antros. De repente,
belua, monstrum ingens. hanc tu nec montibus ullis		Do ponto emerge um monstro imenso. A mar ou montes
nec nostro metire mari. primaeva furenti	480	Não o podes comparar. A seu furor donzelas
huic manus amplexus inter planctusque parentum		São entregues, ao choro e abraços dos parentes.
deditur. hoc sortes, hoc corniger imperat Hammon		A tanto o mandam a Fortuna e Amón cornígero:
virgineam damnare animam sortitaque Lethen		Ao Letes condenar os corpos sorteados
corpora. crudelis scopulis me destinat urna.		E virgem alma. A mim destina a urna à penha!
verum o iam redeunt Phrygibus si numina tuque	485	Porém, se aos frígios os divinos já retornam,
ille ades, auguriis promisse et sorte deorum,		E és o que vem pelas promessas dos augúrios,
iam cui candentes votivo in gramine pascit		P'ra quem meu pai alvos cavalos apascenta
cornipedes genitor, nostrae stata dona salutis,		Em campo santo – dom proposto a meu resgate –
adnue meque, precor, defectaque Pergama monstris		Me ajuda, eu peço, e livra Pérgamo do monstro,
eripe, namque potes. neque enim tam lata videbam	490	Pois que o podes. Não via assim tão largo peito
pectora, Neptunus muros cum iungeret astris,		Dês que Netuno ergueu os muros às estrelas,
nec tales umeros pharetramque gerebat Apollo.'		Nem tal aljava ou ombro igual trazia Apolo.”
auxerat haec locus et facies maestissima capti		Corroboraram-na o rochedo, o triste aspecto
litoris et tumuli caelumque quod incubat urbi,		Do litoral cativo, e o céu que se deitava
quale laborantis Nemees iter aut Erymanthi	495	Sobre a cidade, igual ao visto em Erimanto
vidit et infectae miseratus flumina Lerna.		Ou na Neméia, ou junto à lérnea água podre.
		Netuno, ao longe, dá um sinal nesse entretempo;
Dat procul interea signum Neptunus et una		Faz retumbar o golfo e o mar se encapelar
monstriferi mugire sinus Sigeaque pestis		Co'o monstro do Sigeu, cujos faiscantes verdes
adglomerare fretum, cuius stellantia glauca		Olhos tremem na bruma. O fulmíneo estridor
lumina nube tremunt atque ordine curva trisulco	500	

fulmineus quatit ora fragor pelagoque remenso
 cauda redit passosque sinus rapit ardua cervix.
 illam incumbentem per mille volumina pontus
 prosequitur lateri adsultans trepidisque ruentem
 litoribus sua cogit hiems. non fluctibus aequis
 nubiferi venit unda Noti, non Africus alto
 tantus ovat patriisque manus cum plenus habenis
 Orion bipedum flatu mare tollit equorum.
 ecce duces placitae furiis crudescere pugnae
 surgentemque toris stupet immanemque paratu
 Aeacides pulsantque graves ut terga pharetrae.
 ille patrem pelagique deos suaque arma precatus
 insiluit scopulo motumque e sedibus aequor
 horruit et celsi spatiosa volumina monstri,
 qualis ubi a gelidi Boreas convallibus Hebri
 tollitur et volucres Rhipaea per ardua nubes
 praecipitat. piceo nox tum tenet omnia caelo.
 illa simul molem horrificam scopulosaque terga
 promovet ingentique umbra subit, intremere Ida
 inlidique ratis pronaeque resurgere turre.
 occupat Alcides arcu totaque pharetrae
 nube premit. non illa magis quam sede movetur
 magnus Eryx, deferre velint quem vallibus imbres.
 iam brevis et telo volucris non utilis aer,

Sacode a língua trissulcada. Sobre as águas
 Ele ergue a cauda e guinda a nuca além das voltas;
 Pelas mil curvas, a cair, o mar o segue,
 Do flanco se deitando; e sua chuva arrasta
 505 O que na praia encontra. Em ondas tais não vem
 O Noto proceloso, ou no oceano o Áfrico
 Tanto se agita, ou, tendo às mãos do pai as rédeas,
 Órion encrespa o mar co'o sopro de hipocampos.
 Espanta o Eácida o herói recrudescer
 510 Na luta, em fúria, co'arma e músculos se erguendo,
 Enquanto aos ombros lhe entrechocam flecha e aljava.
 Aquele, tendo o pai, o Mar e armas chamado,
 Saltou na rocha e se assustou co'a água erguida
 Das profundezas. Do animal as grandes voltas,
 515 Qual quando Bóreas sai dos vales do Hebro frio
 E, pelos picos do Rifeu, as nuvens céleres
 Precipita, no céu escuro a tudo tomam.
 Logo ele estende o horrível dorso encarquilhado;
 Com sombra enorme se alça e faz tremer o Ida,
 520 Derruba as matas e ergue as torres decaídas.
 Hércules o arco empunha e, em nuvem, lança setas,
 Porém ao monstro não arreda mais que ao Érice,
 Caso as borrascas desejassem arrastá-lo.
 Já curto e inútil é para a alada flecha o espaço;

tum vero fremitus vanique insania coepti	525	Há, então, tremor e o desatino da aventura,
et tacitus pudor et rursus pallescere virgo.		Pudor silente e a virgem pálida outra vez.
proicit arma manu, scopulos vicinaque saxa		Solta as armas da mão e examina os rochedos:
respicit et quantum ventis adiuta vetustas		O quanto o tempo, pelos ventos ajudado,
impulerat po[te]ntive fragor, tantum abscidit imi		Cortou, e a força d'água, o mesmo, sacudindo,
concutiens a sede maris. iamque agmine toto	530	Desarreiga do mar. Com toda força, o monstro
pistris adest miseraeque inhiat iam proxima praedae.		Chega e escancara a boca junto à triste presa.
stat mediis elatus aquis recipitque ruentem		Em meio às águas, fica o Alcides; vê, altivo,
Alcides saxoque prior surgentia colla		A fera vir e com a rocha esmaga o dorso
obruit. hinc vastos nodosi roboris ictus		Que se eleva. Co'a maça, os vigorosos golpes
congeminat. fluctus defertur bellua in imos	535	Então redobra, e vai-se o bicho em meio às ondas,
iam totis resoluta vadis. Idaeaque mater		Estirado no vau. No Ida, as coribantes,
et chorus et summis ulularunt collibus Amnes.		A mãe e os rios, nas cimeiras, ulularam.
protinus e scopulis et opaca valle resurgunt		Presto, ressurgem, das montanhas, das planícies,
pastores magnisque petunt clamoribus urbem.		E a vila buscam, com clamor grande, os pastores.
nuntius hinc socios Telamón vocat ac simul ipsi	540	Telamón chama os companheiros, que horrorizam-se
horrescunt subitoque vident in sanguine puppem.		Ao verem, súbito, o navio imerso em sangue.
nec minus in scopulos crudique cacumina saxi		Sobre o rochedo, sobre a penha ensangüentada,
emicat Alcides vinclisque tenentibus aufert		O Alcides salta e rompe os elos que sujeitam
virgineas de rupe manus aptatque superbis		As mãos da virgem. Sobre os ombros prodigiosos
arma umeris. regem inde petens superabat ovanti	545	Armas ajusta. Ao rei buscando, triunfante,
litora tuta gradu, qualis per pascua victor		Deixava a praia em segurança, qual no pasto,
ingreditur, tum colla tumens, tum celsior armis		Brioso, o touro anda, erguendo ora a cerviz
taurus, ubi adsueti pecoris stabula alta revisit		Ora a garupa, ao ver de novo o amplo redil,

et patrium nemus et bello quos ultus amores.

Obvia cui contra longis emissa tenebris 550
 turba Phrygum parvumque trahens cum coniuge natum
 Laomedon. iam maestus equos, iam debita posci
 dona gemit. pars aerii fastigia muri
 cingit et ignotis iuvenem miratur in armis.
 illum torva tuens atque acri lubricus astu 555
 rex subit et patrio fatur male laetus amore.
 'maxime Graiugenum, quem non Sigea petentem
 litora nec nostrae miserantem funera Troiae
 adpulit his Fors ipsa locis, si vera parentem
 fama Iovem summiq[ue] tibi genus esse Tonantis, 560
 noster ades iunctisque venis. sator unus et idem
 stirpis honos, quamquam longis disiungimur oris.
 quot mihi post lacrimas, post quanta piacula patrum
 serus ades, quam parva tuis iam gloria factis!
 verum age nunc socios fraternis moenibus infer, 565
 ut tibi, servata statui quae munera prole,
 565a crastina lux biiuges stabulis ostendat apertis.'
 dixerat haec tacitusque dolos dirumque volutat
 corde nefas, clausum ut thalamis somnoque gravatum
 immolet ereptaque luat responsa pharetra.
 namque bis Herculeis deberi Pergama telis 570
 audierat. Priami sed quis iam vertere regnis

Os bosques pátrios e os amores já vingados.

Da longa treva emissa, a turba frígia o atalha,
 E Laomedonte, co'a mulher, trazendo o filho;
 Este lamenta que reclamem seus cavalos,
 E os dons devidos. Uns dos frígios a cumeeira
 Dos muros cingem e maravilham-se co'o herói.
 555 Lúbrico, o rei, co'acre malícia, olhando torto,
 No amor de pai contente apenas, chega e diz:
 "Maior dos gregos, não buscando a orla sigéia,
 Ou por piedade da desgraça dos troianos,
 Trouxe-te o Acaso; se é verdade seres prole
 De Jove, raça do altíssimo Tonante,
 Te ajunta a nós. O mesmo pai e igual orgulho
 Da estirpe temos, posto praias nos separem.
 Pós quanto choro meu e expiação dos pais,
 Tardo vens – quão menor é a glória de teus feitos!
 Mas, eia, traz teus companheiros para os muros,
 565a P'ra que os corcéis - que ofereci por salva a filha -
 Tos mostre a luz vindoura, aberta a estrebaria.
 Disse, e maquina oculta fraude e infame crime
 No coração: que ao leito preso, entregue ao sono,
 Roubada a aljava, o mate e afaste a predição –
 570 Por flecha hercúlea, ouvira, Pérgamo cairia
 Duas vezes. Mas verter do priâmeo reino o fado,

fata queat? manet immotis nox duria lustris
 et genus Aeneadum et Troiae melioris honores.
 'nos' ait 'ad Scythici' Tiryntius 'ostia ponti
 raptat iter. mox huc vestras revehemur ad oras 575
 donaque dicta feram.' tum vero plura vocatis
 adnuit ille deis. promissa infida tyranni
 iam Phryges et miserae flebant discrimina Troiae.
 Panditur hinc totis in noctem carbasus alis
 litoraue et veteris tumulos praelabatur Ili 580
 Dardaniumque patrem: vigili simul omnia ludo
 festa vident. hinc unda, sacris hic ignibus Ide
 vibrat et horrisonae respondent Gargara buxo.
 inde ubi iam medii tenuere silentia ponti
 stridentesque iuvant aerae, Phrixia subibant 585
 aequora et angustas quondam sine nomine fauces.
 ecce autem prima volucrem sub luce dehiscens
 terruit unda ratem vittataque constitit Helle,
 iam Panopes Thetidisque soror iamque aurea laeva
 sceptrum tenens, dum sternit aquas proceresque ducemque
 aspicit et placidis compellat Iasona dictis:
 'te quoque ab Haemoniae ignota per aequora terris
 regna infesta domus fatisque simillima nostris
 fata ferunt. iterum Aeolios fortuna nepotes
 spargit et infelix Scythicum gens quaeritis amnem. 595

Quem poderia? A noite dória, a gente Eneida,
 E as glórias de uma Tróia inda melhor persistem.
 Diz o Tiríntio: “A expedição nos leva ao mar
 Da Cítia; logo, a vossas terras voltarei
 E os prometidos dons terei”. Anuiu o rei
 Com jura aos deuses - a perfídia do tirano
 E as desgraças de Tróia os frígios lamentaram.
 Na noite, então, a todo vento, as velas abrem-se;
 580 Deixam a praia, a tumba de Ílio e o pai dardânio
 Enquanto vêem tudo em festa, em brinco insone.
 A onda e o Ida, com os sagrados fogos brilham
 E ecoa o Gárgara horrísono com a flauta.
 Quando alcançaram já os silêncios do alto mar
 585 E os soantes ventos ajudaram, adentraram
 O mar de Frixo e a fauce estreita antes sem nome.
 Mas eis que, à prima luz, quebrando, u’ a onda fez
 Tremer a nau e mostrou Heles com suas ínfulas,
 Já irmã de Tétis e Panope, já a empunhar
 O cetro de ouro. Enquanto amaina as águas, ela
 Vê o capitão e, com palavras doces, diz-lhe:
 “Também te levam, desde a Hemônia, em mar estranho,
 A reino hostil, a casa e o Fado iguais aos meus.
 A Fortuna, de novo, espalha os filhos de Éolo;
 595 E tu, raça infeliz, o cítio rio buscas.

vasta super tellus, longum (ne defice coeptis!) aequor et ipse procul, verum dabit ostia, Phasis. hic nemus arcanum geminaeque virentibus arae stant tumulis, hic prima pia sollemnia Phrixo ferre manu cinerique, precor, mea reddite dicta: 600 "non ego per Stygiae, quod rere, silentia ripae, frater, agor. frustra vacui scrutaris Averni, care, vias neque enim scopulis me et fluctibus actam frangit hiems. celeri extemplo subiere ruentem Cymothoe Glaucusque manu. pater ipse profundi 605 has etiam sedes, haec numine tradidit aequo regna nec Inois noster sinus invidet undis." dixerat et maestos tranquilla sub aequora vultus cum gemitu tulit, ut patrii rediere dolores. tum pelago vina invergens dux talibus inquit: 610 'undarum decus et gentis, Cretheia virgo, pande viam cursuque tuos age, diva, secundo! immittitque ratem mediasque intervola urbes qua brevibus furit aestus aquis Asiamque prementem effugit abruptis Europa immanior oris. 615 has etiam terras consertaque gentibus arva sic pelago pulsante, reor, Neptunia quondam cuspis et adversi longus labor abscidit aevi ut Siculum Libycumque latus, stupuitque fragore	Há a vasta terra, um longo mar (não largue a empresa!) E, longe, o Fase – mas que a ti dará entrada. Há ali um bosque oculto e altares gêmeos sobre Os verdes montes: cumpre lá os primos ritos A Frixo e às cinzas, peço, os meus ditos transmite: 'Pelo silêncio, irmão, do Estige, qual tu crês, Não erro. Em vão, querido, buscas os caminhos Do inane Averno. Nem, lançada a rocha ou vagas, Me acoisa o temporal. Ao cair, presto, Glauco E Cimotoé me ergueram. Deu-me o próprio Pai Das profundezas, por bondade, casa e reino; E nosso golfo em nada inveja o mar ináquiu' ”. Disse e mergulhou na água tranqüila o triste rosto Com um gemido, ao recordar a dor dos pais. O capitão, libando o mar com vinho, disse: “Virgem cretéia, honra das ondas e da raça, Abre o caminho e leva os teus em bom percurso!” Comanda a nau, que entre as cidades vai ligeira Por onde o raso mar se encrespa. Foge a Europa – Com escarpas mais feroz – da Ásia, que a persegue. Essas terras também e os campos povoados, Com o mar bravio, outrora, eu creio, o separaram A lança de Netuno e o trabalho do tempo, Como a Sicília e a Líbia; e ao fragor espantaram-se
---	--

Ianus et occiduis regnator montibus Atlans.	620	Jano e Atlas, senhor dos montes do ocidentes.
iam iuga Percotes Pariumque infame fragosis		Deixam o Percote, o Pário infame pelo estrondo
exsuperant Pityamque vadis transmissaque puppi		E os baixios da Pítia; a nau passa por Lâmpsaco
Lampsacus, Ogygii quam nec trieterica Bacchi		Que não celebra as trietéricas deBaco
sacra neque arcanis Phrygius furor invehit antris,		Nem o frígio furor nas cavernas recônditas;
sed suus in Venerem raptat deus. illius aras	625	Porém seu deus condu-la a Vênus. Sobre a vila
urbe super celsique vident velamina templi.		Vêem-se os altares e as insígnias de seu templo.
Rarior hinc tellus atque ingens undique caelum		Daí, mais rara é a terra e o céu de novo é imenso
rursus et inci terra sinu medio Pontum iacet inter et		A desfraldar nova visão no horizonte.
		[Helles
ceu fundo prolata maris. namque improba caecis	630	Entre o Ponto e Heles jaz, em meio ao golfo, u'a terra
intulit arva vadis longoque sub aequora dorso		Qual se do mar içada. Imenso campo emerge
litus agit, tenet hinc veterem confinibus oris		Do cego abismo: por sob a água, em longa areia
pars Phrygiam, pars discreti iuga pinea montis.		A praia chega – tem, de um lado, nos confins,
nec procul ad tenuis surgit confinia ponti		A velha Frígia; de outro, os pinhos da montanha.
urbs placidis demissa iugis. rex divitis agri	635	Surge, não longe, à beira mar, singela vila,
Cyzicus. Haemoniae qui tum nova signa carinae		Em montes plácidos talhada. O rei dos campos
ut videt, ipse ultro primas procurrit ad undas		É Cízico, que ao ver da nau hemônia as flâmulas
miraturque viros dextramque amplexus et haerens		Desconhecidas, adentrou as primas ondas.
incipit: 'o terris nunc primum cognita nostris		Com os homens se admira. O peito e a destra unindo,
Emathiae manus et fama mihi maior imago,	640	Diz: “Tropa emácia, só agora conhecida
non tamen haec adeo semota neque ardua tellus		Em nossas terras, tua aparência é mor que a fama!
~longaque~ iam populis impervia lucis eoae,		Não mais difícies ou distantes são tais plagas,
cum tales intrasse duces, tot robor a cerno.		Já desbravadas pelas gentes do ocidente,

nam licet hinc saevas tellus alat horrida gentes
 meque fremens tumido circumfluat ore Propontis, 645
 vestra fides ritus<que> pares et mitia cultu
 his etiam mihi corda locis. procul effera virtus
 Bebrycis et Scythici procul inclementia sacri.
 sic memorat laetosque rapit, simul hospita pandi
 tecta iubet templisque sacros largitur honores. 650
 stant gemmis auroque tori mensaeque paratu
 regifico centumque pares primaeva ministri
 corpora; pars epulas manibus, pars aurea gestant
 pocula bellorum casus expressa recentum.
 atque ea prima duci porgens carchesia Graio 655
 Cyzicus 'hic portus' inquit 'mihi territat hostis,
 has acies sub nocte refert, haec versa Pelasgum
 terga vides, meus hic ratibus qui pascitur ignis.'
 subicit Aesonides: 'utinam nunc ira Pelasgos
 adferat et solitis temptet concurrere furtis 660
 cunctaque se ratibus fundat manus. arma videbis
 hospita nec post hanc ultra tibi proelia noctem.'
 sic ait hasque inter variis nox plurima dictis
 rapta vices nec non simili lux postera tractu.
 piens alium prospectus in orbem.

Desde que vejo capitães terem chegado!
 Posto, ao-de-lá, o solo nutra sevos povos
 E a boca irada do Proponte me circunde,
 O vosso rito, a fé e os corações domados
 Por culto à terra se assemelham inda aos meus.
 Longe é a força bebrícia e a inclemência dos Citas!"
 Assim relembra e os leva, alegres, ao que ordena
 Abrir-se o paço e aos templos honras se ofertarem –
 Leitos e mesas de ouro e gemas, real serviço,
 Cem pares de escanções de corpos juvenis:
 Nas mãos uns levam iguarias, outros áureas
 655 Taças lavradas co'os recentes feitos bélicos.
 Oferecendo a prima copa ao grego chefe:
 “Meu inimigo”, diz, “aqui o porto acossa;
 Traz, sob a noite, estes combates. Estes dorsos,
 Vês dos pelasgos – meu é o fogo que arde as barcas”.
 660 Responde o Esônide: “Oxalá as Iras movam
 Ora os pelasgos, que atacar de furto tentem,
 E toda gente em naus se embarque – hóspedes armas
 Verás – e luta mais nenhuma após a noite”.
 A madrugada vai levada entre as conversas
 De vários ditos; e o outro dia, ao mesmo modo.

CANTO III

Tertia iam gelidas Tithonia solverat umbras
 exueratque polum. Tiphyn placida alta vocabant.
 it tectis Argoa manus, simul urbe profusi
 Aenidae caris socium digressibus haerent.

dant Cererem lectumque pecus nec palmitibus Bacchum
 Bithyno Phrygiove satum, sed quem sua noto
 colle per angustae Lesbos freta suggerit Helles.
 ipse agit Aesonidae iunctos ad litora gressus
 Cyzicus abscessu lacrimans onerat superbis
 muneribus, primas coniunx Percosia vestes
 quas dabat et picto Clite variaverat auro,
 tum galeam et patriae telum insuperabile dextrae
 addidit. ipse ducis pateras et Thessala contra
 frena capit manibusque datis iunxere penates.

Tu mihi nunc causas infandaque proelia, Clio,
 pande virum! tibi enim superum data, virgo, facultas
 nosse animos rerumque vias. cur talia passus
 arma, quid hospitibus iunctas concurrere dextras
 Iuppiter? unde tubae nocturna que movit Erinys?

Dindyma sanguineis famulum bacchata lacertis
 dum volucris quatit asper equo silvasque fatigat
 Cyzicus, ingenti praedae deceptus amore

Terça Titônia já solvera as sombras frias
 E abrira o céu. O calmo mar convoca Tífis.
 Do paço vão-se os Argonautas; os Enidas
 Fora da vila logo assistem à partida.
 5 Dão trigo, gado escol e Baco – não o bitúnio
 Ou o frígio nato, mas aquele que dá Lesbos
 Em sua colina junto ao mar do estreito de Heles.
 À praia Cízico conduz o andar do Esônide
 Chorando a ida, e com soberbos dons cumula-o:

25 As primas vestes que a percósia esposa Clito
 10 Pintara a ouro e lhe ofertara, mais um elmo
 E da paterna mão a arma insuperável.
 Taças e os freios da Tessália ganha em troca
 E, co' o aperto das mãos, uniram-se os Penates.

Mostra-me, Clio, agora as causas e os combates!
 Foi dada a ti a faculdade pelos deuses
 De conhecer as intenções e o vir das coisas.
 Por que consente Jove à luta, ou contenderem
 Amigas mãos? P'ra onde a Erinia leva a noite?

Quando inquietou, na orgia, o servo ensangüentado,
 20 Cruzando as selvas encrespado pela monta,
 Logrado pelo imenso amor à caça, Cízico

adsuetum Phrygias dominam vectare per urbes
 oppressit iaculo redeuntem ad frena leonem.
 et tunc ille iubas captivaque postibus ora
 imposuit, spolium infelix divaeque pudendum.
 quae postquam Haemoniam tantae non immemor irae
 aerisono de monte ratem praefixaque regum
 scuta videt, nova monstra viro, nova funera volvit,
 ut socias in nocte manus utque impia bella
 conserat et saevis erroribus implicet urbem.

Nox erat et leni canebant aequora sulco
 et iam prona leves spargebant sidera somnos.
 aura vehit, religant tonsas veloque Procneson
 et te iam medio flaventem, Rhyndace, ponto
 spumosumque legunt fracta Scylaceon ab unda.
 ipse diem longe solisque cubilia Tiphys
 consulit, ipse ratem vento stellisque ministrat.
 atque illum non ante sopor luctamine tanto
 lenit agens divum imperiis. cadit inscia clavo
 dextera demittitque oculos solataque puppis
 turbine flectit iter portuque refertur amico.

Ut notis adlapsa vadis, dant aethere longo
 signa tubae vox et mediis emissa tenebris:
 'hostis habet portus, soliti rediere Pelasgi!
 rupta quies, deus ancipitem lymphaverat urbem

Matou co'a lança o leão que, sempre guiado a freios,
 Às vilas frigias conduzia sua senhora.

Apôs, então, a juba e o crânio nos postigos –
 Espólio desgraçado e vergonha da deusa
 Que, se lembrando de tanta ira, vê do monte
 A nau hemônia co'os broquéis de reis munidas.
 Ao homem volve morte inédita e outros males,
 30 P'ra que, de noite, lance em luta amigas tropas
 E enrede a vila com nefastos desatinos.

O mar, no breu, em fina esteira esbranquiçava-se
 E já as estrelas espalhavam leves sonos.

A brisa leva. Atam-se os remos e ultrapassam
 35 O Proconeso e, já no mar, o flavo Ríndaco,
 E o espumoso Silaceu, que as ondas quebra.
 Tífis o dia, longamente, e o arrebol
 Consulta e a nau confia ao vento e às estrelas.
 Porém, trazido pelos deuses, seda-o Sono
 40 Nunca antes tão pesado. Inconsciente, a mão tomba
 Do leme e os olhos cerra. Amainados os ventos,
 A nau flete seu rumo e volta ao porto amigo.

Quando no vau, levada, chega, um longo toque
 As trompas sopram; voz se lança em meio às trevas:

45 “O imigo chega ao porto! Os pelasgos voltaram!”
 Rompida a paz, um deus à vila enlouquecera:

Mygdoniae Pan iussa ferens saevissima Matris,
 Pan nemorum belli<que> potens, quem lucis ab horis
 antra tenent, patet ad medias per devia noctes
 saetigerum latus et torvae coma sibila frontis.
 50 Peludo, e a coma sibilante à fronte horrível.
 vox omnes super una tubas, qua conus et enses,
 Um brado seu, além das tubas, e os elmos caem,
 qua trepidis auriga rotis nocturnaue muris
 As espadas, o auriga e os ferrolhos noturnos
 claustra cadunt. talesque metus non Martia cassis
 Dos muros. Medo assim, nem o elmo mavórcio,
 Eumenidumque comae, non tristis ab aethere Gorgo
 A cabeleira das Eumênides ou Górgona
 sparserit aut tantis aciem raptaverit umbris.
 55 Espalhariam, ou exércitos de sombras.
 ludus et ille deo, pavidum praesepibus aufert
 Do deus é o jogo: quando tira dos currais
 cum pecus et profugi sternunt dumeta iuveni.
 Medroso gado e, em fuga, as reses sarça esmagam.
 Ilicet ad regem clamor ruit. exsilit [ab] altis
 O clamor logo alcança o rei. Inquieto sono
 somnia dira toris simulacraque pallida linquens
 Cízico deixa, abandonando espectros pálidos.
 60 Eis que sobre os portais, com o flanco nu, Belona,
 Cyzicus. ecce super foribus Bellona reclusis
 Movendo os bronzes no ruidoso caminhar,
 nuda latus passuque movens orichalca sonoro
 Se posta, a balouçar, co'a a crista em tripla ponta,
 adstitit et triplici pulsans fastigia crista
 Para acordá-lo. Insano, a segue pelos muros
 inde ciere virum. sequitur per moenia demens
 E se encaminha, por destino, à luta extrema.
 ille deam et fatis extrema in proelia tendit,
 Como o ébrio Reco, o Fóloe vendo geminado
 qualis in Alciden et Thesea Rhoecus iniqui
 65 E largos astros, contra o Alcides e Teseu
 nube meri geminam Pholoen maioraque cernens
 Se atira, ou como o pai que, finda a caça, volta
 astra ruit qualisve redivenatibus actis
 Cantando à Trívia pela mata e traz no ombro
 lustra pater Triviamque canens umeroque Learchum
 Learco, enquanto a pobre Tebas baixa os olhos.
 advehit, at miserae declinant lumina Thebae.
 70 Nem os portões ao rei seguram, nem a guarda
 iamque adeo nec porta ducem nec pone moratur

excubias sortita manus, quae prima furenti
advolat. hinc alii subeunt, ut proxima quaeque
intremuit domus et motus accepit inanes.

At Mínyas anceps fixit pavor. aegra virorum
corda labant nec quae regio aut discrimina cernunt,
cur galeae clipeique micent, num pervigil armis,
[hostis, et exciti dent, praelia colchi]
donec et hasta volans immani turbine transtris
insonuit monuitque ratem rapere obvia caeca
arma manu. princeps galeam constringit Iason
vociferans: 'primam hanc nati, pater, accipe pugnam
vosque, viri, optatos huc adfore credite Colchos.'
Bistonas in medios ceu Martius exsilit astris
currus, ubi ingentes animae clamorque tubaeque
sanguineae iuvere deum, non segnius ille
occupat arva furens; sequitur vis omnis Achivum.
adglomerant latera et densis thoracibus horrens
stat manus, aegisono quam nec fera pectore virgo
dispulerit nec dextra Iovis Terrorque Pavorque,
Martis equi. sic contextis umbonibus urgent
caeruleo veluti cum Iuppiter agmine nubem
constituit. certant Zephyri frustra que rigentem
pulsat utrimque Notus. pendent mortalia longo
corda metu, quibus illa fretis, quibus incidat arvis.

Que, ao primo ataque, segue atrás do enfurecido.
Outros surgem, então, pois toda casa próxima
Estremeceu-se, e a confusão tomou os ermos.

Pavor incerto aos Mínyas trava. O coração
75 Aflito hesita, e não distingue reino ou crime;
Ou por que fulge escudo ou elmo, ou se é inimiga
A tropa armada, se dão luta os bravos colcos.
78 Até que u'a lança, voando em giro, soou no toste
E a tomar armas compeliu os tripulantes
À mão-cega. Jasão ajusta a gálea; e aos brados:
“Aceita, pai, a prima luta de teu filho;
E vós, varões, crede que aqui os colcos cheguem”.
Qual márcio carro entre os bistões dos astros lança-se,
Quando o clamor, ingentes ânímos, e as tubas
85 Sanguinárias ao deus convocam; não mais lento,
Furioso ocupa o campo: o segue a força aquéia.
Cerram fileiras e se posta a tropa horrenda
Encouraçada, a quem nem mesmo a fera Virgem,
A mão de Jove, o Medo ou os corcéis de Marte
90 Romperiam. Assim, escudo a escudo enfrenta
Qual quando Jove, em monte azul, empilha as nuvens,
Peleja o Zéfiro e, debalde, o Noto empurra-as
De um lado e de outro e, em grande medo, os corações
Incertos ficam de em qual mar ou campo caíam.

Hinc manus infelix clamore impellere magno
 saxa facesque atras et tortae pondera fundae.
 fert sonitus immota phalanx irasque retentant,
 congeries dum prima fluat. stellantia Mopsus
 tegmina et ingentem Corythi notat Eurytus umbram.
 restitit ille gradu seseque a lumine ferri
 sustinuit praeceps, subitum ceu pastor ad amnem
 spumantem nimbis fluctuque arbusta ruentem.
 at Tydeus 'en intentis quem viribus' inquit
 'opperiar manibusque dari quem comminus optem.
 quo steteris moriere loco!' subit ilia cuspis
 Olenii, dedit ille sonum compressaque mandens
 aequora purpuream singultibus expulit hastam.
 ac velut in medio rupes latet horrida ponto,
 quam super ignari numquam rexere magistri
 praecipites impune rates, sic agmine caeco
 incurrit strictis manus ensibus. occubat Iron
 et Cotys et Pyrno melior genitore Bienor.

At magis interea diverso turbida motu
 urbs agitur. Genyso coniunx amoverat arma;
 ast illi subitus ventis vivoque reluxit
 torre focus: telis gaudes, miserande, repertis.
 linquit et undantes mensas infectaque pernox
 sacra Medon; chlamys imbelli circumvenit ostro

95 A infeliz coorte, com fragor, jogava pedras,
 Negras trochas, calhaus das retorcidas fundas.
 Quieta, a falange o som suporta e iras retém
 Enquanto passa o primo ataque. Mopso vê
 Brilhantes cotas. De Corítio a sombra Eurito
 100 Notou – deteve o passo e, à luz do ferro, rápido,
 Retrocedeu, como um pastor em frente ao rio
 Que, caudaloso pelas chuvas, rui arbustos.
 E diz Tideu: “A quem espero com ardor,
 E que escolhi para de perto as mãos justar,
 105 Onde estiveres, serás morto!” À ilharga atinge
 A lança olênia; aquele urrou, mordendo a areia
 E, em convulsões, a ensanguentada haste arrancou.
 Como ao recife, que se oculta em meio ao mar,
 Por sobre o qual nunca o piloto impunemente
 110 Desavisado atira o barco, assim a tropa,
 Em cega chusma armada com espada arroja-se.
 Cai Bienor – melhor que Pirno –, Iro e Cótis.

Nesse entretempo, mais se agita a vila túrbida.
 A mulher de Geniso as armas lhe escondera,
 115 Mas, de súbito, o Lar, com viva brasa e ventos,
 Reluz: te alegras com as armas reveladas.
 A farta mesa larga Médon e, incompletos
 Os sacrifícios. De ostro, u'a clâmide enrolada

torta manum strictoque vias praefulgurat ense.
 talis in arma ruit nec vina dapesque remota
 statque loco torus inque omen mansere ministri.
 inde vagi nec tela modis nec casibus isdem
 conseruere manu et longe iacuere perempti.

Ecce gravem nodis pinguique bitumine quassans
 lampada turbata Phlegyas decurrit ab urbe.
 ille leves de more manus aciemque Pelasgum
 per noctem remeasse ratus pulsumque requirens
 saepe sibi vano Thamyrum clamore petebat
 arduus et late fumanti nube coruscus.

quantus ubi immenso prospexit ab aethere Typhon
 igne simul ventisque rubens, quem Iuppiter alte
 crine tenet. trepidant diro sub lumine puppes.
 tollitur hinc totusque ruit Tirynthius acri
 pectore, certa regens adversa spicula flamma.
 per piceos accensa globos et pectus harundo
 per medium contenta fugit, ruit ille comanti
 ore facem supra maiorque apparuit ignis.

Ambrosium Peleus, ingentem Ancaeus Echeclum
 sternit et elatae propius succedere dextrae
 Telecoonta sinit librataque ora securi
 disiecit cervice tenus. simul aspera victor
 cingula sublustri vibrantia detrahit umbra.

Circunda a mão, e espada em punho, aclara as vias.

120 Se lança às armas. Ceia e leitos não tirados,
 Em que escanções agouros leram, permanecem.
 Sem sorte ou modo iguais, em tropa incerta, as forças
 Encontraram-se, e ao longe, os mortos se espalhavam.

Pesado archote, com betume untuoso e nós,
 125 Brandindo, eis Flégias que, da vila precipita-se.

Crendo, ao costume, tropa e lanças dos pelasgos
 Terem voltado pela noite, em gritos vãos,
 Árduo e luzente, sob u'a nuvem de fumaça,
 Sempre acossado procurava por Tamiro.

130 Qual Tifeu, rubro ao fogo e ventos, quando olhou
 Do céu p'ra baixo, a quem no alto Jove prende,
 Assim tremula, sob a luz sinistra, o barco.
 O herói tiríntio, co'arco ao peito, então se eleva:
 Salta, a atirar certa flecha contra as flamas.

135 Acesa a seta, por escuras nuvens voa,
 Cravando ao peito; aquele cai, com face e pêlos
 Por sobre a tocha, e mais o fogo se levanta.

Peleu derruba Ambrósio; Anqueu, ao grande Equeclo;
 Ele consente a Telecoonte se achegar

140 À destra erguida e, co'o machado, a testa rompe-lhe
 Até a cerviz. O vencedor logo o despoja
 Da tosca cinta, que brilhava ao lusco-fusco.

'has, precor, exuvias <et> opima cadavera' Nestor
 'linquite!' ait. 'ferro potius mihi dextera, ferro
 navet opus!' presumque manu detruncat Amastrum
 diversasque simul socios invadere turmas
 admonuit. pergunt rupta testudine fusi
 qua tenebrae campique ferunt. gravis invenit Ochum
 Phlias et trepido Pollux impingitur Hebro.
 ipse super vultus taboque natantia terga
 dux campi Martisque potens, ut caeca profundo
 currit hiems, Zelyn et Bronten Abarinque relinquit
 semineces. Glaucum sequitur Glaucumque ruentem
 occupat et iugulo vulnus molitur aperto.
 ille manu contra telum tenet ultima frustra
 verba ciens fixamque videt decrescere cornum.
 hinc Halyn, hinc rigido transcurrens demetit ense
 Protin et insignem cithara cantuque fluenti
 Dorcea, qui dulci festis adsistere mensis
 pectine Bistoniae magnum post ausus alumnum.
 nec pharetram aut acres ultra Tirynthius arcus
 exercet, socia sed disicit agmina clava.
 ac veluti magna iuvenum cum densa securi
 silva labat cuneisque gemit grave robur adactis
 iamque abies piceaeque ruunt, sic dura sub ictu
 ossa virum malaeque sonant sparsusque cerebro

“Deixai, vos peço, os ricos corpos e este espólio”,
 Grita Nestor, “mais vale a mim co’o ferro a mão:
 Co’o ferro faz-se a obra”! A Amastro descabeça
 Enquanto exorta os companheiros a atacarem.
 Rompida a tartaruga, os fugitivos seguem
 Aonde levam campo e trevas. A Oco encontra
 Pesado Flias; a Hebro, Pólux se arremessa.
 150 O capitão, senhor da guerra, sobre os troncos
 E ensangüentadas testas corre, qual tormenta
 Sobre o mar. Deixa moribundos Zele, Bronto
 E Ábare; segue Glauco e o alcança, derribando-o;
 Rompida a jugular, u’a chaga se lhe corta;
 155 Este, ao contrário, em vão, co’a mão segura a arma
 A murmurar enquanto vê descer a ponta.
 Com dura espada, trespassando, então desanca
 Prote, Hale e Dorcla, pelo canto e e a lira insigne –
 Que outrora ousara as doces cordas abraçar
 160 Na lauta ceia em honra ao filho da Bistônia.
 Com arco ou flecha o herói tiríntio não excele.
 Porém, co’a clava amiga exércitos abate.
 Qual quando jovens co’achas tombam densas matas,
 Geme o carvalho pelas cunhas afincadas,
 165 Já cai o abeto e o pinho; assim, sob as pancadas,
 Os duros ossos de homens soam; co’os miolos,

albet ager. levis ante pedes subsederat Ichmon.
 occupat os barbamque viri clavamque superne
 intonat 'occumbes' et 'nunc' ait 'Herculis armis,
 donum ingens semperque tuis mirabile fatum.'
 horruit ille cadens nomenque agnovit amicum
 primus et ignaris dirum scelus attulit umbris.
 nec tibi Thessalicos tunc profuit, Ornyte, reges
 hospitium aut mente moras fovisse benigna
 et laribus sacrasse diem. procul advenit Idmon
 oblatumque ferit, galeam cristasque rubentes
 (heu tua dona) gerens. quem te qualemque videbit
 attonitus, Crenaeae, parens! en frigidus orbes
 purpureos iam somnus obit, iam candor et anni
 deficiunt vitaque fugit decus omne soluta.
 desere nunc nemus et nympharum durus amores!
 at diversa Sagen turbantem fallere nervo
 tum primum puer ausus Hylas (spes maxima bellis
 pulcher Hylas, si fata sinant, si prospera Iuno)
 prostravitque virum celeri per pectora telo.

Accessere (nefas) tenebris fallacibus acti
 Tyndaridae in sese. Castor prius ibat in ictus
 nescius, ast illos nova lux subitusque diremit
 frontis apex. tum Castor Ityn, qua caerulus ambit
 balteus et gemini committunt ora dracones,

Se alveja o solo. Íchmon, ligeiro, aos pés caíra-lhe:
 A boca e a barba do homem prende e a clava atroa:
 “Agora caís, por arma hercúlea, dom ingente!”
 170 diz, “Admirável é teu Fado para sempre!”
 Tremeu tombando; ao nome amigo ouviu primeiro
 E às sombras disse o crime atroz, que o não sabiam.
 Não te serviu, então, Ornite, aos reis tessálicos
 Ter acolhido, ou de bom grado, os entretido,
 175 Ou consagrado o dia aos Lares. Chega Ídmon
 E, exposto, fere-te, elmo e crista (ah, teus dons)
 Rubros portando. O pai atônito, Creneu,
 Qual te verá? Pois frio sono aos olhos fúlgidos
 Já te acerca; candor e os anos te abandonam,
 180 A vida escapa, e toda a honra é subtraída.
 Cruel, deixa agora o amor das ninfas e as florestas:
 O jovem Hílas, co’arco ousando, então, primeiro
 Bater o irado Sage (esperança nas guerras
 É o belo Hílas, se o permitem Juno e os Fados!);
 185 Prostrou o homem, co’a haste cérele no peito.
 Levados pelo breu enganoso, os tindáridas
 Se atracam – nefas! Cástor ia ao golpe, incauto,
 Mas luz estranha e do elmo a crista os separaram.
 Cástor, então, trespassa a Ite, onde o talim
 190 Azul rodeia, e as gêmeas serpes se abocanham.

frater Hagen Thapsumque securigerumque Nealcen
 transigit et Canthi pallentem vulnere Cydrum.
 torserat hic totis conisus viribus hastam
 venatori Erymo, brevis hanc sed fata ferentem
 prodidit et piceo comitem miserata refulsit
 Luna polo. cessere iubae raptumque per auras
 vulnus et extrema sonuit cita cuspide cassis.
 Nisaeum Telamón et Ophelten vana sonantem
 per clipei cedentis opus artemque trilicem,
 qua stomachi secreta, ferit laetusque profatur:
 'di, precor, hunc regem aut aequae delegerit alta
 fors mihi gente satum magnusque et flebilis urbi
 conciderit.' super addit Aren fratremque Melanthum
 Phocaeque Oleniden, <Le>legum qui pulsus ab oris
 regis amicitiam et famuli propioris honores
 (qua patiens non arte?) tulit. nox alta cadentum
 ingentes resonat sonitus augetque ruinas.
 ut magis Inarime, magis ut mugitor anhelat
 Vesbius, attonitas acer cum suscitatur urbes,
 sic pugnae crebrescit opus neque enim ignea cedunt
 astra loco, lentis haeret nox conscia bigis.

Perge age Tartarae mecum simul omnia noctis,
 Musa, sequi. trepidam Phaethon adflavit ab alto
 Tisiphonen graviorque locos iam luce propinqua

O irmão acerta Tapso, Nealco – o brande-alfange –
 Hages e Cidro – exangue por feri-lo Canto.
 Este, estribado em toda a força, a arma terçara
 Co’o caçador Erimo. O Luar, porém, mostrou-a
 195 Trazendo a morte e iluminou, do céu, por pena,
 O companheiro: a crina abriu-se: o golpe aos ventos;
 Tocado ao alto pela lança, o elmo soou!
 A Neseu, Telamón, e a Ofelte, o falastrão,
 Pelo escudo, que cede, e pela tripla trama
 200 Que oculta o ventre, fere, e satisfeito, diz:
 “Tomara os deuses, ou Fortuna, a mim confiassem
 ser este um rei, ou caísse um grande, pelas vilas
 pranteado”. Despachou Ares, o irmão Melanto
 E Fócea o Olénide que, expulso dos Lelegos,
 205 A amizade do rei e honrarias obteve
 (Por arte qual não padecendo?). A madrugada
 Os gemidos ecoa e aumenta a carnagem.
 Mais do que o Inárime, ou o Vesúvio roncadador,
 Arqueja atroz quando desperta a vila atônita,
 Assim se acerba a luta. E como não se põem
 Do céu os astros, cônica, a noite afasta as bigas.
 Sus, Musa, vem seguir comigo a noite tártara!
 Faetonte soprou a trêmula Tisífone
 E, mais próxima a luz, mais grave a sombra aperta.

umbra premit. non signa virum, non funera cernunt²¹⁵ Nem as insígnias, nem cadáveres distinguem
et rabie magis ora calent. vos prodite, divae, E, em raiva, aqueitam mais as faces. Mostrai, deusas,
Eumenidum noctisque globos vatique patescat Ao vate a malta das Eumênides noturnas,
armorum fragor et tepidi singultibus agri E que o fragor das armas se abra, pelo expiro
labentem atque acti Minyis per litora manes. O campo morno e os manes feitos pelos Míniás.

Cyzicus hic aciem vanis discursibus implet 220 Cízico, então, com vãs carreiras enche a tropa
fata trahens. iam pulsa sibi cecis Pelasgum Tardando o Fado. Ovante, crê ter aos pelasgos
agmina, iam passim vacuos disiecta per agros Já rechaçado, já dispersos pelos campos.
credit ovans. tales habitus, ea gaudia fingit Tais novas e a euforia aos deuses enfurecem,
ira deum. fundo veluti cum Coeus in imo Qual quando Céó grilhões de Jove, em fundo abismo,
vincla Iovis fractoque trahens adamante catenas 225 Arrastando – partido o adamante dos elos –
Saturnum Tityumque vocat spemque aetheris amens Chama Saturno e Tício, e para o ar espera
concepit, ast illum fluviis et nocte remensa voltar – insano; mas passada a noite e os rios,
Eumenidum canis et sparsae iuba reppulit Hydrae. Da Hidra a juba e o cão Eumênide o espantaram.
saevit acerba fremens tardumque a moenibus agmen Fremente, se enfurece e increpa o tardo bando:
increpita: 'numquamne dolor virtusve subibit 230 “Nunca entrarão ardor e forças nesta tropa,
nil ausas sine rege manus? at barbara buxus Covarde sem seu rei? Porém, se a flauta bárbara,
si vocet et motis ululantia Dindyma sacris, O dindimo ulular e as sacras danças chamam,
tunc ensis placeatque furor, modo tela sacerdos Então, furor e espada agradam; mal estenda
porrigat, et iussa sanguis exuberet ulna.' O sacerdote a adaga, o punho abunda em sangue”!
talibus insultans iamdudum numine divae 235 Xingando assim, pelo poder da deusa, logo
deficit, infracti languescunt frigore cursus, Se esmorece; por frio, o sangue esmaia o curso;
corda pavent, audit fremitus irasque leonum Coração treme e escuta as iras dos leões;
cornuaque et motas videt inter nubila turres. Às presas vê as torres móveis entre as nuvens!

tunc gravis et certo tendens stridore per umbram
 Aesonii venit hasta ducis latumque sub imo
 pectore rumpit iter. quam nunc incognita vellet
 lustra sibi nullosque datos venatibus annos!
 talia magnanimi diverso turbine fundunt
 tela viri sonitusque pedum suspectaque motu
 explorant, prensant socios vocemque reposcunt.
 quod si tanta lues seros durasset in ortus,
 extinctum genus et solas per moenia matres
 vidisset stratamque dies in litore gentem.

Tum pater omnipotens, tempus iam rege perempto
 flectere fata ratus miserisque abrumpere pugnas,
 supremam celeravit opem nutuque sereno
 intonuit, quem Nocte satae, quem turbidus horret
 Armipotens. tunc porta trucis coit infera belli.
 continuo dant terga metu versique per agros
 diffugiunt, quae sola salus. nec terga ruentum
 mens Minyis conversa sequi, stetit anxia virtus.
 ecce levi primos iam spargere lumine portus
 orta dies notaque (nefas) albescere turrets.
 'di maris,' attonito conclamat ab agmine Tiphys
 'ut mea fatali damnastis pectora somno.
 heu socii quantis complerunt litora monstris!
 illi autem neque adhuc gemitus neque conscia facti

Assim, pesada, pela sombra, co'estrídor,
 240 Vem do Esônide a lança e rompe largo curso
 No régio peito. Quanto, então, p'ra si deseja
 A terra estranha e os anos gastos nas caçadas.
 Em rival ímpeto, os heróis atiram dardos;
 Suspeito ruído ouvem de pés em movimentos:
 245 Aos companheiros prendem – pedem contra-senha.
 Se a matança durasse até o amanhecer,
 Seria extinta a raça e, ao muro, às mães apenas
 Veria dia, e à gente morta pela praia.
 Já morto o rei, então o Pai, crendo ser tempo
 250 De alterar o destino e interromper as lutas,
 Aviou suprema ajuda e, com sereno aceno,
 Troou. Da Noite a filha e o Armipotente assustam-se.
 Enfim se fecha à feroz guerra a porta ínfera.
 Contínuo medo, os fugitivos pelos campos –
 255 Recurso único – dispersam-se. Segui-los
 Não é o intento mínio – o ardor se arrefecera!
 Eis, a juncar com leve luz, primeiro, o porto
 Aberto o dia, e a branquejar amigas torres.
 “Ah, deus dos mares”, dentre o bando exclama Tífis,
 260 “Com que sonho fatal danaste tu meu peito!
 Ai, companheiros, com que horror a praia se enche”.
 Eles, porém, nem pranto ainda, ou faces erguem,

ora levant. tenet exsanguis rigor horridus artus
 ceu pavet ad crines et tristia Pentheos ora
 Thyias, ubi impulsae iam se deus agmine matris
 abstulit et caesi vanescunt cornua tauri.
 nec minus effusi grandaevum ad litora vulgus
 ut socias videre manus dare versa retrorsus
 terga metu. dextram tendens proclamat Iason:
 'quos fugitis? vellem hac equidem me strage meosque
 procubuisse magis. deus haec, deus asper utrisque
 implicuit. sumus en Minyae, sumus hospita turba!
 cur etiam flammis miserisque moramur honores?'

Tum super exsanguis confertae caedis acervos
 praecipiti plangore ruunt, agnoscit in alta
 strage virum sua texta parens, sua munera coniunx.
 it gemitus toto sinuosa per aequora caelo.
 pars tenues flatus et adhuc stridentia prensat
 vulnera, pars sera componunt lumina dextra.
 at vero in mediis exsanguis rege reperto
 aggeribus, tristi sileant ceu cetera planctu,
 sic famulum matrumque dolor, sic omnis ad unum
 versa manus. circa lacrimis ac mentibus aegri
 stant Minyae deflentque nefas et cuspidis ictus
 Aesoniae sortemque ducis solantur acerbam.
 ille ubi concretos pingui iam sanguine crines

Côncias dos erros. Rigidez toma seus membros.
 Tal como a Tias assustaram face e coma
 265 De Penteu, quando o deus deixara já as bacantes
 Da mãe, e os chifres do imolado touro somem;
 E, não menos, na praia os velhos dispersados
 Amigas tropas vendo, as costas, por horror,
 Voltaram. Estendendo a destra diz Jasão:
 “De quem fugis? Quisera eu e os meus morrêssemos
 Nessa chacina. Um deus cruel nos envolveu.
 Os Míncias somos, somos tropas hospedadas.
 Por que tardamos honra e piras reverentes?”
 Então, se arrojam, com lamentos, sobre os lívidos
 275 Montões de mortos. Na alta ruma, a mãe conhece
 Os seus tecidos, e a mulher, os seus regalos.
 O pranto segue pelo mar a todo o céu.
 Uns seguram o choro, e as chagas borbulhantes;
 Os olhos, outros, com a mão já tarde cerram.
 280 Contudo, achado o rei exangue em meio às pilhas
 Como se tudo, em triste pranto, se calasse,
 Assim, é a dor das mães, dos servos e de todos,
 A um só voltada. Em torno os Míncias permanecem.
 Com mentes tristes, choram nefas e a hasta Esônide;
 285 E, ao capitão, a acerba sorte eles consolam.
 Ao ver daquele, pelo sangue a dura coma,

pallentesque genas infractaque pectore caro
 tela neque hesternos agnovit in hospite vultus,
 ingemit atque artus fatur complexus amicos:
 'te tamen ignarum tanti, miserande, furoris
 nox habet et nullo testantem foedera questu,
 at mihi luctificum venit iubar. heu quibus adsum
 conloquiis, cui me hospitio fortuna revexit!
 exstinguine mea (fatis id defuit unum)
 speravi te posse manu talisve reliqui
 has ego, amice, domos? quod si iam bella manebant
 et placitum hoc superis, nonne haec mea iustius essent
 funera meque tuus <potius> nunc plangeret error
 nec Clarii nunc antra dei quercusque Tonantis
 arguerem? talesne acies, talesne triumphos
 sorte dabant? tantumque nefas mens conscia vatum
 conticuit patriae exitium crudele senectae
 et tot acerba canens? heu divis visa sinistris
 regna mihi! quinam reditus, quae me hospita tellus
 accipiet, quae non primis prohibebit harenis?
 invidere dei ne Phasidis arva remoti
 et Scythicas populatus opes haec rursus adirem
 litora neve tuos irem tunc ultor in hostes.
 fas tamen est conferre genas, fas iungere tecum
 pectora et exsanguis miscere amplexibus artus.

As faces pálidas e, ao caro peito, o dardo –
 Mas não do anfitrião o anterior semblante –
 Lamentou-se e falou, abraçado ao amigo:
 290 “A noite, ó mísero, te toma sem que saibas
 De tanto horror, sem reclamares nossos pactos.
 Porém, funesta, vem-me a Aurora! Ah, mas que digo!
 A que refúgio conduzira-me a Fortuna!
 (Faltou só isso ao Fado!) Esperei que pudesses
 295 Por minha mão morrer? Assim deixei tua terra?
 Se a guerra só durou por agradar aos deuses,
 Mais justa não seria, amigo, a morte minha
 E que teu erro antes agora me chorasse?
 Do deus de Claro a cova e o carvalho de Jove
 300 Eu não censurarei? Tal luta e tal triunfo
 Por sorte davam-me? Tamanho horror os vates
 Me esconderam, cantando o fim de velha pátria
 E agrura tanta? Por sinistros deuses visto
 Foi meu comando? Que retorno? A mim, qual terra
 305 Irá acolher e não vedar-me a prima areia?
 Cuidaram deuses que a esta praia eu não tornasse
 Saqueada a crítica riqueza e as margens fásicas,
 E então, não viesse, vingador, aos teus inimigos.
 Porém é lícito estreitar contigo as faces,
 310 Juntar os peitos e abraçar-te os membros pálidos.

vos age funereas ad litora volvite silvas
 et socios lustrate rogos, date debita caesis
 munera, quae nostro misisset Cyzicus igni.'

Parte alia Clite laceras super ora mariti
 fusa comas misera in planctus vocat agmina matrum
 fatur et haec: 'primis coniunx ereptus in annis
 cuncta trahis. necdum suboles nec gaudia de te
 ulla mihi, quis maesta tuos nunc, optime, casus
 perpeterer tenui luctum solamine fallens.

Mygdonis arma patrem funestaque proelia nuper 320
 natales rapuere domos Triviaeque potentis
 occidit arcana genetrix absumpta sagitta:
 tu, mihi qui coniunx pariter fraterque parensque
 solus et a prima fueras spes una iuventa,
 deseris heu totamque deus simul impulit urbem.
 ast ego non media te saltem, Cyzice, vidi
 tendentem mihi morte manus aut ulla monentis
 verba tuli; quin te thalamis modo questa morari
 heu talem tantique metus secura recepi.'

illam vix gemino maerens cum Castore Pollux 330
 erigit haerentem compressaque colla trahentem.

Interea innumeras nudatis montibus urgent
 certatim decorantque pyras et corpora maesti
 summa locant. vadit sonipes cervice remissa

Eia, volvei os troncos fúnebres à praia.
 A fogueira comum acendei. Oferendas
 Prestai – as que daria à nossa pira Cízico!”

Alhures, Clite, sobre a face do marido
 Deitando a coma, em pranto chama as tristes mães
 E diz: “Esposo, à flor da idade arrebatado,
 A tudo levavas! Gáudio ou filho algum de ti
 Não hei que, triste, a mim console agora, ó bom,
 A mitigar tua sorte e dando alívio ao luto.

Migdônias tropas me furtaram o pai e, há pouco,
 Ao lar natal, as triste lutas; por ocultas
 Flechas da Trívia, a mãe, tocada, pereceu.
 Tu, meu marido, qual irmão e pai, sozinho,
 Foras-me a única esperança à juventude.

Ai, me abandonas e à cidade um deus solapa.
 Mas não te vi em meio à morte ao menos, Cízico,
 Estendendo-me as mãos, nem conselhos colhi.
 No leito, há pouco, me queixando de tardares,
 Livre do medo, por que não te recebi?”

Co’o gêmeo Cástor, triste, Pólux a levanta,
 Que, em se afastando, abraçado traz-lhe o colo.

Desnudos montes, no entretempo, elevam piras;
 As ornam à porfia e, magoados, depõem
 No topo os corpos. Cabisbaixo, o corcel marcha

<p>venatrix nec turba canum pecudumque morantur funerae, quae cuique manus, quae cura suorum, quae fortuna fuit. medio rex aggere longe eminet, hunc crebris quatiens singultibus ora adlevat Aesonides celsoque reponit in ostro. dat pictas auro atque ardentem murice vestes quas rapuit telis festina vocantibus Austris Hypsipyle. galeam dilectaque cingula regi inicit. ille suam vultus conversus ad urbem sceptra manu veterum retinet gestamen avorum. nam quia nec proles alius nec denique sanguis, ipse decus regnique refert insigne parenti. inde ter armatos Minyas referentibus orbem concussi tremuere rogi, ter inhorruit aether luctificum clangente tuba. iecere supremo tum clamore faces, rerum labor omnis in auras solvitur et celsis conlucent aequora flammis. scilicet haec illo iuvenem populosque manebant tempore, Peliacis caderet cum montibus arbor: hoc volucrumque minae praesagaque fulmina longo acta mari tulerant. sed quis non prima refellat monstra deum longosque sibi non auguret annos? iamque solutus honos cineri, iam passibus aegris dilapsae cum prole nurus tandemque quiescunt</p>	<p>335 E não demoram nem matilhas nem rebanhos Ao sacrifício: a cada qual força, Fortuna E os cuidados dos seus. No monte, o rei se eleva. Ergue-o o Esônide, a cabeça sacudindo Entre soluços; e o repõe em celsa púrpura;</p> <p>340 Oferta ardente veste, em ouro e búzio ornada Que, ao chamar do Austro, dos tesouros subtraíu Hipsípila. Elmo e talabarte ao rei lançou. Este, co'o rosto p'ra cidade sua voltado, Empunha o cetro que os antigos reis traziam:</p> <p>345 Porque sem filhos, e por isso, sem parentes, Leva consigo a honra insigne dos avós. Armados Míniás vezes três rodas formando, Batida, a pira estremeram. Soante, a tuba O céu lutuoso atroa. Em supremo clangor,</p> <p>350 Lançaram tochas. A obra toda, então, nos ventos Se desfez, e reluz o mar co'as altas chamas. Por certo, tudo ao povo e ao jovem se guardava Dês que no Pélio monte a árvore tombara: No mar os raios, vôos minazes e os presságios</p> <p>355 Disseram-no, mas quem não refuta os primeiros Sinais dos deuses e anos muitos não se augura? Já todo honor é feito em cinza. Em passos tristes, Ruídas mulheres vão co'a prole. O vau se aquieta</p>
--	--

dissona pervigili planctu vada, qualiter Arctos
 ad patrias avibus medio iam vere revectis
 Memphis et aprici statio silet annua Nili.
 At non inde dies nec quae magis aspera curis
 nox Minyas tanta caesorum ab imagine solvit.
 bis Zephyri iam vela vocant. fiducia maestis
 nulla viris, aegro adsidue mens carpitur aestu
 necdum omnes lacrimas atque omnia reddita caesis
 iusta putant. patria ex oculis acerque laborum
 pulsus amor segnique iuvat frigescere luctu.
 ipse etiam Aesonides, quamquam tristissima rerum
 castiganda duci vultuque premenda sereno,
 dulcibus indulget lacrimis aperitque dolorem.
 tum secreta trahens Phoebum ad litora Mopsum
 'quaenam' ait 'ista lues aut quae sententia divum?
 decretusne venit fato pavor an sibi nectunt
 corda moras? cur immemores famaеque larisque
 angimur aut pariet quemnam haec ignavia finem?'
 'Dicam' ait 'ac penitus causas labemque docebo.'
 Mopsus et astra tuens: 'non si mortalia membra
 sortitusque breves et parvi tempora fati
 perpetimur, socius superi quondam ignis Olympi,
 fas ideo miscere neces ferroque morantes
 exigere hinc animas redituraque semina caelo.

Ao pranto da vigília: igual se cala Mênfis
 360 Na primavera, já migradas p'r'o Arcto as aves,
 E a antiga foz do soalheiro rio Nilo.
 Mas nem o dia, nem a noite que é mais dura
 Nas aflições livrou-os da imagem da matança.
 Duas vezes chama o vento, mas não há confiança
 365 Nos tristes homens; de incerteza a mente toma-se
 E nem o choro todo ou tudo dado aos mortos
 Julgam bastantes. Longe é a pátria, e o amor aos feitos
 Se esvai e ajuda a enlanguescer em luto apático.
 Também Jasão, posto a tristeza deva ser
 370 Num capitão contida e presa em face calma,
 Às ternas lágrimas se entrega e dor demonstra.
 Levando, então, à oculta praia o fêbeo Mopso,
 “Que peste é essa”, diz, “Que intentos têm os deuses?
 Dado por sina vem o medo, ou os corações
 375 Tardam por si? Por que da fama e lar imêmore
 Nos angustiamos, ou qual fim trará a inação?”
 E Mopso, a olhar o céu: “Direi e ensinarei
 O mal e as causas. Se agüentamos mortais membros,
 O breve acaso e a duração do curto Fado –
 380 Nós antes fogo companheiro do Olimpo –
 Juntar os mortos ou expulsar com ferro as almas –
 Germe que ao céu há de tornar – não é direito.

quippe nec in ventos nec in ultima solvimur ossa;
 ira manet duratque dolor. cum deinde tremendi
 ad solium venere Iovis questuque nefandam
 edocuere necem, patet ollis ianua leti
 atque iterum remeare licet. comes una sororum
 additur et pariter terras atque aequora lustrant.
 quisque suos sontes inimicaque pectora poenis
 implicat et varia meritos formidine pulsant.
 at quibus invito maduerunt sanguine dextrae,
 si fors saeva tulit miseros, sed proxima culpa,
 hos variis mens ipsa modis agit et sua carpunt
 facta viros: resides et iam nil amplius ausi
 in lacrimas humilesque metus aegramque fatiscunt
 segnitiam, quos ecce vides. sed nostra requiret
 cura viam. memori iam pridem cognita vati
 est procul ad Stygiae devexa silentia noctis
 Cimmerium domus et superis incognita tellus
 caeruleo tenebrosa situ, quo flammea numquam
 Sol iuga sidereos nec mittit Iuppiter annos.
 stant <ta>citae frondes immotaque silva comanti
 horret Averna iugo. specus umbrarumque meatus
 subter et Oceani praeceps fragor arvaque nigro
 vasta metu et subitae post longa silentia voces.
 ensifer hic atraque sedens in veste Celaeneus

Porquanto em vento e ossos finais não desfamo-nos,
 Dor e ira se mantêm. Quando chegam, depois,
 385 Ao Jove trono e o triste fim em queixas mostram,
 Da morte a porta se lhes abre e regressar
 De novo é permitido. U'a das irmãs por sócia
 Une-se, e juntas correm terras e o oceano.
 Cada uma envolve o imigo peito e seu algoz
 390 Em dor e afligem-nos com vários justos medos.
 Mas os que em sangue involuntário as mãos molharam –
 Se a cruel sorte, ou quase u'a culpa, fê-los míseros –
 A consciência os persegue, e suas obras devoram-nos:
 Não mais audazes, indolentes se desfazem
 395 Em prantos, medo vil e molesta preguiça:
 Eis o que vês. Mas nossa ajuda achará o rumo.
 Da memória do vate há muito conhecida,
 Junto à funda mudez da noite estígia, longe,
 Se acha a pátria ciméria, ignorada dos deuses,
 400 Trevoza em sítio escuro, aonde o sol jamais
 Envia a flâmea biga, ou Jove, o curso de astros.
 Calam-se as copas; a vernal imóvel mata
 Treme no monte. Abaixo, há a gruta, o andar de sombras,
 O fragor último do mar, os vastos campos
 405 Em negro medo e, após silêncio, as vozes súbitas!
 Co'espada e em negras vestes ali Celeno estando,

insontes errore luit culpamque remittens
 carmina turbatos volvit placantia manes.
 ille mihi quae danda forent lustramina caesis
 prodidit, ille volens Erebum tenebrasque retexit.
 ergo ubi puniceas oriens accenderit undas,
 te socios adhibere sacris armentaque magnis
 bina deis, me iam coetus accedere vestros
 haud fas interea, donec lustralia pernox
 vota fero. movet en gelidos Latonia currus:
 flecte gradum, placitis sileant age litora coeptis!"

Iamque sopor mediis tellurem presserat horis
 et circum tacito volitabant somnia mundo,
 cum vigil arcani speculatus tempora sacri
 Ampycides petit adversis Aesepia silvis
 flumina et aequoreas pariter decurrit ad undas.
 hic sale purpureo vivaque nitentia lympha
 membra novat seque horrificis accommodat actis.
 tempora tum vittis et supplice castus oliva
 implicat et stricto designat litora ferro,
 circum humiles aras ignotaque nomina divum
 instituit silvaque super contristat opaca:
 utque metum numenque loco sacramque quietem
 addidit, ardenti nitidum iubar evocat alto.

Atque Argoa manus variis insignis in armis

Ao erro expia o inocente e, redimido,
 Recita o canto que serena irados manes.
 Ele mostrou-me as oferendas que p'r'os mortos
 410 Se deviam e abriu, propício, a noite e o Érebo.
 Quando acender, assim, o sol as ondas púrpuras,
 Une-te aos sócios e duas reses sacrifica
 Aos grandes deuses. Já me é ilícito seguir-vos
 Enquanto cumpro, pela noite, os lustrais votos.
 415 Eis que Latona move o frio carro: sus!
 Te afasta e que se cale a praia à tua empresa".
 O sono da alta noite à terra já ocultara
 E pelo mundo silencioso voavam sonhos
 Enquanto o Ampícida, observando vigilante
 420 Do culto o tempo, busca o Esepo em bosques próximos
 E segue o rio até às ondas do oceano.
 Ali, co'o mar purúreo e a linfa viva e bela
 Anima os membros e se aplica a horríveis atos.
 Com vide e súplice oliveira cinge as têmporas
 425 E, espada em punho, risca a praia; ergue ao redor
 Humildes aras a ignoradas divindades
 E com folhagens as sombreia. Quando fez
 No sítio o pio medo e a sagrada quietude,
 Invoca o sol brilhante sobre o ardente mar.
 430 Os argonautas, com insignes armas várias,

ibat agens lectas aurata fronte bidentes.
 Delius hic longe candenti veste sacerdos
 occurrit ramoque vocat iamque ipse recenti
 stat tumulo placida transmittens agmina lauro.
 ducit et ad fluvios ac vincula solvere monstrat
 prima pedum glaucasque comis praetexere frondes
 imperat, hinc alte Phoebi surgentis ad orbem
 ferre manus totisque simul procumbere campis.
 tunc piceae mactantur oves prosectaque partim
 pectora per medios, partim gerit obvius Idmon.
 ter tacitos egere gradus, ter tristia tangens
 arma simul vestesque virum lustramina ponto
 pone iacit, rapidis adolentur cetera flammis.
 quin etiam truncas nemorum[que] effigiesque virorum
 rite locat quercus simulataque subligat arma.
 huc Stygias transire minas iramque severi
 sanguinis, his orat vigiles incumbere curas
 atque ita lustrifico cantu vocat: 'ite, perempti,
 ac memores abolete animos. sint otia vobis,
 sit Stygiae iam sedis amor, procul agmine nostro
 et procul este mari cunctisque absistite bellis.
 vos ego nec Graias umquam contendere ad urbes
 nec triviis ululare velim pecorique satisque
 nullae ideo pestes nec luctifer ingruat annus

Iam levando as reses de douradas testas.
 O délio sacerdote, ao longe, em vestes alvas
 Acorre e chama, e se detém no novo túmulo
 Guiando, co'o laurel, a mansa tropa. Ao rito
 Os leva e instrui a desatar primeiro as tiras
 Dos pés; com folhas verdes manda ornar as comas,
 Ordena erguer as mãos ao fêbeo sol nascente
 E, ao mesmo tempo, se prostrar por todo o campo.
 Negras ovelhas são imoladas: parte é pêlo,
 Mas a outra parte Ídmon, ao lado, distribui.
 Três vezes guiou os mudos passos; três, tocando
 As vestes e armas dos heróis, lançou p'ra trás,
 No mar, as lustrações; o resto as chamam ardem.
 Os troncos de carvalho e as efígies dos homens
 Dispõe, em culto, e liga os falsos armamentos.
 P'ra ali invoca as ameaças do Estige
 E a ira do sangue: que os remosos acometam-nos.
 Co'expiatório canto roga: "Parti, mortos
 Cessai a raiva inesquecida. Haja-vos paz
 E amor à plaga estígia; longe de nós sede,
 Longe do mar, e retirai-vos das batalhas.
 Que eu não vos queira aproximar das gregas urbes
 Nem a ulular nas encruzadas, p'ra que a peste
 Ou o tempo mau não venha às messes e aos rebanhos,

nec populi nostrive luant ea facta minores.'	455	Que o povo ou filhos estes atos não expiem”.
dixerat et summas frondentibus intulit aris		Depôs no altar ramado as sumas oferendas,
libavitque dapes, placidi quas protinus angues,		Libou e, presto, mansas cobras as colheram –
umbrarum famuli, linguis rapuere coruscis.		Servas das sombras, com as línguas dardejantes.
Continuo puppem petere et considerare transtris		Ordena o Ampícida embarcar, sentar nos tostes
imperat Ampycides nec visum vertere terrae:	460	E não volver a vista à terra: que olvidassem
exciderint quae gesta manu, quae debita fatis.		Da mão os feitos e o que ao Fado se devera.
illi alacres pars arma locant, pars ardua <summis>		Alegres, uns ajustam armas, outros cobrem
insternunt tabulata toris oriturque tremendum		Com toldo o alto convés. Ouve-se o som dos remos
remorum sonus et laetae concordia vocis.		Estrepitosos e a união das ledas vozes.
Iuppiter urgentem ceu summa Ceraunia nubem	465	Qual quando Jove, do Cerâneo a urgente nuvem
cum pepulit movitque iugis, fulsere repente		Arreda e afasta da montanha e, de repente,
et nemora et scopuli nitidusque reducitur aether,		O mar e as rochas fulgem, volta o claro céu,
sic animi rediere viris iamque ipse magister		Assim os ânimos retornam. Já na popa
nutat ab arce ratis remisque insistere tendit.		O piloto balança e por firmar se esforça.
instaurant primi certamina liber amictu	470	Eurito, sem o manto, e Idas, não temendo
Eurytus et dictis Talai non territus Idas,		Dos ditos de Talao, a disputa iniciam;
inde alii increpitant atque aequora pectore tollunt.		Animam-se os demais e erguem, co’o peito as águas.
par gemitu pulsuque labor versumque vicissim		Há igual labor no urro e no empuxo, e revolvido
mittitur in puppem remo mare. laetus et ipse		A remo, ao mar invade a nau. Gritou, contente
Alcides 'quisnam hos vocat in certamina fluctus?'	475	O Alcides: “Quem chama ao embate estas correntes?”
dixit et intortis adsurgens arduus undis		E, enorme, a alçar-se sobre as ondas encrespadas,
percussit subito deceptum fragmine pectus		Golpeou o peito com o remo que partira-se.
atque in terga ruens Talaum fortemque Eriboten		Derrubou, ao cair, Eribotes, Talao

et longe tantae securum Amphiona molis
obruit inque tuo posuit caput, Iphite, transtro.

Iam summas caeli Phoebus candentior arces
vicerat et longas medius revocaverat umbras.
tardior hinc cessante viro quae proxima Tiphys
litora quosque dabat densa trabe Mysia montes
advehitur. petit excelsas Tirynthius ornos,
haeret Hylas lateri passusque moratur iniquos.

Illum ubi Iuno poli summo de vertice puppem
deseruisse videt, tempus rata diva nocendi
Pallada consortem curis cursusque regentem,
nequa inde inceptis fieret mora, fallere prima
molitur caroque dolis avertere fratri,
tum sic adloquitur: 'procerum vi pulsus iniqua
germanique manu (repetis quo crimine) Perses
barbaricas iam movit opes Hyrcanaeque signa.
Aeetes contra thalamis et virgine pacta
conciliat reges Scythicos primusque coacta
advehit Albana Styrys gener agmina porta,
bellum ingens, atque ipse citis Gradivus habenis
fundit equos. viden Arctoo de carcere quanta
tollat se nubes atque aequore pendeat atro?
corripi prima vias. finem cum Phasidis alti
transierit Perses aciemque admoverit urbi,

E Anfião, que longe a salvo cria-se do imenso;
480 Teu banco, Ífito, a cabeça suportou.

Nas arcadas do céu, já Febo vicejara
Ardente, e o meio dia as sombras afastara.
Lento, sem força humana, Tífis guiava o barco
À praia, que conduz da mata mísica aos montes.
485 Por grandes olmos busca o Alcides, segue-o Hilas,
Que se atrasava pelos passos desiguais.

Quando, no sumo empíreo, Juno o vê da nau
Baixado, ao crer que é tempo de fazer-lhe mal,
Trama enganar a Palas – guia de seu curso
490 E amiga de aflições – e do irmão afastá-la
Para que não ocorra atraso em seus projetos.
Então, assim lhe diz: “Por força iníqua expulso
Pelo bando do irmão, bem sabes com quais crimes,
Já Perses armas move, e as insígnias hircânicas.
495 Por seu turno, se alia Eetes aos reis da Cítia
Por pacto nupcial. Ligeiro, o genro Estiro
Conduz à porta albana as tropas reunidas.
Grande guerra! O Gradivo atíça as montarias.
Tamanha nuvem vês se erguer por sobre Arctoo?
500 E quanta água escura encontra-se suspensa?
Toma caminho. Quando houver Perses cruzado
Os limites do Faze e marchado à cidade,

coepta refer paulumque moras et foedera necte
 consiliis atque arte tua. sponde adfore reges
 dis genitos, quis arma volens, quis agmina iungat.
 at virgo, quamquam insidias aestusque novercae
 sentiat et blandos quaerentem fingere vultus,
 obsequitur tamen et iussas petit ocius oras.

Ingemuit Iuno tandemque silentia rumpit:
 'en labor, en odiis caput insuperabile nostris!
 quam Nemeen tot fessa minis quae bellave Lerna
 experiar? Phrygiis ultro concurrere monstribus
 nempe virum et pulso reserantem Pergama ponto
 vidimus: en ego nunc regum soror++et mihi gentis
 ullus honos? iam tum indecores iussaeque dolorum
 primitiae et tenero superati protinus angues.
 debueram nullos iuveni iam quaerere casus
 victa nec <ad> tales forsan descendere pugnas.
 verum animis insiste tuis ~actumque movebo~
 tende, pudor; mox et Furias Ditemque movebo.'
 haec ait et pariter laevi iuga pinea montis
 respicit ac pulchro venantes agmine nymphas,
 undarum nemorumque decus. levis omnibus arcus
 et manicae virides et stricta myrtus habena,
 summo palla genu, tenui vagus innatat unda
 crinis ad obscurae decurrens cingula mammae.

Os projetos ultima; urde, um pouco, demoras
 Por arte e planos teus. Garante virem reis,
 Filhos de deuses, a quem unam povo e armas”.

Embora a virgem aflições e ardis perceba
 Na madrasta, que em rosto afável escondia-os,
 Rapidamente acede e parte para a praia.

Juno geme e, afinal, interrompe o silêncio:
 510 “Ó trabalhadeira, ó ser invicto aos ódios meus.
 De ameaças cansada, em qual fera neméia
 Ou lérnea confiarei? Eu vi o herói lutar
 Co’o monstro frígio, abrindo ao mar vencido Pérgamo.
 Agora, irmã de reis, que honor dos povos tenho?
 515 As afrontas, há muito, e iniciais dissabores,
 Pelo infante sofri co’as serpes esmagadas.
 Buscar eu não devera ao jovem mais desgraças
 Ou, talvez nem, vencida, a tais lutas lançar-me.
 Pudor, porém, insiste em teus fitos, resiste
 520 Co’astúcia; incitarei logo as Fúrias e Dite”.
 À esquerda o olhar volveu, à serra de pinheiros,
 Às ninfas que, em formoso grupo aproximavam-se,
 Das ondas e da mata o orgulho: co’arco todas,
 Verdes pulseiras, mirto preso em finos fios,
 525 Saias acima do joelho, ondeadas comas
 Espalhadas, caindo à cinta que ata os seios.

ipsa citatarum tellus pede plausa sororum
 personat et teneris summittit gramina plantis.
 e quibus Herculeo Dryope percussa fragore,
 cum fugerent iam tela ferae, processerat ultra
 turbatum visura nemus fontemque petebat
 rursus et attonitos referebat ab Hercule vultus.
 hanc delapsa polo piceaeque adclinis opacae
 Iuno vocat prensaque manu sic blanda profatur:
 'quem tibi coniugio tot dedignata dicavi,
 nympha, procos, en Haemonia puer adpulit alno,
 clarus Hylas, saltusque tuos fontesque pererrat.
 vidisti roseis haec per loca Bacchus habenis
 cum domitas acies et eoi fercula regni
 duceret ac rursus thiasos et sacra moventem.
 hunc tibi vel posito venan pectine Phoebum
 crede dari. quae spes nymphis aufertur Achaeis,
 praereptum quanto proles Boebeia questu
 audiet et flavi quam tristis nata Lycormae!
 sic ait et celerem frondosa per avia cervum
 suscitac ac iuveni sublimem cornibus offert.
 ille animos tardusque fugae longumque resistens
 sollicitat suadetque pari contendere cursu.
 credit Hylas praedaeque ferox ardore propinqua
 insequitur, simul Alcides hortatibus urget

Ressoa a terra aos pés das irmãs agitadas
 E faz crescer a relva em delicados brotos.
 Dríope, alcançada pelo hercúleo estridor quando
 530 Escapavam-lhe à seta as feras, se afastara
 Para ver o alvoroço, e p'ras fontes voltava,
 Trazendo seu semblante assustado por Hércules.
 Do céu descida, reclinada em negra nuvem,
 Segurando-lhe a mão, a chama Juno e diz:
 535 “Ninfa, que desdenhaste os pretendentes todos
 Que para ti escolhi, eis que aportou da nau
 O ilustre Hilas, que em teu bosque e fontes erra.
 Por estas plagas viste-o a Baco conduzir
 Vencidas coortes e os despojos dos eôos,
 540 Os tirsos retornando, e os sacros aparatos.
 Qual Febo caçador, quando a lira depõe,
 Crê te ser ele dado. Esperança qual resta
 À ninfa aquéia? Quanto a filha do Bebeu,
 Raptado, o chorará? E a filha do Licormes?”
 545 Diz, e um cervo veloz, galheiro, ela suscita
 E ao jovem o oferece, em desvio frondoso.
 O animal, vagaroso, à fuga resistindo,
 Os ânimos lhe instiga e a correr persuade-lhe.
 Hilas aceita o desafio e, com ardor,
 550 De perto segue a presa, enquanto, ao vê-lo, o Alcides

prospiciens. iamque ex oculis aufertur uterque,
cum puerum instantem quadripes fessaque minantem
tela manu procul ad nitidi spiracula fontis
ducit et intactas levis ipse superfugit undas.

hoc pueri spes lusa modo est nec tendere certat
amplius; utque artus et concita pectora sudor
diluerat, gratos avidus procumbit ad amnes.

stagna vaga sic luce micant ubi Cynthia caelo
prospicit aut mediū transit rota candida Phoebi,
tale iubar diffundit aquis: nil umbra comaeque
turbavitque sonus surgentis ad oscula nymphae.

illa avidas iniecta manus heu sera cientem
auxilia et magni referentem nomen amici
detrahit, adiutae prono nam pondere vires.

Iam pater umbrosis Tirynthius arcibus ornum
depulerat magnoque iugi stridore revulsam
terga super fulvi porrexerat horrida monstri
litora curva petens; alio nam calle reversum
credit Hylan captaque dapes auxisse ferina.

sed neque apud socios structasque in litore mensas
unanimum videt aeger Hylan nec longius acrem
intendens aciem. varios hinc excitat aestus
nube mali percussus amor, quibus haeserit oris,
quis tales impune moras casusve laborve

O incita. Estão os dois já fora de sua vista

Quando o cervo conduz o jovem, que o persegue

Co' a exausta mão brandindo o dardo, até u'a fonte

E, sobre as águas intocadas, ele escapa.

555 Frustrado o moço, já não tenta prosseguir

E, como o suor lhe porejava ao peito e aos braços,

Com sede debruçou sobre um grato riacho.

Como um lago reluz quando a Cíntia vigia

No céu, ou fêbeo disco ardente cruza o zênite,

560 Assim a água brilha, e não turbam-na sombras

Crina ou rumor da ninfa a erguer-se para um beijo.

Co'ávidas mãos o puxa; e a ele, ah, já é tarde

Para chamar ajuda, ou invocar o amigo.

Seu pender para diante as forças auxilia.

565 Já na mata sombria, o herói tiríntio um olmo

Derrubara, co'estrondo arrancado da terra,

E sobre a fulva pele horrível o deitara,

Buscando o litoral. Crê Hílas ter voltado

Trazendo provisões e a fera capturada.

570 Mas, triste, não o vê nem junto aos companheiros

Ou pela praia, nem olhando mesmo ao longe.

Excita, então, o Amor, por más nuvens ferido,

Várias inquietações: prender-se-ia em qual praia?

Qual desgraça ou labor causaria o atraso?

attulerit. densam interea descendere noctem
iam maiore metu, tum vero et pallor et amens
cum piceo sudore rigor. ceu pectora nautis
congelat hiberni vultus Iovis agricolisve,
cum coit umbra minax, comitis sic adficit error
Alciden saevaeque monet meminisse novercae.
continuo, volucris ceu pectora tactus asilo
emicuit Calabris taurus per confraga saeptis
obvia quaeque ruens, tali se concitat ardens
in iuga senta fuga. pavet omnis conscia late
silva, pavent montes, luctu succensus acerbo
quid struat Alcides tantaque quid apparet ira.
ille, velut refugit quem contigit improba Mauri
lancea sanguineus vasto leo murmure fertur
frangit et absentem vacuis sub dentibus hostem,
sic furis accensa gerens Tiryntius ora
fertur et intento decurrit montibus arcu.
heu miserae quibus ille feris, quibus incidit usquam
immeritis per lustra viris! volat ordine nullo
cuncta petens, nunc ad ripas deiectaque saxis
flumina, nunc notas nemorum procurrit ad umbras.
rursus Hylan et rursus Hylan per longa reclamat
avia: responsant silvae et vaga certat imago.

At sociis immota fides Austrisque secundis

575 Nesse entretempo, a noite escura já se deita
Com medo imenso; vêm Palor e o melancólico
Delírio. Como ao nauta o olhar de Jove o peito,
No inverno, gela, e ao lavrador, quando se ajunta
A sombra assustadora, assim do amigo a falta
580 O Alcides fere e o faz lembrar da cruel madrasta.
De pronto, como um touro atingido no peito
Por mosca alada salta e tomba tudo aquilo
Que encontra no cercado, assim ele se arroja
Para os montes em fuga. As montanhas e a mata
585 Se atemorizam pelo que, por dor tomado,
O Alcides faça, ou realize ira tamanha.
Qual leão ensangüentado, atingido por lança
Do covarde africano, é espantado a rugir
E sob os dentes rasga o ausente inimigo,
590 Assim, mostrando o rosto em fúrias, o Tiríntio,
Co'o arco teso, é levado e corre p'ra's montanhas.
Ai do homem inocente, ai das míseras feras
Que no caminho encontra. Em desordem dispara,
A tudo perseguindo, e já se lança aos rios,
Às corredeiras no rochedo e pelos bosques.
Pelos desvios ele clama: "Volta, Hilas";
"Volta, Hilas", responde a mata, e o eco porfia.

Mas firme aos sócios é o intento, e nos bons ventos

certa: morae nec parvus Hylas, quamquam omnibus
aeque

grata rudimenta, Herculeo sub nomine pendent.

illum omnes lacrimis maestisque reposcere votis

incertique metu nunc longas litore voces

spargere, nunc seris ostendere noctibus ignes.

ipse vel excelsi cum densa silentia montis

strata vel oblatis ductor videt aequora ventis

stat lacrimans magnoque viri cunctatur amore.

illius incessus habilemque ad terga pharetram,

illum inter proceres maestaeque silentia mensae

quaerit inops quondam ingenti compressa trahentem

vina manu et durae referentem monstra novercae.

Nec minus interea crudelis Iapyga Iuno

adsidue movet et primis cum solibus offert.

iamque morae impatiens cunctantes increpat ausus

Tiphys et oblato monet otia rumpere cursu.

ergo animum flexus dictis instantis Iason

concedit sociosque simul sic fatur ad omnes:

'o utinam, Scythicis struerem cum funera terris,

vox mihi mentitas tulerit Parnasia sortes,

agmine de tanto socium qui maximus armis

adforet, hunc Iovis imperiis fatoque teneri

ante procellosum scopulis errantibus aequor.

A confiança. Não por Hílas se detêm,

600 Posto sua grata juventude, mas por Hércules.

O chamam todos, entre lágrimas e rogos,

Atordoados de medo à praia as vozes lançam

E, em noite adiantada, as fogueiras levantam.

O capitão vê o mar por ventos alisado

605 E, no alto da montanha, o completo silêncio;

Transido de afeição imensa, chora o herói.

Saudoso, busca seu andar, a aljava às costas,

No silêncio da mesa o melhor dentre os nobres,

O que, outrora, portando o vinho em mão ingente,

610 Da impiedosa madrasta as maldades contava.

Porém no entanto, a cruel Juno chama os Iápigios

E, com o crepúsculo, os despacha. O ousado Tífis,

Co'o atraso impaciente, increpa os vacilantes

E exorta-os a romper no curso aberto o ócio.

615 Por fala instante alterado o ânimo, Jasão

Acede e logo aos sócios todos diz assim:

“ Quem dera, quando eu urdia às cítias terras mortas,

Parnásia voz mentidas sortes me trouxera:

De toda a tropa, o que maior em armas fosse,

620 Por ordem jóvea e Sina, este se reteria

Ante o mar proceloso e os rochedos moventes –

necdum fama viri nec certior exstitit auctor.
 verum agite et, dubiis variant quae pectora curis,
 consulite et, motis seu vos via flatibus urget,
 pergite et inceptos mecum revocate labores,
 seu pluris tolerare moras rursusque propinquis
 quaesivisse iugis, pretium haud leve temporis acti.¹

Dixerat. at studiis iamdudum freta iuventus
 orat inire vias: unum tanto afore coetu
 nec minus in sese generis dextrasque potentes
 esse ferunt. tali mentem pars maxima flatu
 erigit et vana gliscunt praecordia lingua:
 saltibus ut mediis tum demum laeta reducit
 cervam gregem, tum gestit aper reboatque superbis
 comminus ~ursa~ lupis, cum sese Martia tigris
 abstulit aut curvo tacitus leo condidit antro.

At pius ingenti Telamón iam fluctuat ira
 cum fremitu saevisque serens fera iurgia dictis
 insequitur magnoque implorat numina questu.
 idem orans prensatque viros demissaque supplex
 haeret ad ora ducis, nil se super Hercule fari,
 sed socio quocumque, gemens; quamquam aspera fama
 iam loca iamque feras per barbara litora gentes,
 non alium contra Alciden, non pectora tanta
 posse dari. rursus instimulat ducitque faventes

Nem mais se ergueu de herói a fama ou certo vate.

Mas, eia, embora os corações variem dúbios,
 Deliberai e, se co'o vento o rumo chama-vos,
 625 Apressai e tornai comigo à obra em curso;
 Mas tolerar o atraso, e de novo buscá-lo
 Nos montes próximos é preço leve ao tempo".

Há muito presos à ilusão, os jovens pedem
 Seguir caminho: dizem um só estar ausente
 630 À larga empresa; e neles raça e mãos potentes
 Não faltarem. Mor parte alça o ânimo co'orgulho
 E os corações, co'a língua vã, se ensoberbecem –
 Qual leda corsa que conduz ao bosque a cria
 Ou se alvoroça o javali e a ursa responde
 635 De perto aos lobos, quando o tigre belicoso
 Partiu ou o leão, mudo, ocultou-se na caverna.

Mas, pio, Telamón por ira imensa agita-se
 E, contestando com fragor em sevos ditos,
 Prossegue e implora, com lamento magno aos deuses.
 640 Repetindo, segura os homens e se achega
 Ao cabisbaixo capitão: não fala de Hércules
 Mas de um sócio qualquer, embora seja fama
 Que à região e às feras gentes pela praia,
 Contrário, um novo Alcides não poder ser dado,
 645 Nem tanta força. Por seu turno, anima e incita

magnanimus Calydone satus, potioribus ille
 deteriora fovens semperque inversa tueri
 durus et haud ullis umquam superabilis aequis
 rectorumve memor. 'non Hercules' inquit 'adempti,
 sed tuus in seros haec nostra silentia questus 650
 traxit honor, dum iura dares, dum tempora fandi.
 septimus hic celsis descendit montibus Auster
 iamque ratem Scythicis forsán statuisset in oris.
 nos patriae immemores, maneant ceu nulla revectoros
 gaudia, sed duro saevae sub rege Mycenae, 655
 ad medium cunctamur iter. si finibus ullis
 has tolerare moras et inania tempora possem,
 regna hodie et dulcem sceptris Calydone tenerem
 laetus opum pacisque meae tutusque manerem
 quis genitor materque locis. quid deside terra 660
 haeremus, vacuos cur lassant aequora visus?
 tu comitem Alciden ad Phasidis amplius arva
 adfore, tu socias ultra tibi rere pharetras?
 non ea fax odiis oblitave numine fesso
 Iuno sui. nova Tartareo fors semine monstra 665
 at<que> iterum Inachiis iam nuntius urget ab Argis.
 non datur haec magni proles Iovis, at tibi Pollux
 stirpe pares Castorque manent, at cetera divum
 progenies nec parva mihi fiducia gentis.

O Caledônio aos favoráveis, defendendo
 Com o melhor o pior, sempre mantendo o inverso,
 Duro e esquecido da sentença insuperável
 Dos retores. Diz: “Não o sumiço de Hércules,
 Porém tua honra, esta mudez, co’as queixas últimas,
 Nos trouxe, até dares o tempo e a vez da fala.
 Dos altos montes, aqui desce o Austro sétimo
 E já, talvez, chegasse a nau às praias cítias.
 Qual se alegria alguma houvesse aos que retornam,
 Porém micênio duro rei, da pátria imêmore
 A meio rumo nos detemos. Se eu pudesse
 Tolerar a demora e este tempo vazio,
 Teria hoje o dulçor do cetro e a Caledônia;
 Feliz por minha paz, seguro, ficaria
 Onde estão pai e mãe. Por que em ociosa terra
 Nos quedamos ou o mar vazio a vista cansa?
 Crês, além disso, que o Alcides, junto ao Fase,
 Há de estar, e o carcás te seja companheiro?
 Não esquece Juno a chama de ódios e de seu
 Poder cansado. Quiçá, novos monstros tártaros
 Ou o mensageiro da ináquia Argos o aflijam.
 Tal jóvea prole não te é dada, mas te ficam,
 Em raça iguais, Cástor e Pólux, e dos deuses
 Outros filhos – não pouca é minha fé na estirpe.

en egomet quocumque vocas sequar, agmina ferro 670 Para onde chames, seguirei e mandarei
 plura metam, tibi dicta manus, tibi quicquid in ipso Armadas tropas: minha força e o próprio sangue
 sanguine erit iamque hinc operum quae maxima posco. Teus serão – já reclamo o máximo dos feitos!
 scilicet in solis profugi stetit Herculis armis Que esteve nossa salvação nas armas de Hércules,
 nostra salus. nempe ora aequae mortalia cuncti Que foge, é fato. Eis, todos levam iguais faces
 ecce gerunt, ibant aequo nempe ordine remi. 675 Mortificadas, mas, no ritmo, ir-se-ão os remos.
 ille vel insano iamdudum turbidus aestu Há muito, ou pela fúria insano, ou muito altivo
 vel parta iam laude tumens consortia famae Por já alcançada a glória, o consórcio despreza
 despicit ac nostris ferri comes abnuit actis. E se recusa a ser amigo em nossos feitos.
 vos, quibus et virtus et spes in limine primo, Vós, que a virtude e a esperança iniciais,
 tendite, dum rerum patiens calor et rude membris 680 Enquanto há ardor de suportar e força aos membros,
 robur inest; nec enim solis dare funera Colchis Pelejai! Que não baste dar aos colcos mortes
 sit satis et tota pelagus lustrasse iuventa. E ter singrado o mar por toda a juventude.
 spes mihi quae tali potuit longissima casu Mais longa foi-me a espera que em tais circunstâncias
 esse fuit: quiscumque virum perquirere silvis Pode ser: o amor fez-me buscá-lo nas matas
 egit amor, loca vociferans non ulla reliqui. 685 Vociferando – não deixei lugar algum.
 nunc quoque, dum vario nutat sententia motu, Também agora, ao que me hesita a opinião,
 cernere devexis redeuntem montibus opto. Anseio vê-lo regressando do alto monte.
 sat lacrimis comitique datum, quem sortibus aevi Bastam as lágrimas a quem, crê, foi levado
 crede vel in mediae raptum tibi sanguine pugnae!" Pelos azares, ou por chaga em meio a lutas!"
 Talibus Oenides urget, simul incita dictis 690 Urge o Enida e logo à tropa a fala incita.
 heroum manus. ante omnes Argoa iubebat Antes de todos, ordenava Cálais a âncora
 vincla rapi Calais. furias miratur ovantum Içar-se. O Eácida as fúrias dos ovantes
 Aeacides multusque viri cunctantia corda Contempla e grande dor alcança o coração

fert dolor, an sese comitem tam tristibus actis		Do herói: ou deixe, com tão triste ação o amigo,
abneget et celsi maerens petat ardua montis.	695	Ou, lamentando, pelos picos altos busque-o.
non tamen et gemitus et inanes desinit iras		Não cessa ainda de verter ais e iras vãs:
fundere. 'quis terris pro Iuppiter' inquit 'Achaeis		“Por Jove”, diz, “Que dia é este à terra aquéia!
iste dies! saevi capient quae gaudia Colchi!		Quanta alegria os selvagens colcos ganham!
non hi tum flatus, non ista superbia dictis,		Esta arrogância e esta soberba co’as palavras
litore cum patrio iam vela petentibus Austris	700	Não tinha quando, na orla pátria, o Austro chamando,
cunctus ad Alciden versus favor: ipse iuaret,		Todo o favor era p’r’o Alcides: ele mesmo
ipse ducis curas meritosque subiret honores.		Comandaria e manteria o honor e o posto
iamne animis, iam[ne] gente pares? aequae inclita vulgi		De capitão. Já sois iguais em força ou raça?
dextera? nulla fides, nulli super Hercule fletus?		É igual ao vulgo a nobre mão? Nem pranto a Hércules
nunc Porthaonides, nunc dux mihi Thracia proles?	705	Há, ou lealdade? O comandante ora é um Partônide
aspera nunc pavidos contra ruit agna leones?		Ou um trácio? O anho ao leão medroso ataca?
hanc ego magnanimi spoliū Didymaonis hastam,		Por esta lança, de Didimo grande espólio,
quae neque iam frondes virides nec proferet umbras,		Que não trará nem verdes brotos nem mais sombras,
ut semel est evulsa iugis ac matre perempta		Dês que arrancada das montanhas, mas, da mãe
fida ministeria et duras obit horrida pugnas,	710	Tirada, fiéis ofícios cumpre e duras lutas,
testor et hoc omni, ductor, tibi numine firmo:		Juro e te afirmo, ó capitão, por estas forças:
saepe metu, saepe in tenui discrimine rerum		No medo, amiúde, em grave risco chamarás
Herculeas iam serus opes spretique vocabis		Já tarde a hercúlea ajuda e as armas desprezadas;
arma viri nec nos tumida haec tum dicta iuvabunt.'		E essa arrogante fala em nada ajudará”.
Talibus Aeacides socios terroribus urgens	715	Com tais terrores a inquietar os sócios, chora
inlacrimat multaue comas deformat harena.		E suja o Eácida co’areia a cabeleira.
fata trahunt raptusque virum certamine ductor		Os Fados levam e Jasão, do ardor dos homens

ibat et obtenta mulcebat lumina palla.
 hic vero ingenti repetuntur pectora luctu,
 ut socii sedere locis nullaeque leonis
 exuviae tantique vacant vestigia transtri.
 flet pius Aeacides, maerent Poeantia corda,
 ingemit et dulci frater cum Castore Pollux.
 omnis adhuc vocat Alciden fugiente carina,
 omnis Hylan, medio pereunt iam nomina ponto.
 Dat procul interea toto pater aequore signum
 Phorcys et immanes intorto murice phocas
 contrahit antra petens. simul et Massylus et una
 Lyctius et Calabris redit armentarius arvis.
 ilicet extremi nox litore Solis Hiberas
 condidit alta domos et sidera sustulit axis.
 flumina conticuere, iacet cum flatibus aequor.
 Amphitryoniades nec quae nova lustra requirat
 nec quo temptet iter comitis nec fata parenti
 quae referat videt aut socios qua mente revisat.
 urit amor solisque negat decedere silvis.
 non aliter gemitu quondam lea prolis ademptae
 terga dedit: sedet inde viis inclusaque longo
 pervigilant castella metu, dolor attrahit orbes
 interea et misero manat iuba sordida luctu.

Subtraído, os olhos aflagava com seu manto.
 Os corações, de vero luto, então se tomam,
 720 Ao se sentarem, sem do leão o pêlo, e vago
 Tamanho espaço do remeiro. O pio Eácida
 Chora; entristece o peâncio peito; se lamenta,
 Co' o doce Cástor o irmão Pólux. Indo a nau,
 O Alcides todos inda chamam, chamam Hilas
 725 E, em meio ao mar, já os nomes perdem-se. Ao longe,
 No entanto, Fórcis dá um sinal por toda a água
 E, indo p'ras grutas, com o torcido búzio chama
 Imensas focas. Logo o líctio, o massilo
 E o pastor calabrês retornam das searas.
 730 De pronto, nos confins do sol, a noite às terras
 Hiberas escondeu e o ergueu no céu os astros.
 Calou-se o vento e jaz o mar com mansas brisas.
 Não vê o Alcides novo espaço em que procure,
 Rumo em que busque, nem quê diga ao pai do amigo,
 735 Ou com qual ânimo procure os companheiros.
 Arde o amor e lhe impede afastar-se das selvas.
 Não de outro modo, outrora a leoa, sem sua prole,
 Voltou-se com um gemido e a tropa, em grande medo
 Presa, a vigia; a dor, no entanto, fecha os olhos
 E a imunda juba, em triste luto, se derrama.

CANTO IV

Atque ea non oculis divum pater amplius aequis
 sustinuit natiq̄ue pios miseratus amores
 Iunonem ardenti trepidam gravis increpat ira:
 'ut nova nunc tacito <se> pectore gaudia tollunt!
 haeret inops solisque furit Tirynthius oris,
 at comite immemores Mínyae facilesque relicto
 alta tenent. sic Iuno ducem fovet anxia curis
 Aesonium, sic arma viro sociosque ministrat.
 iam quibus incertam bellis Scythicaeque paventem
 gentis opes, quanta trepidam formidine cernam!
 tum precibus, tum me lacrimis et supplice dextra
 attemptare veto. rerum mihi firma potestas.
 i, Fúrias Veneremque move, dabit impia poenas
 virgo nec Aeetae gemitus patiemur inultos.'
 dixit et arcano redolentem nectare rorem,
 quem penes alta quies liquidique potentia somni,
 detulit inque vagi libavit tempora nati.
 ille graves oculos et Hylan resonantia semper
 ora ferens, ut nulla deum superare potestas,
 procumbit. tandem fessis pax reddita silvis
 fluminaque et vacuis auditae montibus aerae.
 ecce puer summa se tollere visus ab unda

Não o suportou o Pai dos deuses com bons olhos
 E, pelo pio amor do filho comovido,
 Com ira ardente increpa Juno temerosa:
 “Como alegrias ora se erguem em teu peito?
 5 Desatina o Tiríntio e, só, fica na praia;
 Esquecidos do amigo abandonado, os Míncias
 Ganham o mar. Ansiosa, Juno favoreces
 O capitão e lhe concedes arma e homens.
 Pela guerra atordoada e pela força cítia
 10 Apavorada, já te vejo, em medo, trêmula!
 Com preces, choro ou suplicante gesto vedo-te
 A mim rogar. Os meus desígnios são perenes.
 Fúrias e Vênus vá e chama. A ímpia virgem
 Trará castigos e os ais de Eetes vingarei.”
 15 Disse e mandou um orvalho, olente pelo néctar,
 Que traz descansos e o poder dos sonhos bons.
 As têmporas do filho errante, então, libou.
 Co’olhos pesados e chamando sempre Hílas –
 Pois deus algum tem o poder de o superar –
 20 Ele dormiu. A paz, enfim, tornou às selvas,
 Nos vazios montes, rio e ventos se ouviram.
 Eis o menino, visto a erguer-se na alta onda

frondibus in croceis et iniquae munera nymphae		Entre guirlandas de açafão – dons da cruel ninfa.
stansque super carum talis caput edere voces:		E, a se postar junto à cabeça, diz tais falas:
'quid, pater, in vanos absumis tempora questus?	25	“Por que consumes, pai, o tempo em vãos lamentos?”
hoc nemus, hoc fatis mihi iam domus, improba quo me		Por Fado, é minha casa o bosque em que a ninfa,
nympha rapit saevae monitu Iunonis, in amne.		Lasciva me raptou, a conselho de Juno.
nunc Iovis accessus et iam mihi limina caeli		Agora, a permissão de Jove me abre o céu
conciliat iungitque <toros> et fontis honores.		E me granjeia a honra das fontes e orações.
o dolor, o dulces quas gessimus ante pharetrae!	30	Ó dor! Ó doces armas que antes carregamos!
iam socii laetis rapuerunt vincula ventis,		Seus companheiros já agarram ledos ventos
hortator postquam furiis et voce nefanda		Depois que o Enide os impeliu, os exortando
impulit Oenides. verum cum gente domoque		Com grito e fúria – o pagará co’a casa e raça,
ista luet saevaeque aderunt tua numina matri.		E teus poderes à cruel mãe ajudarão.
surge age et in duris haud umquam defice, caelo	35	Ergue-te e nunca te esmoreças nas agruras:
mox aderis teque astra ferent: tu semper amoris		Ao céu os astros levar-te-ão. Lembra-te sempre
sis memor et cari comitis ne abscedat imago.’		Do Amor, e a imagem do amigo nunca afaste”.
talibus orantem dictis visuque fruentem		Busca tocar a quem falava e à sua vista
ille ultro petit et vacuis amplexibus instat		Se oferecia e, num vazio abraço, o estreita.
languentisque movet frustra conamina dextrae:	40	Estende, em vão esforço, a fraca mão: de sono
corpus hebet somno refugaque eluditur umbra.		O corpo é bambo e a fugidia sombra o ilude.
tum lacrimis, tum voce sequi, tum rumpere questus,		Com grito e pranto o segue, e os lamentos irrompe
cum sopor et vano spes maesta resolvitur actu.		Quando a esperança e o sono findam co’ato vão.
fluctus ab undisoni ceu forte crepidine saxi		Qual quando, por azar, no cais de pedra undíssonas
cum rapit halcyonis miserae fetumque laremque,	45	Uma onda arranca o ninho e a cria ao maçarico,
it super aegra parens queriturque tumentibus undis		Aflita, a mãe, as vagas segue e se lastima

certa sequi quocumque ferant audetque pavetque,
 icta fatiscit aquis donec domus haustaque fluctu est;
 illa dolens vocem dedit et se sustulit alis:

haud aliter somni maestus labor. exsilit amens 50
 effusisque genas lacrimis rigat. 'ibimus' inquit
 'solus et hos montes desertaque lustra tenebis,
 care puer, nec res ultra mirabere nostras?'

haec fatus relegitque vias et vallibus exit
 incertus quid Iuno ferat, quas apparet iras. 55
 nec minus et socios cernit procul aequore ferri
 praecipites tacitumque pudet potuisse relinqui.

Iamque iter ad Teucros atque hospita moenia Troiae
 flexerat Iliaci repetens promissa tyranni,
 cum maesto Latona simul Dianaque vultu 60
 ante Iovem stetit et supplex sic fatur Apollo:
 'in quem alium Alciden, in quae iam tempora differs
 Caucaseum, rex magne, senem? nullumne malorum
 finem adeo poenaeque dabis? te cuncta precatur
 gens hominum atque ipsi iam te, pater <optime>, montes
 fessaque cum silvis orant iuga. sat tibi furtum
 ignis et aetheriae defensa silentia mensae!
 dixit ubi, e scopulis media inter pabula diri
 vulturis ipse etiam gemitu maestaque fatigat
 voce Iovem saevis relevans ambusta pruinis 70

E, certa, vai p'ra onde a levem, e ousa e teme,
 Até que cansa e o ninho é imerso pelo fluxo –
 Ela, a sofrer, grita e se alteia com suas asas;
 Não de outro modo foi o sonho: insano, se ergue
 E banha as faces com suas lágrimas: “Vou”, diz,
 “E ficarás, menino, só nestas montanhas
 E ermas paragens? Nossos feitos não verás?”
 Retoma o rumo, o tendo dito, e deixa os vales
 Incerto do que Juno apreste ou que iras traga.
 Mas vê, ao longe, os companheiros apressados
 No mar e, mudo, se envergonha do abandono.

Já à hospitaleira Tróia e aos teucros retornava
 Buscando os dons pelo tirano prometidos
 Quando, tristes, Latona e Diana se postaram
 Perante Jove, e Apolo, súplice, assim disse:
 “A que outro Alcides, a qual tempo, grande rei,
 Guardas do Cáucaso o ancião? Não darás fim
 À pena e aos males? Pede-o toda a raça humana
 E mesmo os montes, pai, a mata e a serra exausta
 Insistem. Já do fogo o furto assaz puniste
 E os segredos da mesa etérea preservaste”.
 Do rochedo, em meio ao pasto do terrível
 Abutre, o velho, com gemido e triste voz,
 Erguendo os olhos pelo frio cruel queimados,

lumina, congeminant amnes rupesque fragorem
 Caucaseae, stupet ipse dei clamoribus ales.
 tunc etiam super<as> Acheronte auditus ad arces
 Iapetus, gravis orantem procul arcet Erinys
 respiciens celsi legem Iovis. ille dearum
 fletibus et magno Phoebi commotus honore
 velocem roseis demittit nubibus Irin.

'i, Phrygas Alcides et Troiae differat arma.

nunc' ait 'eripiat dirae Titana volucris.'

diva volat defertque viro celeranda parentis
 imperia atque alacrem laetis hortatibus implet.

Iam Minyae mediis clarae per sidera noctis
 fluctibus intulerant placido cava lintea cursu
 multaque deserto memores super Hercule volvunt.
 Thracius at summa sociis e puppe sacerdos
 fata deum et miserae solans incommoda vitae
 securum numeris agit et medicabile carmen.
 quod simul adsumpta pulsum fide, luctus et irae
 et labor et dulces cedunt e pectore nati.

Interea magni iamiam subeuntibus astris
 Oceani genitale caput Titania frenis
 antra sonant, Sol auricomis urgentibus horis
 multifidum iubar et biseno sidere textam
 loriam induitur; ligat hanc qui nubila contra

Implora a Jove. O fragor dobram os caucásios
 Rios e picos; co' o clamor, a ave espanta-se.
 Do Aqueronte também, na suma arcada, Jápeto
 É ouvido, e então, se aparta a Erínia do implorante
 Cumprindo a lei de Jove que, em honor a Febo
 E comovido pelos rogos dos divinos,
 A veloz Íris enviou com róseas nuvens:
 “Vai, e que as lutas contra Tróia adie o Alcides
 E que do abutre”, diz, “agora o titã livre”.

80 Voa a deusa e ao herói a urgente ordem do pai
 Transmite e o alegre com feliz exortação.

Já em meio o mar os Míniais guiam pelos astros
 Da noite clara, em manso curso, as cavas velas
 E os feitos de Hércules, que deixam, tanto lembram.

85 Porém, o vate trácio, aos sócios, da alta popa
 Fados divinos aliviando, e o dó da vida,
 Medicinal, eleva um canto, na cadência.
 Tão logo a lira é em punho, dor, ira e fadiga
 No peito cedem, e dos filhos as saudades.

90 Aquando os astros já poentes no limite
 Gerador do Oceano, a gruta do titã
 Co' os freios soa. O Sol, trazido pelas louras
 Horas, se cinge de fulgor e co' a couraça
 Por doze astros ornada, a que o talim se prende

balteus undantem variat mortalibus arcum.
 inde super terras et eoi cornua montis
 emicuit traxitque diem candentibus undis
 et Minyas viso liquerunt flamina Phoebos.
 Proxima Bebrycii panduntur litora regni,
 pingue solum et duris regio non invida tauris. 100
 rex Amycus. regis fati et numine freti
 non muris cinxere domos, non foedera legum
 ulla colunt placidas aut iura tenentia mentes.
 quales Aetnaeis rabidi Cyclopes in antris
 nocte sub hiberna servant freta, sicubi saevis 105
 advectet ratis acta notis tibi pabula dira
 et miseras, Polypheme, dapes, sic undique in omnes
 prospiciunt cursantque vias, qui corpora regi
 capta trahant. ea Neptuno trux ipse parenti
 sacrifici pro rupe iugi media aequora supra 110
 torquet agens. sin forma viris praestantior adsit,
 tum legere arma iubet sumptisque occurrere contra
 caestibus: haec miseri sors est aequissima leti.
 huc ubi devectam Neptunus gurgite puppem
 sensit et extremum nati prospexit in oras 115
 et quondam laetos domini certamine campos,
 ingemit ac tales evolvit pectore questus:
 'infelix imas quondam mihi rapta sub undas

95 E, contra os nimbos, pinta o arco p'r'os mortais.
 Sobre as terras, então, e nos picos do oriente
 Brillhou e o dia co'alvas nuvens impeliu;
 Mas visto Febo, os ventos deixam os Argonautas.
 Próximo se desvela o litoral bebrício,
 Gordo solo, região propícia a fortes touros.
 Âmico é o rei; no seu nume e sorte os confiados
 Nunca muraram casa ou pacto algum respeitam,
 Nem cultivam as leis que governam as mentes.
 Qual, nas covas do Etna, os ciclopes irados
 Procuram mar adentro, em noite tormentosa,
 A nau guiada a vento, e os sinistros repastos –
 Tua seva refeição, Polifemo! – assim, juntos,
 Buscam por toda parte os corpos apesados
 Que conduzam ao rei. Sobre u'a rocha no mar,
 O próprio fero os lança, em honra ao pai Netuno.
 Apareça, porém, herói mais corajoso,
 Lhe ordena pegar arma e enfrentá-lo co'os cestos:
 Tal é a sorte mais digna à morte de um coitado.
 Netuno, ao perceber a nau no mar levada,
 Por derradeira vez, fitou do filho as praias
 E o campo, antes feliz co'as lutas de seu rei.
 Gemeu e expediu do peito tais queixumes:
 "Mélia, infeliz, por mim raptada de entre as ondas,

nec potius magno Melie tum mixta Tonanti!
 usque adeone meam quacumque ab origine prolem
 tristia fata manent? sic te olim pergere sensi,
 Iuppiter, iniustae quando mihi virginis armis
 concidit infelix et nunc chaos implet Orion.

nec tibi nunc virtus aut det fiducia nostri,
 nate, animos opibusque ultra ne crede paternis. 125

iam iam aliae vires maioraque sanguine nostro
 vincunt fata Iovis, potior cui cura suorum est.
 atque ideo nec ego hanc tumidis avertere ventis

temptavi tenui ve ratem nec iam mora morti
 hinc erit ulla tuae. reges preme, dure, secundos! 130

abstulit inde oculos natumque et tristia linquens
 proelia sanguineo terras pater adluit aestu.

Principio fluvios gentemque et litora ductor
 explorare iubet paulumque egressus Echion

invenit obscura gemitus in valle trahentem 135
 clam iuvenem et caesi maerentem nomen amici.

ille virum ut contra venientem umbrataque vidit
 tempora Parrhasio patris de more galero

paciferaeque manu nequiquam insignia virgae,
 'heu fuge' ait 'certo quicumque es, perditte, passu 140

dum datur!' obstipuit visu Nonacria proles
 quid ferat admirans. postquam remeare monentem

Que pelo mor Tonante enleada antes fosses!

Até quando a Fortuna à minha prole inteira
 Infausta permanece? Assim compreendi, Jove,
 Fazeres dês que por injusta arma da Virgem,
 Triste, Órion pereceu, e ora no Caos habita.

Virtude ou confiança em mim não dêem-te agora,
 Filho, ânimo, nem mais esperes pátrio auxílio.

Já outras forças há, maiores que meu sangue:
 Vence o Fado de Jove, aos seus mais cuidadoso.

Por isso, com tufões, não quis desviar a nave
 Nem detê-la; afinal, não haverá tardança

P'ra tua morte. Ó Cruel, os reis mais fracos mata!"
 Retira o pai o olhar; o filho à luta deixa

E com sanguíneo esto inunda a terra inteira.

De pronto, o capitão ordena se explorarem
 Rios, praias e gente. Equião, saindo apenas,

Achou no escuro vale, às ocultas gemendo,
 Um jovem a chamar do amigo morto o nome.

Ao ver chegar o herói, co'as têmperas cobertas
 Por barrete parrásio à maneira do pai,

Levando o signo, em vão, da pacífera Virgem:

“Quem quer que sejas”, diz, “foge agora, ó perdido,
 Enquanto é dada via”. O nonácrico se espanta

Com aquilo que ouve e vê. Compreendendo o aviso

ocius et dictis perstantem cernit in isdem,
 abripit et sociis quae sint ea promere cogit.
 ille manum tendens 'non haec' ait 'hospita vobis 145
 terra, viri, non hic ullos reverentia ritus
 pectora: mors habitat saevaeque hoc litore pugnae.
 iam veniet diros Amycus qui tollere caestus
 imperet et vasto qui vertice nubila pulset.
 talis in advectos Neptuni credita proles 150
 aeternum furit atque aquae virtutis egentes
 ceu superum segnes ad iniqua altaria tauros
 constituit, tandem ut misero lavet arma cerebro.
 consulite atque fugae medium ne temnite tempus.
 namque isti frustra quisquam concurrere monstro
 audeat et quaenam talem vidisse voluptas?'
 ductor ad haec: 'Bebryxne venis diversaque regi
 corda gerens--melior vulgi nam saepe voluntas--
 hostis an externis fato delatus ab oris?
 et tua cur Amycus caestu nondum obruit ora?' 160
 'nomen' ait 'praedulce mihi ~nomen~que secutus
 Otreos unanimi. decus ille et laeta suorum
 gloria nec vestros comes aspernandus in actus
 Hesionam et Phrygiae peteret cum gaudia nuptae,
 hic Amycum contra iussus stetit atque ego palmas165
 implicui. sed prima procul vixdum ora levantis

De regresso veloz na fala repetida,
 O arrasta e o faz contar tal coisa aos companheiros.
 Aquele, a mão tomando: “Esta terra” lhes diz,
 “Não vos é amiga. Aqui, reverência alguma há
 Nos corações. A praia habitam morte e lutas.
 Âmico já virá, exigirá os cestos
 E as nuvens socará no vasto firmamento.
 O filho de Netuno enfurece-se contra
 Os que chegam à terra e oferta os desvalidos,
 Qual indolente touro, em cruel altar dos deuses,
 De forma que mergulhe os cestos dentro ao cérebro.
 Deliberai, mas não gasteis tempo de fuga.
 Enfim, quem há que, em vão, se atreva a combater
 Tal monstro? Qual prazer existe em tê-lo visto?”
 A este, o capitão: “És bebrício, mas de ânimo
 Contrário ao rei? Melhor sempre é o favor do vulgo!
 Ou estrangeiro és, trazido pelo Fado?
 E por que Âmico ainda a ti não destruiu?”
 “Segui o nome”, diz, “o nome a mim mais doce,
 O do unânime Otreu, honra e festiva glória
 Dos seus, valioso amigo em vossas aventuras.
 Ledo nubente, indo em busca de Hesíone,
 Âmico o fez lutar; aqui estive e os cestos
 Calcei-lhe. Mas de longe, à face levantada,

fulminea frontem dextra disiectaque fudit
 lumina. me numquam leto dignatus et armis,
 sed lacrimis potius luctuque absumor inerti.
 spes tamen, his fando si nuntius extitit oris 170
 et Mariandynum patrias penetravit ad urbes,
 unde genus fraterque viro--sed et ille quierit
 oro nec vanis cladem Lycus augeat armis.'

Haec ubi non ulla iuvenes formidine moti
 accipiunt dolor et dura sic pergere mente, 175
 terga sequi properosque iubet coniungere gressus.
 litore in extremo spelunca apparuit ingens
 arboribus super et dorso contacta minanti,
 non quae dona deum, non quae trahat aetheris ignem,
 infelix domus et sonitu tremebunda profundi. 180
 at varii pro rupe metus: hinc trunca rotatis
 bracchia rapta viris strictoque immortalia caestu
 ossaque taetra situ <et> capitum maestissimus ordo
 per piceas, quibus adverso sub vulnere nulla
 iam facies nec nomen erat; media ipsius arma 185
 sacra metu[que] magnique aris imposta parentis.
 hospitis hic primum monitus rediere Dymmantis
 et pavor et monstri subiit absentis imago
 atque oculos cuncti inter se tenuere silentes,
 donec sidereo Pollux interritus ore 190

A destra fulminante acertou rosto e olhos.
 Nunca da morte digno, e nem das lutas, fui,
 Antes sou consumido em luto inerte e lágrimas.
 Chance apenas, se o nuncio estas terras deixou
 Alcançando a cidade, a pátria mariandina,
 E Lico, o irmão de Otreu. Mas torço que não possa
 E nem ouse a derrota em combates inúteis!"

Quando, por valentia açulados, os jovens
 O ouvem, ele já vê o ânimo endurecer-lhes.
 Que o sigam lhes suplica, e apressa-lhes o passo.
 No fim da praia, imensa, vê-se uma caverna
 Por árvores coberta, a crista tendo à mostra;
 Nem atraí fogo etéreo e nem os dons dos deuses;
 Desgraçado lugar, fremente com estrondos.
 Pavores há na rocha: arrancados do tronco,
 Aqui, braços viris e, mortos pelos cestos,
 Ossos podres; u'a fila horrível de cabeças
 Nas estacas e nome algum àquelas faces,
 Sob as chagas, restava. Ao meio, suas armas
 Temidas, ao altar do grande pai votadas.
 Recordaram primeiro o aviso de Dimante.
 Medo e imaginação do monstro sobrevêm,
 E todos, entre si, o mudos olhos correm
 Até que Pólux, bravo, esplendente seu rosto,

'te tamen hac, quicumque es,' ait 'formidine faxo
iam tua silva ferat, modo sint tibi sanguis et artus!"
omnibus idem animus forti decernere pugna
exoptantque virum contraque occurrere poscunt.
qualiter ignotis spumantem funditus amnem 195
Taurus aquis qui primus init, spernitque tumentem,
pandit iter, mox omne pecus formidine pulsa
pone subit iamque et mediis procedit ab undis.

At procul e silvis sese gregibusque ferebat
saevus in antra gigas, quem nec sua turba tuendo 200
it taciti secura metus. mortalia nusquam
signa manent; instar scopuli, qui montibus altis
summus abit longequae iugo stat solus ab omni.
devolat inde furens nec quo via curve profecti
nec genus ante rogat, sed tali protonat ira: 205
'incipite, o iuvenes! etenim fiducia, credo,
huc tulit auditas et sponte lacessitis oras.
sin errore viae necdum mens gnara locorum,
Neptuni domus atque egomet Neptunia proles. 213
hic mihi lex caestus adversaque tollere contra 209
bracchia, sic ingens Asiae plaga quique per Arcton
dexter et in laevum pontus iacet haec mea visit
hospitia, hoc cuncti remeant certamine reges.
iam pridem caestus resides et frigida raris 214

Diz: “Embora o terror, farei, quem quer que sejas,
Que tua mata te traga, acaso tenhas força
De ver luta feroz é a vontade de todos.
Chamam pelo gigante e pedem o confronto -
Tal qual touro que, ao fundo, em rio caudaloso
De desconhecida água a corrente despreza
E mostra o curso, logo a grei toda, sem medo,
Já atrás o acompanha e se adianta nas ondas.

E das matas, ao longe, o gigante trazia
O rebanho à caverna. O seu bando, ao olhá-lo,
Se emudece em pavor. Nenhum sinal de vida
Resta. Tal qual é uma rocha que se alteia
No alto da serra e, só, permanece isolada.
Em fúria, então, se abaixa e antes não inquire
Raça, curso ou razão, mas brada com tal ira:
“Começai, jovens, pois, eu creio que a ousadia
Trouxe-vos, livremente, às praias desafiardes.
Mas, se em falha de rota, onde estais não sabeis,
Esta é a casa netúnia e eu mesmo sou seu filho.
Aqui a lei é minha – o pugilato e os cestos.
Por isso, a imensa Ásia e o que, à destra e à sinistra,
Ao norte banha o mar, contemplam meus domínios.
Daqui só voltam reis, depois deste combate.
Ocioso, há muito, é o cesto, e fria, a seca terra –

dentibus aret humus. quis mecum foedera iunget?
 prima manu cui dona fero? mox omnibus idem
 ibit honos. fuga sub terras, fuga nulla per auras.
 nec lacrimae--ne ferte preces--superive vocati
 pectora nostra movent: aliis rex Iuppiter oris.
 faxo Bebrycium nequeat transcendere puppis 220
 ulla fretum et ponto volitet Symplegas inani.'

Talia dicta dabat, cum protinus asper Iason
 et simul Aeacidae simul et Calydonis alumni
 Nelidesque Idasque prior quae maxima surgunt
 nomina, sed nudo steterat iam pectore Pollux. 225
 tum pavor et gelidus defixit Castora sanguis,
 nam nec ad Elei pugnam videt ora parentis
 nec sonat Oebalius caveae favor aut iuga nota
 Taygeti, lavitur patrios ubi victor ad amnes,
 nec pretium sonipes aut sacrae taurus harenae, 230
 praemia sed manes reclusaque ianua leti.
 illum Amycus nec fronte trucem nec mole tremendum,
 vixdum etiam primae spargentem signa iuventae,
 ore renidenti lustrans obit et fremit ausum
 sanguineosque rotat furiis ardentibus orbes. 235
 non aliter iam regna poli, iam capta Typhoeus
 astra ferens Bacchum ante acies primamque deorum
 Pallada et oppositos doluit sibi virginis angues.

Sem arrancados dentes. Quem apostará?
 A quem, primeiro, eu trago o dom? Terá em breve
 O mesmo honor dos outros. Não adiantam preces
 Sem fuga em terra ou ar, nem súplicas nem prantos
 Movem-me o coração: só alhures Jove é rei!
 Farei que nau alguma o mar bebrício vença
 E que, no inane ponto, choquem-se as Simplégades”.

Dizia coisas tais quando Jasão, ligeiro,
 Os Eácidas logo, a prole caledônia
 Mais Idas e o Nelida, os altos nomes gritam,
 Porém, co’o peito nu, já Pólux se levanta.
 Pavor; e o gelo, então, em Cástor parou o sangue
 Pois, na luta, não vê do pai a face eleide,
 Não soa o ebálio aplauso ou o cume do Taigeto,
 Qual quando, vencedor, se lava em rios pátrios.
 Não são prêmios da arena o touro ou o corcel,
 Mas os Manes e a porta aberta para a morte.
 Ânico, então, o encara, as faces perlustrando:
 Nem fronte carrancuda ou porte truculento,
 Apenas os sinais da tenra juventude.
 Tremendo, os olhos torce, em fúrias implacáveis.
 Qual Tifeu ostentando as estrelas cativas,
 Do céu o mando, Baco e Palas sob o gume,
 Da Virgem padeceu as serpes oponentes,

sic adeo insequitur rabidoque ita murmure terret:

'quisquis es, infelix celeras puer, haud tibi pulchrae 240

manserit hoc ultra frontis decus orave matri

nota feres. tune a sociis electus iniquis?

tune Amyci moriere manu?' nec plura moratus

ingentes umeros spatiosaque pectoris ossa

protulit horrendosque toris informibus artus. 245

deficiunt visu Minyae, miratur et ipse

Tyndarides. reedit Alcidae iam sera cupido

et vacuo maestos lustrarunt lumine montes.

at satus aequoreo fatur tunc talia rege:

'aspice et haec crudis durata volumina tauris 250

nec peto sortis opem, sed quos potes indue caestus.'

Dixit et urgentis post saeva piacula fati

nescius extremum hoc armis innectere palmas

dat famulis, dat et inde Lacon. odia aspera surgunt

ignotis prius atque incensa mente feruntur 255

in medium sanguis Iovis et Neptunia proles.

hinc illinc dubiis intenta silentia votis

et pater orantis caesorum Tartarus umbras

nube cava tandem ad meritae spectacula pugnae

emittit. summi nigrescunt culmina montis. 260

Continuo Bebryx, Maleae velut arce fragosa

turbo rapax, vix ora virum, vix tollere passus

Assim ele acomete e aterra com grunhido:

“Apressa-te, infeliz, que não te restará

De um belo rosto a honra; e o íntimo semblante

A mãe não mais verá. És o eleito entre os sócios?

És tu quem vais morrer pelos punhos de Âmico?”

Sem mais, exhibe o largo peito, ingentes ombros

E os horrorosos braços, com disformes músculos.

Até Pólux se assusta, e os Míncias se quebrantam.

Do Alcides lembram tarde e, c'olhos de esperança,

O procuram em vão pelos montes tristonhos.

Do rei equóreo o filho assim falou, então:

“Vê do touro cruel estas duras correias.

Não implores a sorte e calça agora os cestos.”

Disse, insciente do Fado a urgir o sacrifício

E, pela última vez, dá as mãos p'ra se armarem.

Igual faz o lacônio. Entre os antes estranhos,

Áspero ódio se ergue e, p'r'o meio da arena,

Vão o sangue de Jove e a prole de Netuno.

Aqui e ali, silêncio entesado por preces.

Tártaro, finalmente, em cava nuvem manda

À espetacular luta as sombras suplicantes

Dos mortos. A cimeira enegrece nos montes.

De contínuo, o bebrício, igual málio tufão,

Faz o rapaz erguer os punhos e a cabeça,

brachia torrenti praeceps agit undique nimbo
 cursibus involvens totaque immanis harena
 insequitur. vigil ille metu cum pectore et armis 265
 huc alternus et huc, semper cervice reducta
 semper et in digitis et summi pulvere campi,
 proiectusque redit. spumanti qualis in alto
 Pliade capta ratis, trepidi quam sola magistri
 cura tenet, rapidum ventis certantibus aequor 270
 intemerata secat, Pollux sic providus ictus
 servat et Oebalia dubium caput eripit arte.
 ut deinde urgentes effudit nubibus iras
 ardoremque viri, paulatim insurgere fesso
 integer et summos manibus deducere caestus. 275
 ille dies aegros Amyci sudoribus artus
 primus et arenti cunctantem vidit hiatu
 nec sua defessum noscunt loca nec sua regem
 agmina. respirant ambo paulumque reponunt
 brachia, ceu Lapithas aut Paeonas aequore in ipso 280
 cum refovet fixaque silet Gradivus in hasta.
 vix steterant et iam ecce ruunt inflictaque late
 terga sonant. nova vis iterum, nova corpora surgunt.
 hunc pudor, hunc noto iam spes audentior hoste
 instimulat. fumant crebro praecordia pulsu, 285
 avia responsant gemitu iuga. pervigil ut cum

Temerário, a altear nuvem da correria
 Que, inumana, percorre e envolve a arena inteira.
 Pólux, com medo e alerta, alternos peito e cestos,
 Aqui e ali, cerviz mantida sempre em guarda,
 Sobre a ponta dos pés, na poeira do chão,
 Atrevido, revida. Igual nave apanhada
 Por borrasca no mar, que a atenção do piloto
 É tão só o que tem, ilesa singra as águas
 Revoltas pelo vento, assim Pólux, esperto,
 Segue os golpes e ginga a testa, em arte ebália.
 Quando, então, dissipou as iras do gigante
 E seu ardor lançou nas nuvens, pouco a pouco,
 Ainda forte, fez cair do punho os cestos.
 Foi o primeiro dia a ver os membros de Âmico
 Exaustos em suor, boca seca e ele lento.
 Nem sua pátria ou povo já conhece o rei.
 Arfam os dois e, um tanto, os braços revigoram,
 Como quando o Gradivo anima, em seu campo
 O lápita e o peônio, apoiado na lança.
 Eis que atacam tão logo aprumados; os flancos
 Ressoam. Força nova e mais vigor ressurgem.
 A um o pudor impele, a outro, a esperança
 Cada vez mais audaz. Fumeia o peito aos golpes
 E a serra ecoa em ais, igual quando Vulcano

artificum notat ipse manus et fulmina Cyclops
 prosubigit, pulsus strepitant incudibus urbes.
 emicat hic dextramque parat dextramque minatur
 Tyndarides, redit huc oculis et pondere Bebryx 290
 sic ratus, ille autem celeri rapit ora sinistra:
 conclamant socii et subitas dant gaudia voces.
 illum insperata turbatum fraude furentemque
 Oebalides prima refugit dum detonet ira,
 territus ipse etiam atque ingentis conscius ausi. 295
 saevit inops Amycus nullo discrimine sese
 praecipitans avidusque viri (respectat ovantes
 quippe procul Mínyas), tunc caestu elatus utroque
 inruit. hos inter Pollux subit et trucis ultro
 advolat ora viri nec spes effecta, sed ambae 300
 in pectus cecidere manus. hoc saevior ille
 ecce iterum vacuas agit inconsulta per auras
 brachia. sentit enim Pollux rationis egentem,
 dat genibus iunctis latus effusumque secutus
 haud revocare gradum patitur turbatque premitque 305
 ancipitem crebros et liber congerit ictus
 desuper averso. sonat omni vulnere vertex
 inclinans ceditque malis. iam tempora manant
 sanguinaeque latent aures, vitalia donec
 vincula, qua primo cervix committitur artu, 310

O grupo de artesãos vigia, e o ciclope
 Forja o raio, estrondeando a vila co'as pancadas.
 Pólux levanta a destra e com ela ameaça;
 Preparado o bebrício, os olhos nela prende.
 O outro, porém, lhe acerta a face com a esquerda.
 Prorrompem co'alegria, aos brados os comparsas.
 Do furioso, aturdido em murro sorrateiro,
 O ebálide se afasta, enquanto a ira aplaca-se,
 Assustado ele mesmo, e ciente da audácia.
 Ânico se transtorna e, enlouquecido e ávido,
 Confrontando o herói porquanto vê ao longe
 Os Mínyas triunfando, os cestos ergue e ataca.
 Pólux entre estes passa e se atira contrário
 À carranca feroz, mas balda-se a esperança:
 Ambas mãos caem no peito. O outro, furibundo,
 Eis que agita de novo os braços no ar vazio.
 Pólux o vendo perder siso, os joelhos junta,
 O flanco põe à mostra e acompanha-lhe a queda;
 Não lhe permite andar, o empurra e o segura
 E, livre, espanca o tonto, a golpes repetidos
 De cima a baixo. Zune a testa despencada
 E, pelas dores, tomba. Escorre suor nas têmporas
 Da orelha mana sangue, e a mão direita rompe
 O elo vital que une a vértebra à cerviz.

solvit dextra gravis. labentem propulit heros
 ac super insistens 'Pollux ego missus Amyclis
 et Iove natus.' ait 'nomen mirantibus umbris
 hoc referes. sic et memori noscere sepulchro.'
 Bebrycas extemplo spargit fuga, nullus adempti 315
 regis amor: montem celeres silvamque capessunt.
 haec sors, haec Amycum tandem manus arcuit ausis
 effera servantem Ponti loca vimque iuventae
 continuam et magni sperantem tempora patris.
 tenditur ille ingens hominum pavor arvaque late 320
 occupat, annosi veluti si decidat olim
 pars Erycis vel totus Athos. qua mole iacentis
 ipse etiam expleri victor nequit oraque longo
 comminus obtutu mirans tenet. at manus omnis
 heroum densis certatim amplexibus urgent 325
 armaque ferre iuvat fessasque attollere palmas.
 'salve, vera Iovis, vera o Iovis' undique 'proles'
 ingeminant 'o magnanimis memoranda palaestris
 Taygeta et primi felix labor ille magistri!
 dumque ea dicta ferunt, tennes tamen ire cruores 330
 siderea de fronte vident nec sanguine Pollux
 territus averso siccabat vulnera caestu.
 illius excelsum ramis caput armaque Castor
 implicat et viridi conectit tempora lauro

Derrubando o oscilante, o herói sobre ele pisa:
 “Eu vim de Amiclas, Pólux sou, filho de Jove”,
 Fala, “Dirás meu nome às sombras admiradas
 E assim serás famoso em tumba memorável!”
 Sem amor pelo morto, os bebrícios se espalham
 Rumo aos bosques e ao monte, apressados escapam.
 Tal é o destino – o povo enfim se afasta de Âmico
 Que resguardava o mar bravio ansiando ter
 Contínua jovem força e os séculos do pai.
 Dos homens grão pavor, estendido ele ocupa
 Larga veiga, tal qual se uma parte do Érice
 Ou o Atos todo caísse um dia. O vencedor
 De o ver não cansa; ao morto, perto, contemplando,
 Tem fixo o longo olhar. Co’ abraços apertados
 Todo o grupo de heróis o saúda à porfia
 E das cansadas mãos tirar o cesto ajudam.
 “Salve, prole de Jove” em toda parte aclamam,
 “Ó celebérrimo Taígeto dos ringues,
 Feliz proeza é esta, a do primeiro mestre!”
 Bem dizem coisas tais, fios de sangue percebem
 Escorrerem na frente excelente, mas Pólux,
 Intrépido, secava a ferida co’o cesto.
 Cástor, com ramos lhe cingiu armas e testa,
 E co’um verde laurel coroou suas as têmporas.

respiciensque ratem 'patriis' ait 'has precor oris, 335
 diva, refer frondes cumque hac freta curre corona.'
 dixerat. hinc valida caedunt armenta bipenni
 perfusique sacro placati gurgitis amne
 graminea sternuntur humo, tunc liba dapesque
 frondibus accumulans; exsortia terga Laconi 340
 praecipiant pecudum. toto mox tempore mensae
 laetus ovat nunc laude virum, nunc vatis honoro
 carmine, victori geminans cratera parenti.

Iamque dies auraeque vocant rursusque capessunt
 aequora, qua rigidos eructat Bosphoros amnes. 345
 illos, Nile, tuis nondum dea gentibus Io
 transierat fluctus, unde haec data nomina ponto.
 tum pius Oeagri claro de sanguine vates
 admonita genetrice refert casusque locorum
 Inachidosque vias pelagusque emensa iuvencae 350
 exilia intentisque canit. 'videre priores
 saepe Iovem <in> terras Argivaque regna Pelasgum
 virginis Iasiae blandos descendere ad ignes.
 sentit Iuno dolos curaque accensa iugali
 aethere desiluit (dominam Lyrceia tellus 355
 antraque deprensae tremuerunt conscia culpae),
 cum trepida Inachiae paelex subit ora iuvencae
 sponte dei; plausu fovet hanc et pectora mulcet

Mirando as naves, diz: “Rogo-te, deusa, à pátria
 Estas ramas conduz e singra co’elas os mares”.
 Então, com duplo gume, imolam grandes reses
 E, banhados na água aplacada do mar,
 Estendem-se na relva e dispõem na folhagem
 O banquete e a oferenda, e ao lacônio concedem
 O melhor do festim. Ao tempo do repasto
 Ele se rejubila ao louvor dos heróis,
 Brindando ao sumo pai, à canção dos poetas.

Já a brisa e o dia chamam, e outra vez adentram
 No mar em que gelados rios lança o Bósforo.
 Tais águas, Nilo, não passara ainda Io –
 Dos teus a deusa, por quem deu-se nome ao ponto.
 O pio vate, então, do nobre Eagro o filho,
 Co’ a inspiração materna, a história dos lugares
 Canta, e da ináquia vaca o exílio, que caminhos
 E mares percorreu: “Os velhos viam Jove
 No reino argivo, amiúde, às terras dos pelasgos,
 Descer em busca à suave chama da iásea.
 Sentindo Juno o dolo, acesos os ciúmes,
 Do céu lançou-se; a terra e as grutas do Lirceu,
 Conscientes de sua culpa, assustadas tremeram,
 Ao que a pávida amante em ináquia rês tornou-se,
 Por desígnio divino. A chama Juno e afaga-lhe

Iuno renidenti cohibens suspiria vultu.
 mox ita adorta Iovem: "da quam modo ditibus Argis
 campus alit primae referentem cornua Phoebes
 indomitamque bovem, da carae munera nuptae.
 ipsa ego dilectae pecudi iam pascua digna
 praecipuosque legam fontes." qua fraude negaret
 aut quos inventos tenuisset Iuppiter astus? 365
 muneris illa potens custodem protinus Argum
 adiungit. custos Argus placet, inscia somni
 lumina non aliter toto cui vertice quam si
 Lyda nurus sparso telas maculaverit ostro.
 Argus et in scopulos et monstris horrida lustra 370
 ignotas iubet ire vias heu multa morantem
 conantemque preces inclusaque pectore verba.
 ultima tum patriae cedens dedit oscula ripae;
 flevit Amymone, flerunt Messeides undae,
 flevit et effusis revocans Hyperia lacertis. 375
 illa, ubi vel fessi tremarent erroribus artus
 vel rueret summo iam frigidus aethere vesper,
 heu quotiens saxo posuit latus aut, ubi longa
 aegra siti, quos ore lacus, quae pabula carpsit,
 verbere candentes quotiens exhorruit arnos! 380
 quin et ab excelso meditantem vertice saltus
 audentemque mori valles citus egit in imas

O peito enquanto oculta a ira em rosto alegre.
 A Jove pede assim: "Dá-me a vaca que, há pouco,
 Com a argiva abastança, o campo alimentava.
 Dá-me aquela que tem os chifres qual da Fêbea.
 Eu mesma buscarei para a arisca novilha
 Um digno pasto e a melhor fonte". Com que fraudes
 Ou com que ardis lhe poderia negar Jove?
 Feliz com o com, logo, a confia ao vigilante
 Argos, que aceita o múnus, tendo os muitosolhos
 Que não conhecem sono espriados na testa
 Qual pingos púrpuras que a Lídia salpicara.
 Argos a obriga a ir nas rochas, pelas trilhas
 Horríveis de animais, enquanto ela, a tardar-se,
 No peito a fala inclusa, as preces conduzia.
 Por último, ao partir, beijou as pátrias margens;
 O Amímone chorou, e as ondas do Messeide;
 De volta aos braços seus, chamou por ela a Hipéria.
 Co'as patas a tremer, exaustas pela andança,
 Quando, no sumo do céu, já Vésper declinara,
 Ah, quantas vezes quis nu'a rocha recostar-se,
 Ou, co'a boca sedenta, água e pastos buscou,
 Tantas outras tremeu o lombo sob o açoite.
 Mas como ela ensaiasse, ousando mesmo a morte,
 Das pedras atirar-se, Argos, presto, a levou

Argus et arbitrio durus servavit erili,
 cum subito Arcadio sonuit cava fistula ritu
 imperiumque patris celerans Cyllenius ales 385
 advenit et leni modulatur carmen avena
 "quo" que ait "hinc diversus abis? heus respice cantus!"
 haud procul insectans Argum languentia <cantu>
 lumina cuncta notat dulcesque sequentia somnos
 et celerem mediis in cantibus exigit harpen. 390
 iamque relecta Iovi paulatim in imagine prisca
 ibat agris Io victrix Iunonis et ecce
 cum facibus spirisque et Tartareo ululatu
 Tisiphonen videt: ac primo vestigia visu
 figit et in miserae rursus bovis ora recurrit. 395
 nec qua valle memor <nec> quo se vertice sistat
 Inachias errore etiam defertur ad undas,
 qualis et a prima quantum mutata iuvenca!
 nec pater aut trepidae temptant accedere nymphae.
 ergo iterum silvas, iterum petit in via retro 400
 ceu Styga dilectum fugiens caput. inde per urbes
 raptatur Graias atque ardua flumina ripis,
 oblato donec paulum cunctata profundo
 incidit. absistunt fluctus et gnara futuri
 dant pavida alta viam, celsis procul ipsa refulget 405
 cornibus ac summa palearia sustinet unda.

A um vale e, com rigor de amo cruel, a vigiava
 Quando uma flauta soou arcádia melodia
 E, obedecendo ao pai, chegou o celênio alado
 A modular na avena um canto delicado:
 “Aonde vais”? indaga, “esta música escuta”.
 Seguindo Argos de perto, ao langor da canção
 Fechados olhos nota, em doces sonhos presos;
 E, em meio à melodia, o curvo gume saca.
 Por Jove à forma, pouco a pouco, retornada,
 Vencedora de Juno, ia Io pelos campos,
 Mas eis que com ululo, archotes e chicote,
 Tisífone divisa: os passos pronto queda
 E, de novo, às feições da pobre vaca torna.
 Não lembrada de em qual montanha ou vale esteja,
 Em errância é levada às ináquias correntes:
 Mudada quanto e quão da primeira novilha!
 Não tentam pai e irmãs dela se aproximarem,
 Que logo volta à mata, a fugir nos desvios,
 Da amada face qual do Estige. É conduzida
 Por gregas vilas e por rios de altas margens
 Até que, um tempo após, no mar profundo arroja-se.
 Abrem-se as águas e o oceano espantadiço,
 Previdente, franqueia a via, e ela, ao largo,
 Co’altos chifres refulge, e soergue a onda o colo.

ast Erebi virgo ditem volat aethere Memphin
 praecipere et Pharia venientem pellere terra.
 contra Nilus adest et toto gurgite torrens
 Tisiphonen agit atque imis inlidit harenis 410
 Ditis opem ac saevi clamantem numina regni.
 apparent sparsaeque faces disiectaque longe
 verbera et abruptis excussi crinibus hydri.
 nec Iovis interea cessat manus: intonat alto
 insurgens caelo genitor curamque fatetur 415
 atque ipsa imperium Iuno pavet. haec procul Io
 spect[ab]at ab arce <Phari>, iam divis addita iamque
 aspide cincta comas et ovanti persona sistro.
 Bosporon hinc veteres errantis nomine divae
 vulgavere. iuвет nostros nunc ipsa labores 420
 immissisque ratem sua per freta provehat Euris.
 Dixerat et placidi tendebant carbasa venti.
 postera non cassae Minyis Aurora retextit
 noctis iter: nova cuncta vident Thyneaque iuxta
 litora fatidici poenis horrentia Phinei, 425
 dira deum summo quem vis urgebat in aevo.
 quippe neque extorrem tantum nec lucis egentem
 insuper Harpyiae Typhonides, ira Tonantis,
 depopulant ipsoque dapes praedantur ab ore.
 talia prodigia et tales pro crimine poenas 430

A virgem do Érebo à rica Mênfis voa,
 Esperando alcançar a que arribava em Faros.
 Contrário o Nilo – que com toda a força lança-se –
 Tisífone carrega e a arrasta contra a areia
 Enquanto implora ao dítio reino por socorro.
 Ao longe espalham-se os archotes apagados,
 U’estirado azorrague e os cabelos de cobra.
 Não cessa a mão de Jove: alçando-se no céu
 O pai troveja e o amor professa; a própria Juno
 Se espanta co’o poder. No templo fário Io,
 a tudo vê, já entre os deuses, tendo a tranças
 Por serpe atadas, co’um pandeiro a retumbar.
 Em honra à deusa, então, ali chamou-se Bósforo!
 Que a própria deusa ajude agora nossa empresa
 E por seu mar conduza a nau, enviando o Euro”.
 Falou e os ventos bons as velas distenderam.
 Não foi em vão que a Aurora aos Míniás revelou
 Da noite o curso. Tudo é novo e à praia títia
 Vêem, desgraçada pelas penas de Fineu,
 A quem vexava a todo instante a ira dos deuses.
 Desterrado não só, e privado da luz,
 Mas as harpias tifoníades por cólera
 De Jove acoçam-no e, da boca, o pasto roubam-lhe.
 Com tais prodígios, por um crime expia as penas.

perpetitur. spes una seni, quod pellere saevam
 quondam fata luem dederant Aquilone creatis.
 ergo ubi iam Minyas certamque accedere Phineus
 sentit opem, primas baculo defertur ad undas
 vestigatque ratem atque oculos attollit inanes. 435
 tunc tenuem spirans animam 'salve o mihi longum
 exspectata manus nostrisque' ait 'agnita votis.
 novimus et divis geniti quibus et via iussos
 quae ferat ac vestri rebar sic tempora cursus
 proxima quaeque legens, quantum Vulcania Lemnos
 traxerit, infelix tulerit quae Cyzicus arma.
 sensi et Bebrycio supremam in litore pugnam
 iam propior iamque hoc animam solamine mulcens.
 non ego nunc magno quod cretus Agenore Phineus
 aut memorem mea quod vates insedit Apollo 445
 pectora: praesentis potius miserescite fati!
 nec mihi diversis erratum casibus orbem
 amissas aut flere domos aut dulcia tempus
 lumina; consuetis serum est ex ordine fatis
 ingemere. Harpyiae semper mea pabula servant, 450
 fallere quas nusquam misero locus: ilicet omnes
 deveniunt niger intorto ceu turbine nimbus
 iamque alis procul et sonitu mihi nota Celaeno.
 diripiunt verruntque dapes foedataque turbant

Uma esperança: outrora os fados concederam
 Por prole do Aquilão ser rechaçada a peste.
 E bem Fineu sente chegar o múnio auxílio,
 Às primas ondas, pelo báculo, é guiado;
 Procura a nau e os olhos ocios alevanta.
 Diz, suspirando: “Salve, ajuda ansiada há muito,
 Que às súplicas me ouviu. De quais deuses sois filhos
 E o rumo que vos leva obrigados conheço.
 Assim, contava do percurso o vosso tempo
 Colhendo os feitos: quanto Lemnos vos retinha
 E as tropas que o infeliz Cízico conduzia;
 Senti na orla bebrícia o supremo combate –
 Mais perto a ajuda, mais minh’alma se acalmando.
 Que sou Fineu, de Agenor filho, eu não vos lembre,
 Ou que em meu peito o vate Apolo fez morada.
 Antes, vos apiedai da presente desdita.
 Por minha errância pelo mundo, em desventuras,
 Perdida a casa ou doces luzes não é tempo
 De chorar – tardo é o lamentar da useira sina.
 Sempre as harpias acompanham meus repastos –
 Não há lugar onde esconder-me. Todas, logo,
 Em turbilhão, qual negra nuvem, se aproximam.
 Reconheço Celeno, ao longe, pelos guinchos!
 A mesa assaltam e rapinam, sujam copos.

pocula, saevit odor surgitque miserrima pugna 455
 parque mihi monstrisque fames. sprevere quod omnes
 pollueruntque manu quodque unguibus excidit atris
 has mihi fert in luce moras. nec rumpere fata
 morte licet, trahitur victu crudelis egestas.

sed vos o servate precor, praedicta deorum 460
 si non falsa mihi, vos finem imponite poenis.
 nempe adsunt qui monstra fugent, Aquilonia proles
 non externa mihi: nam rex ego divitis Hebri
 iunctaque vestra meo quondam Cleopatra cubili.'

Nomen ad Actaeae Calais Zetesque sororis 465
 prosiliunt Zetesque prior 'quem cernimus?' inquit
 'tunc ille Odrysiae Phineus rex inclitus orae?
 tu Phoebi comes et nostro dilecte parenti?
 o ubi nunc regni generisque ubi gloria? quam te
 exedit labor et miseris festina senectus! 470
 quin age mitte preces: namque est tibi nostra voluntas,
 si non ira deum--vel si placabilis--urget.'

sustulit hic geminas Phineus ad sidera palmas
 'te'que ait 'infesti, quae nunc premis, ira Tonantis,
 ante precor, nostrae tandem iam parce senectae, 475
 sit modus. et fore credo equidem, nam vestra voluntas
 quid, iuvenes, sine pace deum? nec credite culpam
 saevitiae scelerumve mihi nunc crimina pendi:

Fedor se espalha e a triste luta se inicia.

A mim e aos monstros, mesma fome. O que enjeitaram
 E conspurcaram, que caiu das unhas negras,
 Mantém-me à luz, faz tempo. O destino romper
 Co'a morte não se pode: ao vencido, a penúria.

Salvai-me, imploro. Se os oráculos dos deuses
 Não me são falsos, ponde fim às minhas penas.
 A prole de Aquilão, que espanta monstros, chega.
 Não me é estranha. Já fui rei do rico Hebro;
 Vossa Cleópatra em meu leito outrora esteve”.

Calais e Zetes sobressaltam-se ante o nome
 Da actéia irmã. Indaga Zetes: “A quem vemos?
 És tu Fineu, o ínclito rei da odrísia costa?
 És o amigo de Febo, a nossos pais dileto?
 Da pátria a glória, onde ora está? Quanto o cansaço
 E o envelhecer pelas misérias carcomeram-te!
 Sus, não mais peças: teus anelos são os nossos,
 Se a ira dos deuses não persiste, ou se é aplacável”.

Fineu aos astros soergue ambas as mãos
 E disse: “Imploro-te, primeiro, ó jóvea Ira
 Que ora me oprime: poupa, enfim, minha velhice.
 Haja termo! E que assim será eu creio, jovens –
 Que é do desejo vosso sem favor divino?
 Crede: não pende sobre mim culpa de crimes!

fata loquax mentemque Iovis quaeque abdita solus		Loquaz, o Fado, a jóvea mente, ocultos planos
consilia et terris subito ventura parabat	480	E o que de súbito, p'ras terras, preparava-se
prodideram miserans hominum genus. hinc mihi tanta		Só desvelei por me apiedar da gente humana.
pestis et offusae media inter dicta tenebrae.		Então, desgraça tanta e o breu em meio às falas.
iam tandem cessere irae nec casus ab alto,		Porém, as iras já cessaram. Não acaso,
ipse volens nostris sed vos deus adpulit oris.'		Do céu propício o próprio deus aqui mandou-vos".
sic ait et fati ita iam cedentibus omnes	485	Mudada a sorte, assim, a todos comoveu
impulit et durae commovit imagine poenae.		E enterneceu pela aparência dos tormentos.
instituire toros mediisque tapetibus ipsum		Puseram mesas e o acolhem nos tapetes;
accipiunt circumque iacent; simul aequora servant,		Assentam-se ao redor. Obsevam mar e céu;
astra simul, vescique iubent ac mittere curas,		Ordenam-lhe comer e os medos afastar;
cum subitus misero tremor et pallentia primae	490	Súbito, o pobre treme, e as mãos senis afastam-se
ora senis fugere manus. nec prodita pestis		Dos lábios pálidos. A peste, antes não vinda,
ante, sed in mediis dapibus videre volucres.		Alada viram-na durante a refeição.
fragrat acerbus odor patriique exspirat Averni		Fedor se espalha; expira o hálito do Averno.
halitus, unum omnes incessere planctibus, unum		Um só, aos golpes, atacaram; molestaram
infestare manus. inhiat Cocytia nubes	495	Apenas um. Nuvem cocítia abre as goelas,
luxurians ipsoque ferens fastidia visu.		Luxuriante, estimulando nojo à vista.
tum sola conluvie atque inluis stramina mensis		O chão e os leitos ultrajados pelo embuste
foeda rigant, stridunt alae praedaque retenta		Com sujo regam; batem asas; sem comida,
saevit utrimque fames. nec solum horrenda Celaeno		A fome a todos róí. Não só Celeno, horrenda,
Phinea, sed miseras etiam prohibere sorores.	500	Priva a Fineu, também às míseras irmãs.
emicat hic subito seseque Aquilonia proles		Os filhos de Aquilão, de repente, se lançam;
cum clamore levat, genitor simul impulit alas.		Com ruído sobem e asas dá-lhes logo o pai.

hoste novo turbata lues lapsaeque rapinae		Por hoste nova a praga turba-se; a rapina
faucibus et primum pavidae Phineia tecta		Dos bicos cai. Apavoradas, sobrevoam
pervolitant, mox alta petunt. stant litore fixi	505	Teto fineio; ao alto buscam. Os hemônios
Haemonidae atque oculis palantia monstra sequuntur.		Ficam na praia e acompanham ir-se a peste.
sicut, prorupti tonuit cum forte Vesevi		Qual quando, por azar, a ruir troou Vesúvio,
Hesperiae letalis apex, vixdum ignea montem		Letal à Hespéria, e mal caiu, a chuva ígnea
torsit hiems, iamque eoas cinis induit urbes:		Cobriu as vilas do oriente com suas cinzas:
turbine sic rapido populos atque aequora longe	510	Assim, em giros, atravessam mar e povos,
transabeunt nullaque datur considerare terra.		E terra alguma lhes é dada em que pousarem.
iamque et ad Ionii metas atque intima tendunt		Aos fins da Jônia se dirigem, às recônditas
saxa, vocat magni Strophadas nunc incola ponti.		Rochas, que desde então o nauta chama de Estrófadas.
hic fessae leti<que> metu propioris anhelae		Ali, cansadas e arquejantes pelo medo
dum trepidant humilique graves timidoque volatu	515	Da morte, em vôo humilde e tímido, a tremer,
implorant clamore patrem Typhona nefando,		Imploram por Tifeu, com nefando clamor;
extulit adsurgens noctem pater imaque summis		E o pai, se erguendo, alteou a noite, misturou
miscuit et mediis vox exaudita tenebris:		Vales e montes, e no breu ouviu-se a voz:
'iam satis huc pepulisse deas. cur tenditis ultra		“Já basta as terdes espantado. Por que além
in famulas saevire Iovis, quas fulmina quamquam	520	Mandais as servas que, p’ra si, nas grandes iras,
aegidaeque ille gerens magnas sibi legit in iras?		Jove convoca, posto ostente o raio e a égide?
nunc quoque Agenoreis idem decedere tectis		Ele ora ordena abandonarem de Fineu
imperat: agnoscunt monitus iussaeque recedunt.		Também os tetos. Ouvem mando e mansas voltam.
mox tamen et vobis similis fuga, cum premet arcus		Mas tereis logo símil fuga, ao ser tendido
letifer. Harpyiae numquam nova pabula quaerent	525	O arco letal. Não buscarão pasto as harpias
donec erunt divum meritae mortalibus irae.'		“Té merecerem os mortais divinas iras”.

haesit uterque polo dubiisque elanguit alis,
mox abit et sociae victor petit agmina puppis.

Interea Minyae pulsa lue prima Tonanti
sacra novant, tum vina toris epulasque reponunt. 530

ipse inter medios ceu dulcis imagine somni

laetus ad oblitae Cereris suspirat honores;

agnoscit Bacchi latices, agnoscit et undam

et nova non pavidae miratur gaudia mensae.

hunc ubi reclinem stratis et pace fruentem 535

aspicit ac longae ducentem oblivia poenae

talibus appellat supplexque ita fatur Iason:

'vota, senex, perfecta tibi. nunc me quoque curis

eripe et ad nostros animum converte labores.

omnis adhuc sors laeta quidem nec numine vano, 540

siqua fides curae superum, tantum aequor adorti

tendimus: ipsa mihi puppem Iovis optima proles

instituit, dedit et socios Saturnia reges.

fidere mens sed nostra nequit quantumque propinquat

Phasis et ille operum summus labor, hoc magis angunt

proxima nec vates sat iam mihi Mopsus et Idmon.'

ille ducem nec ferre preces nec dicere passus

amplius hic demum vittas laurumque capessit

numina nota ciens. stupet Aesonis inclita proles

Phinea ceu numquam poenis nullaque gravatum 550

Hesitaram os dois, refrearam asas túbias

E logo tornam, vitoriosos, ao navio.

No entanto, expulsa a peste, à prima oferta a Jove

Os Míncias voltam. Põem na mesa o vinho e o pasto.

Feliz, em meio, qual se fora um doce sonho,

Fineu suspira pelas dádivas de Ceres;

Prova do líquido de Baco, prova d'água;

Mira a alegria de u'a mesa não temida.

535 Quando Jasão no leito o viu fruir da paz,

A conduzir ao esquecimento a longa pena,

Com tais palavras chama e pede, suplicante:

“Teus rogos, velho, se consumam. De aflições

Ora me tira e a meu labor a atenção volta.

540 Propícia, a Sorte ainda, e com não vã ajuda

(Se nos deuses há fé), afrontamos o mar:

De Jove a filha para mim construiu um barco

E a Satúrnia granjeou-me reis por companheiros.

Porém minh'alma fiar não pode, e quanto o Fase

E o sumo esforço mais se achegam, mais me aflige

O porvir. Ídmon e Mopso, os vates, já não bastam-me”.

Ao capitão ele rogar não mais consente;

Tomou, enfim, laurel e fitas, invocando

Sabidos deuses. Se estarrece a prole Esônide

550 Com Fineu – qual se nunca atingido por penas

peste Iovis: tam largus honos, tam mira senectae
 maiestas infusa; vigor novus auxerat artus.
 tum canit: 'o terras fama venture per omnes,
 quem sociis ducibusque deis atque arte benigna
 Pallados ipse ultro Pelias ad sidera tollit, 555
 demens, dum profugi non sperat vellera Phrixi,
 fata locosque tibi, possum quas reddere grates,
 expediam rerumque vias finemque docebo.
 ipse etiam, qui me prohibet sua pandere terris
 saecula, te propter fandi mihi Iuppiter auctor. 560
 hinc iter ad Ponti caput errantesque per altum
 Cyaneas. furor his medio concurrere ponto;
 necdum ulla videre rates: sua comminus actae
 saxa premunt cautesque suas. ceu vincula mundi
 ima labant, tremere ecce solum, tremere ipsa repente 565
 tecta vides: illae redeunt, illae aequore certant.
 di tibi progresso propius, di forsitan ipsi
 auxilium mentemque dabunt. ast ipse iuvare
 ausa quibus monitis possim tua? quippe per altum
 tenditis unde procul venti, procul unde volucres, 570
 et pater ipse maris pavidas detorquet habenas.
 siqua brevis scopulis fieret mora, si semel orsis
 ulla quies, fuga tunc medio speranda recursu:
 vix repetunt primae celeres confinia terrae

Ou pela peste, tal o honor, tal majestosa
 Vetustez; vigor novo aos membros animara:
 “Ó quem por fama a todas terras chegará,
 A quem, co’o auxílio e guia dos deuses, e por arte
 De Palas, Pélias, sem querer, envia aos astros
 Enquanto pelo fríxio velo não espera,
 Desvelarei (o agradecer que posso dar-te)
 Lugares, sinas, o caminho e o fim das coisas.
 O mesmo Jove que me vedou-me dar às terras
 O Fado, agora é favorável que eu to diga.
 Daqui, a rota segue ao Ponto e às Ciâneas –
 É furor seu em meio ao mar se entrechocarem –:
 Inda não viram naus: de perto, se lançando,
 Batem-se as rochas. Qual se movem as correntes
 Do mundo, e treme o solo – e vês tremerem tetos –,
 Assim, no mar, elas balançam e pelejam.
 Decerto, adiante, os próprios deuses te darão
 Auxílio e engenho. Com conselhos quais tua empresa
 Poderei ajudar? Porquanto no oceano
 Seguis por inda além dos ventos e dos pássaros,
 E o Pai dos mares torce as rédeas temerosas.
 Se as pedras tardem, se tão logo erguidas quedem,
 Em meio à volta há que esperar-se, então, a fuga:
 Mal tocam, céleres, confins da prima terra,

iamque alio clamore ruunt omnisque tenetur
 pontus et infestis anceps cum montibus errat.
 verum animo redit illa meo sors cognita divum
 (favor enim nec spe dubios solabor inani):
 cum mihi Tartareas saevo clangore volucres
 protulit ira Iovis, vox haec simul excidit auris:
 "ne vanas impende preces finemque malorum
 expete, Agenoride! Pontum penetraverit ulla
 cum ratis et rabidi steterint in gurgite montes,
 tum sperare modum poenae veniamque licebit."
 sic deus. aut vobis ergo fera [per] saxa patescunt
 aut mea iam saevae redeunt ad pabula Dirae.
 verum inter medias dabitur si currere cautes
 (certe digna manus) vacuumque exhibis in aequor,
 proxima regna Lyci, remeat qui victor ab oris
 Bebryciis. toto non ullus litore Ponti
 mitior. hic lecto comitum de robore siquem
 perculerit vicina lues, ne defice casus
 praedicti memor atque animos accinge futuris.
 illic pestíferas subter iuga concava torquet
 alter aquas Acheron vastoque exundat hiatu
 fumeus et saeva sequitur caligine campos.
 linque gravem fluvium et miseris sua fata colonis:
 sic quoque non uno dabitur transcurrere luctu.

575 E já se arrojam. Por clamor se toma o Ponto
 Enquanto, incerto entre os rochedos, erra hostil.
 Vem-me à alma a Sorte, pelos deuses conhecida
 (Direi, pois não consolarei co'inane espera):
 Quando lançou-me a jóvea Ira as aves tártaras,
 580 Em sevo grito, logo u'a voz cortou os ares:
 'Não gastes preces vãs, ou busques fim dos males,
 Ó filho de Agenor. Ao penetrar no mar
 U'a nave, e os montes no oceano se aquietarem,
 Espere, então termo das penas e o perdão!
 585 Disse o deus. Logo, ou para vós, abrem-se as rochas,
 Ou já retornam-me à comida as diras Fúrias.
 Se, entre os escolhos, dado for passares certo,
 (E a tropa é digna) e no aberto mar saíres,
 De Lico o reino é perto, que da orla bebrícia
 590 Retorna vencedor. Não há por todo o ponto
 Lugar mais calmo. Se a algum nobre companheiro
 A local peste aqui tombar, não te esmoreças:
 Lembra o predito e p'r'o futuro guarda os ânimos.
 Ali, sob cava rocha, outro Aqueronte mina
 595 Água pestífera; da enorme fenda exala
 Fumo, e a caligem insalubre os campos toma:
 Deixa aos colonos o mau rio e seu destino –
 Co'uma só morte não se pode atravessá-lo.

quid tibi nubifera surgentem rupe Carambin,
 quid memorem quas Iris aquas aut torqueat Ancon? 600
 proxima Thermodon hinc iam secat arva--memento--
 inclita Amazonidum magnoque exorta Gradivo
 gens ibi: femineas nec tu nunc crede catervas,
 sed qualis, sed quanta viris insultat Enyo
 divaque Gorgonei gestatrix innuba monstri. 605
 ne tibi tunc horrenda rapax ad litora puppem
 ventus agat, ludo volitans cum turma superbo
 pulvereis exsultat equis ululataque tellus
 intremit et pugnas mota pater incitet hasta.
 non ita sit metuenda tibi saevissima quamquam 610
 gens Chalybum, duris patiens cui cultus in arvis
 et tonat adflicta semper domus ignea massa.
 inde omnem innumeri reges per litoris oram,
 hospitii quis nulla fides, sed limite recto
 puppis et aequali transcurrat carbasus aura: 615
 sic demum rapidi venies ad Phasidis amnem.
 castra ibi iam Scythiae fraterna que surgit Erinys.
 ipse truces illic Colchos hostemque iuvabis
 auxiliis. nec plura equidem discrimina cerno.
 fors etiam optatam dabitur contingere pellem. 620
 sed te non animis nec solis viribus aequum
 credere: saepe acri potior prudentia dextra.

Que de Carâmbis te direi, nubesurgente,
 Ou o que das águas que Íris e Ácon brotar fazem?
 Já o Termodonte os campos corta. É ali, lembrai-vos
 A ínclita raça de amazonas, do Gradivo
 a prole: então não creias nas fêmeas catervas,
 Pois são qual Ênia, que aos varões insulta tanto,
 E a inupta deusa, que carrega a horrenda Górgona.
 Assim, que o forte vento à praia a nau não leve
 Onde, exultante, um grupo salta, em jogo altivo,
 Co'os cavalos de pó cobertos. Treme a terra
 Co'a grita e o Pai, brandindo a lança, incita a luta.
 Porém não seja, embora cruel, por ti temida
 Calíbea raça que padece arando em pedras
 E cuja casa ígnea ao malho sempre soa.
 Dali, há muito reis por toda a orla das praias –
 Que fé no abrigo não despertam. Mas que a nau
 Em linha reta siga – e as velas, de igual modo;
 Alcançarás, enfim, as correntes do Fase.
 Fraterna Erínia e quartel cítio ali já surgem:
 Ajudarás ferozes colcos e o inimigo.
 Então, não vejo mais perigo e ainda a sorte
 De conquistar o ansiado velo ser-te-á dada.
 Porém, não creias só nas forças e nos ânimos:
 Prudência, amiúde, pode mais que a forte destra.

quam tulerit deus, arripe opem. iamque ultima nobis
promere fata nefas. sileo precor.' atque ita facto
fine dedit tacitis iterum responsa tenebris. 625

Tum subita resides socios formidine Iason
praecipitat rumpitque moras tempusque timendi.
ipse viros gradiens ad primi litoris undam
prosequitur Phineus. 'quaenam tibi praemia,' dixit
'quas, decus o Boreae, possim persolvere grates? 630
me Pangaea super rursus iuga meque paterna
stare Tyro dulcesque iterum mihi surgere soles
nunc reor. exactae (verumne?) abiere volucres
nec metuam tutaeque dapes? date tangere vultus,
dem sinite amplexus propiusque accedite dextrae.' 635
dixerat. abscedunt terris et litora condunt.

Omnibus extemplo saeva sub imagine rupes
Cyanaeae propior<que> labor. quando adfore quaque
parte putent? stant ora metu nec fessa recedunt
lumina diversas circum servantibus undas, 640
cum procul auditi sonitus insanaeque saxa,
saxa neque illa viris, sed praecipitata profundo
sideri pars visa poli. dumque ocius instant,
ferre fugam maria ante ratem, maria ipsa repente
deficere adversosque vident discedere montes, 645
omnibus et gelida rapti formidine remi.

Te aferra à ajuda que um deus traga. Últimos Fados
Nefasto é expor – calar eu peço”. Assim findando,
Deixou de novo às mudas trevas a resposta.

Jasão apressa os consternados companheiros;
A demora abrevia e o tempo de ter medo.
Finiu aos homens acompanha, às primas ondas
Se encaminhando. “Honra de Bóreas” – indagou –
“Como pagar-vos posso a ajuda, que agradeço?
Ora me sinto estar de novo no Pangeu
Na pátria Tiro, e doces sóis a mim surgirem.
Deveras não partido os pássaros expulsos?
Não os temerei? É a salvo o pasto? Consenti
As faces vos tocar, e unir as mãos e peitos”.
Falou. Partem da terra e o litoral se esconde.
A todos logo sobrevêm, em seva imagem,
As Ciâneas e o labor. De onde e quando virão? –
Pensam; arrostam medo e não desviam olhos
Cansados de espiar as ondas ao redor,
Quando u’estrondo se ouve e, ao longe é a insana rocha,
Que aos homens rocha já não era, mas, no mar,
Caída parte do estrelado. Enquanto apressam
Levar em fuga o barco ao mar, o mar de súbito
Abrir-se vêem e se afastarem os rochedos.
Por frio medo todos remos são tomados.

ipse per arma volans et per iuga summa carinae
 hortatur supplexque manus intendit Iason
 nomine quemque premens: 'ubi nunc promissa superba
 ingentesque minae, mecum quibus ista secuti? 650
 idem Amyci certe visus timor omnibus antro
 perculerat; stetimus tamen et deus adfuit ausis.
 quin iterum idem aderit, credo, deus.' haec ubi fatus
 corripit abiecti remumque locumque Phaleri
 et trahit, insequitur flammata pudore iuventus. 655
 unda laborantes praeceps rotat ac fuga ponti
 obvia. miscentur rupes iamque aequore toto
 Cyanaeae iuga praecipites inlisa remittunt.
 bis fragor infestas cautes adversaque saxis
 saxa dedit, flamma expresso bis fulsit in imbri. 660
 sicut multifidus ruptis e nubibus horror
 effugit et tenebras nimbosque intermicat ignis
 terrificique ruunt tonitrus elisaque noctem
 lux dirimit (pavor ora virum, pavor occupat aures),
 haud secus implevit pontum fragor; effluit imber 665
 spumeus et magno puppem procul aequore vestit.
 Advertere dei defixaque numina ponto,
 quid scopulis praeclusa ratis, quid dura iuventus
 expediat. pendet magnis favor ortus ab ausis.
 prima coruscanti signum dedit aegide virgo 670

Jasão, correndo sobre as armas, sobre os bancos,
 Exorta os homens; suplicante, estende as mãos
 Chamando cada um: “Onde estão as promessas
 E ameaças dos que vêm comigo às águas?
 Causara medo igual a caverna de Âmico:
 Persistimos e um deus nos ajudou. Por isso
 Creio que o mesmo deus de novo ajudará”.
 Dito isso, toma o banco ao pávido Falero;
 E rema. Por pudor instada a tropa o segue.
 A onda aderna os esforçados e o mar foge.
 Chocam-se as pedras e, com toda água, as Ciâneas
 Devolvem vagas encrespadas. Por duas vezes
 Penhas e rochas, contra rochas, retumbaram;
 Por duas vezes relampeou no alto aguaceiro.
 Tal como o raio repartido escapa às nuvens
 E espalha fogos pelas trevas, pelos nimbos,
 Trovões terríveis ruem; corta à noite a luz,
 (Pavor ocupa dos heróis faces e ouvidos)
 Assim ribomba o mar. Espúmea tempestade
 Despenca e logo cobre a nau com grande água.
 Tirado o olhar ao ponto, os deuses se atentaram
 Que entre os escolhos ia o barco, que apressava-se
 A juventude. Pende o êxito da empresa.
 Sinalizou co’o coruscante escudo a Virgem

fulmineam iaculata facem. vixdum ardua cautes
 cesserat, illa volans tenui per concita saxa
 luce fugit. rediere viris animique manusque
 ut videre viam. 'sequor, o quicumque deorum,'
 Aesonides 'vel fallis' ait praecepsque fragores 675
 per medios ruit et fumo se condidit atro.
 coeperat hinc cedens abductis montibus unda
 ferre ratem pelagoque dies occurrere aperto.
 sed neque permissis iam fundere rector habenis
 vela neque eniti remis pote, cum super adsunt 680
 Cyanaeae. premit umbra ratem scopulique feruntur
 comminus. hic <Iuno> praecepsque ex aethere Pallas
 insiliunt pariter scopulos: hunc nata coeracet,
 hunc coniunx Iovis, ut valido qui robore tauros
 sub iuga et invito detorquet in ilia cornu. 685
 inde, velut mixtis Vulcanius ardor harenis
 verset aquas, sic ima fremunt fluctuque coacto
 angitur et clausum scopulos super effluit aequor.
 contra omnes validis tenui discrimine remis
 pergere iter mediosque ratem transferre per ictus. 690
 saxa sed extremis tamen increpuere corymbis
 parsque (nefas) deprensa iugis, nam cetera caelo
 debita. conclamant Minyae, latera utraque quippe
 dissiluisse putant. fugit ipse novissimus ictus

Lançando um lume aceso. Apenas se afastara
 A aguda penha, voando, a tocha entre os rochedos
 Passou com tênue luz. Voltou o ardor aos homens
 Vendo a saída. “Seguir-te-ei, qual deus que sejas,
 Ainda que enganes ” – diz o Esônide, que aos tombos
 Lançou-se e se ocultou na bruma negra. A onda,
 Refluindo às rochas, que se abriam, começara
 A puxar o navio; e o dia, a entrar no vão.
 Já não vale ao piloto abrir co’adriça as velas
 Nem aos remos forçar quando no alto aproximam-se
 As Ciâneas. Sombra oprime o barco; avança a pedra.
 Do céu descidas, Juno e Palas juntas saltam
 Nas rochas: esta, a filha; aquela, a jóvea esposa
 Seguram, como o que com força os touros junge
 E torce o chifre, que resiste, até ao flanco.
 Então, como o calor vulcânico, com areias,
 Revolve as águas, assim ruge o fundo, e o plaino
 É preso em fluxo e, sobre as rochas, se derrama.
 Com fortes remos, contra o estreito, todos vão
 Seguir caminho e a nau passar em meio aos baques.
 Pedras, porém, na extrema popa, inda estalaram
 E parte (nefas) se prendeu; deveu-se o resto
 Ao céu. Os Míncias gritam: pensam que os costados
 Tenham se aberto. Foge aos golpes Tífis, último,

Tiphys et <e> mediis sequitur freta rapta ruinis 695 E entre os escombros leva a nau arrebatada;
 nec prius obsessum scopulis respexit ad aequor
 Ao mar por pedras atingido não olhou,
 aut sociis temptata quies, nigrantia quam iam
 Nem se aquietaram remos 'té que ultrapassaram
 litora longinquire exirent flumina Rhebae.
 A costa escura e do Rebas longe a foz.
 tunc fessas posuere manus, tunc arida anhelis
 Cansadas mãos e peito arfante então pousaram.
 pectora, discussa quales formidine Averni 700 Se abraçam, qual Teseu e o Alcides quando já
 Alcides Theseusque comes pallentia iungunt
 Desfeito o horror do Averno, logo aos beijos pálidos
 oscula vix primis amplexi luminis oris.
 Da luz da prima aurora. O capitão, porém,
 nec vero ipse metus curasque resolvere ductor,
 Não se livrou de medo e curas, mas falou
 sed maria aspectans 'heu qui datus iste deorum
 Fitando o mar: "Ah, que labuta pelos deuses
 sorte labor nobis! serum ut veniamus ad amnem 705 Nos é dada! Se acaso ao leito nós chegarmos
 Phasidis et mites' inquit 'dent vellera Colchi,
 Do Fase e os Colcos, mansos, derem-nos o velo,
 unde per hos iterum montes fuga?' talia fundit
 Por esta rocha haverá fuga?" Tal indaga,
 imperio fixos Iovis aeternumque revinctos
 Néscio dos freios por império jóveo fixos,
 nescius. id fati certa nam lege manebat,
 Pois o ordenava a lei do Fado inarredável
 siqua per hos undis umquam ratis isset apertis. 710 Se barco algum no ponto aberto se adentrasse.

 O mar que esteve intransponível pelos séculos
 Tum freta, quae longis fuerant impervia saeculis,
 Ante a imprevista nau pasmou-se; e toda a terra
 ad subitam stup<uer>e ratem Pontique iacentis
 Do calmo ponto mostrou reis e estranhas gentes.
 omne solum regesque patent gentesque repostae.
 Mais longe, alhures, não cedeu a costa às ondas
 non alibi effusis cesserunt longius undis
 Posto o Tirreno e o Egeu revolvam tantas águas
 litora, non, tantas quamvis Tyrrhenus et Aegon 715 E as gêmeas Sirtes de ondas quantas não careçam.
 volvat aquas, geminis tot desint Syrtibus undae.
 Pois lá, ademais, a terra ajunta vastos rios:
 nam super huc vastos tellus quoque congerit amnes;
 Não lembrarei das águas que a setênflua foz
 non septemgemini memorem quas exitus Histri,

quas Tanais flavusque Tyres Hypanisque Novasque
 addat opes quantosque sinus Maeotia laxent 720
 aequora. flumineo sic agmine fregit amari
 vim salis hinc Boreae cedens glaciantibus auris
 Pontus et exorta facilis concrescere bruma.
 utque vel immotos Ursae rigor invehit amnes
 vel freta versa vadis, hiemem sic unda per omnem 725
 aut campo iacet aut tumido riget ardua fluctu,
 atque hac Europam curvis anfractibus urget,
 hac Asiam, Scythicum specie sinuatus in arcum.
 illic umbrosae semper stant aequore nubes
 et non certa dies, primo nec sole profundum 730
 solvitur aut vernis cum lux aequata tenebris,
 sed redit extremo tandem in sua litora Tauro.

Iam Mariandynis advertit puppis harenis
 atque celer terras regemque exquirat Echion
 dicta ferens lectos (fama est si nominis umquam) 735
 Haemoniae subiisse viros, det litora fessis.
 adproperat Lycus auditis laetatus Achivis
 ac simul Aesoniden omnemque in regia turbam
 tecta trahit modo Bebryciis praefixa tropaeis,
 mitis et in mediis effatur talia Graeis: 740
 'haud temere est, fato divum reor ad mea vectos
 litora vos, odium quibus atque eadem ira furentis

Do Histro, o Tanais, o Tiras flavo, o Nova e o Hípane
 Deitam, e quanta força lança o meócio lago?
 O mar, assim, com tantos rios, o poder
 Do sal partiu, cedendo ao gélido ar de Bóreas
 A enregelar-se, facilmente, ao vir das brumas.
 Como o rigor da Ursa imóveis faz os rios
 E agita o mar no fundo, assim, por todo inverno,
 No plaino a onda ou jaz ou se ergue em vaga tímida
 Que, por um lado, ataca a Europa com suas cristas,
 Por outro, a Ásia, curva tal qual arco cítico.
 Há sempre nimbos sobre o mar e incerto é o dia;
 Não se desfaz, ao primo sol, a escuridão
 Ou quando a luz da primavera é igual às trevas;
 Apenas quando Touro torna às suas praias.
 Já p'ras areais mariandinas a nau guina
 E o presto Equião em busca foi de rei e terras
 Levando a nova (se do nome fama havia)
 Que hemônios vinham, que aos cansados dessem porto.
 Feliz de ouvir falar de aqueus, Licos se apressa
 E traz Jasão e toda a turma à casa régia –
 Por bebrícios troféus pouco antes adornada –
 E em meio aos gregos, manso, diz: “Não por acaso,
 Mas por divino Fado, eu creio, às minhas praias
 Trazidos sois – vós que ira mesma e ódio à Bebrícia

Bebryciae saevaque pares de gente triumphi:
 certa fides animis, idem quibus incidit hostis.
 nos quoque, nos Amycum tanto procul orbe remoti 745
 sensimus et saevis frater mihi fusus harenis.
 ultor ego atque illuc cunctis accensus in armis
 tunc aderam, cum vos mediis contenta ferebant
 vela fretis. illum in sanie taboque recenti
 vidimus aequoreo similem per litora monstro. 750
 nec vero praerepta mihi suprema tyranni
 fata queror bello magis laetarer et armis
 procubuisse meis, quam lege quod occidit ultus
 ipse sua meritoque madent quod sanguine caestus.'
 excipit Aesonides: 'tuus ergo in montibus ignis 755
 ille? tuas acies medio de gurgite vidi?'
 fatur et ostentans prolem Iovis 'hic tibi Pollux
 en,' ait 'inviso solvit cui pectore poenas.'
 ille virum circa mirantia lumina volvit.
 festa dehinc mediis ineunt convivia tectis 760
 communesque vocant superos, quorum eruta nutu
 Bebrycia, et votis pariter praeda<que> fruuntur.

Tendes, e iguais triunfos sobre a seva gente:
 É certa a fé entre os que têm o mesmo imigo.
 Posto distantes, nós também sabemos de Ámico,
 E meu irmão caído jaz na cruel areia.
 Irado, eu vingador p'ra lá, co'as armas todas
 Já ia quando as velas pandas vos traziam
 Em meio ao mar; e o vimos podre e ensangüentado
 Na praia, qual monstro marinho. Não lamento
 Que do tirano a morte a mim seja tomada;
 Não mais contente eu ficaria se o tombasse
 Co'as armas minhas, que vencido por sua lei,
 E que, por mérito, de sangue os cestos banhem-se".
 Responde o Esônide: "São teus no monte os fogos?
 São tuas armas que do mar, então, eu vi?"
 E diz, mostando a jóvea prole: "Eis aqui Pólux
 Que ao coração odioso fez pagar as penas" .
 Ele contempla o herói; depois, ao paço em festa
 Vão-se os convivas e aos comuns deuses invocam,
 Por cujo nuto até a Bebrícia foi tombada,
 E juntos fruem de orações e do botim.